

1

Anthony Patch

Em 1913, quando Anthony Patch chegou aos 25, dois anos já se haviam passado desde que a ironia, o Espírito Santo da época, descera, pelo menos teoricamente, sobre ele. A ironia foi o polimento final do sapato, a última escovadela na roupa, uma espécie de “pronto!” intelectual – mas no início desta história ele ainda não havia ido além da fase consciente. No momento em que começamos a conhecê-lo, ele se ocupa frequentemente em pensar se não é uma criatura sem dignidade e um pouco maluca, algo de uma fragilidade vergonhosa e obscena brilhando na superfície do mundo, como óleo num lago límpido, ocasiões essas que se alternam, naturalmente, com outras em que se julga um jovem excepcional, extremamente sofisticado, bem adaptado ao seu meio e um pouco mais expressivo do que qualquer de seus conhecidos.

Esse era o seu estado saudável, quando ficava alegre, agradável e muito atraente para os homens inteligentes e para todas as mulheres. Julgava-se então capaz de realizar algum dia algo muito sutil, que os eleitos julgariam valioso e, com isso, se juntaria às estrelas mais obscuras num céu nebuloso, indeterminado, a meio caminho entre a morte e a imortalidade. Até que chegasse o momento desse esforço, seria Anthony Patch – não o retrato de um homem, mas uma personalidade diferente e dinâmica, de opiniões fortes, sobranceira, vivendo de dentro para fora – um homem consciente de

que não podia haver honra e que no entanto era honrado, que conhecia o sofisma da coragem, e no entanto era corajoso.

Um homem digno e seu filho talentoso

Anthony experimentava, pelo fato de ser neto de Adam J. Patch, a mesma consciência de segurança social que experimentaria se tivesse traçado sua ascendência além-mar, até os cruzados. Isso era inevitável. Em que pese aos moradores da Virgínia e de Boston, a aristocracia baseada no dinheiro exige a riqueza como condição essencial.

Adam J. Patch, mais conhecido familiarmente como “Cross Patch”, deixou a fazenda de seu pai, em Tarrytown, no início de 1861, para alistar-se num regimento de cavalaria de Nova York. Voltou da guerra como major, investiu em Wall Street e, em meio a muito barulho, fumaça, aplauso e má vontade, conseguiu ganhar cerca de 75 milhões de dólares.

Isso ocupou-lhe as energias até os 57 anos. Foi então que decidiu, depois de um sério ataque de esclerose, consagrar o restante de sua vida à regeneração moral do mundo. Tornou-se um reformador entre reformadores. Rivalizando com os grandiosos esforços de Anthony Comstock, cujo nome dera ao neto, desferiu um variado sortimento de *uppercuts* e golpes corporais contra a bebida, a literatura, o vício, a arte, as panaceias e os espetáculos teatrais aos domingos. Seu pensamento, sob a influência daquele mofo insidioso que acaba por se formar em todos, exceto alguns poucos, entregou-se furiosamente a todas as indignações da época. De uma cadeira de braços no escritório de sua propriedade em Tarrytown, empreendeu contra o enorme inimigo hipotético, a iniquidade, uma campanha que durou 15 anos, durante a qual se revelou um monomaníaco fanático, uma verdadeira praga e um chato intolerável. O ano em que

começa a nossa história encontrou-o a esgotar-se; sua campanha tornara-se irregular; 1861 misturava-se lentamente com 1895; seus pensamentos ocupavam-se muito da Guerra Civil, um pouco da mulher e do filho mortos, e em proporções quase infinitesimais do neto Anthony.

No princípio da carreira, Adam Patch casara-se com uma anêmica dama de 30 anos, Alicia Withers, que lhe proporcionara 100 mil dólares e uma entrada impecável nos círculos bancários de Nova York. Imediatamente e num assomo de coragem, dera-lhe um filho e, como se tivesse ficado completamente desvitalizada pela grandiosidade do feito, a partir de então apagou-se nas penumbrosas dimensões do quarto da criança. O rapaz, Adam Ulysses Patch, tornou-se um inveterado frequentador de clubes, conhecedor das boas coisas, condutor de cabriolés – e na surpreendente idade de 26 anos começou suas memórias sob o título *A sociedade de Nova York como a conheci*. Quando circularam rumores sobre sua criação, o trabalho foi ansiosamente disputado pelos editores, mas após a morte do autor constatou-se ser de uma verbosidade desmedida, extremamente desinteressante, e jamais conseguiu nem mesmo uma edição particular.

Esse Chesterfield da Quinta Avenida casou-se aos 22 anos. Sua mulher foi Henrietta Lebrune, contralto da sociedade de Boston, e o único fruto da união foi, a pedido do avô, batizado de Anthony Comstock Patch. Quando foi para Harvard, o Comstock desapareceu do nome nas profundezas do inferno do esquecimento e nunca mais se ouviu falar dele.

O jovem Anthony tinha um retrato dos pais juntos – vira-o tantas vezes na infância que havia adquirido a impessoalidade dos móveis, mas todos que entravam em seu quarto o olhavam com interesse. Nele se via um dândi de 1890, magro e bonito, ao lado de uma senhora alta e sombria, com um regalo e a sugestão de ancas postiças. Entre eles, um menino de longos

cachos castanhos, vestindo um terno de veludo estilo Lorde Fauntleroy. Era Anthony aos 5 anos, no ano da morte da mãe.

Suas lembranças da contralto da sociedade de Boston eram nebulosas e musicais. Era a moça que cantava, cantava e cantava na sala de música de sua casa na Washington Square – por vezes tendo os hóspedes à volta, os homens com os braços cruzados, sentados tesos e ansiosos, na ponta dos sofás, as mulheres com as mãos no colo, murmurando ocasionalmente frases rápidas aos homens e sempre aplaudindo com animação e soltando exclamações depois de cada canção; com frequência ela cantava apenas para Anthony, em italiano, francês ou num dialeto estranho e terrível, que ela julgava ser a fala dos negros do sul.

Suas recordações do galante Ulysses, o primeiro homem na América a dobrar as lapelas do paletó, eram muito mais vívidas. Depois que Henrietta Lebrune Patch “juntou-se a outro coro”, como seu viúvo observava secamente de tempos em tempos, pai e filho foram viver com o avô em Tarrytown, e Ulysses ia diariamente ao quarto de Anthony e dizia palavras agradáveis e de cheiro forte, às vezes durante uma hora. Prometia continuamente a Anthony excursões de caça e excursões de pesca, uma viagem a Atlantic City, “daqui a alguns dias”; mas nenhuma delas jamais se realizou. Uma viagem eles de fato fizeram: quando Anthony tinha 11 anos, foram para o exterior, para a Inglaterra e a Suíça, onde, no melhor hotel de Lucerna, o pai morreu, suando e grunhindo muito, gritando por ar. Num pânico de desespero e terror, Anthony foi levado de volta à América, devotado a uma vaga melancolia que o acompanharia pelo resto da vida.

Passado e pessoa do herói

Aos 11, tinha horror da morte. No correr de seis impressionáveis anos, seus pais haviam morrido e a avó se apagara quase imperceptivelmente até que, pela primeira vez desde o casamento, teve por um dia indiscutida supremacia na sala de visitas de sua casa. Para Anthony, portanto, a vida era uma luta contra a morte, que espreitava em cada canto. Foi como concessão a sua imaginação hipocondríaca que adquiriu o hábito de ler na cama – acalmava-o. Lia até cansar, e por vezes dormia com as luzes acesas.

Sua distração favorita até os 14 anos foi uma coleção de selos, enorme, tão completa quanto poderia ser a de um menino – o avô julgava, fatuamente, que isso lhe ensinava geografia. Portanto Anthony mantinha correspondência com meia dúzia de companhias especializadas, e era raro que o correio não lhe trouxesse novos cadernos de selos ou pacotes de álbuns brilhantes – havia um fascínio misterioso em transferir suas aquisições, interminavelmente, de um livro para outro. Os selos eram sua maior felicidade, e ele lançava olhares impacientes a quem o interrompia enquanto se ocupava deles; devoravam-lhe a mesada, e ficava acordado à noite meditando incansavelmente sobre sua variedade e seu esplendor multicolorido.

Até os 16, viveu quase inteiramente dentro de si, um rapaz silencioso, nada americano, cortesmente espantado com seus contemporâneos. Passara os dois anos anteriores na Europa com um preceptor particular, que o convencera de que Harvard era a universidade que deveria escolher – “abriria portas”, seria um tônico formidável, proporcionaria numerosos amigos dedicados e abnegados. Foi para Harvard, portanto – não havia outra coisa lógica a fazer.

Esquecido do sistema social, viveu algum tempo sozinho e sem que o procurassem, num quarto alto em Beck Hall – um rapaz moreno, magro, de estatura mediana, com uma boca tímida e sensível. Sua mesada era mais do

que generosa. Estabeleceu as bases de uma biblioteca pessoal adquirindo de um bibliófilo ambulante as primeiras edições de Swinburne, Meredith e Hardy e uma carta manuscrita, amarelada e ilegível de Keats, verificando mais tarde que havia sido incrivelmente explorado. Tornou-se um janota requintado, reuniu uma coleção patética de pijamas de seda, roupões de brocado e gravatas extravagantes demais para serem usadas. Com esses adornos secretos, desfilava diante do espelho de seu quarto ou se estendia, coberto de cetim, em sua cadeira ao lado da janela, olhando para o pátio e percebendo indistintamente a algazarra, ofegante e imediata, da qual parecia que ele jamais faria parte.

Curiosamente, porém, descobriu no último ano que havia adquirido certa posição em sua turma. Soube que era visto como uma figura romântica, um estudioso, um recluso, uma torre de erudição. Isso o divertiu, mas secretamente o agradou – começou a sair, a princípio pouco, depois com mais frequência. Bebia discretamente e da forma adequada. Dizia-se que se não tivesse ido para a universidade tão jovem, poderia “ter se saído extremamente bem”. Em 1909, ao se formar, tinha apenas 20 anos.

Viajou novamente para o exterior – para Roma, dessa vez, onde se distraiu estudando arquitetura e pintura, começou a aprender violino e escreveu alguns sonetos italianos horríveis, supostamente as elucubrações de um monge do século XIII sobre as alegrias da vida contemplativa. Tornou-se de conhecimento comum entre seus amigos íntimos em Harvard que ele estava em Roma, e os que viajaram naquele ano visitaram-no, descobrindo com ele, em excursões em noites de luar, muitos aspectos da cidade mais antigos do que a Renascença e até mesmo que a República. Maury Noble, da Filadélfia, por exemplo, permaneceu na cidade por dois meses, e juntos descobriram o encanto peculiar das mulheres latinas e tiveram a deliciosa sensação de serem muito jovens e livres numa civilização muito velha e livre.

Não foram poucos os conhecidos do avô que o procuraram, e se tivesse desejado, seria *persona grata* nos círculos diplomáticos – na verdade, descobriu que suas inclinações tendiam cada vez mais para a sociabilidade, mas que a longa reclusão da adolescência e a consequente timidez ainda determinavam sua conduta.

Voltou à América em 1912, devido a uma das súbitas doenças do avô, e depois de uma conversa excessivamente cansativa com o velho perpetuamente convalescente, resolveu adiar, até que ele morresse, a ideia de viver permanentemente no exterior. Depois de uma longa busca, alugou um apartamento na rua 52, e, a julgar pelas aparências, instalou-se.

Em 1913 o processo de ajustamento de Anthony Patch ao Universo estava quase concluído. Fisicamente, tinha melhorado desde a época de estudante – ainda era bastante magro, mas os ombros haviam se alargado e o rosto moreno perdera a expressão amedrontada do ano de calouro. Era secretamente metódico e bem apresentado em pessoa: os amigos diziam nunca tê-lo visto despenteado. Tinha o nariz pontudo demais; a boca, um daqueles infelizes espelhos do estado de espírito, inclinava-se perceptivelmente em momentos de infelicidade, mas os olhos azuis eram encantadores, tanto quando estavam alertas com inteligência ou semicerrados numa expressão de melancolia.

Embora fosse um desses homens destituídos da simetria de feições essencial ao ideal ariano, por vezes era considerado bonito – além disso, era muito limpo, na aparência e na realidade, com aquela limpeza especial emprestada pela beleza.

O apartamento impecável

A Quinta e a Sexta avenidas eram, Anthony achava, as laterais de uma escada gigantesca que ia da Washington Square ao Central Park. Sair do centro da cidade no alto de um ônibus, pela rua 52, dava-lhe invariavelmente a sensação de estar subindo, um a um, uma série de degraus traiçoeiros, e quando o ônibus se balançava na parada em seu degrau, sentia algo semelhante a um alívio enquanto descia as perigosas escadas de metal até o passeio.

Depois, tinha de andar meio quarteirão pela rua 52, passar por uma pesada sucessão de casas de arenito castanho-avermelhado – e num instante estava sob o teto alto de seu grande salão da frente. Estava bastante satisfeito com o apartamento. Ali, afinal, começava a vida. Ali dormia, tomava café, lia e recebia.

A casa era de material escuro, construída no fim da década de 1890. Para atender à sempre crescente necessidade de pequenos apartamentos, cada andar fora totalmente remodelado e alugado individualmente. Dos quatro apartamentos, o de Anthony, no segundo andar, era o melhor.

A sala da frente tinha um elegante pé direito alto, com três amplas janelas que se abriam agradavelmente para a rua 52. A decoração conseguia não ser de nenhum período determinado – não era pesada, abafada, fria nem decadente. Não cheirava nem a fumo nem a incenso – era alta e levemente azul. Havia um sofá profundo do mais macio couro marrom, envolto por um nevoeiro de sonolência. Havia um biombo chinês alto, laqueado e repleto de figuras de pescadores e caçadores geométricos em negro e dourado; o biombo criava uma área reservada para uma imponente cadeira ao lado da qual havia um abajur de pé cor de laranja. No fundo da lareira, um anteparo quadriculado tornara-se negro pela ação do fogo.

Atravessando a sala de jantar – que, como Anthony fazia em casa somente a primeira refeição, era apenas uma potencialidade magnífica – e

um corredor relativamente comprido, chegava-se ao coração e à alma do apartamento – o quarto de dormir e o banheiro de Anthony.

Ambos eram imensos. Sob o teto do primeiro, até mesmo a grande cama com dossel parecia apenas de tamanho médio. No chão, um exótico tapete vermelho aveludado era tão macio como a lã sob seus pés descalços. O banheiro, em contraste com a atmosfera pomposa do quarto, era alegre, claro, extremamente habitável e mesmo um pouco descontraído. Nas paredes havia retratos de quatro belas atrizes da época: Julia Sanderson, como *The Sunshine Girl*, Ina Clare, como *The Quaker Girl*, Billie Burke, como *The Mind-the-Pamt*, e Hazel Dawn, como *The Pink Lady*. Entre Billie Burke e Hazel Dawn havia uma gravura representando uma grande paisagem de neve, dominada por um sol frio e enorme – isso, segundo Anthony, simbolizava a ducha fria.

A banheira, equipada com um engenhoso aparador de livros, era baixa e grande. Ao lado, um armário embutido estava repleto de roupa branca suficiente para três homens e de uma profusão de gravatas. No chão do banheiro não havia apenas um simples tapete atoalhado, mas um tapete felpudo, um milagre de maciez igual ao do quarto, que parecia quase massagear o pé molhado que saía da banheira...

Era em tudo uma peça maravilhosa – era fácil ver que ali Anthony se vestia, arrumava seus cabelos perfeitos e na verdade fazia tudo o mais, exceto dormir e comer. Era seu orgulho aquele banheiro. Se tivesse um amor, penduraria seu retrato bem em frente à banheira, para, perdido no calmante vapor da água quente, poder estender-se e contemplar-lhe, cálida e sensualmente, a beleza.

Tampouco se agita

A arrumação do apartamento era feita por um criado inglês com o nome singularmente, quase teatralmente apropriado de Bounds, cuja técnica era ofuscada apenas pelo fato de não usar colarinho duro. Se Bounds trabalhasse apenas para Anthony, esse defeito teria sido sumariamente resolvido, mas era também o Bounds de dois outros cavalheiros na vizinhança. Das oito às onze da manhã, era todo de Anthony. Chegava trazendo a correspondência e preparava o café da manhã. Às nove e meia, puxava a ponta da coberta de Anthony e dizia algumas palavras enérgicas – Anthony jamais se lembrava claramente delas e suspeitava que eram de desaprovação. Em seguida, servia o café numa mesinha na sala da frente, fazia a cama e, depois de indagar com alguma hostilidade se ele desejava mais alguma coisa, retirava-se.

Pela manhã, ao menos uma vez por semana, Anthony ia ver o corretor. Sua renda era pouco inferior a 7 mil dólares por ano, juros de um dinheiro herdado da mãe. O avô, que nunca dera nem mesmo ao filho uma mesada muito generosa, considerava essa importância suficiente para as necessidades do jovem Anthony. Todo Natal, enviava-lhe uma apólice no valor de 500 dólares, que era em geral vendida, se possível, pois estava sempre um pouco – não muito – sem dinheiro.

As visitas ao corretor variavam de conversas semissociais a discussões sobre a segurança dos investimentos de 8 por cento, e Anthony sempre desfrutava delas. O edifício da grande companhia de investimentos parecia ligá-lo definitivamente às grandes fortunas, cuja solidez ele respeitava, e assegurar-lhe que estava adequadamente acompanhado pela hierarquia das finanças. Esses homens apressados davam-lhe a mesma sensação de segurança que sentia ao imaginar o dinheiro do avô – e ainda mais, porque esse dinheiro parecia um empréstimo feito pelo mundo à integridade moral de Adam Patch, ao passo que o dinheiro ali, na cidade, parecia ter sido

ganho e conservado por forças indomáveis e uma tremenda força de vontade; e por isso parecia mais definida e explicitamente dinheiro.

Embora nada lhe sobrasse de sua renda, Anthony a considerava suficiente. Algum dia dourado, naturalmente, teria muitos milhões. Até lá, sua razão de ser era a criação teórica de ensaios sobre os papas da Renascença. Isso nos leva de volta a uma conversa que teve com o avô imediatamente após voltar de Roma.

Esperava encontrá-lo morto, mas soube, ao telefonar do cais, que Adam Patch estava relativamente bem outra vez – no dia seguinte, disfarçou a decepção e foi a Tarrytown. A 8 quilômetros da estação, o táxi tomou uma estrada extremamente bem cuidada, que serpenteava através de um verdadeiro labirinto de muros e cercas de arame que protegiam a propriedade – isso, dizia o público, era porque todos sabiam que se os socialistas vencessem, um dos primeiros homens que eles matariam seria o velho Cross Patch.

Anthony estava atrasado, e o venerável filantropo esperava-o num solário de paredes de vidro, onde passava o olho nos jornais da manhã pela segunda vez. Seu secretário, Edward Shuttleworth – que antes de regenerar-se fora jogador, dono de bar e réprobo em geral –, levou Anthony até a sala, exibindo seu redentor e benfeitor como se mostrasse um tesouro de imenso valor.

Apertaram-se as mãos com gravidade.

– Fico muito satisfeito em saber que o senhor está melhor – disse Anthony.

O velho Patch, como se tivesse visto o neto na semana anterior, tirou do bolso o relógio.

– O trem atrasou? – perguntou indulgentemente.

Ficara irritado por ter de esperar Anthony. Tinha a ilusão não só de que em sua juventude cuidara dos negócios práticos com o maior escrúpulo, mantendo com pontualidade todos os compromissos, mas também que isso era a causa direta e primordial de seu êxito.

– Tem se atrasado muito este mês – observou, com um leve tom de acusação na voz. E depois de um longo suspiro: – Sente-se.

Anthony observava o avô com o espanto tácito que sempre sentia ao vê-lo. Que aquele homem fraco e sem inteligência possuísse um poder que, apesar de a imprensa sensacionalista dizer o contrário, os homens da república cujas almas ele não poderia ter comprado direta ou indiretamente quase não chegariam a povoar White Plains, parecia-lhe tão inacreditável quanto o fato de que algum dia ele fora um bebê rosado.

Seus 75 anos haviam sido como um fole mágico: o primeiro quarto de século enchera-o de vitalidade, e o último sugara-a de volta. Sugara-a do rosto e do peito, da grossura dos braços e das pernas. Exigira tiranicamente seus dentes, um por um, colocara sob seus olhos duas meias-luas de um azul fechado, tornara seus cabelos ralos e passara-o de cinzento para branco em determinados lugares, de rosa para amarelo em outros – impiedosamente transpondo suas cores como uma criança brincando com uma caixa de tintas. E por meio do corpo e da alma, atacara-lhe o cérebro. Dera-lhe suores noturnos, lágrimas e medos infundados. Transformara sua intensa normalidade em credulidade e suspeita. Do material bruto de que seu entusiasmo se constituía criara dúzias de obsessões brandas, mas petulantes. Sua energia reduzira-se ao mau humor de uma criança mimada e sua força de vontade fora substituída por um desejo insensato e pueril de um paraíso de harpas e cânticos na terra.

Trocadas as frases de cortesia com extremo cuidado, Anthony percebeu que o velho esperava ouvir seus planos – ao mesmo tempo um lampejo nos

olhos do velho advertiu-o a calar, pelo menos naquele momento, sobre o desejo de viver no exterior. Quisera que Shuttleworth tivesse tato bastante para retirar-se – detestava-o –, mas o secretário instalara-se delicadamente numa cadeira de balanço e alternava entre os dois Patches seu olhar desbotado.

– Agora que você voltou, precisa *fazer* alguma coisa – disse o avô suavemente –, realizar alguma coisa.

Anthony esperava que ele dissesse “deixar algum legado quando você se for”. Então sugeriu:

– Pensei... Pareceu-me que talvez eu tenha qualidades para escrever...

Adam Patch estremeceu, imaginando um poeta na família, com cabelos compridos e três amantes.

– ...história – concluiu Anthony.

– História? História de quê? Da Guerra Civil? Da Revolução?

– Não senhor. Uma história da Idade Média.

Imediatamente surgiu-lhe a ideia de uma história dos papas da Renascença escrita de um ângulo novo. Mas ficou satisfeito por ter dito “Idade Média”.

– Idade Média? E por que não do seu país? Algo que você conheça?

– Bem, o senhor sabe, eu vivi muito tempo no exterior...

– Não sei por que você deveria escrever sobre a Idade Média. Idade das Trevas, era como a chamávamos. Ninguém sabe o que aconteceu, e ninguém se importa, a não ser com o fato de que já acabou. – Falou mais alguns minutos sobre a inutilidade do assunto, mencionando naturalmente a Inquisição Espanhola e a “corrupção dos mosteiros”. – Você acha que pode fazer algum trabalho em Nova York, se é que realmente pretende trabalhar?

A última frase foi dita com um leve, quase imperceptível, cinismo.

– Claro que sim.

– E quando vai terminar?

– Bem, precisarei fazer um esboço, o senhor sabe... E muita pesquisa preliminar.

– Pensei que já tivesse feito isso.

A conversa chegou a uma súbita conclusão quando Anthony levantou-se, olhou o relógio e disse que tinha um encontro com o corretor naquela tarde. Tinha a intenção de ficar alguns dias com o avô, mas estava esgotado e irritado pela viagem cansativa e sem nenhuma vontade de se sujeitar a uma humilhação sutil e santimonial. Disse que voltaria em poucos dias.

Não obstante, fora devido a esse encontro que o trabalho entrara em sua vida como uma ideia permanente. Durante o ano que se passara desde aquela tarde, fizera várias listas de autoridades no assunto, e até mesmo experimentara alguns títulos de capítulo e a divisão de sua obra em períodos, mas nem uma linha de texto existia até o momento, nem parecia que jamais viria a existir. Não fazia nada – e contrariando a mais consagrada lógica do preparo de um livro, conseguia se distrair com uma satisfação acima da média.

Tarde

Era outubro de 1913, no meio de uma semana de dias agradáveis, o sol brilhando nos cruzamentos das ruas e a atmosfera tão lânguida que pareciam pesar-lhe as fantasmagóricas folhas que caíam. Era um prazer sentar-se preguiçosamente junto à janela aberta, terminando um capítulo do *Erewhon*. Era um prazer bocejar lá pelas cinco, jogar o livro numa mesa e ir cantando pelo corredor tomar banho.

Por você, bela moça

cantava, enquanto abria a torneira.

Levanto meus olhos;
Por você, bela moça,
Meu coração chora.

Elevou a voz para competir com o barulho da água que caía na banheira, e ao olhar o retrato de Hazel Dawn pendurado na parede imaginou um violino sob o queixo e pôs-se a acariciá-lo suavemente com um arco imaginário. Através dos lábios fechados, produziu um murmúrio que imaginava se assemelhar vagamente ao som de um violino. Depois de um momento, suas mãos deixaram o vaivém e deslizaram pela camisa, que começou a desabotoar. Despido e adotando uma postura atlética, como a do homem ao lado da pele de tigre no anúncio, olhou-se no espelho com alguma satisfação e em seguida enfiou um pé na banheira, experimentando a água. Reajustou a torneira e com alguns murmúrios preliminares, entrou no banho.

Uma vez habituado à temperatura da água, relaxou num estado de satisfação sonolenta. Ao terminar, ia vestir-se preguiçosamente e descer a Quinta Avenida até o Ritz, onde tinha um jantar com seus dois companheiros mais frequentes, Dick Caramel e Maury Noble. Depois do jantar, ele e Maury iriam ao teatro – Caramel provavelmente voltaria para casa, para trabalhar num livro que pretendia concluir sem demora.

Anthony sentia-se satisfeito por não ter de ir trabalhar no *seu* livro. A ideia de sentar-se e concentrar-se não apenas nas palavras para expressar os pensamentos, mas em pensamentos que valessem a pena ser expressados – tudo isso parecia estar absurdamente além de seus desejos.

Ao sair do banho, secou-se com a atenção meticulosa de um engraxate. Passou ao quarto de dormir e, assobiando uma melodia incerta, andou de

um lado para o outro, abotoando, ajustando e desfrutando o calor do espesso tapete sob seus pés.

Acendeu um cigarro, jogou o fósforo pela parte superior da janela e parou com o cigarro a 20 centímetros da boca – que ficou entreaberta. Seus olhos se fixaram numa brilhante mancha colorida no terraço de uma casa, na mesma rua, mais adiante.

Era uma moça com um *négligé* vermelho, de seda sem dúvida, secando o cabelo ao sol ainda quente do fim da tarde. Seu assovio morreu no ar morno do quarto; aproximou-se cuidadosamente da janela, com a impressão súbita de que a jovem era bela. No parapeito de pedra a seu lado havia uma almofada da mesma cor de seus trajes, e apoiando ali os braços ela se inclinava para olhar a área ensolarada entre as casas, onde Anthony podia ouvir crianças brincando.

Observou-a durante vários minutos. Alguma coisa se agitou nele, alguma coisa que não se explicava pelo cheiro cálido da tarde nem pela vivacidade triunfal do vermelho. Sentia insistentemente que a moça era bela e de repente compreendeu: era o distanciamento dela, não um distanciamento raro e precioso da alma mas ainda assim um distanciamento, ainda que apenas em metros terrestres. O ar do outono se punha entre eles, e os tetos e a confusão de vozes. E não obstante, por um segundo inexplicável, posicionado perversamente no tempo, sua emoção estivera mais próxima da adoração do que no mais intenso beijo que já experimentara.

Acabou de vestir-se, escolheu uma gravata-borboleta preta e ajustou-a cuidadosamente no espelho tríplice do banheiro. E cedendo a um impulso, entrou rapidamente no quarto de dormir e olhou mais uma vez pela janela. A mulher estava agora de pé; jogara para trás o cabelo preto, e era possível ver-lhe todo o corpo. Era gorda, teria cerca de 35 anos, totalmente sem atrativos. Desencantado, voltou ao banheiro e repartiu o cabelo.

Por você, bela moça

cantarolou,

levanto meus olhos.

Então, com uma última escovadela alisadora, que deixou uma superfície brilhante em seu cabelo, saiu do apartamento e desceu a Quinta Avenida até o Ritz-Carlton.

Três homens

Às sete, Anthony Patch e seu amigo Maury Noble estão sentados a uma mesa no canto, no terraço refrescante. Maury Noble parece um enorme, esguio e imponente gato. Seus olhos são estreitos, cheios de cintilações incessantes e demoradas. O cabelo é macio e liso, como se tivesse sido lambido por uma possível – no caso, hercúlea – gata-mãe. Quando Anthony estava em Harvard, era considerado uma figura única em sua turma, o mais brilhante, o mais original – inteligente, tranquilo e um dos escolhidos.

É esse homem que Anthony considera seu melhor amigo. É o único, entre todos os conhecidos, que admira e, num grau maior do que gostaria de confessar a si mesmo, inveja.

Estão satisfeitos por se encontrarem – seus olhos estão cheios de amabilidade, enquanto experimentam os efeitos da novidade depois de uma curta separação. A companhia mútua lhes proporciona um relaxamento, uma nova serenidade; Maury Noble, por trás de seu belo rosto, absurdamente semelhante à cara de um gato, ronrona. E Anthony, nervoso como um fogo-fátuo, inquieto, está agora tranquilo.

Entretêm-se numa dessas conversas despreocupadas, de frases curtas, a que somente homens de menos de 30 anos, ou sob grande tensão, se dedicam.

ANTHONY: Sete horas. Onde será que está o Caramel? (*Impaciente.*) Gostaria que ele acabasse aquele interminável romance. Passei muito tempo com fome...

MAURY: Ele arrumou um novo título para o romance. *O diabo amante*. Não é mau, não acha?

ANTHONY (*interessado*): *O diabo amante*, ah, lamentações das mulheres. Não, nada mau! Nada mau! Mesmo, não acha?

MAURY: É bastante bom. Que horas você disse que eram?

ANTHONY: Sete.

MAURY (*seus olhos se estreitam – não com desagrado, mas para expressar uma leve desaprovação*): Ele me deixou maluco, outro dia.

ANTHONY: Como?

MAURY: Com aquela mania de tomar notas.

ANTHONY: A mim também. Uma noite dessas, eu disse alguma coisa que aparentemente ele julgou boa como material, mas se esqueceu e começou a insistir comigo. Dizia: “Não pode se concentrar?”, ao que eu respondia: “Você me aborrece mortalmente. Como vou me lembrar?”

(*Maury ri em silêncio, suas feições como que se ampliam suave e compreensivamente.*)

MAURY: O Dick não necessariamente vê melhor do que os outros. Apenas consegue colocar no papel uma proporção maior das coisas que vê.

ANTHONY: Um talento impressionante...

MAURY: Sim, realmente impressionante.

ANTHONY: E que energia, ambiciosa, bem direcionada. Ele é tão divertido – é tão interessante e animado. Com frequência há qualquer coisa de sensacional em se estar com ele.

MAURY: É verdade.

(Silêncio, e em seguida:)

ANTHONY *(com seu rosto fino e um pouco inseguro procurando mostrar-se convicto)*: Mas não é uma energia indomável. Algum dia, pouco a pouco, ela vai se esgotar, e seu talento impressionante com ela, e restará apenas uma sombra de homem, rabugento, egoísta e tagarela.

MAURY *(com uma gargalhada)*: Aqui estamos nós dizendo um para o outro que o pobre Dick vê as coisas com menos profundidade do que nós. E aposto que ele se sente um pouco superior a nós: o espírito criador sobre o espírito meramente crítico, e todo o resto.

ANTHONY: Sem dúvida. Mas ele está errado. É capaz de se entusiasmar com um milhão de coisas tolas. Se não estivesse absorvido pelo realismo, que o levou a adotar uma atitude cínica, ele seria, seria crédulo como um líder religioso universitário. É um idealista. É, sim. Acha que não, por ter negado o cristianismo. Lembra-se dele na faculdade? Engolia todos os autores, um depois de outro, ideias, técnica e personagens, Chesterton, Shaw, Wells, cada qual com mais facilidade que o outro.

MAURY *(ainda pensando em sua última observação)*: Eu me lembro.

ANTHONY: É verdade. Adorador nato de fetiches. Veja a arte...

MAURY: Vamos pedir. Ele vai...

ANTHONY: Claro. Vamos pedir. Eu disse a ele...

MAURY: Aí vem ele. Olhe, vai esbarrar naquele garçom. *(Ergue o dedo como um sinal – ergue-o como se fosse uma garra suave e amigável.)* Estamos aqui, Caramel.

UMA VOZ NOVA (*animada*): Olá. Maury, olá, Anthony Comstock Patch. Como vai o neto do velho Adam? As debutantes ainda continuam atrás de você?

(Em pessoa, Richard Caramel é baixo e bem-apessoado – ficará calvo aos 35 anos. Tem olhos amarelados – um deles com um brilho claro, o outro opaco como uma poça lamacenta – e uma testa protuberante, como a dos bebês de histórias em quadrinhos. É protuberante também em outros lugares – sua barriga é protuberante, profeticamente, suas palavras parecem protuberar de sua boca, até mesmo os bolsos de seu paletó eram protuberantes, como por contágio, com uma coleção de papéis dobrado, horários, programas e recortes vários, nos quais toma suas notas, apertando os olhos amarelados e fazendo movimentos para pedir silêncio com a mão esquerda livre.

Ao chegar à mesa, aperta a mão de Anthony e Maury. É dessas pessoas que invariavelmente apertam as mãos, mesmo das pessoas que viu uma hora antes.)

ANTHONY: Olá, Caramel. Que bom que veio. Precisávamos de um alívio cômico.

MAURY: Está atrasado. Estava correndo atrás do carteiro pelo quarteirão? Estávamos criticando o seu caráter.

DICK (*olhando para Anthony com o olho brilhante*): O que disseram? Contem-me, para eu poder tomar nota. Cortei três mil palavras da Primeira Parte esta tarde.

MAURY: Nobre esteta. E eu coloquei álcool para dentro.

DICK: Não duvido. Aposto que estão sentados aqui há uma hora falando de bebida.

ANTHONY: Nunca a recusamos, meu imberbe rapaz.

MAURY: Jamais vamos para casa com as moças que encontramos bêbados.

ANTHONY: Tudo, em todas as nossas festas, se caracteriza por certa distinção altaneira.

DICK: O tipo de tolos que se gabam de beber muito! O problema é que vocês dois estão na Escola do Velho Cavalheiro Inglês do século XVIII. Beber silenciosamente até escorregar para baixo da mesa. Jamais se divertir. Oh, não, isso não acabou.

ANTHONY: Isso é do Capítulo Sexto, apostrofo.

DICK: Vocês vão ao teatro?

MAURY: Vamos. Pretendemos passar a noite refletindo profundamente sobre os problemas da vida. A coisa se chama *A mulher*. Espero que ela nos recompense.

ANTHONY: Meu Deus! É essa a peça? Vamos novamente ao Follies.

MAURY: Estou cansado daquilo. Já fui três vezes. (*Para Dick.*) Da primeira vez, saímos depois do primeiro ato e encontramos um bar incrível. Quando voltamos, entramos no teatro errado.

ANTHONY: Tivemos uma prolongada discussão com um jovem casal assustado que julgávamos estar ocupando os nossos lugares.

DICK (*como se falasse consigo mesmo*): Acho que depois de escrever outro romance e uma peça, e talvez um livro de contos, vou tentar escrever uma comédia musical.

MAURY: Eu sei, com letras intelectuais que ninguém vai querer ouvir. E os críticos vão murmurar coisas sobre o “velho e querido Pinafore”.¹ E eu vou continuar brilhando como uma figura sem sentido num mundo sem sentido.

DICK (*pomposamente*): A arte não é sem sentido.

MAURY: É, em si mesma. Não é quando tenta tornar a vida menos sem sentido.

ANTHONY: Em outras palavras, Dick, você está representando diante de uma plateia de fantasmas.

MAURY: Mesmo assim, faça um bom espetáculo.

ANTHONY (*para Maury*): Pelo contrário, se eu julgasse que era um mundo sem sentido, por que escreveria? O próprio esforço de dar-lhe um sentido não teria sentido.

DICK: Bem, mesmo admitindo isso, sejam bons pragmáticos e permitam a um pobre homem o instinto de viver. Haviam de querer que todos aceitassem essa conversa de sofistas?

ANTHONY: Acho que sim.

MAURY: Não, senhor! Acho que todos na América, com exceção de uns mil eleitos, deviam ser obrigados a aceitar um rígido sistema moral – o catolicismo romano, por exemplo. Não me queixo da moralidade convencional. Queixo-me antes dos hereges medíocres que se apoderam das ideias dos sofistas e adotam a pose de uma liberdade moral a que a sua inteligência não lhes dá direito.

(Chega a sopa e o que Maury talvez ainda tivesse a dizer perde-se para todo o sempre.)

Noite

Procuraram, depois, um cambista de bilhetes, do qual compraram ingressos para uma nova comédia musical chamada *Grande farra*. No *foyer* do teatro esperaram alguns momentos para ver entrar a multidão que comparecia à primeira apresentação. Havia capas com peles e sedas multicoloridas, joias se derramando sobre braços, gargantas e orelhas brancas e cor-de-rosa; cartolas refletindo a luz, sapatos dourados, bronzeados, vermelhos e pretos brilhantes; penteados femininos altos e complicados, o cabelo reluzente e

úmido dos homens de boa aparência – e, acima de tudo, uma onda oscilante, murmurante, sorridente, espumante, de movimentos lentos, naquele mar de pessoas alegres, que naquela noite derramavam sua torrente brilhante no lago artificial do riso...

Depois do teatro, separaram-se – Maury ia a um baile no Sherry, e Anthony foi para casa dormir.

Abriu caminho lentamente em meio à confusa massa noturna de gente que Times Square e a corrida de coches e seus milhares de satélites tornavam estranhamente bela, brilhante e parecida com um carnaval. Rostos giravam à sua volta, um caleidoscópio de moças, feias, feias como o pecado – gordas demais, magras demais, e mesmo assim flutuando no ar outonal como se fossem seu próprio hálito, cálido e apaixonado, lançado na noite. Apesar de toda a sua vulgaridade, tinham um leve e sutil mistério, pensou ele. Inspirou cuidadosamente, levando aos pulmões o perfume e o cheiro nada desagradável de muitos cigarros. Cruzou o olhar com uma bela jovem morena solitariamente sentada num táxi. Seus olhos, à meia-luz, sugeriam noite e violetas, e por um momento ele ansiou novamente pelo meio esquecido distanciamento da tarde.

Dois jovens judeus passaram por ele, falando em voz alta, espichando o pescoço aqui e ali em olhadelas com as sobancelhas levantadas. Vestiam-se com roupas exageradamente apertadas, como era então considerado moda; o colarinho abria-se sobre o pomo de adão; usavam polainas cinzentas e seguravam luvas cinzentas junto à alça da bengala.

Passou por uma senhora espantada, carregada com uma cesta de ovos entre dois homens que lhe mostravam com exclamações as maravilhas de Times Square – e mostravam tão depressa que a velha, tentando interessar-se imparcialmente por tudo, balançava a cabeça de um lado para o outro,

como uma casca de laranja batida pelo vento. Anthony ouviu um trecho da conversa:

- Olha lá o Astor, mamãe!
- Olha o anúncio da corrida de coches!
- Foi ali que estivemos hoje. Não, *lá*!
- Meu Deus...!
- Quem pensa não casa – ele reconheceu o dito do ano proferido de forma estridente por um dos casais perto dele.
- E eu lhe disse, eu lhe disse.

O movimento suave dos táxis junto dele, o riso, o riso rouco como o de um corvo, incessante e alto, com o rumor do metrô sob seus pés – e no alto, as revoluções de luz, que aumentava e diminuía, a luz dividindo-se como pérolas, formando e formando novamente barras e círculos brilhantes, e figuras monstruosas e grotescas, recortadas assombrosamente no céu.

Virou agradecido no silêncio que soprava como um vento escuro de uma rua transversal, passou por um restaurante em cujas vitrines uma dúzia de frangos giravam num espeto automático. Da porta vinha um odor quente, pastoso e róseo. Uma farmácia, em seguida, exalando um cheiro de remédios, soda derramada e uma nota agradável do balcão de cosméticos; depois, uma lavanderia chinesa, ainda aberta, vaporenta e abafada, cheirando a coisas dobradas e vagamente amarelas. Tudo isso o deprimiu. Ao chegar à Sexta Avenida, parou junto de uma tabacaria numa esquina, e saiu sentindo-se um pouco melhor – a loja de cigarros era agradável, a humanidade numa névoa azul-marinho, comprando um artigo de luxo...

Em seu apartamento fumou um último cigarro, sentado no escuro junto da janela aberta. Pela primeira vez em mais de um ano, sentiu que estava realmente desfrutando Nova York. Havia nela uma pungência rara, uma qualidade quase sulista. Uma cidade solitária, porém. Ele, que crescera

sozinho, aprendera ultimamente a evitar a solidão. Durante os últimos meses, tivera o cuidado, quando não tinha compromisso para a noite, de ir para um de seus clubes e encontrar alguém. Ah, havia uma solidão naquela cidade...

Seu cigarro, cuja fumaça bordava as leves dobras da cortina com uma franja esbranquiçada, brilhou até que na Igreja de St. Anne, próxima dali, soou uma hora, com uma beleza lamuriosa e imponente. O elevado, passando a meio quarteirão, parecia um rufar de tambores – e se Anthony se inclinasse na janela, veria o trem, como uma águia furiosa, fazendo a curva escura da esquina. Lembrou-se de um romance fantástico que lera havia pouco, no qual as cidades eram bombardeadas de trens aéreos, e por um momento imaginou fantasiosamente que a Washington Square havia declarado guerra ao Central Park e que o trem era uma ameaça dirigida ao norte, carregado de batalha e morte súbita. Mas a ilusão se desvaneceu depois que o trem passou; reduziu-se a um último tambor e a uma distante águia sonolenta.

Ouviam-se sinos e o surdo barulho contínuo das buzinas dos carros na Quinta Avenida, mas sua rua estava silenciosa e ele estava protegido, ali, de todas as ameaças da vida, pois havia sua porta, o longo corredor e o quarto de dormir protetor – a salvo, a salvo! A luz que brilhava em sua janela pareceu-lhe naquele momento a lua, só que mais luminosa e mais bela do que a lua.

Flashback no paraíso

A beleza, que nascia de novo a cada cem anos, estava sentada numa espécie de sala de espera ao ar livre, atravessada por rajadas de vento branco e ocasionalmente por uma estrela apressada e ofegante, que lhe piscava

familiarmente ao passar, enquanto os ventos despenteavam sem cessar seus cabelos. Ela era incompreensível, pois nela alma e espírito estavam unidos – a beleza de seu corpo era a essência de sua alma. Era a unidade procurada pelos filósofos durante muitos séculos. Naquela sala de espera de ventos e estrelas, ela estava havia cem anos, tranquilamente a contemplar-se.

Por fim, soube que deveria nascer novamente. Suspirando, iniciou uma longa conversa com a voz que vinha no vento branco, uma conversa que levou muitas horas e da qual só posso reproduzir aqui um fragmento.

A BELEZA (*os lábios quase imóveis, os olhos voltados, como sempre, para dentro de si mesma*): Para onde vou, agora?

A VOZ: Para um novo país – uma terra que você jamais viu.

A BELEZA (*com petulância*): Detesto ir para essas novas civilizações. Quanto tempo vou ficar?

A VOZ: Quinze anos.

A BELEZA: E qual é o nome do lugar?

A VOZ: É a região mais opulenta e mais exuberante da Terra, um lugar onde os mais sábios são pouco melhores do que os menos inteligentes, onde os governantes têm o espírito de crianças e os legisladores acreditam em Papai Noel. Onde mulheres feias dominam homens fortes.

A BELEZA (*surpresa*): O quê?

A VOZ (*muito deprimida*): Sim, é realmente um espetáculo melancólico. Mulheres sem queixo e de narizes horríveis vivem dizendo em plena luz do dia: “Faça isso! Faça aquilo!”, e todos os homens, mesmo os de maior riqueza, obedecem implicitamente às suas mulheres, a quem se referem sonoramente como “Sra. Fulana” ou como “minha esposa”.

A BELEZA: Não pode ser verdade! Compreendo, naturalmente, que obedeçam a mulheres encantadoras, mas a mulheres gordas? A mulheres

magrelas? A mulheres de rosto ossudo?

A VOZ: Mesmo a essas.

A BELEZA: E eu? Que possibilidades terei?

A VOZ: Vai ser duro, se é que posso usar essa expressão.

A BELEZA (*depois de uma pausa de insatisfação*): Por que não as velhas terras, a das uvas e dos homens de voz suave, ou a terra dos navios e mares?

A VOZ: Espera-se que elas estejam muito ocupadas dentro em pouco.

A BELEZA: Oh!

A VOZ: A sua vida na Terra vai ser, como sempre, o intervalo entre dois olhares significativos num espelho mundano.

A BELEZA: O que serei eu? Diga-me!

A VOZ: A princípio, pensou-se que você iria dessa vez como atriz de cinema, mas no final das contas julgou-se que isso não seria aconselhável. Você vai ficar disfarçada, durante seus 15 anos, do que se chama de “moça da sociedade”.

A BELEZA: O que é isso?

(Há um novo som no vento que, para os nossos propósitos, deve ser interpretado como A Voz coçando a cabeça.)

A VOZ (*finalmente*): É uma espécie de falsa aristocrata.

A BELEZA: E o que é isso?

A VOZ: Você vai descobrir na Terra. Vai descobrir muito do que é falso e vai fazer muitas coisas falsas.

A BELEZA (*placidamente*): Tudo isso me parece tão vulgar.

A VOZ: Nem a metade do que realmente é. Você será conhecida, durante os seus 15 anos, como dançarina de *ragtime*, como melindrosa, como louca pelo jazz, como uma jovem interesseira. Dançará essas novas danças nem mais nem menos graciosamente do que dançou as antigas.

A BELEZA (*num sussurro*): Serei paga?

A VOZ: Sim, como sempre, com amor.

A BELEZA (*com um leve riso que só momentaneamente lhe perturba a imobilidade dos lábios*): E vou gostar que me chamem de garota do jazz?

A VOZ (*com sobriedade*): Vai adorar...

(O diálogo termina aqui, com a Beleza ainda sentada tranquilamente, as estrelas detendo-se para apreciá-la, extasiadas, o vento branco e tempestuoso soprando através de seus cabelos.

Tudo isso ocorreu sete anos antes de Anthony sentar-se à janela da frente de seu apartamento e ouvir os sinos da St. Anne.)

2

Retrato de uma sereia

O frio envolveu Nova York um mês depois, trazendo novembro, os três principais jogos de futebol e um grande desfile de peles pela Quinta Avenida. Trouxe também à cidade um ar de tensão, de entusiasmo contido. Todas as manhãs chegavam convites na correspondência de Anthony. Três dúzias de virtuosas mulheres da mais alta camada da sociedade proclamavam sua aptidão, senão especificamente sua disposição, de dar filhos a três dúzias de milionários. Cinco dúzias de virtuosas mulheres da segunda camada proclamavam não só a sua aptidão, mas também uma tremenda e audaz ambição em relação às três dúzias de rapazes, que naturalmente eram convidados para todas as 96 festas – assim como era

convidado também o grupo de amigos da família da jovem, seus conhecidos, colegas de escola e jovens de fora do círculo, mas ansiosos para fazer parte dele. Havia ainda uma terceira camada dos arredores da cidade, de Newark e Jersey até a amarga Connecticut e bairros inaceitáveis de Long Island – e sem dúvida outras camadas, sem interrupção, até os sapatos da cidade: judias ingressavam numa sociedade de homens e mulheres judeus, do Riverside ao Bronx, em busca de um jovem corretor ou joalheiro promissor e de um casamento Kosher. Moças irlandesas voltavam os olhos, tendo para isso finalmente permissão, para uma sociedade de jovens políticos democratas, devotos empreendedores e meninos do coro da igreja já crescidos.

E, naturalmente, a cidade deixou-se dominar por esse ar contagioso – as moças trabalhadoras, pobres almas sem beleza, embrulhando sabão nas fábricas ou mostrando enfeites nas grandes lojas, sonhavam que com a animação espetacular daquele inverno talvez conseguissem o homem que ambicionavam – como numa multidão carnavalesca um batedor de carteiras desajeitado pode considerar maiores as suas chances. As chaminés começaram a deitar fumaça e a sordidez do metrô amenizou-se. Atrizes apareceram em peças novas, os editores lançaram novos livros e os Castles apresentaram danças novas. As estradas de ferro divulgaram novos horários, com erros novos em vez dos erros antigos aos quais os passageiros já se haviam habituado...

A cidade saía às ruas!

Anthony, caminhando certa tarde pela rua 42, sob um céu cinza de aço, encontrou de surpresa Richard Caramel, saindo do barbeiro do Manhattan Hotel. Era um dia frio, o primeiro realmente frio, e Caramel vestia um desses sobretudos que vão até os joelhos, forrado de pele, que havia muito eram usados pelos trabalhadores do Meio-Oeste e que estavam se tornando

moda. O chapéu era de um marrom-escuro discreto, e sob ele seu olho claro flamejava como um topázio. Deteve Anthony com entusiasmo, batendo-lhe nos braços mais pelo desejo de se aquecer do que por brincadeira, e depois do inevitável aperto de mãos explodiu:

– Está frio como o diabo! Meu Deus, trabalhei o dia inteiro, até que o meu quarto ficou tão frio que pensei que ia pegar uma pneumonia. A maldita da senhoria economiza carvão e só apareceu depois que eu tinha passado meia hora gritando por ela na escada. Começou a explicar-se. Meu Deus! A princípio me irritou, depois comecei a pensar que ela era um personagem e tomei notas enquanto falava, de modo que ela não conseguisse ver, você sabe, como se estivesse escrevendo ao acaso.

Segurara o braço de Anthony e arrastava-o pela Madison Avenue.

– Aonde vamos?

– A lugar nenhum em particular.

– Para que então continuar? – perguntou Anthony.

Pararam, voltaram-se um para o outro e Anthony ficou pensando se o frio deixava o seu rosto tão repelente quanto o de Dick, cujo nariz estava vermelho, cuja testa saliente estava azul e cujos olhos amarelos estavam avermelhados e úmidos nas bordas. Após um instante começaram a andar novamente.

– Tenho trabalhado muito no meu romance. – As palavras e o ar de Dick eram enfáticos enquanto caminhava. – Mas tenho que sair de vez em quando. – Olhou para Anthony desculpando-se, como que pedindo encorajamento. – Tenho de conversar. Acho que pouca gente realmente *pensa*, quer dizer, senta-se e reflete e tem ideias em sequência. Eu penso ao escrever ou conversar. É preciso ter um impulso, alguma coisa, alguma coisa para defender ou contradizer, você não acha?

Anthony murmurou uma resposta e desvencilhou o braço gentilmente.

– Não me importo de carregá-lo, Dick, mas com esse sobretudo...

– O que eu quero dizer – continuou Richard Caramel gravemente – é que no papel o primeiro parágrafo encerra a ideia que se vai criticar ou desenvolver. Na conversa, lutamos sempre com a nossa última afirmação, mas quando simplesmente refletimos, então as ideias se sucedem como imagens de uma lanterna mágica, e cada qual afasta a última.

Passaram pela rua 45 e reduziram o passo. Acenderam cigarros e sopraram enormes nuvens de fumaça e respiração gelada.

– Vamos até o Plaza tomar um *eggnog* – sugeriu Anthony. – Vai lhe fazer bem. O ar vai eliminar a nicotina dos seus pulmões. Vamos, vou permitir que você fale do seu livro durante todo o caminho.

– Não quero falar, se isso o aborrece. Não precisa me ouvir como se fosse um favor. – As palavras saíram apressadas, e embora ele tentasse manter uma expressão normal, seu rosto se contraía com a incerteza. Anthony foi obrigado a protestar:

– Aborrecer-me? É claro que não!

– Tenho uma prima... – começou Dick, mas Anthony o interrompeu, estendendo os braços e soltando uma pequena exclamação de alegria.

– Que tempo bom! Não acha? Eu me sinto como se tivesse 10 anos. Quero dizer que ele me faz sentir como eu devia ter me sentido aos 10 anos. Bárbaro! Num minuto o mundo é meu, no minuto seguinte, sou um brinquedo do mundo. Hoje o mundo é meu, e tudo é fácil, fácil. Até o Nada é fácil!

– Tenho uma prima no Plaza. Uma jovem famosa. Podemos subir e vê-la. Mora lá no inverno. Ultimamente, pelo menos, com os pais.

– Não sabia que você tinha primos em Nova York.

– O nome dela é Gloria. É da minha terra, Kansas City. A mãe é bilfista praticante e o pai é maçante, mas um perfeito cavalheiro.

– O que são eles? Material literário?

– Tentam ser. Tudo o que o velho faz é me dizer que acabou de encontrar um personagem maravilhoso para um romance. Em seguida me fala de algum amigo idiota e diz: “Eis aí um personagem para você! Por que não o aproveita? Todos gostariam dele.” Ou então, me fala do Japão ou de Paris, ou de algum outro lugar indefectível, e diz: “Por que não escreve uma história sobre esse lugar? Seria um cenário maravilhoso para uma história!”

– E a moça? – indagou Anthony casualmente. – Gloria de quê?

– Gilbert. Ora, você já ouviu falar dela, Gloria Gilbert. Vai a festas em universidades e coisas assim.

– Já ouvi o nome.

– É bonita, na verdade, é muito atraente.

Chegaram à rua 50 e entraram na avenida.

– Não me importo com essas meninas de modo geral – disse Anthony, franzindo a testa.

Não era uma regra rigorosa. Embora lhe parecesse que a debutante média passava todas as horas do dia pensando e falando sobre o que o grande mundo lhe reservava durante a próxima hora, qualquer moça que vivesse diretamente de sua beleza interessava-o enormemente.

– A Gloria é extremamente bonita, mas não tem nada na cabeça.

Anthony riu, um riso de uma sílaba.

– Você quer dizer que ela não diz uma linha de conversa literária.

– Não, não é isso.

– Dick, você sabe o que, no seu entender, é uma moça inteligente. Moças ansiosas que se sentam a seu lado num canto e falam ansiosamente sobre a vida. Moças que aos 16 anos indagaram, com expressão grave, se beijar era certo ou errado e se era imoral os calouros beberem cerveja.

Richard Caramel ficou ofendido. Sua testa enrugou-se como papel amassado.

– Não – começou ele, mas Anthony o interrompeu impiedosamente.

– É, sim. Moças que se sentam em cantos e conversam sobre o último Dante escandinavo que já foi traduzido para o inglês.

Dick voltou-se para ele com uma expressão de desalento no rosto. Sua pergunta foi quase um apelo:

– O que há com você e o Maury? Às vezes falam como se eu fosse inferior.

Anthony perturbou-se, mas como também sentia frio e desconforto, refugiou-se no ataque.

– Não me parece que a sua inteligência tenha importância, Dick.

– É claro que tem! – exclamou Dick, irritado. – O que você quer dizer com isso? Por que não tem importância?

– Talvez você saiba coisas demais para poder escrevê-las.

– Isso não é possível.

– Posso imaginar – insistiu Anthony – que o homem saiba demais para expressar isso com o seu talento. Como eu. Suponhamos, por exemplo, que eu tivesse mais inteligência do que você e menos talento. Isso me tornaria incapaz de me expressar. Você, pelo contrário, tem água bastante para encher o jarro, e um jarro bastante grande para conter a água.

– Não entendo em absoluto – queixou-se Dick num tom desanimado. Profundamente abatido, parecia iniciar um protesto. Olhava intensamente para Anthony, esbarrando numa sucessão de pessoas, que se voltavam irritadas.

– Simplesmente quero dizer que um talento como o de Wells poderia ter uma inteligência como a de Spencer, mas um talento inferior só pode ser gracioso se tiver ideias inferiores. E quanto mais limitadamente vir as coisas, mais interessante elas poderão ser.

Dick refletiu, incapaz de saber o grau exato de crítica implícita nas observações de Anthony. Mas Anthony, com habitual facilidade de se expressar, continuou com os olhos escuros brilhando no rosto fino, o queixo erguido, a voz levantada, com uma animação percorrendo todo o seu corpo:

– Digamos que eu seja orgulhoso, são e inteligente, um ateniense entre os gregos. Bem, eu poderia falhar em situações em que um homem inferior teria êxito. Ele poderia imitar, poderia adornar, poderia entusiasmar-se, poderia ter esperanças construtivas, mas o meu *eu* hipotético seria muito orgulhoso para imitar, muito sadio para se entusiasmar, muito sofisticado para ser utopista, muito grego para adornar.

– Então você não acha que o artista trabalha com a inteligência?

– Não. Ele melhora, se puder, o que imita, melhora o estilo e a escolha, segundo sua interpretação, das coisas que em torno dele constituem material. Mas no final das contas todo escritor escreve porque essa é a sua forma de viver. Não me diga que você acredita nessa coisa da “função divina do artista”.

– Não tenho nem mesmo o hábito de me considerar um artista.

– Dick – disse Anthony mudando de tom –, quero pedir-lhe desculpas.

– Por quê?

– Por tudo o que disse. Sinto muito, sinceramente. Eu estava querendo impressionar.

Um pouco aliviado, Dick respondeu:

– Eu sempre disse que você, no fundo, era um filisteu.

Já escurecia quando entraram, passando sob a fachada branca do Plaza, e comeram devagar a espuma e o caldo amarelado do *eggnog*. Anthony contemplou o companheiro. O nariz e a testa de Richard Caramel estavam ficando da mesma cor; o vermelho desaparecia de um, o azul da outra. Olhando para um espelho, Anthony viu com satisfação que sua pele não

havia mudado de cor. Pelo contrário, um leve brilho se acendera em suas faces, e pareceu-lhe que jamais estivera tão bem.

– Para mim, chega – disse Dick no tom de um atleta em treinamento. – Quero subir e ver os Gilbert. Você não quer vir?

– Vou, mas desde que você não me deixe sozinho com os pais e se refugie num canto com Dora.

– Não é Dora, é Gloria.

Fizeram-se anunciar pelo telefone e, subindo ao décimo andar, seguiram por um corredor circular e bateram no 1.088. A porta foi aberta por uma senhora de meia-idade, a própria Sra. Gilbert.

– Como vai? – Falava no tom convencional das grandes damas americanas. – Fico muito alegre em vê-lo.

Interjeições apressadas de Dick e em seguida:

– Sr. Pats? Entre e deixe seu sobretudo ali. – Apontou para uma cadeira e modificou a inflexão da voz para um riso desaprovador cheio de pequenos suspiros. – É realmente ótimo, ótimo. Richard, você não tem aparecido há tanto... não!, não!

Os últimos monossílabos serviram de meias respostas, meias frases, a algumas vagas palavras de Dick.

– Sentem-se e digam-me o que têm feito.

Andaram de um lado para outro, curvaram-se sempre muito gentilmente, sorriram repetidas vezes com irremediável idiotice; pensaram que ela jamais se sentaria, mas, finalmente, afundaram-se agradecidos numa cadeira e prepararam-se para uma agradável conversa.

– Imagino que você tenha andado extremamente ocupado. – A Sra. Gilbert sorriu um tanto ambigualmente. Esse “extremamente” ela usava para equilibrar suas frases mais inseguras. Tinha duas outras fórmulas: “Pelo menos, é assim que entendo” e “pura e simplesmente”, e as três, alternando-

as, davam às suas observações o ar de serem um reflexo geral da vida, como se tivesse examinado todas as causas, chegando finalmente à mais fundamental.

O rosto de Richard Caramel, observou Anthony, estava agora perfeitamente normal. A testa e as faces tinham ganhado cor, o nariz era polidamente discreto. Olhava para a tia com os olhos brilhantes, dando-lhe a atenção exagerada que os rapazes estão habituados a dar a todas as mulheres que já não têm importância.

– O senhor também é escritor, Sr. Pats?... Bem, talvez nós todos possamos aproveitar a fama do Richard. – Riso delicado da Sra. Gilbert. – A Gloria saiu – disse ela como se dissesse um axioma do qual tiraria conclusões. – Está dançando em algum lugar. A Gloria sai, sai, sai. Não sei como aguenta. Dança a tarde toda e a noite toda, a ponto de parecer que vai se transformar numa sombra, tal é o seu esgotamento. O pai está muito preocupado com ela.

Sorriu de um para o outro. Ambos corresponderam.

Ela era formada, percebeu Anthony, por uma série de semicírculos e parábolas, como os desenhos que as pessoas habilidosas fazem na máquina de escrever: cabeça, braços, busto, quadris, coxas e tornozelos eram uma surpreendente sucessão de curvas. Limpa e bem composta, com o cabelo de um rico cinzento artificial; o rosto largo abrigava olhos azuis e desgastados pelo tempo e era adornado por um leve buço esbranquiçado.

– Digo sempre – observou a Anthony – que o Richard é uma alma antiga.

No silêncio tenso que se seguiu, Anthony examinou a possibilidade de o comentário ter sido um trocadilho, algo relacionado com o fato de ser Dick muito vivido.

– Todos temos almas de idades diferentes – continuou a Sra. Gilbert radiante. – Pelo menos é o que digo.

– Talvez – concordou Anthony, com o ar de quem se apegava a uma ideia esperançosa. A voz continuou:

– A Gloria tem uma alma muito jovem, irresponsável como ninguém. Não tem senso de responsabilidade.

– Ela é espirituosa, tia Catherine – disse Richard. – O senso de responsabilidade a estragaria. É muito bonita.

– Bem – confessou a Sra. Gilbert –, tudo o que sei é que ela sai, sai e sai...

O número de saídas, para o descrédito de Gloria, perdeu-se no ruído do trinco da porta, girado pelo Sr. Gilbert.

Era um homem baixo, cujo bigode repousava como uma nuvem branca sob um nariz indistinto. Chegara à fase em que seu valor como criatura social era uma negativa negra e imponderável. Suas ideias eram as ilusões populares de vinte anos antes; sua mente seguia um curso débil e inseguro, no rastro dos editoriais dos jornais. Depois de formado por uma pequena mas aterrorizante universidade do Oeste, ingressara na indústria do celuloide e, como esta exigia apenas o pequeno volume de inteligência a seu dispor, teve êxito durante muitos anos – na verdade, até cerca de 1911, quando começou a trocar os contratos por acordos vagos com a indústria do cinema, que em 1912 se decidira a engoli-lo. Nessa época ele estava, por assim dizer, delicadamente equilibrado na ponta de sua língua. Enquanto isso, era o diretor supervisor da Associated Mid-Western Film Materials Company e passava seis meses por ano em Nova York e o restante em Kansas City e St. Louis. Acreditava piamente que algo de bom aconteceria, e a mulher e a filha também acreditavam.

Não aprovava o comportamento de Gloria: ela ficava na rua até tarde, nunca estava presente às refeições, andava sempre numa confusão – irritara-

a certa vez e ouvira dela palavras que não julgava que fizessem parte de seu vocabulário. A mulher era mais dócil. Depois de quinze anos de guerrilhas incessantes, ele a havia conquistado, fora uma guerra do otimismo atabalhado contra o pessimismo organizado, e o número de “sim” que era capaz de pronunciar numa conversa conquistara-lhe a vitória.

– Sim, sim, sim, sim – dizia ele –, sim, sim, sim, sim. Vejamos. Era o verão de, vejamos, 1891 ou 1892, sim, sim, sim, sim.

Quinze anos de “sim” haviam derrotado a Sra. Gilbert. Quinze anos daquela incessante afirmação não afirmativa, acompanhada de um perpétuo derrubar de cogumelos de cinza de 32 mil charutos, a haviam dominado. Ao marido fizera a última concessão da vida de casada, que é a mais completa, mais irrevogável que a primeira: dera-lhe ouvidos. Dizia a si mesma que o tempo a tornara tolerante, mas na verdade o tempo lhe havia desgastado qualquer coragem moral que por acaso tivera.

Apresentou-lhe Anthony.

– Este é o Sr. Pats – disse.

O jovem e o velho apertaram-se as mãos. A mão do Sr. Gilbert era macia, gasta a ponto de se parecer com uma *grapefruit* amassada. Em seguida, marido e mulher trocaram frases – ele disse que lá fora estava mais frio, que fora até uma banca de jornais na rua 44 à procura de um jornal de Kansas City. Pretendia voltar de ônibus, mas estava muito frio, sim, sim, sim, sim, muito frio.

A Sra. Gilbert contribuiu para tornar-lhe mais emocionante a aventura, mostrando-se impressionada com sua coragem de andar a pé no ar gélido.

– Você é corajoso! – exclamou com admiração. – Você é corajoso. Eu não teria saído por motivo algum.

O Sr. Gilbert, com uma impassividade verdadeiramente masculina, não deu atenção à surpresa que causara à mulher. Voltou-se para os dois jovens e

triunfalmente levou-os a falar do tempo. Richard Caramel foi convocado a lembrar-se do mês de novembro em Kansas, mas tão logo o assunto lhe foi empurrado, foi violentamente retomado, para ser discutido, prolongado e praticamente esgotado pelo anfitrião.

A tese imemorial de que os dias em algum lugar são cálidos mas as noites muito agradáveis, foi debatida com sucesso, e eles determinaram a distância exata de uma estrada de ferro obscura entre dois pontos que Dick inadvertidamente mencionara. Anthony contemplava o Sr. Gilbert fixamente e entrou num transe através do qual, depois de alguns minutos, penetrou a voz risonha da Sra. Gilbert:

– Parece que o frio é mais úmido aqui, é como se fosse até os ossos.

Como essa observação, adequadamente seguida de um “sim”, estivesse na ponta da língua do Sr. Gilbert, ele não poderia ser condenado por ter mudado subitamente de assunto.

– Onde está a Gloria?

– Deve chegar a qualquer momento.

– Conhece minha filha, Sr...?

– Ainda não tive o prazer. Ouço o Dick falar dela com frequência.

– Ela e o Richard são primos.

– É mesmo? – Anthony sorriu com certo esforço. Não estava habituado a conviver com gente mais velha, e sua boca se endurecia pelo contentamento exagerado. Era tão agradável saber que Dick e Gloria eram primos. Conseguiu lançar, no minuto seguinte, um olhar agoniado para o amigo.

Richard Caramel receava que tivessem de ir embora.

A Sra. Gilbert sentia tremendamente.

O Sr. Gilbert também lamentava.

A Sra. Gilbert teve uma ideia, algo relacionado com o prazer que teve com a visita, mesmo que tivessem encontrado apenas uma senhora velha

demais para flertar com eles. Anthony e Dick evidentemente consideraram a observação espirituosa, porque riram num compasso em três por quatro.

Voltariam novamente?

– Claro.

Gloria ia lamentar *tanto*!

– Adeus.

– Adeus.

Sorrisos!

Sorrisos!

Bang!

Dois jovens desconsolados caminhando pelo corredor do décimo andar do Plaza, em direção ao elevador.

As pernas de uma moça

Por trás da atraente indolência de Maury Noble, sua irrelevância e sua zombaria fácil, havia uma surpreendente e inexorável maturidade de propósitos. Sua intenção, como a formulara na universidade, era aproveitar três anos em viagens, três anos em completa ociosidade, e em seguida tornar-se imensamente rico, o mais depressa possível.

Seus três anos de viagem haviam acabado. Percorrera o mundo com uma intensidade e uma curiosidade que em outra pessoa teriam parecido pedantes, sem qualquer espontaneidade, quase como a autoedição de um Baedeker humano. Em seu caso, porém, assumia o ar de um objetivo misterioso e de um projeto importante, como se Maury Noble fosse um anticristo predestinado, levado pela determinação de ir a toda parte na Terra e ver os bilhões de seres humanos que comiam, choravam e se matavam.

De volta à América, entregou-se à busca de distrações com a mesma intensidade coerente. Ele, que jamais fora além de uns poucos coquetéis ou meio litro de vinho de cada vez, aprendeu a beber como teria aprendido o grego – como o grego, a bebida seria a entrada para um mundo de novas sensações, novos estados psíquicos, novas reações de alegria ou depressão.

Seus hábitos eram assunto de especulação esotérica. Tinha um apartamento de solteiro, de três aposentos, na rua 44, mas dificilmente era encontrado ali. A telefonista recebera instruções rigorosas no sentido de não chamá-lo sem ter primeiro o nome de quem queria lhe falar. Dera-lhe uma lista de meia dúzia de pessoas para as quais nunca estava, e outra com o mesmo número de pessoas para as quais sempre estava. Nesta última destacavam-se Anthony Patch e Richard Caramel.

A mãe de Maury vivia com o filho casado na Filadélfia, para onde Maury costumava ir aos fins de semana, de forma que sábado à noite, quando Anthony, percorrendo as ruas geladas num ataque do mais absoluto tédio, passou pelo Molton Arms, alegrou-se muito ao ver que o Sr. Noble estava em casa.

Seu ânimo subiu tão depressa quanto o elevador. Era tão bom ir falar com Maury – que também ficaria alegre ao vê-lo. Iam olhar um para o outro com profunda afeição, que esconderiam atrás de alguma brincadeira. Se fosse verão, sairiam juntos e bebericariam indolentemente dois demorados gins-tônicas, afrouxando o colarinho e observando a dança mais ou menos divertida de algum preguiçoso cabaré em agosto. Mas estava frio lá fora, com o vento percorrendo as esquinas dos altos edifícios, dezembro logo à frente, portanto, era muito melhor uma noite sob a luz de um abajur e um gole ou dois de Bushmill, ou de Grand Marnier, com os livros brilhando como ornamentos nas paredes e Maury irradiando uma inércia divina, repousando, imenso e felino, em sua cadeira favorita.

A sala fechada aquecia Anthony. O fulgor daquela inteligência forte e convincente, aquele temperamento quase oriental em sua impassividade exterior aqueciam a alma inquieta de Anthony, dando-lhe uma paz semelhante apenas à proporcionada por uma mulher estúpida. Compreender tudo ou simplesmente aceitar tudo. Maury enchia a sala, como um tigre, como um Deus. Os ventos lá fora serenavam; os castiçais de bronze brilhavam como círios diante do altar.

– Por que ficou aqui hoje? – Anthony esticou-se sobre um sofá macio e afundou o cotovelo sobre as almofadas.

– Estou aqui apenas há uma hora. Chá dançante. Demorei tanto que perdi o trem para a Filadélfia.

– Estranho que tenha demorado tanto – comentou Anthony com curiosidade.

– É. O que você fez?

– Geraldine. A pequena recepcionista do Keith. Já lhe falei dela.

– Ah!

– Visitou-me às três e ficou até as cinco. Menina estranha... Ela me atrai. É completamente destituída de inteligência.

Maury permaneceu em silêncio.

– Por estranho que pareça – continuou Anthony –, no que se refere a mim e pelo que sei, Geraldine é um modelo de virtude.

Conhecera-a um mês antes, moça de hábitos indescritíveis e nômades. Alguém a apresentara casualmente a Anthony, que a achou divertida e gostou dos beijos castos, de fada, que lhe deu na terceira noite em que se falaram, ao passarem de táxi pelo parque. Tinha uma vaga família – uma tia e um tio nebulosos, que moravam com ela num apartamento. Era uma companhia tranquila, vagamente íntima e repousante. A Anthony não interessava ir além disso – não por qualquer restrição moral, mas pelo receio

de permitir que uma ligação perturbasse o que considerava a crescente serenidade de sua vida.

– Ela tem dois hábitos – disse a Maury. – Um deles é jogar o cabelo sobre os olhos e em seguida soprá-lo, e o outro é dizer “*Você é doido!*”, quando ouve alguma coisa que não entende. Isso me fascina. Passo horas e horas com ela, completamente intrigado pelos sintomas de loucura que ela encontra na minha imaginação.

Maury espreguiçou-se em sua cadeira e falou:

– É notável que alguém possa ter tão pouca noção das coisas e mesmo assim viver numa civilização tão complexa. Uma mulher assim na realidade considera todo o Universo algo simples. Desde a influência de Rousseau até a relação entre os impostos e o preço do jantar, todo o fenômeno lhe é totalmente desconhecido. É como se a tivessem trazido de uma idade remota e lançado-a aqui, com o equipamento de um arqueiro, para travar um duelo de pistolas. Poderíamos varrer toda a crosta da História e ela jamais perceberia a diferença.

– Gostaria que o Richard escrevesse a respeito dela.

– Anthony, você não acredita realmente que valha a pena escrever sobre ela.

– Vale tanto quanto sobre qualquer outra pessoa – respondeu com um bocejo. – Eu estava pensando hoje que tenho grande confiança no Dick. Enquanto ele se ocupar de gente, e não de ideias, enquanto suas inspirações vierem da vida e não da arte, e supondo que evolua normalmente, acho que será um grande homem.

– Acho que o aparecimento do caderninho de notas preto mostra que ele está se dedicando à vida.

Anthony ergueu-se sobre o cotovelo e respondeu animadamente:

– Ele tenta dedicar-se à vida. É o que fazem todos os autores, exceto os muito ruins, mas, no final das contas, a maioria deles vive de alimentos pré-digeridos. O incidente ou o personagem podem vir da vida, mas o autor em geral os interpreta em termos do último livro que leu. Suponhamos, por um instante, que conheça um capitão do mar e o julgue um personagem original. A verdade é que está vendo a semelhança entre o capitão e o último homem do mar criado por Dana, ou qualquer outro que escreva sobre gente do mar, e por isso sabe como colocar esse capitão no papel. O Dick pode, naturalmente, criar conscientemente qualquer personagem curioso, um personagem-personagem, mas poderá descrever com exatidão sua irmã?

Passaram meia hora falando de literatura.

– Um clássico – disse Anthony – é um livro bem-sucedido que sobreviveu à reação do período ou da geração seguinte. Está, então, a salvo, como um estilo qualquer na arquitetura ou no mobiliário. Adquiriu uma dignidade decorativa que substitui a moda...

Depois de um tempo o assunto perdeu temporariamente a importância. O interesse dos dois jovens não era, em especial, pela técnica. Estavam apaixonados pelas generalidades. Anthony descobrira recentemente Samuel Butler, e os aforismos do livro de notas pareciam-lhe a quintessência da crítica. Maury, com o espírito amadurecido pela rigidez de seu esquema de vida, parecia inevitavelmente o mais inteligente dos dois, mas na realidade a inteligência de ambos não diferia de modo fundamental.

Passaram das letras para as atividades de cada um naquele dia.

– De quem era o chá?

– Um pessoal chamado Abercrombie.

– Por que demorou? Encontrou alguma debutante atraente?

– Sim.

– De verdade? – A voz de Anthony se elevou, surpresa.

– Não era exatamente uma debutante. Disse que debutou há dois invernos, em Kansas City.

– Uma dessas que sobraram?

– Não – respondeu Maury um pouco divertido. – Seria a última coisa que eu diria dela. Pareceu-me... bem, pareceu-me a pessoa mais jovem lá.

– Mas não jovem demais para fazê-lo perder o trem.

– Bastante jovem. Uma linda criança.

Anthony deu sua gargalhada de uma sílaba.

– Oh, Maury, você está na segunda infância. O que entende por bonita?

O olhar de Maury perdeu-se no espaço, desamparado.

– Bem, não posso descrevê-la com exatidão, só sei dizer que era bela. E tremendamente animada. Estava chupando bala de goma.

– O quê?

– É uma espécie de vício atenuado. Ela é do tipo nervoso, come sempre balas de goma durante os chás, porque tem de ficar muito tempo num mesmo lugar.

– De que falaram? – Bergson? Bilfismo? Ou sobre a imoralidade do *one-step*?

Maury não se alterou: sua paciência parecia inesgotável.

– Na verdade falamos de bilfismo. Parece que a mãe dela é bilfista. Falamos principalmente de pernas.

Anthony espantou-se:

– Meu Deus! Pernas de quem?

– Dela. Falou muito das próprias pernas. Como se fossem uma curiosidade rara. Despertou em mim um grande desejo de vê-las.

– O que ela é? Dançarina?

– Não, descobri que é prima do Dick.

Anthony levantou-se com tal ímpeto que a almofada ficou de pé, como se estivesse viva, e rodou para o chão.

– O nome dela é Gloria Gilbert? – exclamou.

– É. Não é incrível?

– Não sei. Mas em matéria de aborrecimento, o pai dela...

– Bem – interrompeu Maury com uma convicção implacável –, a família pode ser tão triste como carpideiras profissionais, mas acho que ela é uma pessoa autêntica e original. Todos os indícios externos são os de uma moça das festas de Yale, mas é diferente, enfaticamente diferente.

– Continue, continue! – pediu Anthony. – Quando o Dick me disse que ela nada tinha na cabeça, percebi que devia ser bastante interessante.

– Ele disse isso?

– Jurou que sim – respondeu Anthony, com outra risada.

– Bem, o que ele entende por inteligência na mulher é...

– Eu sei – interrompeu Anthony prontamente. – Ele entende por inteligência uma confusão de informações literárias equivocadas.

– É isso. O tipo de moça que julga a decadência moral anual do país algo muito bom ou o tipo que a considera um mau agouro. Ou pincenê ou atitudes. Bem, essa moça falou de pernas. Falou de pele também, da pele dela. Sempre ela. Falou do tipo de bronzeado que gostaria de conseguir no verão e como se aproxima habitualmente desse tom.

– E você ficou enlevado pela sua voz?

– Pela sua voz? Não, pelo bronzeado! Comecei a pensar nele. Comecei a pensar na cor que fiquei quando tomei meu último banho de sol, há dois anos. Fiquei com um bronzeado bastante bonito.

Anthony voltou para as almofadas, tremendo de rir.

– Ela o seduziu. Oh, Maury! Maury, o salva-vidas de Connecticut. A noz-moscada humana. Extra! Herdeira foge com guarda-vidas devido a sua

atraente pigmentação! Descobriu-se depois ser devido ao sangue tasmaniano de sua família!

Maury suspirou, levantou-se e foi até a janela, erguendo a cortina.

– Está nevando muito.

Anthony, que ainda ria em silêncio, não respondeu.

– Outro inverno. – A voz de Maury, na janela, era quase um sussurro. – Estamos envelhecendo, Anthony. Já tenho 27 anos, por Deus! Três anos para os 30, e então serei o que um calouro chama de homem de meia-idade.

Anthony ficou calado por um momento.

– Você *está* velho, Maury – concordou finalmente. – O primeiro indício de uma senilidade dissoluta: passou a tarde falando sobre bronzado e as pernas de uma moça.

Maury puxou a cortina com um ruído súbito e seco.

– Idiota! – exclamou. – Logo você dizendo isso! Jovem Anthony, eu permaneço enquanto vocês passam. Continuarei existindo por uma geração ou mais, vendo espíritos alegres como você, Dick e Gloria Gilbert passarem por mim, dançando, cantando, amando e odiando-se mutuamente, e sofrendo emoções, eternamente sofrendo emoções. E eu sofro apenas a minha falta de emoção. Continuarei, e a neve virá, para que Caramel tome notas, e outro inverno e terei 30, e você, Dick e Gloria continuarão a emocionar-se e a dançar e a cantar junto a mim. Mas depois que vocês tiverem desaparecido, continuarei a dizer coisas que os novos Dicks anotarão, e ouvirei as decepções e os cinismos e as emoções de novos Anthonys. Sim, e conversarei com novas Glorias sobre o bronzado dos verões futuros.

O fogo se apagava na lareira. Maury deixou a janela, mexeu nas brasas, colocou mais lenha. Voltou a sentar-se, e o eco de sua voz desapareceu no fogo novo que cuspiam vermelho e amarelo na lareira.

– No final das contas, Anthony, você é que é romântico e jovem. Você é que é infinitamente mais suscetível e receoso de que sua calma seja perturbada. E eu sou aquele que tenta repetidas vezes emocionar-se, deixo-me seduzir milhares de vezes e sou sempre eu. Nada, absolutamente nada me entusiasma. E no entanto – murmurou depois de uma longa pausa – havia algo naquela menina com seu bronzeado absurdo que era eternamente velho, como eu.

Turbulência

Anthony revolveu-se sonolento em sua cama, saudando uma réstia de sol frio na colcha, interrompida pelas sombras da janela. O quarto estava impregnado de manhã. A cômoda trabalhada, num canto, e o velho e inescrutável guarda-roupa eram símbolos escuros do esquecimento da matéria. Somente o tapete era ameno e perecível sob seu pé perecível. Bounds, horivelmente inadequado com seu colarinho mole, feito de uma matéria tão nevoenta quanto o hálito gelado que emitia, estava perto da cama, a mão com a qual puxara o cobertor ainda baixada, os olhos castanho-escuros imperturbavelmente fixos no patrão.

– Bows! – resmungou o deus adormecido. – É você, Bows?

– Sou eu, senhor.

Anthony balançou a cabeça, forçou os olhos a se abrirem e piscou triunfalmente.

– Bounds.

– Sim, senhor?

– Será que você pode... *aoou-u-u*, meu Deus! – Anthony bocejou dolorosamente, sentindo as coisas se confundirem em sua cabeça numa

névoa densa. Começou de novo. – Você pode vir lá pelas quatro, servir chá, sanduíches e coisas assim?

– Sim, senhor.

Anthony refletiu, com total falta de inspiração.

– Sanduíches – repetiu desamparado. – Ora, sanduíches de queijo, de geleia, e frango e azeitonas, acho. Não se preocupe com o café da manhã.

O esforço de imaginação fora demais. Fechou os olhos cansados, deixou cair a cabeça, inerte, e abandonou o controle muscular que havia conseguido. De algum recanto do cérebro brotou-lhe o espectro vago mas inevitável da noite anterior, que no caso revelou-se apenas uma conversa aparentemente interminável com Richard Caramel, que aparecera à meia-noite. Haviam tomado quatro garrafas de cerveja e comido casca de pão seco enquanto Anthony ouvia a leitura da primeira parte de *O demônio amante*.

Uma voz lhe chegou novamente aos ouvidos depois de muitas horas. Anthony não lhe deu atenção, o sono se fechava sobre ele, envolvia-o, infiltrava-se nos recantos de seu cérebro.

De repente, estava acordado, dizendo:

– O quê?

– Para quantos, senhor? – Era Bounds ainda, pacientemente de pé e imóvel junto à cama, Bounds que se dividia entre três cavalheiros.

– Quantos o quê?

– Parece-me, senhor, que é melhor saber quantas pessoas vêm. Tenho que preparar os sanduíches, senhor.

– Dois – murmurou Anthony, confuso. – Uma senhora e um cavalheiro.

Bounds disse um “muito obrigado, senhor” e afastou-se, levando consigo o humilhante e condenatório colarinho mole, condenatório para cada um dos três cavalheiros, que só exigiam dele um terço.

Muito tempo depois, Anthony levantou-se e vestiu um robe opalescente, marrom e azul. Com um último bocejo foi para o banheiro, e, acendendo a luz (o banheiro não tinha iluminação direta), contemplou-se com algum interesse. Uma figura desagradável, pensou. Sempre pensava assim pela manhã – o sono dava a seu rosto uma palidez anormal. Acendeu um cigarro e passou os olhos pelas várias cartas e pelo *Tribune*.

Uma hora depois, barbeado e vestido, estava sentado a sua mesa, examinando um pequeno pedaço de papel que tirara da carteira. Estava escrita nele uma mensagem quase ilegível: “Ver o Sr. Howland às cinco. Cortar o cabelo. Verificar a conta de Rivers. Ir à livraria.”

E depois disse: “Saldo no banco: \$690 (riscado) \$612 (riscado) \$607.”

Finalmente, no fim do papel, numa letra apressada: “Dick e Gloria Gilbert para o chá.”

Essa última anotação deixou-o evidentemente satisfeito. Seu dia, habitualmente uma criatura informe, como uma geleia, sem espinha, adquirira uma estrutura mesozoica. Caminhava com segurança, até com garbo, para um clímax, tal como deveria acontecer com uma peça e com todos os dias. Temia o momento em que sua espinha dorsal se partiria, quando tivesse finalmente encontrado a moça e levado seu riso de volta até a porta, retornando sozinho para os restos melancólicos no fundo das chávenas e o ar rançoso dos sanduíches que não haviam sido comidos.

Os dias de Anthony estavam se tornando cada vez mais descoloridos. Sentia isso, constantemente, e por vezes atribuía o fato a uma conversa que tivera com Maury Noble um mês antes. Era absurdo que algo tão ingênuo e pedante como a sensação de estar desperdiçando a vida o oprimisse. Era, porém, impossível negar que a reminiscência indesejada de um fetiche o arrastara, três semanas antes, para a biblioteca pública onde, graças ao cartão de Richard Caramel, retirara meia dúzia de livros sobre a Renascença

italiana. O fato de que esses livros ainda estivessem empilhados sobre a mesa na mesma ordem em que os trouxera, e de que diariamente ficavam mais caros em 12 centavos, não lhes diminuía o testemunho. Eram comprovantes em pano e couro de sua derrota. Anthony passara várias horas em um pânico intenso e assustador.

Como justificativa para seu modo de vida havia, em primeiro lugar naturalmente, *A Falta de Sentido da Vida*. Como ajudantes e ministros, pajens e cavalheiros, mordomos e lacaios desse grande Cã, havia mil livros brilhando nas prateleiras, havia seu apartamento e todo o dinheiro que seria seu quando o velho que vivia rio acima se tivesse engasgado com sua última moralidade. De um mundo carregado da ameaça das debutantes e da ignorância de muitas Geraldines ele estava felizmente livre – podia competir com a imobilidade felina de Maury e aparentar orgulhosamente a sabedoria suprema de numerosas gerações.

Acima e apesar de tudo isso havia algo que seu cérebro analisava e de que se ocupava como um complexo cansativo, mas que, embora logicamente dispensado e esmagado sob os pés, o levava através da lama de fins de novembro até uma biblioteca onde não havia a maior parte dos livros que desejava. É justo analisar Anthony tanto quanto ele conseguia se analisar, mas ir além disso é naturalmente presunção. Sentia-se em meio a um horror e a uma solidão crescentes. A ideia de comer sozinho assustava-o, preferia jantar com pessoas que detestava. As viagens, que antes o encantavam, pareciam-lhe insuportáveis, um pretexto sem substância, uma caça fantasma à sombra de seu próprio sonho.

“Se sou essencialmente fraco”, pensava, “preciso de um trabalho, um trabalho.”

Preocupava-se ao pensar que era, no final das contas, um medíocre, sem o equilíbrio de Maury nem o entusiasmo de Dick. Parecia uma tragédia não

querer nada, e não obstante ele desejava alguma coisa, alguma coisa. Sabia, em lampejos, o que era – uma trilha de esperança para levá-lo na direção daquilo que considerava uma velhice iminente e agourenta.

Depois de alguns coquetéis e do almoço no University Club, Anthony sentiu-se melhor. Encontrara-se com dois colegas de sua turma em Harvard, e, em contraste com a conversa pesada e cinzenta deles, sua vida adquiriu cor. Ambos estavam casados: um deles passou todo o café contando uma aventura extraconjugal diante do sorriso suave e compreensivo do outro. Ambos, pensou Anthony, eram Srs. Gilberts embrionários: o número de “sim” teria de ser quadruplicado, sua natureza teria de tornar-se mais irascível por outros vinte anos, e seriam então nada além de máquinas obsoletas e quebradas, falsamente inteligentes e sem valor, com uma senilidade protegida pelas mulheres que teriam inutilizado.

Ah, sentia ser mais do que isso ao caminhar pelo comprido tapete no salão depois da refeição, detendo-se na janela para olhar a rua movimentada. Era Anthony Patch, brilhante, atraente, herdeiro de muitos anos e muitos homens. Esse agora era seu mundo – e aquela última ironia forte que desejara tornara-se remota.

Com uma infantilidade despreocupada, viu-se como um poder sobre a Terra. Com o dinheiro do avô poderia construir o próprio pedestal, ser um Talleyrand, um lorde Verulam. A clareza de seu espírito, seu requinte, sua inteligência versátil, em plena maturidade e dominados por um objetivo ainda não encontrado, determinariam o que fazer. Nesse espelho se desfez seu sonho: o que fazer. Procurou imaginar-se no Congresso, deitando raízes no estrume daquela incrível pocilga, com as sobrancelhas estreitas e suínas que via retratadas por vezes nos suplementos em rotogravura dos jornais de domingo, aqueles proletários glorificados, balbuciando afavelmente para a nação as ideias de meninos de escola secundária! Homens de ambições

mediócras, que pela mediocridade haviam julgado emergir da mediocridade para o céu nada romântico de um governo do povo – e os melhores, a dúzia de homens ousados no alto, egoístas e cínicos, estavam satisfeitos em liderar esse coro de gravatas brancas e botões de colarinho de arame, num hino dissonante e espantoso, formado por uma vaga confusão entre a riqueza como recompensa da virtude e a riqueza como prova do vício, e “vivas!” constantes a Deus, à Constituição e às Montanhas Rochosas!

Lorde Verulam! Talleyrand!

De novo em seu apartamento, a depressão voltou. O efeito dos coquetéis desaparecera, deixando-o sonolento, um pouco enevoado e inclinado à irritação. Lorde Verulam, ele? A simples ideia era amarga. Anthony Patch, sem nenhuma realização, sem coragem, sem força para satisfazer-se com a verdade quando a recebia. Ora, era um tolo pretensioso, fazendo carreira à custa do efeito dos coquetéis, e enquanto isso lamentando, fraca e secretamente, o colapso de um idealismo insuficiente e maldito. Havia revestido a alma do gosto mais sutil e agora voltava a querer a velha porcaria. Estava vazio, vazio como uma velha garrafa...

O interfone tocou: Anthony levantou-se e colocou o fone no ouvido. Era a voz de Richard Caramel, afetada e brincalhona:

– Anunciando a Srta. Gloria Gilbert.

A bela moça

– Como vai? – disse, sorrindo e abrindo totalmente a porta. Dick curvou-se.

– Gloria, esse é o Anthony.

– Muito bem! – exclamou ela, estendendo uma pequena mão enluvada.

Sob o casaco de pele, o vestido era azul-claro, com renda branca em torno do pescoço.

– Deixe-me guardar suas coisas.

Anthony estendeu os braços e a massa castanha do casaco desabou sobre eles.

– Obrigada.

– O que achou dela, Anthony? – perguntou, como um bárbaro, Richard Caramel. – Não é linda?

– Ótimo! – exclamou desafiadoramente a moça, totalmente impassível.

Ela era deslumbrante. Era uma agonia apreender-lhe a beleza num só olhar. O cabelo, de um brilho celestial, era alegre no ambiente invernal da sala.

Anthony movimentou-se como um mágico, transformando a lâmpada de cogumelo num brilho alaranjado. O fogo fazia faiscar o cão de bronze da lareira.

– Eu sou um bloco de gelo – disse Gloria naturalmente, olhando à volta com olhos cujas íris eram do mais delicado e transparente branco-azulado. – Que fogo bom! Achamos um lugar onde podíamos ficar de pé sobre uma grade de ferro, ou coisa parecida, que lançava um ar quente para cima, mas o Dick não quis esperar comigo. Disse a ele que fosse embora e me deixasse fazer o que eu queria.

Bastante convencional isso. Ela parecia falar para sua própria satisfação sem esforço. Anthony, sentado numa extremidade do sofá, examinava-lhe o perfil contra a luz do abajur: a delicada regularidade do nariz e do lábio superior, o queixo equilibrado num pescoço talvez um pouco curto. Num retrato, ela seria totalmente clássica, quase fria, mas o brilho de seu cabelo e de suas faces, intenso e frágil ao mesmo tempo, tornava-a a pessoa mais viva que já conhecera.

– ...acho que tem o melhor nome que já ouvi – dizia ela, ainda aparentemente para si mesma. Seu olhar pousou nele por um momento e

passou para os suportes italianos de lâmpadas, presos à parede como luminosas tartarugas, para as fileiras de livros e em seguida para seu primo do outro lado. – Anthony Patch. Só que você devia se parecer assim com um cavalo, com um rosto estreito e comprido, e devia estar em farrapos.

– Esse é o aspecto do Patch, porém. Como deve ser o Anthony?

– Você é como o Anthony – assegurou-lhe, séria, embora ele julgasse que mal o vira. – Um tanto majestoso – continuou – e solene.

Anthony deu um sorriso embaraçado.

– Gosto de nomes com aliteração – continuou –, todos, exceto o meu. É muito extravagante. Conheci duas moças chamadas Jinks, e veja se poderiam ter outros nomes que não os seus: Judy Jinks e Jerry Jinks. Gracioso, não é? Não acha? – A boca infantil, levemente aberta, aguardava uma resposta.

– Todo mundo na próxima geração vai chamar-se Peter ou Barbara, porque atualmente todos os personagens literários interessantes são Peter ou Barbara – sugeriu Dick.

Anthony continuou a profecia:

– Evidentemente, Gladys e Eleanor, tendo povoado a última geração de heroínas e estando no momento no auge de sua vida social, passarão à próxima geração de vendedoras de loja.

– Substituindo Ella e Stella – interrompeu Dick.

– E Pearl e Jewel – acrescentou Gloria cordialmente – e Earl e Elmer e Minnie.

– Aí então entro eu – observou Dick – e, retomando o nome antiquado Jewel, batizarei algum personagem atraente e estranho, e tudo começará de novo.

A voz dela tomou o assunto e desenvolveu-o, elevando-se um pouco e dando entonações meio humorísticas ao fim das frases, como que

desafiando-os a interromper, e intervalos de riso sombrio. Dick contou a ela que o criado de Anthony chamava-se Bounds – ela achou formidável! Dick fez um trocadilho com o nome, e se havia alguma coisa pior do que o trocadilho, disse ela, era a cara de reprovação que inevitavelmente se fazia para seu autor.

– De onde é você? – perguntou Anthony. Sabia, mas a beleza dela o deixara incapaz de raciocinar.

– Kansas City, Missouri.

– Exportaram-na na mesma época em que proibiram os cigarros.

– Proibiram os cigarros? Vejo nisso a mão do meu sagrado avô.

– Ele é um reformador, ou algo assim, não?

– Coro por ele.

– Eu também – confessou ela. – Detesto reformadores, especialmente os que tentam me reformar.

– E são muitos?

– Dúzias. É um tal de: “Oh, Gloria, se você fumar tantos cigarros perderá sua bela pele!” e “Oh, Gloria, por que não se casa e sossega?”.

Anthony concordou enfaticamente, indagando-se quem teria a audácia de falar assim com tal personalidade.

– E ainda – continuou ela – há os reformadores sutis que contam sobre as histórias terríveis que ouviram a meu respeito e sobre como me defenderam.

Percebeu finalmente que seus olhos eram cinzentos, francos e frios, e quando se fixaram nele compreendeu o que Maury pretendia dizer ao afirmar que ela era muito jovem e muito velha. Falava sempre sobre si mesma, como uma criança encantadora, e suas observações sobre o que lhe agradava ou não eram espontâneas e sem afetação.

– Devo confessar – disse Anthony gravemente – que até eu já ouvi alguma coisa a seu respeito.

Imediatamente alerta, ela se retesou na cadeira. Seus olhos, com o cinzento e a eternidade de um granito macio, cruzaram com os dele.

– Conte-me. Vou acreditar. Acredito sempre em tudo que me contam a meu respeito. Você, não?

– Invariavelmente! – concordaram os dois em uníssono.

– Bem, conte-me, então.

– Não sei se devo – disse Anthony, provocando-a e sorrindo constrangido. Ela estava evidentemente interessada, num estado de preocupação quase risível.

– Ele está falando sobre o seu apelido – disse o primo.

– Que apelido? – indagou Anthony, polidamente intrigado.

Imediatamente ela se encabulou, em seguida riu, voltou a recostar-se na poltrona e levantou os olhos ao dizer:

– Gloria-de-Costa-a-Costa. – Sua voz estava cheia de riso, um riso indefinido como as sombras que brincavam entre a lareira e o abajur acima de sua cabeça. – Meu Deus!

Anthony continuava intrigado.

– O que quer dizer?

– *Eu*, simplesmente. É o nome que uns tolos inventaram para mim.

– Não entende, Anthony? – explicou Dick. – Viajante de notoriedade nacional, e coisas assim. Não foi isso que você ouviu? Ela é conhecida por esse nome há anos, desde os 17.

Os olhos de Anthony tornaram-se tristes e cômicos.

– Quem é essa Matusalém fêmea que você trouxe aqui, Caramel?

Ela não deu importância à observação, possivelmente se ressentiu, pois voltou ao assunto principal.

– O que você ouviu dizerem de mim?

– Uma observação sobre o seu físico.

– Oh! – disse desapontada – Isso?

– Sobre o seu bronzado.

– O meu bronzado? – Estava intrigada. A mão subiu até o pescoço e repousou ali por um instante, como se os dedos tateassem as variações da cor.

– Você se lembra de Maury Noble? Um homem que conheceu há mais ou menos um mês. Ficou muito impressionado.

Ela pensou um momento.

– Lembro-me, mas ele não me telefonou.

– Teve medo, sem dúvida.

Lá fora estava agora totalmente escuro, e Anthony indagava-se se seu apartamento alguma vez parecera triste, tão cálidos e cordiais eram os livros e quadros nas paredes e Bounds oferecendo chá com uma discrição respeitosa e três belas pessoas transmitindo ondas de interesse e riso diante da lareira feliz.

Insatisfação

Na quinta-feira à tarde Gloria e Anthony tomaram chá juntos no Plaza. Seu vestido com acabamento de peles era cinza – “porque com cinza é preciso usar muita maquiagem”, explicou ela, e um pequeno chapéu se equilibrava alegremente em sua cabeça, permitindo que mechas de cabelo escapassem, em pleno brilho dourado. À luz mais intensa, Anthony julgou que sua personalidade era infinitamente mais doce, parecia tão jovem, mal teria 18 anos. Suas formas, sob o vestido justo, eram surpreendentemente flexíveis e

esbeltas, e suas mãos, nem “artísticas” nem grossas, eram pequenas como as de uma criança.

Ao entrarem, a orquestra tocava os primeiros compassos de um maxixe, melodia cheia de castanholas e harmonias fáceis, leves e lânguidas no violino, adequadas ao salão de inverno cheio de uma animada mocidade estudantil, vibrando com a aproximação das férias. Gloria examinou vários lugares e, para o aborrecimento de Anthony, desfilou-o em círculo até uma mesa para dois no extremo oposto do salão. Ao chegarem lá, hesitou novamente. Sentaria à direita ou à esquerda? Seus belos olhos e lábios estavam sérios quando escolheu, e Anthony pensou novamente em como eram ingênuos todos os seus gestos. Para ela, todas as coisas da vida estavam à sua disposição e lhe pertenciam, como se estivesse sempre selecionando presentes para si mesma, num balcão inesgotável.

Alheia, observou os que dançavam durante alguns momentos, fazendo observações num murmúrio ao se aproximar um casal.

– Lá está uma bela moça de azul. – E Anthony, obediente, olhou. – Não, atrás de você, ali!

– É – concordou desanimado.

– Você não a viu.

– Prefiro olhar para você.

– Eu sei, mas ela era bonita. O único defeito eram os tornozelos grandes.

– É mesmo? – disse ele com indiferença.

A moça de um casal que dançava próximo deles cumprimentou-a.

– Olá, Gloria! Oh, Gloria!

– Olá.

– Quem é? – indagou ele.

– Não sei. Alguém.

Ela reconheceu outro rosto:

– Olá, Muriel! – E para Anthony: – Lá está Muriel Kane. Acho-o atraente, mas não muito.

Anthony assentiu, rindo:

– Atraente, mas não muito.

Ela sorriu. Interessou-se imediatamente:

– Por que é engraçado? – Seu tom era pateticamente inocente.

– Porque é.

– Quer dançar?

– Você quer?

– Mais ou menos. Mas vamos ficar aqui – resolveu-se.

– Falando de você? Você adora falar de si, não é?

– Sim. – Descoberta a sua vaidade, ela sorriu.

– Imagino que a sua autobiografia seria um clássico.

– O Dick diz que não tenho biografia.

– Dick! – exclamou ele. – O que ele sabe sobre você?

– Nada. Mas diz que a biografia de toda mulher começa com o primeiro beijo de verdade, e termina quando seu último filho lhe é colocado nos braços.

– Ele está falando do próprio livro.

– Diz que as mulheres não amadas não têm biografia, e sim história.

Anthony riu novamente.

– Sem dúvida você não acha que não é amada!

– Bem, acho que não.

– Então, por que não tem biografia? Jamais deu um beijo de verdade? – Quando as palavras lhe escaparam dos lábios, suspirou longamente, como se quisesse fazê-las voltar. Aquela *criança*!

– Não entendo o que quer dizer com “de verdade” – objetou ela.

– Gostaria que me dissesse quantos anos tem.

– Vinte e dois – respondeu ela, olhando-o gravemente. – Quantos achava que eu tinha?

– Uns 18.

– Vou começar a ter 18. Não gosto de ter 22. Odeio mais do que qualquer outra coisa no mundo.

– Ter 22 anos?

– Não, envelhecer e tudo o mais. Casar.

– Você não quer se casar?

– Não quero ter responsabilidade e um monte de crianças para cuidar.

Evidentemente ela não tinha dúvidas de que em seus lábios todas as coisas pareciam boas. Anthony esperou, quase sem respirar, por sua observação seguinte. Ela sorria, sem se divertir mas com prazer, e após um intervalo meia dúzia de palavras caíram no espaço entre eles:

– Gostaria de ter trazido bala de goma.

– Sem problema! – Chamou o garçom e mandou que fosse buscar algumas.

– Você se importa? Adoro bala de goma. Todo mundo brinca comigo porque estou sempre à procura de uma, sempre que o meu pai não está presente.

– Não me importo. Quem são todas essas crianças? – indagou ele, subitamente. – Você as conhece?

– Bem, não, mas são de... ora, de qualquer lugar, suponho. Você não costuma vir aqui?

– Raramente. Não me ocupo particularmente com “moças decentes”.

Imediatamente a atenção dela foi despertada. Voltou definitivamente as costas para os dançarinos, abandonou-se na cadeira e perguntou:

– O que você *faz*?

Graças a um coquetel, Anthony gostou da pergunta. Com vontade de falar, desejava, além disso, impressionar a jovem, cujo interesse parecia tão tentadoramente esquivo – ela fazia paradas para digressões inesperadas, e voltava logo ao não obviamente óbvio. Queria fazer uma pose, subitamente aparecer para ela em cores novas e heroicas. Queria vencer a indiferença que Gloria mostrava em relação a tudo que não fosse ela mesma.

– Não faço nada – começou percebendo imediatamente que às suas palavras faltava a graça jovial que desejara. – Não faço nada, pois não há nada que possa fazer que valha a pena ser feito.

– E? – Não a surpreendera, nem mesmo prendera sua atenção, e não obstante ela certamente o havia compreendido, se é que dissera algo que valesse a pena compreender.

– Você não aprova os homens ociosos?

Ela balançou a cabeça.

– Acho que sim, se forem ociosos com elegância. Será que isso é possível a um americano?

– Por que não? – indagou, confuso.

Mas o pensamento dela deixara o assunto de lado e subira dez andares.

– Meu pai está irritado comigo – observou, indiferente.

– Por quê? Quero dizer, por que é impossível para um americano ser ocioso com elegância? – Suas palavras foram adquirindo um tom convincente. – Isso me surpreende. Eu... eu não compreendo por que todos acham que um jovem deve ir à cidade e trabalhar dez horas por dia durante os melhores vinte anos de sua vida, num trabalho monótono e sem imaginação, e evidentemente sem nada de altruístico.

Interrompeu-se. Ela o observava inescrutavelmente. Esperou que concordasse ou discordasse, mas nada disso aconteceu.

– Você nunca formula juízos sobre as coisas? – ele indagou, com certa exasperação.

Ela balançou a cabeça e seus olhos erraram novamente entre os pares, ao responder:

– Não sei. Não sei nada sobre o que você ou qualquer outra pessoa deveria fazer.

Ela o confundiu e perturbou-lhe o fluxo de ideias. Expressar-se bem nunca lhe pareceu ao mesmo tempo tão desejável e tão impossível.

– Bem – admitiu em tom de desculpas –, eu também não, certamente, mas...

– O que penso das pessoas – continuou ela – é apenas se estão no lugar certo e se enquadram no ambiente. Não me importo se não fazem nada. Nem vejo por que deveriam fazer; na verdade, sempre me surpreendo quando alguém faz alguma coisa.

– Você nunca tem vontade de fazer algo?

– Tenho vontade de dormir.

Espantou-se por um segundo, quase como se ela quisesse dizer literalmente aquilo.

– Dormir?

– Mais ou menos. Apenas quero ser preguiçosa e que certas pessoas à minha volta façam alguma coisa, porque assim eu me sinto confortável e segura, e quero que outras pessoas não façam nada, porque podem ser agradáveis e me fazer companhia. Jamais me ocorreu, porém, modificá-las ou me entusiasmar por elas.

– Você é uma estranha deterministazinha. – Anthony riu. – O mundo é seu, não é?

– Bem – disse ela, voltando os olhos para cima –, não é? Enquanto eu for... jovem.

Fizera uma leve pausa antes da última palavra, e Anthony desconfiou que ia dizer “bela”. Era inegavelmente isso o que pretendia.

Os olhos dela brilharam e Anthony esperou que continuasse. Havia conseguido fazê-la falar, de qualquer modo, e inclinou-se um pouco para a frente, para não perder-lhe as palavras.

Mas...

– Vamos dançar! – Foi tudo o que disse.

Admiração

Aquela tarde de inverno no Plaza foi o primeiro de uma série de “encontros” que Anthony marcou com ela nos dias enevoados e agitados antes do Natal. Estava invariavelmente ocupada. Levou muito tempo para descobrir qual camada particular da vida social da cidade exigia a presença de Gloria. Isso tinha pouca importância. Ela comparecia a bailes de caridade semipúblicos nos grandes hotéis; viu-a várias vezes em festas no Sherry, e certa vez, enquanto esperava que se vestisse, a Sra. Gilbert, falando sobre o hábito de “sair” da filha, descreveu um surpreendente programa de feriado que incluía meia dúzia de bailes para os quais Anthony recebera convites.

Encontrou-se com ela várias vezes, para almoço e chá – e no primeiro caso foram momentos insatisfatórios, pelo menos para ele, pois Gloria estava com olhos tontos de sono, desatenta, incapaz de concentrar-se em qualquer coisa, ou de prestar atenção às observações dele. Quando, depois de dois desses desanimados almoços, a acusou de dar-lhe apenas os restos do dia, ela riu e marcou um chá para dali a três dias. Foi muito melhor.

Numa tarde de domingo, na véspera do Natal, foi visitá-la e a encontrou sob o impacto de uma briga importante mas misteriosa: contou-lhe num tom misto de raiva e divertimento que havia expulsado um homem do

apartamento – e Anthony pôs-se a especular violentamente – e que o homem ia oferecer-lhe um pequeno jantar naquela noite mesmo, ao qual certamente ela não compareceria. Por isso, Anthony levou-a para passear.

– Vamos a algum lugar! – sugeriu, ao descenderem no elevador. – Quero ver um espetáculo, você não?

Indagações na portaria do hotel revelaram apenas dois “concertos” naquele domingo à noite.

– São sempre a mesma coisa – queixou-se, infeliz –, velhos comediantes ídiches. Ora, vamos a algum lugar!

Para disfarçar a suspeita culpada de que deveria ter arranjado algum espetáculo para agradá-la, Anthony simulou uma animação deliberada.

– Vamos a um bom cabaré.

– Já conheço todos na cidade.

– Bem, vamos descobrir um novo.

Ela estava de péssimo humor, era evidente. Os olhos cinzentos estavam realmente como granito. Não conversava, apenas olhava para a frente, como para alguma abstração desagradável no saguão.

– Bem, vamos, então.

Seguiu-a – uma jovem graciosa mesmo em seu envolvente casaco de pele – até o táxi, e com o ar de quem tinha em mente um lugar definido, disse ao motorista para seguir pela Broadway e depois virar para o sul. Procurou conversar várias vezes, mas ela vestiu uma armadura de silêncio impenetrável, respondendo com frases tão geladas quanto a escuridão fria do táxi; ele desistiu e, adotando uma atitude semelhante, afundou-se no silêncio.

Uns 12 quarteirões adiante, os olhos de Anthony foram atraídos por um anúncio luminoso, grande e desconhecido, no qual estava escrito “Marathon” numa letra amarela e resplandecente, adornada com flores e

folhas elétricas que alternadamente apagavam e acendiam sobre a rua molhada e brilhante. Inclinou-se na janela do táxi e num momento estava recebendo informações de um porteiro negro: sim, era um cabaré, um bom cabaré, o melhor show da cidade!

– Vamos tentar?

Com um suspiro, Gloria jogou fora o cigarro pela porta aberta e preparou-se para sair. Passaram sob o anúncio escandaloso sob a porta ampla, e subiram num elevador abafado para aquele não proclamado palácio do prazer.

Os ambientes alegres dos muito ricos e dos muito pobres, dos exuberantes e dos criminosos, para não falar do ultimamente muito explorado ambiente boêmio, são revelados às temerosas mocinhas de ginásio de Augusta, Geórgia e Redwing, Minnesota, não apenas por meio dos suplementos teatrais dos domingos, mas também através dos olhos surpresos e alarmados do Sr. Rupert Hughes e de outros cronistas do ritmo louco da América. Mas as incursões do Harlem na Broadway, as diabruras dos chatos e as farras dos respeitáveis constituem um conhecimento esotérico dos próprios participantes.

A informação circula e, no lugar mencionado pelos conhecedores, reúnem-se as classes morais mais baixas nas noites de sábado e domingo, os homenzinhos preocupados que são mostrados nas histórias em quadrinhos como “o Consumidor” ou “o Público”. É preciso que o lugar tenha três condições: seja barato, imite com uma tristeza mecânica e comum o brilho antigo dos grandes cafés no quarteirão dos teatros e, acima de tudo, que seja um lugar onde se possa “levar uma boa moça”, o que significa, naturalmente, que todos se tornaram igualmente inofensivos, tímidos e desinteressantes, por falta de dinheiro e imaginação.

Nesses lugares reúnem-se, nos domingos à noite, as pessoas crédulas, sentimentais, mal pagas, esgotadas pelo trabalho, com ocupações insípidas: guarda-livros, vendedores de entradas, gerentes de escritório, vendedores e, acima de tudo, funcionários de escritório – funcionários do correio, do armazém, da corretora, do banco. Com eles vão mulheres que dão risadas, gesticulam demais, pateticamente pretensiosas, que engordam com eles, dão-lhes muitos filhos e flutuam impotentes e insatisfeitas num mar descolorido de trabalho enfadonho e esperanças frustradas.

Dão a esses lugares nomes tirados de trens Pullman. O Marathon! Não é para eles o equivalente lascivo tomado de empréstimo aos cafés de Paris! A esses lugares os homens dóceis levam suas “boas esposas”, cuja fantasia faminta está mais do que pronta a acreditar que a cena é relativamente alegre e exuberante, e mesmo um pouquinho imoral. Isso é vida! Quem se preocupa com o dia de amanhã?

Gente abandonada!

Sentados, Anthony e Gloria olham à sua volta. Na mesa próxima, a um grupo de quatro estava se juntando um grupo de três, dois homens e uma moça, que evidentemente chegavam tarde – os modos da moça constituíam um estudo de sociologia nacional. Estava conhecendo homens novos e fingia desesperadamente. Pelos gestos, pelas palavras e pelos quase imperceptíveis movimentos das pálpebras, fingia pertencer a uma classe um pouco superior àquela, e que pouco antes estivera, e voltaria a estar, numa atmosfera melhor, mais exclusiva. Era quase penosamente refinada – usava um chapéu do ano anterior coberto de violetas, tão pretensiosas e evidentemente artificiais quanto ela.

Fascinados, Anthony e Gloria observaram a moça sentar-se e dar a impressão de que estava presente apenas como uma condescendência. Para

mim, seus olhos diziam, isso é praticamente como uma excursão aos cortiços, disfarçada com um pouco de riso e semidesculpas.

E as outras mulheres procuravam apaixonadamente dar a impressão de que, embora na multidão, não faziam parte dela. Não era aquele o tipo de lugar a que estavam habituadas, haviam entrado porque era perto e cômodo – todos os grupos no restaurante davam aquela impressão... quem sabe? Estavam sempre mudando de classe, todos eles – as mulheres frequentemente casavam-se acima de suas possibilidades, os homens repentinamente atingiam uma opulência exuberante: um esquema de publicidade bastante grotesco, uma casquinha de sorvete celestializada. Enquanto isso não ocorria, encontravam-se ali para comer, fechando os olhos à economia evidenciada pelas raras trocas de toalhas, pela indiferença dos artistas e acima de tudo pela falta de atenção e pela familiaridade dos garçons. Era evidente que não se impressionavam com os clientes. Era de esperar até que se sentassem às mesas...

– Você faz alguma objeção? – indagou Anthony.

O rosto de Gloria degelou e pela primeira vez naquela noite ela sorriu.

– Estou adorando – disse sinceramente.

Era impossível duvidar. Seus olhos cinzentos iam de um lado para outro, indolentes ou alertas, observando cada grupo, passando ao seguinte com um prazer indisfarçado, e Anthony pôde ver claramente os diferentes traços de seu perfil, as expressões maravilhosamente vivas de sua boca e a distinção autêntica de seu rosto, de sua forma e de seus modos, que faziam dela uma flor singular numa coleção de curiosidades baratas. Ao vê-la contente, um sentimento delicioso subiu-lhe aos olhos, cresceu dentro dele, fez-lhe vibrar os nervos e encheu-lhe a garganta de uma emoção vibrante. Houve silêncio no salão. Os violinos e saxofones descuidados, o choro agudo de uma criança perto, a voz da moça de chapéu com violetas na mesa seguinte, tudo

diminuiu, afastou-se, desapareceu como reflexos de sombras no chão brilhante: e os dois pareciam sozinhos e infinitamente isolados, tranquilos. Sem dúvida o frescor de suas faces era uma projeção de uma terra de tons delicados e não descobertos; a mão, faiscando sobre a toalha manchada, era uma concha de algum mar distante e selvagemmente virgem...

Então a ilusão se desfez como um ninho de fios, a sala voltou a agrupar-se, vozes, rostos, movimentos; o brilho das luzes no alto tornou-se real, portentoso; recomeçou a lenta respiração de ambos junto daquela multidão dócil, o movimento do peito, o eterno e sem sentido ir e vir de palavras e frases, tudo aquilo pesou-lhe nos sentidos sensíveis à pressão sufocante da vida – e então a voz dela chegou-lhe aos ouvidos, bela como o sonho interrompido que deixara para trás.

– Eu sou daqui – murmurou –, eu sou como essas pessoas.

Por um momento, pareceu um paradoxo irônico e desnecessário, lançado sobre ele através de distâncias intransponíveis que ela colocava à sua volta. Seu arrebatamento aumentara – os olhos voltados para um violinista semítico que balançava os ombros no ritmo do foxtrote mais meloso do ano:

Alguma coisa chega
ring-a-ting-a-ling-a-ling
Diretamente em seu ouvido...

Novamente falou, do centro daquela difusa ilusão que era só dela. Assombrava-o. Era como a blasfêmia na boca de uma criança.

– Sou como eles, como essas lanternas japonesas, esse papel crepom, a música daquela orquestra.

– Você é uma jovem tola! – disse ele rispidamente.

Ela balançou a cabeça loura.

– Não, não sou. *Sou* como eles... Você devia ver... Não me conhece. – Hesitou, seus olhos voltaram-se para ele, detiveram-se inesperadamente nos seus, como se estivessem surpresos de vê-lo ali. – Tenho um pouco do que se chama vulgaridade. Não sei de onde vem, mas existe... oh, coisas como essas, cores vivas, vulgaridade afetada. Parece que eu faço parte disso aqui. Essa gente me aceitaria, me consideraria um deles, e esses homens se apaixonariam por mim, me admirariam, ao passo que os homens inteligentes que eu conheço apenas me analisam e dizem que sou assim por isso e isso.

Por um momento, Anthony desejou muito pintá-la, gravá-la como estava naquele momento, como era, e que com o passar de cada incansável segundo ela jamais seria novamente.

– No que estava pensando? – perguntou Gloria.

– Só que não sou um realista – respondeu. – Não, apenas o romântico preserva as coisas que vale a pena preservar.

Da profunda sofisticação de Anthony formou-se um entendimento, nada atávico ou obscuro, na verdade muito pouco físico, um entendimento recordado dos romances de muitas gerações de mentes, que ao falar, ao olhá-lo nos olhos e ao voltar sua adorável cabeça, ela o comovia como nada o comovera antes. O invólucro que continha sua alma adquirira importância, isso era tudo. Ela era um sol, radiante, crescente, atraindo luz e armazenando-a – e depois de uma eternidade, emitindo-a num olhar, no fragmento de uma frase, para aquela parte dele que amava toda a beleza e toda a ilusão.

3

O conhecedor de beijos

Desde sua época de estudante, quando era editor do *Harvard Crimson*, Richard Caramel desejava escrever. Mas com o passar do tempo adquirira a ilusão glorificada de que certos homens eram escolhidos para “servir” e que, ao se iniciarem no mundo, realizavam algo vagamente ambicionado, que redundaria numa recompensa eterna, ou pelo menos na satisfação pessoal de ter lutado pelo bem do maior número.

Esse espírito havia muito embalava as faculdades da América. Começa, geralmente, durante a imaturidade e impressões simplórias do primeiro ano – por vezes antes, na escola preparatória. Apóstolos prósperos conhecidos por suas representações emocionais percorrem as universidades e, atemorizando as ovelhas dóceis e impedindo o aguçamento da curiosidade intelectual que é o objetivo de toda educação, destilam uma misteriosa convicção de pecado, remontando aos crimes da infância e à permanente ameaça das “mulheres”. A essas conferências vão os rapazes perdidos para se divertirem e zombar, e os tímidos para engolir a pílula, que seria inofensiva se administrada às mulheres de fazendeiros e aos devotos atendentes de farmácias, mas são um medicamento perigoso para esses “futuros líderes dos homens”.

Esse polvo foi bastante forte para envolver Richard Caramel com um tentáculo sinuoso. No ano seguinte ao de sua formatura, levou-o aos

cortiços de Nova York, a perder tempo com italianos confusos, como secretário de uma Associação de Salvação dos Jovens Estrangeiros. Trabalhou nela durante um ano, antes que a monotonia começasse a cansá-lo. Os estrangeiros continuavam chegando sem cessar – italianos, poloneses, escandinavos, tchecos, armênios – com os mesmos males, as mesmas caras excepcionalmente feias e os mesmos odores, embora lhe parecesse que estes se tornavam mais profusos e diversos com o passar dos meses. Suas conclusões finais sobre a utilidade do serviço eram vagas mas, quanto à sua relação com ele, foi súbita e decisiva. Qualquer jovem amável, com a cabeça cheia da última cruzada, poderia fazer tanto quanto ele com o rebotalho da Europa – e já era tempo de escrever.

Vivia num edifício da Associação Cristã de Moços na cidade mas, ao abandonar a tarefa de salvar o próximo, mudou-se para um bairro no norte da cidade e foi trabalhar imediatamente como repórter do jornal *The Sun*. Permaneceu nesse emprego durante um ano, escrevendo nas horas vagas e com pouco êxito, até que um dia um incidente infeliz encerrou definitivamente sua carreira no jornal. Numa tarde de fevereiro recebeu a incumbência de cobrir uma parada do Esquadrão A de cavalaria. Como ameaçasse nevar, foi, em vez disso, dormir junto a um confortável fogo e ao acordar preparou toda uma coluna sobre o ruído dos cascos dos cavalos na neve... e entregou. Na manhã seguinte, um exemplar do jornal, assinalado, foi enviado ao chefe da reportagem com a anotação: “Despeça o homem que escreveu isso.” Parece que o Esquadrão A também achou que ia nevar e adiou a parada para outro dia.

Uma semana mais tarde, ele começou *O demônio amante...*

Em janeiro, a segunda-feira dos meses, Richard Caramel tinha o nariz constantemente azul, de um azul sardônico, vagamente sugestivo das chamas que envolvem o pecador. Seu livro estava quase pronto e, à medida

que crescia, cresciam também suas exigências, dominando-o, esmagando-o, até que ele passou a andar fatigado e subjugado, à sombra dele. Não apenas para Anthony e Maury revelava suas esperanças, pretensões e indecisões, mas a qualquer um que pudesse ser convencido a ouvi-lo. Procurava editores educados mas espantados, discutia o livro com pessoas que conhecia de vista no Harvard Club. E Anthony chegou a afirmar que o haviam encontrado, numa noite de domingo, debatendo a transposição do Capítulo Dois com um bilheteiro literário no gélido e estranho recesso de uma estação de metrô do Harlem. O último de seus confidentes foi a Sra. Gilbert, que se sentava junto dele e alternava entre bilfismo e literatura, como num intenso fogo cruzado.

– Shakespeare era bilfista – assegurava-lhe com um sorriso fixo. – Era, sim! Era bilfista. Já foi provado.

Diante disso, Dick parecia um tanto desamparado.

– Se você já leu *Hamlet*, não pode deixar de concordar.

– Bem, ele... ele viveu numa época mais crédula, numa época mais religiosa.

Contudo, ela queria uma vitória completa:

– Sim, mas veja bem, o bilfismo não é uma religião. É a ciência de todas as religiões. – Sorriu-lhe desafiadoramente. Era esse o *bon mot* de sua crença. Havia algo na disposição das palavras que lhe encantava o pensamento de tal forma que a afirmação se tornava superior à necessidade de definição. Não é improvável que ela tivesse aceitado qualquer ideia envolta nessa fórmula radiante, que talvez nem fosse uma fórmula, mas a *reductio ad absurdum* de todas as fórmulas.

Finalmente, chegou a vez de Dick:

– Ouviu falar no novo movimento poético, não? Bem, é um grupo de poetas jovens que estão se afastando das velhas fórmulas e fazendo coisas

muito boas. Bem, o que eu queria dizer é que o meu livro vai iniciar um novo movimento de prosa, uma espécie de renascença.

– Estou certa de que vai – dizia a Sra. Gilbert. – Tenho *certeza* de que sim. Fui ver Jenny Martins na última terça-feira, você conhece, a quiromante de que todos falam. Disse a ela que meu sobrinho estava se dedicando a um trabalho, e ela me assegurou que teria um sucesso extraordinário. E ela nunca viu você, nem sabe coisa alguma a seu respeito, nem mesmo o seu *nome*.

Tendo feito os ruídos adequados para expressar seu espanto com esse surpreendente fenômeno, Dick interrompeu o tema, como se fosse um arbitrário inspetor de tráfego, e por assim dizer, mandou avançar seu próprio trânsito.

– Estou absorvido, tia Catherine – assegurou. – Realmente estou. Todos os meus amigos riem de mim. Sei que é engraçado, mas não me importo. Acho que devemos saber tolerar o riso. Mas tenho uma espécie de convicção – concluiu melancolicamente.

– Você é uma alma antiga, eu sempre digo.

– Talvez seja. – Dick chegara a um ponto em que já não lutava, simplesmente se entregava. *Devia* ser uma alma antiga, imaginava grotescamente, tão antiga a ponto de estar absolutamente podre. Não obstante, a repetição da frase ainda o embaraçava e provocava-lhe arrepios desconfortáveis nas costas. Mudou de assunto.

– Onde está a minha ilustre prima Gloria?

– Saiu para algum lugar, com alguma pessoa.

Dick fez uma pausa e em seguida, torcendo o rosto no que evidentemente começara com um sorriso mas terminara com um esgar aterrorizante, fez um comentário:

– Acho que o meu amigo Anthony Patch está apaixonado por ela.

A Sra. Gilbert assustou-se com meio segundo de atraso, e sussurrou:

– Verdade? – no tom de um murmúrio de detetive de uma peça de teatro.

– *Acho* que sim – corrigiu Dick, gravemente. – É a primeira moça com quem eu o vejo andar por tanto tempo.

– Bem, é claro – disse a Sra. Gilbert com uma despreocupação meticulosa –, a Gloria nunca me fez confidências. Ela é muito reservada. Entre nós – e inclinou-se cautelosamente, decidida a fazer com que apenas o Céu e o sobrinho ouvissem sua confissão –, eu gostaria que ela sossegasse.

Dick levantou-se e pôs-se a andar, inquieto – um jovem baixo e ativo, já rotundo, com as mãos enfiadas nos bolsos cheios de maneira nada natural.

– Não pretendo ter razão, veja bem – assegurou à gravura de aço infinitamente-do-hotel que lhe respondia com um sorriso tolo, respeitavelmente. – Não estou dizendo nada que me pareça conveniente que a Gloria saiba, mas acho que o Anthony está interessado, tremendamente interessado. Fala dela o tempo todo. Em qualquer outra pessoa, isso seria um mau sinal.

– A Gloria é uma alma muito jovem – começou a Sra. Gilbert, ansiosamente, mas o sobrinho a interrompeu com uma frase apressada:

– A Gloria seria uma louca muito jovem se não casasse com ele. – Parou diante dela, sua expressão um mapa de batalha de linhas e rugas, tensa até onde era possível, como para compensar com sua sinceridade qualquer indiscrição de suas palavras. – A Gloria é rebelde, tia Catherine. É incontrolável. O que tem feito eu não sei, mas ultimamente vem escolhendo um grupo de amigos muito curioso. Não parece importar-se com isso. E os homens com quem costumava sair em Nova York eram... – Parou para respirar.

– Sim, sim, sim – exclamou a Sra. Gilbert, numa frágil tentativa de disfarçar o enorme interesse com que ouvia.

– Bem – continuou Richard Caramel com um ar grave –, é isso. Quero dizer que os homens com quem ela saía e as pessoas com quem andava antes eram de primeira classe. Agora, já não são.

A Sra. Gilbert pestanejou agitadamente. Seu peito tremeu, inflou-se, ficou inflado um momento, e as palavras fluíram dela como numa torrente.

Ela sabia, lamentou-se num murmúrio. Oh, sim, as mães veem essas coisas. Mas o que podia fazer? Conhecia Gloria. Ele também conhecia Gloria o bastante para saber como era inútil tentar convencê-la. Gloria fora muito mimada – de forma completa e incomum. Fora amamentada até os 3 anos, por exemplo, quando provavelmente já conseguia comer um graveto. Talvez tivesse sido isso que dera aquela saúde e *dureza* à sua personalidade. E desde os 12 anos se cercava de rapazes, tantos, oh, tantos, que nem se podia *mover*. Aos 16 começou a ir a bailes em escolas preparatórias, e em seguida vieram as faculdades; e em toda parte, rapazes, rapazes, rapazes. A princípio, até os 18 anos, eram tantos que todos se pareciam, mas a partir de então ela começou a identificá-los.

Sabia que houvera uma série de casos em cerca de três anos, talvez uma dúzia ao todo. Por vezes eram universitários, por vezes tinham acabado de sair da universidade – duravam em média alguns meses cada, com pequenas distrações nos intervalos. Um ou dois casos haviam durado mais, e a mãe esperara que Gloria ficasse noiva, mas surgia sempre um novo, um novo...

Os homens? Oh, ela os deixava literalmente miseráveis! Houve apenas um que manteve certa dignidade, e era apenas uma criança, o jovem Carter Kirby, de Kansas City, tão presunçoso que desapareceu com sua vaidade numa tarde e viajou para a Europa com o pai no dia seguinte. Os outros haviam sido desgraçados. Pareciam jamais perceber quando ela se cansava

deles, e Gloria com frequência fora deliberadamente cruel. Ficavam telefonando, escreviam-lhe cartas, procuravam vê-la, fazendo longas viagens atrás dela por todo o país. Alguns haviam feito confidências à Sra. Gilbert, dito com lágrimas nos olhos que jamais esqueceriam Gloria... E dois deles, desde então, haviam se casado, apesar disso... Mas Gloria, ao que parecia, golpeava para matar, e até hoje o Sr. Carstairs telefonava uma vez por semana, mandava-lhe flores que ela já não se dava ao trabalho de recusar.

Várias vezes, duas pelo menos, a Sra. Gilbert soube que as coisas tinham ido até um noivado particular – com Tudor Baird e aquele rapaz Holcome, de Pasadena. Tinha certeza disso porque – e pedia descrição – havia entrado inesperadamente e encontrara Gloria agindo, bem, agindo como se realmente houvesse um compromisso. Não conversara com a filha, naturalmente. Havia nela um certo senso de delicadeza, e além disso, todas as vezes esperava que o noivado fosse anunciado dentro de poucas semanas. Mas o noivado jamais veio; em vez dele, surgia um novo homem.

Cenas! Jovens andando de um lado para outro na biblioteca como tigres enjaulados! Jovens se olhando no saguão, quando um entrava e outro saía! Jovens que telefonavam e desligavam em desespero! Jovens que escreviam as cartas mais patéticas! (Nada disse sobre isso, mas Dick imaginou que a Sra. Gilbert lera algumas delas.)

E Gloria, entre lágrimas e sorrisos, triste, contente, deixando de amar e amando novamente, miserável, nervosa, fria, em meio a uma avalanche de presentes, troca de retratos em molduras imemoriais, tomando banhos quentes e começando de novo – com o seguinte.

Esse estado de coisas continuou, assumiu um ar definitivo. Nada feria Gloria, nem a modificava, nem a comovia. Certo dia, tranquilamente, disse à mãe que os estudantes a aborreciam. Deixaria de ir às festas deles.

Aí começara a mudança, não nos seus hábitos práticos, pois ela dançava e tinha tantos encontros como antes, mas eram encontros com um espírito diferente. Anteriormente, fora uma espécie de orgulho, uma questão de sua própria vaidade. Era, provavelmente, a mais celebrada e desejada jovem bela do país. Gloria Gilbert de Kansas City! Alimentara-se disso incessantemente, desfrutando da multidão à sua volta, a forma pela qual os homens mais desejáveis a preferiam, deleitando-se com o ciúme feroz das outras moças, divertindo-se com os rumores fabulosos, para não dizer escandalosos – e sua mãe podia dizer, inteiramente infundados – a seu respeito. Como, por exemplo, que certa noite entrara na piscina de Yale com um vestido comprido de *chiffon*.

E depois de amar tudo isso com uma vaidade quase masculina – fora como uma carreira triunfal e deslumbrante –, ela se tornou subitamente indiferente. Afastou-se. Ela, que dominara incontáveis festas, que desfilara suavemente por muitos salões recebendo o tributo terno de muitos olhares, parecia não se importar mais. Os que se apaixonavam eram sumariamente dispensados, quase com raiva. Saía sem prestar atenção com os homens mais indiferentes. Rompia continuamente compromissos, não como no passado, devido à certeza fria de que não poderiam culpá-la, que o homem ofendido voltaria como um animal doméstico, mas indiferentemente, sem desprezo nem orgulho. Raramente se enfurecia com os homens agora, bocejava na frente deles. Parecia – e isso era tão estranho – que estava se tornando uma pessoa fria.

Richard Caramel ouvia. A princípio de pé, mas como o discurso da tia se prolongasse – e aqui ele foi reduzido à metade, eliminadas as referências à juventude da alma de Gloria e à preocupação mental da própria Sra. Gilbert –, puxou uma cadeira e ouviu cuidadosamente, enquanto ela ia, entre lágrimas e um desamparo queixoso, narrando a longa história da vida de

Gloria. Quando chegou ao último ano, uma história de pontas de cigarro deixadas por toda Nova York em pequenos cinzeiros marcados “Midnight Frolic” e “Justine Johnson’s Little Club”, começou a balançar a cabeça lentamente, depois mais depressa, até que, ao terminar o relato numa nota súbita, agitava-a absurdamente para baixo e para cima, como a cabeça de uma boneca, o que expressava quase tudo.

De certa forma, o passado de Gloria era uma velha história para ele. Seguiria-o com os olhos de jornalista, pois escreveria um livro sobre ela algum dia. Mas seu interesse, no momento, era familiar. Queria saber, em particular, quem era esse Joseph Bloeckman que vira com ela diversas vezes, e as duas moças com quem saía constantemente, “essa” Rachael Jerryl e “essa” Srta. Kane – certamente a Srta. Kane não era bem o tipo de pessoa que se esperaria ver com Gloria!

Mas o momento passara. A Sra. Gilbert havia atingido o auge de sua exposição e estava na iminência de começar a descida rápida de um desmaio. Seus olhos estavam como o céu azul visto através de duas vidraças vermelhas e redondas. A carne em volta de sua boca tremia.

E naquele momento a porta abriu-se, deixando entrar na sala Gloria e as duas moças mencionadas.

Duas jovens

– Muito bem!

– Como vai, Sra. Gilbert?

A Srta. Kane e a Srta. Jerryl são apresentadas ao Sr. Richard Caramel.

– Este é o Dick.

(Risos.)

– Tenho ouvido falar muito de você – diz a Srta. Kane, entre uma risada e um grito.

– Como vai? – diz a Srta. Jerryl timidamente.

Richard Caramel procura agir como se estivesse em melhor situação. Estava dividido entre a cordialidade inata e o fato de considerar aquelas moças bastante vulgares.

Gloria desaparecera no quarto.

– Sentem-se – diz a Sra. Gilbert, que já está completamente calma. – Tirem suas coisas.

Dick receia que ela faça alguma observação sobre a idade de sua alma, mas esquece seus receios ao fazer um exame minucioso, de romancista, das duas jovens.

Muriel Kane vinha de uma família em ascensão, de East Orange. Era baixa mas não pequena, e oscilava audaciosamente entre a gordura e a largura. Tinha o cabelo preto preso num penteado complicado. Isso, juntamente com seus belos olhos meio bovinos e seus lábios extremamente vermelhos, tornava-a semelhante a Theda Bara, famosa atriz de cinema. Diziam-lhe constantemente que era uma “vampira”, e ela acreditava. Suspeitava, esperançosa, que tivessem medo dela e fazia o possível em todas as circunstâncias para dar a impressão de perigo. Um homem de imaginação poderia ver a bandeira vermelha que levava constantemente, agitando-a em desespero e com pouco êxito. Era também tremendamente atualizada: conhecia todas as últimas canções, todas elas – quando alguma era tocada na vitrola, levantava-se, sacudia os ombros para a frente e para trás e estalava os dedos, e se não houvesse música, acompanhava a si mesma cantarolando.

Sua conversa também era atualizada: “Não me importo, pois se me preocupar prejudico o meu rosto”, ou então: “Não consigo conter os pés

quando ouço essa música.”

Suas unhas eram longas demais e muito enfeitadas, pintadas de um rosa brilhante e febril antinatural. Suas roupas eram muito apertadas, muito modernas, muito berrantes, seus olhos muito brejeiros, seu sorriso muito esquivo. Era exagerada dos pés à cabeça, de uma forma que quase dava pena.

A outra era, sem dúvida, uma personalidade mais sutil: uma judia vestida com elegância, de cabelo escuro e uma palidez leitosa adorável. Parecia tímida e incerta, e essas duas qualidades acentuavam o encanto delicado que a envolvia. Sua família era “episcopal”, tinha três lojas elegantes de artigos femininos na Quinta Avenida e morava num magnífico apartamento na alameda Riverside. Pareceu a Dick, após alguns momentos, que ela procurava imitar Gloria – e observou que as pessoas invariavelmente escolhem gente inimitável para imitar.

– Passamos horas emocionantes! – exclamava Muriel entusiasmada. – Havia uma mulher louca atrás de nós no ônibus. Era com certeza absolutamente *doida*! Ficava falando sozinha sobre algo que gostaria de fazer a alguém ou a alguma coisa. Fiquei petrificada, mas a Gloria simplesmente não se importou.

A Sra. Gilbert abriu a boca, devidamente espantada:

– Verdade?

– Ah, era louca. Mas não devíamos nos importar, ela não nos fez nada. Feia! Deus! Um homem perto de nós disse que o rosto dela parecia o de alguma enfermeira do turno da noite num hospital de cegos, e todas rimos, naturalmente, e por isso o homem tentou dar em cima de nós.

Gloria surgiu do quarto. Todos os olhos se voltaram para ela. As duas moças passaram para um obscuro plano secundário, despercebidas, não notadas.

- Estávamos falando de você – disse Dick rapidamente. – Sua mãe e eu.
- Tudo bem – disse Gloria.

Uma pausa. Muriel voltou-se para Dick.

- Você é um grande escritor, não é?
- Sou escritor – confessou resignado.
- Eu sempre disse – afirmou Muriel apressadamente – que se tivesse tempo de anotar todas as minhas experiências isso daria um livro formidável.

Rachael riu com simpatia; Richard Caramel fez uma medida que era quase solene. Muriel continuou:

- Mas não vejo como sentar-me e escrever. E poesia! Meu Deus, não sei fazer dois versos rimarem. Bem, eu devia me preocupar.

Richard Caramel conteve com dificuldade uma explosão de riso. Gloria mascava um espantoso chiclete e olhava mal-humorada pela janela. A Sra. Gilbert pigarreou e sorriu.

- Mas é que você não é uma alma antiga, como o Richard.

A Alma Antiga deu um suspiro de alívio – fora dito, finalmente.

Em seguida, como se tivesse pensado naquilo durante cinco minutos, Gloria fez um súbito comunicado:

- Vou dar uma festa.
- Ah, posso ir? – exclamou Muriel.
- Um jantar. Sete pessoas: Muriel, Rachael e eu, e você, Dick, o Anthony, aquele homem chamado Noble, gostei dele, e o Bloeckman.

Muriel e Rachael deixaram-se tomar por um êxtase de entusiasmo. A Sra. Gilbert piscou e sorriu. Com um ar indiferente, Dick fez a pergunta:

- Quem é esse Bloeckman, Gloria?

Sentindo uma leve hostilidade, Gloria voltou-se para ele:

– Joseph Bloeckman? É um homem do cinema. Vice-presidente da Films Par Excellence. Ele e papai fazem negócios juntos.

– Ah!

– Bem, todos vocês vêm?

Todos iriam. A data foi fixada para dali a uma semana. Dick levantou-se, ajeitou o chapéu, o capote, as luvas e deu um sorriso geral.

– Adeusinho – disse Muriel, acenando alegremente. – Me liga qualquer hora dessas.

Richard Caramel corou por ela.

O fim deplorável do Cavaleiro O'Keefe

Era segunda-feira, e Anthony levou Geraldine Burke para almoçar no Beaux Arts, depois foram para seu apartamento, ele fez deslizar a mesa de rodinha onde ficavam as bebidas, escolhendo vermute, gim e absinto para um estimulante adequado.

Geraldine Burke, recepcionista do Keith, era uma distração havia vários meses. Pedia tão pouco que gostava dela, pois desde o caso lamentável com uma debutante no verão anterior, quando descobrira que depois de meia dúzia de beijos esperava-se uma proposta de casamento, cansara-se das moças de sua classe. Era extremamente fácil descobrir-lhes as imperfeições: uma certa aspereza física e uma falta geral de delicadeza pessoal; mas uma recepcionista no Keith era abordada com uma atitude diferente. É possível tolerar num criado características que seriam imperdoáveis num simples conhecido do mesmo nível social. Geraldine, enroscada ao pé do sofá, fitou-o com olhos apertados.

– Você bebe o tempo todo, não é? – indagou subitamente.

– Bem, acho que sim – respondeu Anthony, um pouco surpreso. – Você não?

– Não. Às vezes vou a festas, você sabe, uma vez por semana, mas tomo apenas dois ou três copos. Você e seus amigos bebem o tempo todo. Acho que vão prejudicar a saúde.

Anthony ficou um pouco comovido.

– Você é muito gentil por se preocupar comigo.

– Bem, eu me preocupo.

– Não bebo tanto assim – declarou ele. – No mês passado, fiquei sem tocar numa gota de álcool por três semanas. E só fico embriagado realmente uma vez por semana, mais ou menos.

– Mas você bebe alguma coisa todo dia e tem apenas 25 anos. Não tem nenhuma ambição? Pense no que será aos 40.

– Espero sinceramente não viver tanto.

Ela fez um muxoxo.

– Você é doido! – disse, enquanto ele preparava outro coquetel. E em seguida: – Você é parente de Adam Patch?

– Sou, é meu avô.

– É mesmo? – ela estava evidentemente impressionada.

– Mesmo.

– Engraçado. O meu pai trabalhou para ele.

– É um velho esquisito.

– É simpático? – indagou ela.

– Bem, na vida particular quase nunca é desnecessariamente desagradável.

– Como ele é?

– Bem – Anthony refletiu –, está todo encolhido e ainda tem alguns fios de cabelo grisalhos, que parecem sempre agitados pelo vento. É muito

moralista.

– Ele tem feito muitas coisas boas – disse Geraldine, com uma intensa gravidade.

– Qual! – zombou Anthony. – É um idiota devoto, um cérebro de galinha.

O pensamento dela se desviou do assunto e vagou por outro.

– Por que não mora com ele?

– Por que não vou morar num pensionato metodista?

– Você é doido!

Voltou a estalar a língua para expressar sua desaprovação. Anthony pensou em como era moralista, no fundo, aquela pequena abandonada – e como continuaria sendo totalmente moralista, mesmo depois de inevitavelmente ter desabado sobre ela a onda que a arrastaria para longe da praia da respeitabilidade.

– Você o odeia?

– Não sei. Nunca gostei dele. Não dá para gostar das pessoas que fazem coisas para nós.

– Ele odeia você?

– Minha cara Geraldine – protestou Anthony, franzindo a testa bem-humorado –, tome outro coquetel. Eu o aborreço. Se fumo um cigarro, ele entra na sala fungando. É um chato, um hipócrita. Provavelmente eu não diria isso a você se não tivesse tomado uns goles, mas não acho que tenha importância.

Geraldine continuava interessada. Segurou o copo sem beber, entre o polegar e o indicador, e o contemplou com um olhar no qual havia certo espanto.

– O que quer dizer, chamando-o de hipócrita?

– Bem – disse Anthony com impaciência –, talvez não seja, mas não gosta das coisas que eu gosto e, portanto, no que me diz respeito, é desinteressante.

– Hum. – Sua curiosidade parecia finalmente satisfeita. Recostou-se no sofá e provou o coquetel.

– Você é engraçado – comentou pensativamente. – Todas querem se casar com você porque o seu avô é rico?

– Não, mas não as culparia se quisessem. Mesmo assim, como você sabe, eu não pretendo me casar.

Ela não acreditou.

– Vai se apaixonar um dia. Eu sei. – Balançou a cabeça afirmativamente.

– Seria tolice ter tanta certeza. Foi isso o que desgraçou o Cavaleiro O’Keefe.

– Quem?

– Uma criatura da minha esplêndida imaginação. É uma criação minha, o Cavaleiro.

– Doido! – murmurou ela, agradavelmente, usando a escada de corda com a qual vencida todas as distâncias e subia à altura de seus superiores intelectuais. Inconscientemente, sabia que com isso eliminava as distâncias e colocava de volta a seu alcance a pessoa cuja imaginação lhe havia escapado.

– Ah, não! – objetou Anthony. – Não, Geraldine. Você não deve bancar o alienista com o Cavaleiro. Se não pode compreendê-lo, não o chamarei. Além disso, eu sentiria certo constrangimento, devido à sua lamentável reputação.

– Acho que consigo entender qualquer coisa que faça sentido – respondeu Geraldine, um pouco aborrecida.

– Nesse caso, há vários episódios da vida do Cavaleiro que poderá achar divertidos.

– Quais?

– Foi seu fim prematuro que me lembrou dele e fez com que eu o mencionasse na conversa. Detesto ter de começar pelo fim, mas parece-me inevitável que o Cavaleiro entre ao contrário na sua vida.

– Bem, o que aconteceu com ele? Morreu?

– Morreu! E foi assim. Era irlandês, Geraldine, um irlandês em parte imaginário, do tipo rústico, com um sotaque e cabelos de fogo. Foi exilado do Erin nos últimos dias da cavalaria e naturalmente passou à França. Ora, o Cavaleiro O’Keefe tinha, como eu, uma fraqueza. Era enormemente sensível a todos os tipos e gêneros de mulher. Além de ser um sentimental, era um romântico, um homem de paixões violentas, um pouco cego de um olho e quase totalmente cego do outro. Ora, um macho andando dessa forma pelo mundo é quase tão desamparado quanto um leão sem dentes, e em consequência o Cavaleiro sofreu durante vinte anos devido a uma série de mulheres que o odiavam, serviam-se dele, aborreciam-no, ofendiam-no, faziam-lhe mal, gastavam-lhe o dinheiro, faziam dele um bobo, em suma, como julga o mundo, o amavam.

“Isso era mau, Geraldine, e como o Cavaleiro, exceto por essa fraqueza, essa excessiva suscetibilidade, era um homem de entendimento, resolveu libertar-se de uma vez por todas dessas pressões. Com esse objetivo dirigiu-se a um mosteiro famoso na Champagne chamado, bem, anacronicamente chamado de São Voltaire. Era lei em São Voltaire que nenhum monge podia descer ao andar térreo do mosteiro enquanto vivo e permaneceria, dedicando-se às orações e à contemplação, numa das quatro torres, denominadas segundo os quatro mandamentos da regra monástica: Pobreza, Castidade, Obediência e Silêncio.

“Quando chegou o dia em que o Cavaleiro devia despedir-se do mundo, ele se sentiu completamente feliz. Deu todos os seus livros gregos à senhoria,

e sua espada com uma bainha de ouro ao rei da França, e todas as lembranças da Irlanda a um jovem huguenote que vendia peixe na rua onde ele morava.

“Dirigiu-se então para São Voltaire, matou o cavalo na porta e deu a carcaça ao cozinheiro do mosteiro.

“Às cinco horas daquela tarde sentiu-se, pela primeira vez, livre, livre para sempre do sexo. Nenhuma mulher podia penetrar no mosteiro. Nenhum monge podia descer além do segundo andar. Assim, ao subir a escada em caracol que levava a sua cela, no alto da Torre da Castidade, parou por um momento numa janela aberta que se abria para uma estrada 15 metros abaixo. Era tudo tão belo, pensou, aquele mundo que estava deixando, os raios dourados do sol se espalhando pelos campos, o vulto das árvores a distância, as vinhas, tranquilas e verdes, quilômetros a sua frente. Firmou os cotovelos no peitoril da janela e olhou para a estrada sinuosa.

“Ora, exatamente naquele instante, Thérèse, uma jovem camponesa de 16 anos de uma aldeia vizinha, passava pela estrada fronteira ao mosteiro. Cinco minutos antes, a pequena fita que segurava a meia em sua bela perna se havia rompido. Sendo uma menina de rara pudicícia, queria esperar até chegar a casa para consertar a meia, mas isso a incomodava a tal ponto que sentiu que não podia tolerar mais. Assim, ao passar pela Torre da Castidade, parou e, com um gesto elegante, levantou a saia – o menos possível, diga-se para seu crédito – para ajustar a liga.

“No alto da torre, o mais novo monge do velho mosteiro de São Voltaire, como se impelido por uma gigantesca e irresistível mão, inclinou-se na janela. E inclinou-se tanto que subitamente uma das pedras soltou-se sob seu peso, rompeu o cimento e, com um som empoeirado, a princípio de ponta cabeça, depois de pernas para o ar e finalmente numa revolução vasta

e impressionante, tombou o Cavaleiro O'Keefe, direto à terra e à danação eterna.

“Thérèse ficou tão perturbada pela acontecido que correu até sua casa e durante dez anos passava diariamente uma hora rezando em segredo pela alma do monge cujo pescoço e cujos votos haviam sido simultaneamente quebrados naquela infeliz tarde de domingo.

“E suspeitando-se de que o Cavaleiro O'Keefe se havia suicidado, enterraram-no não em solo consagrado, mas num campo próximo, onde ele sem dúvida melhorou a qualidade da terra durante muitos anos. Foi esse o fim prematuro daquele bravo e galante homem. O que acha, Geraldine?”

Mas Geraldine, há muito desatenta, apenas sorriu, estendeu-lhe o dedo indicador e repetiu sua frase que tudo resolvia e explicava:

– Doido! Você é doido!

Seu rosto fino era bondoso e seus olhos, gentis, pensou ela. Gostava dele por ser arrogante mas não presunçoso, porque, ao contrário dos homens que encontrava no teatro, tinha horror de se fazer notar. Que história esquisita e sem nexo! Mas gostara do trecho sobre a meia.

Depois do quinto coquetel, beijou-a e, entre risos, carícias e uma chama de desejo meio abafada, passaram uma hora. Às quatro e meia ela alegou um encontro e foi ao banheiro ajeitar os cabelos. Recusando-se a permitir que ele chamasse um táxi, ficou parada um momento na porta.

– Você *vai* se casar – insistiu –, espere e verá.

Anthony brincava com uma velha bola de tênis e bateu-a no chão várias vezes, cuidadosamente, antes de responder com uma leve irritação:

– Você é uma tola, Geraldine.

Ela sorriu, provocante.

– Ah, sou? Quer apostar?

– Isso também seria tolice.

– Seria, não é? Bem, eu aposto que você vai se casar dentro de um ano.

Anthony lançou a bola com violência. Estava num de seus belos dias, pensou ela. Uma certa intensidade substituíra a melancolia de seus olhos escuros.

– Geraldine – disse ele por fim –, em primeiro lugar, não há ninguém com quem eu queira me casar. Em segundo lugar, não tenho dinheiro para sustentar duas pessoas. Em terceiro lugar, sou totalmente contra o casamento para pessoas como eu. Em quarto lugar, desagrada-me até falar nisso.

Contudo, Geraldine apenas apertou os olhos, fez um muxoxo e disse que precisava ir. Estava tarde.

– Telefone-me logo – lembrou-lhe enquanto ele lhe dava o beijo de despedida. – Você não me procurava há três semanas, sabe.

– Telefone – prometeu fervorosamente.

Fechou a porta e, voltando à sala, ficou um instante com o pensamento perdido, a bola de tênis ainda apertada na mão. Estava chegando um daqueles momentos de solidão, em que caminhava pelas ruas ou se sentava à mesa, deprimido e sem objetivo, mordendo o lápis. Era um ensimesmamento que não trazia nenhum conforto, uma exigência de expressão sem escoadouro, um sentimento de que o tempo passava depressa, sem cessar, desperdiçado – minorado apenas pela convicção de que não havia nada a perder, porque todos os esforços e todas as tentativas eram igualmente sem valor.

Pensava em voz alta, com ímpeto, pois sofria e estava confuso.

– Nenhuma *ideia* de me casar, por *Deus*!

Lançou violentamente a bola de tênis através da sala, quase atingindo o abajur, e a bola, batendo na parede, quicou um pouco e aquietou-se no chão.

Luz da lâmpada e luz da lua

Para seu jantar, Gloria reservou uma mesa no Cascades, no Biltmore, e quando os homens se encontraram no salão, do lado de fora, um pouco depois das oito, “aquele tal Bloeckman” foi alvo de seis olhos masculinos. Era um judeu forte e corado, de cerca de 35 anos, com um rosto expressivo sob o cabelo macio e ruivo – e, sem dúvida, na maioria das reuniões de negócios sua personalidade seria considerada insinuante. Dirigiu-se aos três homens mais jovens, de pé num grupo, fumando, enquanto esperavam a anfitriã, e apresentou-se com uma segurança um pouco excessiva – e, não obstante, era duvidoso que tivesse percebido a recepção gelada e irônica que lhe deram, pois nada em sua atitude indicou isso.

– Você é parente de Adam J. Patch? – perguntou a Anthony soltando duas colunas de fumaça pelas largas narinas.

Anthony concordou com um sorriso fantasmagórico.

– É um belo homem – declarou Bloeckman profundamente. – É um belo exemplo de americano.

– Sim – concordou Anthony –, sem dúvida é.

“Detesto esses homens mal passados”, pensou Anthony. “Deviam metê-lo novamente no forno, mais um minuto bastava.”

Bloeckman olhou o relógio.

– Já estava na hora de essas moças aparecerem...

Anthony esperou, com a respiração suspensa, o lugar-comum ia vir. E veio:

– ...mas vocês sabem como são as mulheres. – E o sorriso se ampliou.

Os três jovens balançaram a cabeça. Bloeckman olhou naturalmente à sua volta, os olhos repousaram criticamente no teto e então passaram mais abaixo. Sua expressão combinava a de um fazendeiro do Meio-Oeste

avaliando sua colheita de trigo e a de um ator imaginando se está sendo observado: a atitude pública de todos os bons americanos. Ao encerrar seu exame, voltou-se rapidamente para o trio reticente, decidido a atingi-los no centro e na essência.

– Vocês são universitários?... Harvard, pelo que vejo. Os rapazes de Princeton derrotaram vocês no hóquei.

Homem infeliz. Errara outra vez. Havia três anos que tinham deixado a universidade e só se interessavam pelos grandes jogos de futebol americano. Se, após esse fracasso, o Sr. Bloeckman percebeu que estava cercado de uma atmosfera cínica, é duvidoso, porque...

Gloria chegou. Muriel chegou. Rachael chegou. Depois dos cumprimentos apressados, ditos por Gloria e repetidos pelas outras duas, as três foram para o vestiário de senhoras.

Pouco depois Muriel surgiu numa roupa complicada e se *arrastou* na direção deles. Estava completamente à vontade: o cabelo de ébano puxado para trás, os olhos artificialmente escurecidos, um perfume insistente. Estava composta, da melhor forma que lhe era possível, como uma sereia, ou mais popularmente, uma “vampira”, uma mulher que colhia e atirava fora homens, que brincava sem escrúpulos e sem emoção com as afeições alheias. Alguma coisa na sua atitude atraiu Maury à primeira vista – uma mulher de quadris largos, aparentando leveza de uma pantera! Enquanto esperavam mais três minutos por Gloria, e supondo-se, por uma questão de delicadeza, que Rachael também fosse esperada, não conseguiu afastar os olhos dela. Inclina a cabeça, abaixava as pálpebras e mordida o lábio numa espantosa exibição de timidez, ao mesmo tempo que colocava as mãos nos quadris e oscilava de um lado para o outro, ao som da música, dizendo:

– Já ouviram um *ragtime* melhor? Não consigo controlar os ombros quando ouço isso.

O Sr. Bloeckman bateu palmas, galante.

– Você devia estar no cinema.

– Gostaria de estar! – exclamou Muriel – Você me leva?

– Sem dúvida.

Com a devida modéstia, Muriel cessou os movimentos e voltou-se para Maury, indagando-lhe o que havia “visto” naquele ano. Maury interpretou a pergunta como se estivesse se referindo ao mundo dramático, e trocaram, em meio a risos, uma série de títulos, desta forma:

MURIEL: Você viu *Peg do meu coração*?

MAURY: Não, não vi.

MURIEL (*animada*): É maravilhoso! Precisa ver.

MAURY: Você viu *Omar, o fabricante de tendas*?

MURIEL: Não, mas ouvi dizer que é ótimo. Estou ansiosa para ver. Já viu *Bela e mais quente*?

MAURY (*esperançoso*): Já.

MURIEL: Não achei muito bom. É uma bobagem.

MAURY (*desanimado*): É, é verdade.

MURIEL: Mas fui ver *Dentro da lei* ontem e gostei. Você viu *O pequeno café*?

Isso continuou até que se acabaram as peças. Dick, enquanto isso, voltara-se para Bloeckman, decidido a extrair daquela carga nada promissora o que fosse possível.

– Ouvi dizer que todos os novos romances são vendidos para o cinema assim que são publicados.

– É verdade. Evidentemente, o principal num filme é uma boa história.

– Sim, imagino que sim.

– Muitos romances estão cheios de conversa e de psicologia. Esses, naturalmente, não têm valor para nós. É impossível fazer alguma coisa interessante deles no cinema.

– Vocês querem enredos, principalmente – disse Richard brilhantemente.

– É claro. Enredos, em primeiro lugar. – Fez uma pausa e desviou o olhar. Sua pausa se ampliou, incluindo os outros com toda a autoridade de um dedo admoestador. Gloria, seguida de Rachael, saía do vestiário.

Entre outras coisas, descobriu-se durante o jantar que Joseph Bloeckman jamais dançava, ficava o tempo todo observando os outros com a tolerância aborrecida de um velho entre crianças. Era um homem honrado e orgulhoso. Nascido em Munique, começara sua carreira americana como vendedor de amendoim num circo itinerante. Aos 18 fazia propaganda do circo, mais tarde dirigiu a propaganda e pouco depois era dono de um teatro de variedades de segunda classe. Quando o cinema deixou de ser uma curiosidade e passou a ser uma indústria promissora, ele era um jovem ambicioso de 26 anos e tinha algum dinheiro para investir, juntando a ambição com um bom conhecimento prático do negócio do entretenimento. Isso, nove anos antes. A indústria do cinema fizera-o subir com ela, embora tivesse lançado longe dúzias de outros homens com mais habilidade financeira, mais imaginação e mais ideias práticas... e agora lá estava ele sentado contemplando a imortal Gloria, pela qual o jovem Stuart Holcome fora de Nova York para Pasadena; observava-a e sabia que naquele momento ela ia parar de dançar e voltar à mesa, sentando-se à sua esquerda.

Queria que ela viesse depressa. As ostras estavam à espera já havia alguns minutos.

Enquanto isso, Anthony, que fora colocado à esquerda de Gloria, dançava com ela, sempre num mesmo lado do salão, que se tivesse sido isolado teria representado um delicado tributo à moça, significando:

“Danem-se, vocês, não penetrem!” Era, conscientemente, uma atitude de intimidade.

– Bem – disse ele, olhando para ela –, você está muito bonita esta noite.

Seus olhos se encontraram por sobre os 15 centímetros horizontais que os separavam.

– Obrigada... Anthony.

– Na verdade, sua beleza chega a incomodar – acrescentou ele. Dessa vez, não houve sorriso.

– E você é encantador.

– Não é ótimo? – Ele riu. – Na verdade, nós nos elogiamos mutuamente.

– Você não costuma elogiar? – Sua resposta fora rápida, como sempre ocorria nas alusões inexplicadas que fazia a si mesma, por mais breves que fossem.

Ele abaixou a voz e quando falou, só restara nela um leve traço de brincadeira.

– O padre não louva o Papa?

– Não sei, mas provavelmente esse foi o elogio mais vago que já recebi.

– Talvez eu possa lhe dizer algumas banalidades.

– Bem, não lhe queria dar esse trabalho. Olhe a Muriel! Bem pertinho de nós.

Olhou sobre o ombro. Muriel repousava seu rosto luminoso na lapela do paletó de Maury Noble, e seu braço esquerdo empoado estava aparentemente em torno do pescoço dele. Quem os visse se perguntaria por que ela não segurava o pescoço dele com a mão. Os olhos, voltados para o teto, iam de um lado para outro, os quadris oscilavam, e ao dançar ela cantarolava – o que, a princípio, parecia ser a tradução da canção para alguma língua estrangeira, mas finalmente tornou-se evidente que era

apenas a tentativa de encher a melodia com as únicas palavras da letra que ela conhecia: as do título.

Ele dança o *rag*
dançarino de *rag*
dançarino de *ragtime*
ragtime, ragtime, time,
Rag, dança, rag, dança

E assim por diante, em frases ainda mais estranhas e primitivas. Quando percebeu o olhar divertido de Anthony e Gloria, saudou-os apenas com um leve sorriso e um semicerrar de olhos, para indicar que a música, penetrando-lhe a alma, a colocara num transe extático e extremamente sedutor.

A música parou, e voltaram à mesa, cujo solitário mas digno ocupante levantou-se e dirigiu-lhes um sorriso tão insinuante como se lhes estivesse apertando a mão e congratulando pela brilhante atuação.

– O Blockhead não dança nunca! Acho que ele tem uma perna de pau – observou Gloria sem dirigir-se a ninguém em particular. Os três jovens assustaram-se e o cavalheiro mencionado estremeceu perceptivelmente.

Era esse um dos pontos de atrito nas relações entre Gloria e Bloeckman. Ela fazia trocadilhos, sem cessar, com o nome dele: primeiro, chamara-o “Blockhouse”, depois “Blockhead” (cabeça-dura), mais desagradável. Ele pedira, com forte tom de ironia, que usasse seu primeiro nome, e ela o fizera obedientemente várias vezes, para depois passar, irresistivelmente, com arrependimento dissolvido em riso, para o Blockhead.

Era algo realmente insensível e triste.

– Receio que o Sr. Bloeckman nos ache fúteis – suspirou Muriel, apontando com uma ostra equilibrada em sua direção.

– Parece que acha – murmurou Rachael.

Anthony tentou lembrar-se se ela dissera alguma coisa antes. Julgou que não – era a sua primeira observação.

De repente Bloeckman pigarreou e disse numa voz alta e audível:

– Pelo contrário. Quando o homem fala, ele é apenas a tradição. Tem, na melhor das hipóteses, alguns milhares de anos atrás de si. Mas a mulher, ora, ela é o miraculoso porta-voz da posteridade.

Na pausa espantada que se seguiu a essa surpreendente observação, Anthony engasgou-se com uma ostra e levou rapidamente o guardanapo à boca. Rachael e Muriel deram uma risada fraca e surpresa, da qual participaram Dick e Maury, ambos com o rosto vermelho e reprimindo, com evidente dificuldade, uma sonora gargalhada.

“Meu Deus”, pensou Anthony, “é o subtítulo de um dos filmes dele. O homem decorou a frase!”

Apenas Gloria nada disse. Contemplou Bloeckman com um olhar de censura silenciosa.

– Pelo amor de Deus, de onde você desenterrou isso?

Bloeckman olhou-a inseguro, sem saber ao certo qual era sua intenção. Mas num minuto recuperou o domínio e adotou o sorriso suave e conscientemente tolerante de um intelectual entre jovens mimados e inexperientes.

A sopa veio da cozinha – e ao mesmo tempo o diretor da orquestra veio do bar, onde absorvera a cor inerente em um belo copo de cerveja. Por isso, a sopa ficou esfriando durante a execução de uma balada denominada *Tudo está em casa exceto sua mulher*.

Veio então o champanhe e a festa adquiriu proporções mais divertidas. Os homens, exceto Richard Caramel, bebiam livremente. Gloria e Muriel beberam, cada uma, uma taça. Rachael Jerryl nada provou. Deixavam passar

as valsas, mas dançavam todo o restante – com exceção de Gloria, que pareceu cansada depois de certo tempo e preferiu ficar sentada, fumando, os olhos ora preguiçosos, ora vivos, conforme ouvia Bloeckman ou observava uma moça bonita entre os dançarinos. Várias vezes Anthony tentou imaginar o que Bloeckman estaria dizendo. Mascava um charuto, e se expandia, depois do jantar, em gestos violentos.

Às dez horas Gloria e Anthony estavam começando uma dança. Tão logo se afastaram da mesa, ela disse baixinho:

– Dance perto da porta. Quero ir até uma drogaria.

Obedientemente, Anthony guiou-a através da multidão na direção indicada e no corredor ela o deixou só por um momento, reaparecendo com o casaco no braço.

– Quero balas de goma – disse, desculpando-se bem-humorada. – Você não pode imaginar por quê. Sinto vontade de roer as unhas e se não conseguir balas de goma, acabarei roendo. – Suspirou quando entraram no elevador vazio. – Passei o dia roendo as unhas. Estou um pouco nervosa, sabe.

Chegando ao térreo, evitaram ingenuamente a loja de doces do hotel e, descendo a ampla escadaria da frente, atravessaram várias ruas até encontrar outra na Grand Central Station. Depois de um cuidadoso exame, ela finalmente comprou o que queria. Em seguida, com o mesmo impulso tácito, caminharam de braços dados na direção da qual tinham vindo, mas para a rua 43.

O degelo tornava viva a noite, e a temperatura estava quase tépida, a ponto de uma brisa, correndo pela calçada, ter dado a Anthony uma visão inesperada de primavera. No alto, no trecho oblongo e azul de céu, à volta deles, na corrente de ar, a ilusão de uma nova estação era uma libertação da atmosfera abafada e espessa da qual vinham, e por um momento o barulho

do tráfego e os sons da água correndo nas calhas pareceram um prolongamento ilusório e rarefeito da música ao som da qual haviam dançado. Quando Anthony falou, tinha a certeza de que suas palavras vinham de um desejo ansioso que a noite concebera no coração de ambos.

– Vamos tomar um táxi e dar uma volta! – sugeriu, sem olhar para ela.

Ó Gloria, Gloria!

Um táxi encostou no meio-fio. Ao afastar-se como um barco num mar labiríntico e perder-se em meio às formas noturnas incipientes dos grandes edifícios, entre gritos e buzinas ora calmos, ora estridentes, Anthony passou o braço em torno da jovem, puxou-a para si e beijou-lhe a boca úmida e infantil.

Ela permaneceu calada. Voltou para ele a face pálida sob os estilhaços e réstias de luz que penetravam no veículo como o luar através da folhagem. Seus olhos eram ondulações brilhantes no lago branco do rosto. As sombras do cabelo guarneciam-lhe a testa com uma penumbra. Não havia amor naquele rosto, nenhum traço de amor. Sua beleza era fria como a brisa úmida, como a umidade macia dos lábios dela.

– Você é como um cisne sob essa luz – sussurrou depois de um instante.

Houve silêncios murmurantes como sons. Houve pausas que pareciam na iminência de romper-se e eram levadas de novo para o esquecimento pela pressão de seu braço em torno dela e a sensação de que ela estava ali, como uma pena diáfana que tivesse vindo pairando no ar escuro. Anthony riu em silêncio e, exultando, voltou para o alto o rosto, para longe dela, um pouco num incontrolável movimento de triunfo, um pouco para que a visão dele não estragasse a imobilidade da expressão da jovem. Aquele beijo era uma flor encostada ao rosto, jamais poderia ser descrito, dificilmente poderia ser lembrado. Como se a beleza dela estivesse emanando em

ondas que se afundavam momentaneamente em seu coração, onde já se dissolviam.

...Os edifícios desapareceram nas sombras. Estavam agora no Central Park, e depois de algum tempo o grande fantasma branco do Metropolitan Museum passou majestoso, ecoando sonoramente o ruído do táxi.

Gloria, Gloria!

Os olhos dela pareceram contemplá-lo depois de muitos milhares de anos: toda a emoção que pudesse ter sentido, todas as palavras que pudesse ter dito teriam sido inadequadas diante daquele silêncio, inexpressivas diante da eloquência de sua beleza e de seu corpo, flexível e frio, junto ao dele.

– Diga a ele para voltar – murmurou ela –, e voltar depressa...

No salão o ar estava quente. A mesa, cheia de guardanapos e cinzeiros, tinha um ar velho e usado. Entraram entre duas danças, e Muriel Kane olhou-os brevemente:

– Bem, onde vocês estavam?

– Telefonando para minha mãe – respondeu Gloria friamente. – Prometi a ela que telefonaria. Perdemos alguma dança?

Seguiu-se então uma cena que, embora insignificante em si mesma, levou Anthony a refletir muitos anos depois. Joseph Bloeckman, inclinándose bem para trás em sua cadeira, olhou-o de uma maneira peculiar, na qual se misturavam, de forma curiosa e inseparável, várias emoções. Não saudou Gloria, a não ser pelo fato de levantar-se, e imediatamente retomou uma conversa com Richard Caramel sobre a influência da literatura no cinema.

Mágica

O completo e inesperado milagre da noite desaparece com a morte prolongada das últimas estrelas e o nascimento prematuro dos primeiros pregões de jornais. A chama volta a algum remoto e platônico fogo; o calor branco abandonou o ferro e o brilho abandonou o carvão.

Ao longo das prateleiras da biblioteca de Anthony, enchendo toda uma parede, deslizou um raio de sol frio e insolente, tocando, com gélida desaprovação, Thérèse de França, e Ana, a Supermulher, Jenny do Ballet do Oriente e Zuleika, a Feiticeira – e Hoosier Cora –, e numa prateleira mais embaixo e mais avançada nos anos, repousou nas muito invocadas sombras de Helena, Thaís, Salomé e Cleópatra.

Anthony, barbeado e de banho tomado, mergulhado na mais profunda de suas poltronas, observou o raio luminoso até que, com a subida lenta do sol, ele brilhou por um momento na beirada de seda do tapete – e foi embora.

Eram dez horas. O *Sunday Times*, espalhado a seus pés, proclamava em rotogravura e editorial, na coluna social e na página de esportes, que o mundo progredira tremendamente na semana anterior, em seu movimento em direção a um objetivo esplêndido, embora um pouco indeterminado. De sua parte, Anthony visitara uma vez o avô, duas o corretor e três o alfaiate – e, na última hora do último dia da semana, beijara uma encantadora moça, extremamente bela.

Quando chegara ao apartamento, sua imaginação vibrava com sonhos intensos e inéditos. De repente, desapareceram de seu pensamento os problemas externos que exigiam solução e resolução. Experimentara uma emoção que não era mental nem física, nem apenas uma combinação das duas, e o amor pela vida o absorveu momentaneamente, excluindo tudo o mais. Agradava-lhe que esse sentimento permanecesse isolado e singular.

Convencera-se, quase impessoalmente, de que nenhuma das mulheres que conhecera se comparava, em nenhum aspecto, a Gloria. Ela era profundamente ela mesma. Era imensamente sincera, disso tinha certeza. Ao lado dela, as duas dezenas de estudantes e debutantes, jovens casadas e jovens abandonadas que conhecera eram apenas *fêmeas*, no sentido mais vulgar, geratrizes e procriadoras, exsudando ainda uma leve atmosfera com cheiro de caverna e de berçário.

Pelo que podia perceber, ela não se havia submetido a nenhuma vontade sua nem afagado sua vaidade – exceto pelo prazer que evidenciava ao estar em sua companhia. Na verdade, não tinha razão para pensar que ela lhe tivesse dado mais do que aos outros. Assim devia ser. A ideia de que aquela noite evoluísse para uma ligação era tão remota quanto teria sido repugnante. E ela havia esquecido e enterrado o incidente decisivamente, como uma inverdade. Eram duas pessoas jovens com bastante imaginação para distinguir entre o jogo e a realidade – e que pela própria naturalidade com que se encontravam e seguiam em frente se consideravam inatingidas.

Tendo resolvido que assim era, foi até o telefone e ligou para o Hotel Plaza.

Gloria saíra. Sua mãe não sabia aonde fora nem quando voltaria.

Foi mais ou menos nessa altura que a primeira coisa errada no caso se fez sentir. Havia algo de insensível, quase de indecoroso, no fato de Gloria estar ausente de casa. Parecia-lhe que, saindo, ela o colocava numa posição desvantajosa. Ao voltar, saberia que ele telefonara e sorriria. Mas discretamente! Deveria ter esperado algumas horas, para deixar evidente a despreocupação com que encarava o incidente. Que tolice cometera! Ela havia de julgar que ele se considerava particularmente favorecido. Pensaria que reagia com a intimidade mais inepta a um episódio trivial.

Lembrou-se de que o zelador de seu edifício, a quem fizera um sermão sobre a irmandade entre os homens, batera no dia seguinte no seu apartamento, e como consequência do que acontecera na véspera, sentara-se junto à janela para uma descontraída conversa de meia hora. Anthony imaginou, horrorizado, se Gloria o veria como ele havia visto o zelador. Ele, Anthony Patch! Horror!

Não lhe ocorrera que estava numa situação passiva, sofrendo uma influência acima e além de Gloria, que era apenas como a chapa sensível da fotografia. Algum fotógrafo imenso focalizara a objetiva em Gloria e *snap!*, a pobre chapa não podia senão ser revelada, limitada, como tudo mais, à sua natureza.

Contudo, Anthony, estendido no sofá e contemplando o abajur alaranjado, passava a mão constantemente pelos cabelos negros e elaborava símbolos novos para as horas. Ela estava agora numa loja, parecia-lhe, movendo-se flexível entre veludos e peles, e seu vestido um farfalhar peculiar naquele mundo de ruídos de sedas e risos frios de soprano e perfume de muitas flores decapitadas mas vivas. As Minnies e Pearls e Jewels e Jennies se reuniriam à volta dela, levando o leve crepe *georgette* transparente, o *chiffon* delicado em cores suaves que lembravam seu rosto, a renda leitosa para jazer, em branco desalinho, sobre seu pescoço – o adamascado era usado apenas para cobrir sacerdotes e divãs, e o tecido de Samarcanda, lembrado apenas pelos poetas românticos.

Iria depois a outros lugares, inclinando a cabeça de centenas de modos diversos sob centenas de chapéus diferentes, buscando em vão cerejas falsas da cor de seus lábios ou plumas que fossem tão graciosas quanto seu corpo flexível.

Chegaria a tarde – e ela percorreria a Quinta Avenida como um Ganimedes nórdico, o casaco de pele oscilando elegantemente com seus

passos, as faces avermelhadas por um golpe de vento, o hálito uma bruma deliciosa no ar revigorante – e as portas do Ritz girariam, a multidão abriria espaço, cinquenta olhos masculinos se voltariam, enquanto ela despertaria sonhos esquecidos nos maridos de muitas mulheres obesas e cômicas.

Uma hora. Com o garfo ela procuraria atingir o coração de uma alcachofra, enquanto seu companheiro se serviria das frases espessas e gotejantes de um homem enamorado.

Quatro horas: seu pé movendo-se melodiosamente, seu rosto distinguindo-se na multidão, seu companheiro feliz como um cachorrinho mimado e inteiramente enlouquecido... Em seguida viria a noite baixando, talvez outra chuva fina. Os letreiros luminosos espalhariam sua luz pela rua. Quem sabe? Não mais prudentes do que ele, provavelmente buscariam recompor o quadro visto na noite anterior, na avenida. E bem poderiam, bem poderiam! Milhares de táxis se deteriam em milhares de esquinas, e apenas para ele aquele beijo estava para sempre perdido. Sob milhares de disfarces, Thaís chamaria um táxi e viraria o rosto para ser beijada. E sua palidez seria virginal e adorável, seu beijo casto como a lua...

Ergueu-se de um salto. Como era estranho que ela tivesse saído! Compreendera finalmente o que desejava: beijá-la novamente, repousar na sua grande imobilidade. Ela era o fim de toda inquietação, de todo descontentamento.

Anthony vestiu-se e saiu, como devia ter feito muito antes, para ir à casa de Richard Caramel ouvir a última revisão do último capítulo de *O demônio amante*. Não telefonou novamente para Gloria senão às seis. Mas apenas às oito conseguiu encontrá-la – e, oh, anticlímax dos anticlímaxes! – ela não podia marcar um encontro com ele até a tarde de terça-feira. Um pedaço quebrado de guta-percha caiu no chão quando ele bateu o telefone.

Magia negra

Na terça-feira fazia um frio de congelar. Ele chegou às duas horas, a temperatura gélida, e ao se apertarem as mãos ficou pensando, confusamente, se alguma vez a beijara. Era quase inacreditável, e duvidou seriamente de que ela se lembrasse.

– Telefonei para você quatro vezes no domingo.

– Foi?

Havia surpresa em sua voz, interesse em sua expressão. Silenciosamente, Anthony amaldiçoou-se por ter dito aquilo. Devia saber que o orgulho dela não se alimentava desses pequenos triunfos. Até então, não havia percebido a verdade – que jamais tendo se preocupado com homens, ela não se utilizava dos subterfúgios gastos, das concessões e recuos que constituíam o arsenal de suas irmãs. Quando gostava de um homem, isso bastava. Se julgava amá-lo, havia um impulso final e fatal. Seu encanto se preservava infinitamente.

– Estava ansioso para vê-la – disse ele simplesmente. – Quero conversar, quer dizer, conversar realmente, em algum lugar onde possamos ficar a sós. Posso?

– O que quer dizer?

Engoliu um pânico súbito. Sentiu que ela sabia o que ele desejava.

– Quero dizer não conversar numa mesa de chá.

– Está bem, mas não hoje. Quero fazer exercício. Vamos andar.

Foi amargo e áspero. Todo o ódio daninho no coração louco de fevereiro se transformou no vento gelado e açoitante que abria caminho cruelmente através do Central Park e pela Quinta Avenida. Era quase impossível conversar, e o desconforto o deixou distraído a ponto de ter dobrado na rua 61 e se dar conta de que ela não estava mais ao seu lado. Olhou à volta:

Gloria ficara 10 metros atrás, imóvel, o rosto semiculto na gola de pele que usava, irritada ou divertida, ele não sabia qual. Voltou.

– Não se interrompa por minha causa! – exclamou ela.

– Sinto muito – respondeu, confuso. – Eu estava indo muito depressa?

– Estou com frio – disse ela. – Quero ir para casa. E você anda muito depressa.

– Desculpe.

Lado a lado, caminharam para o Plaza. Quisera poder ver-lhe o rosto.

– Os homens em geral não costumam ficar tão absorvidos em si mesmos quando passeiam comigo.

– Desculpe.

– Isso é muito interessante.

– Está realmente muito frio para andar – disse ele, disfarçando a contrariedade.

Ela não respondeu e Anthony ficou imaginando se o dispensaria na porta do hotel. Ela entrou sem falar, dirigindo-se ao elevador com uma única observação:

– É melhor você subir.

Hesitou por uma fração de segundo.

– Talvez fosse melhor eu voltar outro dia.

– Como quiser. – As palavras foram murmuradas como um aparte. A principal preocupação da vida era ajeitar os cabelos no espelho do elevador. O rosto resplandecia, os olhos faiscavam, jamais parecera tão adorável, tão estranhamente desejável.

Desprezando a si mesmo, seguiu pelo corredor do décimo andar, com passos subservientes, atrás dela, e ficou na sala de estar enquanto ela desaparecia para guardar as peles. Alguma coisa estava errada – a seus próprios olhos, havia perdido a dignidade, e num confronto não

premeditado, e não obstante muito significativo, fora completamente derrotado.

Quando Gloria voltou à sala de estar, porém, ele já se dera explicações com uma satisfação de sofista. No final das contas, fizera o que fora mais forte, pensou. Quisera subir, e havia subido. Mas o que estava para acontecer ainda naquela tarde deveria ser atribuído ao sentimento de indignidade que experimentara no elevador. A moça o preocupava de forma intolerável, de tal modo que, quando voltou, ele involuntariamente passou à censura.

– Quem é esse Bloeckman, Gloria?

– Amigo de negócios do meu pai.

– Tipo estranho!

– Ele também não gosta de você – disse com um súbito sorriso.

Anthony riu.

– Fico lisonjeado. Evidentemente, ele me considera um... – interrompeu-se. – Está apaixonado por você?

– Não sei.

– Duvido que não saiba. É claro que está. Lembro-me do olhar que nos lançou quando voltamos à mesa. Provavelmente me teria mandado espancar por uma quadrilha de bandidos de cinema se você não tivesse inventado aquele telefonema.

– Ele não se importou. Conteí a ele depois o que realmente aconteceu.

– Você contou!

– Ele me perguntou.

– Não gosto muito disso – censurou ele.

Ela riu novamente.

– Ah, não?

– O que ele tem a ver com isso?

– Nada. Por isso é que conteí.

Anthony, numa grande agitação, mordeu selvagememente o lábio.

– Por que eu deveria mentir? – perguntou Gloria diretamente. – Não me envergonho de nada que faço. Ele queria saber se eu tinha beijado você, e como eu estava de bom humor, satisfiz a curiosidade dele com um simples e preciso “sim”. Sendo um homem sensível a seu modo, ele não disse mais nada.

– Exceto que me odeia.

– Oh, isso importa para você? Bem, se quer conhecer essa estupenda história até o fim, ele não disse que o odiava. Eu sei, simplesmente, que ele o odeia.

– Isso não me preo...

– Ah, vamos deixar isso de lado – exclamou ela, animada. – É uma questão que em nada me interessa.

Com enorme esforço, Anthony concordou em mudar de assunto, e passaram ao velho jogo de pergunta e resposta sobre o passado um do outro, animando-se aos poucos ao descobrirem as imemoriais semelhanças de gosto e ideias. Disseram coisas mais reveladoras do que pretendiam, mas fingiam aceitar-se pelo valor literal das palavras.

É assim que cresce a intimidade. A princípio, procuramos dar a melhor impressão a nosso respeito, apresentando uma imagem nossa na qual entram blefe, a falsidade e o humor. Em seguida, tornam-se necessários mais detalhes, e pintamos um segundo retrato, um terceiro – e em pouco tempo as melhores linhas desaparecem e o segredo é finalmente exposto. Os planos dos retratos se misturam e nos revelam, e embora pintemos e pintemos, já não conseguimos fazer um retrato. Devemos contentarmo-nos com a esperança de que os relatos fátuos que fazemos a nosso próprio respeito para nossas mulheres, nossos filhos e companheiros de trabalho sejam aceitos como verídicos.

– Parece-me – Anthony dizia com interesse – que o homem sem necessidade ou sem ambição é infeliz. Deus sabe que eu acharia terrível sentir pena de mim mesmo. Não obstante, às vezes invejo o Dick.

Seu silêncio era um estímulo. Era o mais perto que chegava de uma sedução intencional.

– E costumava haver ocupações dignas para os cavalheiros ociosos, coisas um pouco mais construtivas do que encher a paisagem de fumaça ou tomar o dinheiro dos outros. Há a ciência, naturalmente: por vezes parece-me que deveria ter adquirido uma boa base, digamos, na Escola Técnica de Boston. Mas agora teria de passar dois anos lutando contra os fundamentos da física e da química.

Ela bocejou.

– Já disse a você que não sei o que os outros devem fazer – disse secamente, e com sua indiferença o rancor de Anthony voltou.

– Você só se interessa por si mesma?

– Não muito.

Ele a encarou. A satisfação crescente que vinha experimentando com a conversa fez-se em pedaços. Gloria estivera irritada e irritante durante todo o dia, e pareceu-lhe odiar naquele momento seu egoísmo implacável. Fitou sombriamente o fogo na lareira.

Aconteceu então algo estranho. Ela se voltou para ele e sorriu, e ao vê-la sorrir todos os traços de irritação e orgulho ferido desapareceram, como se seu estado de espírito fosse um reflexo do dela, como se a emoção não lhe vibrasse no peito a menos que ela acionasse um cordão onipotente e controlador.

Aproximou-se e, tomando-lhe a mão, puxou-a gentilmente para si, trazendo-a até seu peito. Ela sorriu, e Anthony a beijou.

– Gloria – murmurou baixinho. Novamente ela exercera sua magia, sutil e penetrante como um perfume derramado, irresistível e doce.

Posteriormente, nem no dia seguinte nem durante muitos anos, ele se lembraria das coisas importantes daquela tarde. Ela se comovera? Havia, enquanto estava em seus braços, dito alguma coisa? Que prazer experimentara com seus beijos? E se entregara, um pouco que fosse, em qualquer momento?

Quanto a ele, não havia dúvida. Levantara-se e caminhara pela sala, em pleno êxtase. Que existisse tal jovem, que ali estivesse enroscada num canto do sofá como uma andorinha que acabara de descer de um voo límpido, observando-o com olhos inescrutáveis. Detinha-se e, meio timidamente a princípio, envolvia-a em busca de seu beijo.

Disse-lhe que era fascinante, que jamais encontrara alguém igual, pediu-lhe que o mandasse embora porque não queria apaixonar-se. Não viria vê-la novamente, ela já o desviara muito de seu caminho.

Que romance delicioso! Sua verdadeira reação não foi de medo nem remorso, apenas a profunda satisfação de estar com ela, que corria a banalidade de suas palavras e tornava o sentimentalismo triste e a pretensão inteligente. Ele voltaria, eternamente. Devia saber!

– Isso é tudo. Foi realmente excepcional conhecê-la, muito estranho e maravilhoso. Mas isso não vai dar certo, não duraria. – Ao falar, havia em seu coração aquele tremor que consideramos prova de nossa própria sinceridade.

Ele se lembraria mais tarde de uma das respostas dela. Ele se lembraria da seguinte forma, e talvez tivesse inconscientemente disposto as palavras e polido a frase:

– Uma mulher deveria poder beijar um homem bela e romanticamente sem nenhum desejo de ser sua esposa ou sua amante.

Como sempre quando estava com ele, ela parecia crescer gradualmente, até que, no final, elucubrações profundas demais para serem transpostas em palavras brilhavam em seus olhos.

Passou-se uma hora, e o fogo se elevava em pequenos êxtases como se sua vida que se desvanecia fosse doce. Eram cinco horas, e o relógio sobre a lareira soou. E como se uma sensibilidade selvagem fosse despertada nele por aquelas pancadas leves e gentis que anunciavam que as pétalas da tarde caíam, Anthony puxou-a para cima, pondo-a de pé, mantendo-a impotente, sem respirar, num beijo que não era um jogo nem um tributo.

Os braços dela caíram ao lado do corpo. Num momento estava livre.

– Não – disse tranquilamente. – Não quero isso.

Sentou-se na ponta do sofá e ficou olhando fixamente para a frente. Uma ruga surgira-lhe entre os olhos. Anthony sentou-se a seu lado e apertou-lhe as mãos. Estavam inertes e não responderam.

– Ora, Gloria! – Fez um movimento como se fosse envolvê-la com o braço, mas ela se afastou.

– Não quero isso – repetiu.

– Sinto muito – disse ele, um pouco impaciente. – Eu... Eu não sabia que você estabelecia distinções tão sutis.

Ela não respondeu.

– Não quer me beijar, Gloria?

– Não quero. – Parecia-lhe que ela não se movia havia horas.

– Uma mudança repentina, não acha? – A perturbação aumentava em sua voz.

– É? – Ela parecia desinteressada. Era quase como se estivesse olhando para outra pessoa.

– Talvez seja melhor eu ir embora.

Nenhuma resposta. Levantou-se e olhou-a com raiva, incerto. Sentou-se outra vez.

– Gloria, Gloria, não quer me beijar?

– Não. – Seus lábios apenas se entreabriram para a resposta.

Novamente ele ficou de pé, dessa vez com menos decisão, menos confiança.

– Então, eu vou.

Silêncio.

– Está bem, eu vou.

Tinha consciência de uma irremediável falta de originalidade em suas palavras. Sentia, na verdade, que toda a atmosfera se tornara opressiva. Queria que ela falasse, gritasse, qualquer coisa, menos aquele silêncio avassalador e gélido. Amaldiçoou-se como um tolo fraco; seu desejo mais forte era comovê-la, feri-la, fazê-la vibrar. Involuntária e irremediavelmente, errara de novo.

– Se está cansada de me beijar, é melhor eu ir embora.

Viu os lábios dela se contraírem levemente, e o que restava de dignidade o abandonou. Finalmente, ela falou:

– Acho que você já disse isso várias vezes.

Olhou imediatamente à sua volta, viu o chapéu e o sobretudo numa cadeira e fitou-os por um momento, um intolerável momento. Olhando de novo para o sofá, percebeu que ela não se voltara, nem se movera. Com um incerto “adeus” do qual logo se arrependeu, saiu rápido, mas sem dignidade, da sala.

Por um momento Gloria permaneceu quieta. Seus lábios ainda estavam contraídos, seu olhar era direto, orgulhoso, remoto. E então seus olhos se enevoaram um pouco e ela murmurou a meia voz três palavras para o fogo agonizante:

– Adeus, seu idiota!

Pânico

O homem sofrera o golpe mais duro de sua vida. Sabia, finalmente, o que desejava, mas ao descobri-lo parecia que o colocara para sempre fora de seu alcance. Chegou em casa num estado miserável, caiu numa poltrona sem nem mesmo tirar o sobretudo, ficou sentado por mais de uma hora, o espírito percorrendo as trilhas infrutíferas e terríveis da autoabsorção. Ela o mandara embora! Era esse o âmago insistente de seu desespero. Em vez de agarrar a moça e mantê-la presa pela pura força até que ela se tornasse passiva ao seu desejo, em vez de dominar-lhe a vontade, havia saído, derrotado e impotente, de sua casa, com os cantos da boca caídos e a força que poderia haver em sua dor e em seu ódio oculta na atitude de um menino punido. Num minuto, ela demonstrara gostar dele tremendamente – ah, quase o amara. No minuto seguinte, tornara-se indiferente para ela, um homem insolente que recebera a humilhação merecida.

Não tinha grandes acusações a se fazer – algumas, certamente, mas outras coisas eram agora mais fortes nele, por muito mais urgentes. Não estava apenas apaixonado por Gloria, estava louco por ela. Se não pudesse tê-la novamente perto, beijá-la, abraçá-la muito e sem resistência, nada mais queria da vida. Pelos seus três minutos de inflexível indiferença, ela passara da posição destacada mas normal que ocupava na mente de Anthony para uma preocupação dominante. Por mais que seus pensamentos desconexos variassem entre um desejo apaixonado pelos beijos dela e um igualmente apaixonado ímpeto de feri-la e dominá-la, a essência de seu pensamento era, de uma forma mais completa, possuir a alma triunfante que brilhara durante

aqueles três minutos. Ela era bela, mas particularmente impiedosa. Precisava possuir aquela força capaz de mandá-lo embora.

No momento, essa análise não era possível a Anthony. A clareza de seu pensamento, todos os infundáveis recursos que julgava ter adquirido com a ironia haviam sido postos de lado. Não somente naquela noite, mas durante os dias e as semanas que se seguiram, seus livros representavam apenas objetos, e seus amigos, apenas pessoas que viviam e andavam num nebuloso mundo exterior, do qual estava tentando fugir – um mundo frio, cheio de vento gelado, para ele que vira por um instante a sala cálida onde a lareira brilhava.

À meia-noite começou a perceber que tinha fome. Desceu para a rua 52, onde o frio era tanto que mal podia ver: a umidade se congelava em suas pálpebras e nos cantos da boca. A melancolia baixara sobre tudo, vinda do norte, impondo-se à rua estreita e sem graça, onde negras figuras encapuzadas, ainda mais negras contra a noite, moviam-se canhestramente pela calçada, cortando o vento, arrastando os pés cautelosamente, como se estivessem de esquis. Anthony entrou na Sexta Avenida tão absorto em seus pensamentos que não notou o olhar de várias pessoas voltando-se. Seu sobretudo estava totalmente aberto, e o vento penetrava nele com uma fúria impiedosa e mortal.

...Depois de algum tempo, a garçonete falou, uma garçonete gorda com óculos de aros escuros de onde pendia um longo cordão preto.

– O que vai querer, por favor!

Sua voz pareceu-lhe desnecessariamente alta. Olhou-a, ressentido.

– Vai querer ou não?

– É claro que vou – disse ele.

– Bem, já perguntei três vezes. Isso aqui não é uma sala de estar.

Olhou para o relógio grande e descobriu com espanto que passava das duas. Estava longe, em algum ponto da rua 30, e levou um momento para encontrar e traduzir o:

CHIPS

num semicírculo branco de letras no vidro que dava para a rua. O lugar estava habitado esparsamente por três ou quatro desoladas e meio congeladas criaturas da noite.

– Quero bacon, ovos e café, por favor.

A garçonete lançou-lhe um último olhar de desprezo e, parecendo comicamente intelectual com seus óculos, afastou-se.

Meu Deus! Os beijos de Gloria haviam sido como flores! Lembrava-se, como se anos houvessem passado, do frescor de sua voz, da beleza das linhas de seu corpo através das roupas, seu rosto cor de lírio sob os postes da rua – sob os postes.

O sofrimento golpeou-o de novo, juntando uma espécie de terror à dor e à ansiedade. Perdera-a. Era a verdade, não havia como negar, como minorá-la. Mas uma nova ideia cortara-lhe o céu e Bloeckman! O que aconteceria agora? Era um homem rico, tinha idade bastante para ser tolerante com uma bela mulher, para acalantar-lhe os caprichos e suportar-lhe os absurdos, para usá-la como talvez ela quisesse ser usada – uma flor radiante em sua lapela, a salvo e protegida das coisas que temia. Sentia que ela estava jogando com a ideia de casar-se com Bloeckman, e era bem possível que a decepção com Anthony a levasse, num súbito impulso, para os braços dele.

A ideia o deixou desesperado. Queria matar Bloeckman e fazer com que ele sofresse por sua presunção odiosa. Repetiu-se isso muitas vezes, os dentes apertados e uma orgia de ódio e medo nos olhos.

Por trás desse ciúme terrível, porém, Anthony estava finalmente apaixonado, profunda e realmente apaixonado, como se diz entre homem e mulher.

O café surgiu-lhe junto ao cotovelo e ele exalou, durante certo tempo, uma coluna de vapor que foi diminuindo. O gerente da noite, sentado à sua mesa, olhou a figura imóvel, a última na sala, e com um suspiro dirigiu-se a ele exatamente no momento em que o ponteiro das horas cruzava o número 3 no relógio.

Sabedoria

Depois de mais um dia, a agitação diminuiu e Anthony começou a raciocinar um pouco. Estava apaixonado – repetia ardentemente para si mesmo. Aquilo que uma semana antes lhe pareciam obstáculos intransponíveis – sua renda limitada, seu desejo de ser irresponsável e independente – se haviam tornado nas últimas quarenta horas apenas uma palha no vento de seu entusiasmo. Se não se casasse com Gloria, sua vida seria uma pálida paródia da adolescência. Para enfrentar as pessoas e suportar a constante lembrança de Gloria em que toda a existência se transformara, era-lhe necessário ter esperança. Por isso, construiu com seu sonho, desesperada e tenazmente, uma esperança, frágil e verdadeira, que se rompia e dissipava várias vezes por dia, uma esperança envolta em zombaria, mas ainda assim uma esperança que lhe fortalecia o respeito próprio.

Disso nasceu uma fagulha de sabedoria, uma verdadeira percepção de si mesmo, vinda de um passado fácil.

– A memória é curta – refletiu.

Muito curta. Num momento crucial, o presidente de uma fundação está em julgamento, como um criminoso potencial que necessita apenas de um empurrão para ir parar na cadeia, desprezado pelos honestos formalistas à volta. Depois de absolvido, num ano está tudo esquecido. “Sim, ele teve certas dificuldades uma vez, apenas uma questão técnica, acho.” A memória é muito curta!

Anthony vira Gloria, ao todo, uma dúzia de vezes, digamos, duas dúzias horas. E se não a procurasse por um mês, não fizesse qualquer tentativa de vê-la ou falar-lhe, evitando todos os lugares onde ela pudesse ir? Não seria então possível, e ainda mais possível porque ela jamais o amara, que no fim desse período a sucessão dos acontecimentos apagasse a lembrança de Anthony da consciência de Gloria, e com isso ela esquecesse a ofensa e a humilhação? Ela esqueceria, pois haveria outros homens. Hesitou. As implicações lhe surgiram com toda a força – outros homens. Dois meses, meu Deus! Melhor três semanas, duas semanas...

Pensou nisso na segunda noite após a catástrofe, ao se despir, jogando-se na cama e ali permanecendo, tremendo de leve e olhando o alto do dossel.

Duas semanas – era pior que não dar tempo nenhum. Em duas semanas ele estaria junto dela, mais ou menos na mesma situação, sem personalidade, sem confiança; continuaria a ser o homem que fora muito longe, e então, por um período que no tempo era apenas um momento mas na realidade constituía uma eternidade, lamentou-se. Não, duas semanas era pouco. O sofrimento que ela experimentara naquela tarde exigia tempo para ser esquecido. Devia dar-lhe um período para que o incidente se apagasse, e em seguida um novo período para que ela começasse a pensar gradualmente nele, por mais vagamente que fosse, com uma perspectiva verdadeira que lhe recordaria a agradável companhia dele, mas também sua humilhação.

Fixou, finalmente, em seis semanas aproximadamente o melhor intervalo para seus propósitos, e num calendário de mesa assinalou os dias, verificando que o término do prazo caía em 9 de abril. Muito bem, naquele dia telefonaria perguntando se podia visitá-la. Até lá, silêncio.

Melhorou gradualmente depois dessa decisão. Pelo menos dera um passo na direção apontada pela esperança e compreendera que, quanto menos se ocupasse dela, melhor poderia dar a impressão pretendida quando se encontrassem.

Em menos de uma hora, caiu num sono profundo.

O intervalo

Não obstante, ainda que com o passar dos dias o brilho dos cabelos dela diminuísse perceptivelmente para ele, e após um ano de separação pudesse ter-se apagado totalmente, durante as seis semanas houve muitos dias abomináveis. Temia ver Dick e Maury, imaginando loucamente que sabiam de tudo, mas quando se encontraram, foi Richard Caramel, e não Anthony, quem centralizou a atenção: *O demônio amante* fora aceito para publicação imediata. Anthony sentia que estava se movendo num mundo à parte. Já não desejava o calor e a segurança da companhia de Maury, que lhe era agradável até pouco tempo antes, em novembro. Somente Gloria podia lhe dar isso agora, mais ninguém. O êxito de Dick alegrava-o apenas casualmente, e não o preocupava nem um pouco. Significava que o mundo continuava caminhando – escrevendo, lendo e publicando – e vivendo. E ele queria que o mundo esperasse, imóvel e sem respirar por seis semanas, enquanto Gloria esquecia.

Dois encontros

Sua maior satisfação era a companhia de Geraldine. Levou-a para jantar e ao teatro uma vez, e recebeu-a várias vezes em seu apartamento. Quando estava com ela, ela o absorvia, não como ocorria na companhia de Gloria, mas lhe aquietando as sensibilidades eróticas que se ocupavam de Gloria. Não importava como beijasse Geraldine. Um beijo era um beijo, para ser desfrutado ao máximo em sua curta duração. Para Geraldine, as coisas tinham definições precisas: o beijo era uma coisa, o que fosse além disso era outra; o beijo estava bem, mas as outras coisas eram “más”.

Quando já se havia passado metade do intervalo, ocorreram dois incidentes em dias sucessivos que lhe perturbaram a crescente calma e causaram uma recaída passageira.

O primeiro foi: ele viu Gloria. Foi um encontro rápido. Cumprimentaram-se, falaram-se, mas não se ouviram. Mas depois que passou, Anthony leu toda uma coluna de *The Sun* três vezes seguidas sem compreender uma única frase.

Havia julgado que na Sexta Avenida estava em segurança! Tendo abandonado seu barbeiro no Plaza, dirigiu-se à esquina certa manhã para fazer a barba e, enquanto esperava sua vez, tirou o paletó e o colete e, com o colarinho aberto, parou junto ao vidro fronteiro da barbearia. O dia era um oásis no deserto frio de março e a calçada estava alegre, com uma população de adoradores do sol a passear. Uma mulher gorda coberta de veludo, com as bochechas flácidas muito massageadas, passou com um *poodle* preso à coleira à frente dela, dando a impressão de um rebocador levando ao porto um transatlântico. Atrás deles um homem num terno azul de listras riu diante da cena e, vendo Anthony atrás do vidro, piscou para ele. Anthony riu, imediatamente tomado por aquele humor que faz de todos os homens e

mulheres espíritos absurdos, grotescamente curvados e arredondados num mundo retangular que eles próprios construíram. Inspiravam-lhe as mesmas sensações que aqueles peixes estranhos e monstruosos que habitavam o mundo esotérico e verde do aquário.

Dois outros transeuntes lhe atraíram o olhar casualmente, um homem e uma moça, e num instante horrorizado percebeu que a moça era Gloria. Ficou ali, impotente; aproximaram-se e Gloria, olhando para dentro, viu-o. Seus olhos se arregalaram e ela sorriu cortesmente. Seus lábios se moveram. Estava a menos de 1,5 metro de distância.

– Como vai? – murmurou ele, sem ação.

Gloria, feliz, bela e jovem, com um homem que ele nunca vira antes!

A cadeira do barbeiro vagou, e foi então que ele leu a coluna do jornal três vezes seguidas.

O segundo incidente ocorreu no dia seguinte. Indo ao bar do Manhattan por volta das sete horas, viu-se cara a cara com Bloeckman. O bar estava quase deserto, e antes de se reconhecerem mutuamente, ele ficara de pé junto do outro homem e pedira uma bebida. Era, portanto, inevitável que se falassem.

– Olá, Sr. Patch – disse Bloeckman com a cordialidade necessária.

Anthony apertou a mão que lhe foi estendida e trocou algumas frases sobre as flutuações do mercúrio.

– Vem muito aqui? – indagou Bloeckman.

– Não, raramente. – Não disse que o bar do Plaza fora, até havia bem pouco tempo, seu favorito.

– Belo lugar. Um dos melhores bares da cidade.

Anthony balançou a cabeça. Bloeckman esvaziou o copo e pegou a bengala. Estava vestido a rigor.

– É melhor eu ir andando. Vou jantar com a Srta. Gilbert.

A morte o olhou subitamente com dois olhos azuis. Se Bloeckman se houvesse anunciado como possível assassino de Anthony, não lhe poderia ter dado golpe mais violento. O moço deve ter corado visivelmente, pois todos os seus nervos foram tomados por um tumulto instantâneo. Com um esforço tremendo, conseguiu dar um sorriso rígido – muito rígido – e disse um adeus convencional. Mas naquela noite ficou acordado até depois das quatro, meio louco de dor, medo e imagens abomináveis.

Fraqueza

Um dia, na quinta semana, telefonou-lhe. Estava sentado em seu apartamento, tentando ler *A educação sentimental*, e alguma coisa no livro levou seus pensamentos na direção que, quando livres, eles sempre tomavam, como cavalos correndo para a cocheira onde viviam. Com a respiração ofegante, dirigiu-se ao telefone. Quando disse o número, pareceu-lhe que sua voz tremia e desaparecia como a de um menino. A central telefônica devia ter ouvido as batidas de seu coração. O som do fone levantado no outro extremo da linha pareceu a trombeta do juízo final, e a voz da Sra. Gilbert, suave como um melado escorrendo num pote de vidro, teve para ele um tom de horror, em seu simples: “Alô?”.

– A Srta. Gloria não está se sentindo bem. Está deitada, dormindo. Quem quer falar com ela?

– Ninguém! – gritou ele.

Num pânico terrível, bateu com o fone e caiu em sua poltrona, suando frio e com a respiração agitada, mas aliviado.

Serenata

A primeira coisa que Anthony lhe disse foi:

– Ora, você cortou o cabelo!

E ela respondeu:

– Cortei, não está ótimo?

Não era moda, ainda. Só o seria dentro de cinco ou seis anos. Na época, era considerado muito ousado.

– O sol está uma beleza lá fora. Não quer dar uma volta? – ele perguntou gravemente.

Ela vestiu um casaco leve e um chapeuzinho provocante. Andaram pela avenida até o jardim zoológico, onde admiraram devidamente o tamanho do elefante e do pescoço da girafa, mas não foram ver os macacos, porque Gloria achava que cheiravam muito mal.

Voltaram, depois, na direção do Plaza, sem conversar, mas satisfeitos em sentir a primavera cantando no ar cálido que envolvia a cidade subitamente dourada. À direita estava o parque, e à esquerda uma massa de granito e mármore transmitia a mensagem caótica de um milionário a quem quisesse conhecê-la: algo sobre “trabalhei e economizei e fui mais esperto do que qualquer outro, e eis-me aqui, eis-me aqui!”

Todos os novos e mais belos modelos de automóveis desfilavam pela Quinta Avenida, e à frente deles o Plaza se mostrava excepcionalmente branco e atraente. A dócil e indolente Gloria caminhava um pouco a sua frente, fazendo observações preguiçosas que flutuavam um momento no ar antes de lhe chegar ao ouvido.

– Quero ir para o sul, para Hot Springs! Quero sair ao ar livre e rolar sobre a grama nova e esquecer que um dia houve inverno!

– Não vá!

– Quero ouvir um milhão de pássaros esvoaçando. Eu sou como um pássaro.

– Todas as mulheres *são* pássaros – arriscou ele.

– Que pássaro sou eu? – perguntou, rápida e ansiosa.

– Uma andorinha, acho, e por vezes uma ave-do-paraíso. A maioria das moças é pardal, naturalmente. Está vendo aquelas babás ali? São pardais, ou serão gralhas? E certamente já encontrou moças que eram canários.

– E moças cisnes e moças papagaios. Todas as mulheres maduras são gaviões, parece-me, ou corujas.

– E o que sou eu, uma ave de rapina?

Ela riu e balançou a cabeça.

– Não, você não tem nada de pássaro, sabia? É um mastim russo.

Anthony sabia que eram brancos e aparentavam estar sempre com uma fome excepcional. Mas como em geral eram fotografados com duques e princesas, sentiu-se devidamente lisonjeado.

– O Dick é um *fox terrier* – continuou ela.

– E o Maury é um gato. – Ocorreu-lhe, ao mesmo tempo, que Bloeckman se parecia com um porco robusto e ofensivo. Mas guardou um silêncio discreto.

Mais tarde, quando se separaram, Anthony perguntou quando podia vê-la novamente.

– Você nunca marca encontros demorados? Mesmo que seja daqui a uma semana, acho que seria bom passarmos um dia todo juntos, manhã e tarde.

– Seria mesmo, não é? – ela pensou por um instante. – Vamos fazer isso no próximo domingo.

– Está bem. Vou organizar uma programação que nos ocupará todos os minutos.

Foi o que fez. Chegou a imaginar em detalhes o que aconteceria nas duas longas horas em que ela iria ao seu apartamento tomar chá – como Bounds abriria as janelas para deixar entrar a brisa ao mesmo tempo que a lareira

estaria acesa para evitar que o ar se esfriasse muito, e como haveria braçadas de flores nos grandes jarros que ia comprar especialmente para a ocasião. Ficariam sentados no sofá.

E quando chegou o dia, sentaram-se no sofá. Anthony beijou-a porque isso aconteceu naturalmente; a doçura ainda dormia nos lábios dela e foi como se jamais se tivessem separado. O fogo brilhava, a brisa balançava as cortinas, trazendo uma umidade suave, prometendo maio e o mundo do verão. Sua alma vibrava em harmonias remotas. Ouvia o soar de violões distantes e de ondas marulhando numa cálida praia mediterrânea, pois era jovem como nunca voltaria a ser, e mais triunfante do que a morte.

Seis horas chegaram muito depressa, fazendo soar os sinos da igreja de St. Anne na esquina. Na penumbra que se acentuava, caminharam pela avenida, onde as multidões, como prisioneiros libertados, andavam com passo elástico, finalmente, depois do longo inverno; os andares altos dos ônibus estavam cheios; as lojas exibiam coisas belas e leves para o verão, o raro verão, o alegre e promissor verão que parecia ser para o amor o mesmo que o inverno era para o dinheiro. A vida cantava nas esquinas! A vida distribuía rodadas de coquetéis na rua! No meio da multidão havia mulheres velhas que se sentiam capazes de disputar e vencer uma corrida de 100 metros!

À noite, deitado com a luz apagada no quarto frio inundado pelo luar, Anthony ficou acordado, brincando com todos os minutos do dia, como uma criança brinca sucessivamente com os vários presentes que ganhou de Natal. Dissera a Gloria, docemente, quase no meio de um beijo, que a amava, ela sorria e o abraçara, murmurando “estou contente” e olhando-o nos olhos. Havia algo de novo em sua atitude, uma intensificação da atração física por ele e uma estranha tensão emocional que o fazia fechar a mão e

prender a respiração ao se recordar. Sentira-se mais perto dela do que nunca. Num contentamento raro, gritara alto, para a sala, que a amava.

Telefonou-lhe na manhã seguinte, sem hesitação, sem incerteza agora, e um entusiasmo delirante duplicou e triplicou ao ouvir-lhe a voz:

– Bom dia, Gloria.

– Bom dia.

– Telefonei apenas para dizer isso, querida.

– Fico feliz que tenha telefonado.

– Queria vê-la.

– Você vai ver, amanhã à noite.

– Falta muito ainda, não acha?

– Acho. – A voz estava relutante. A mão dele apertou com força o fone.

– Não poderia ser hoje à noite? – Ousava qualquer coisa na expectativa gloriosa daquele “sim” quase murmurado.

– Tenho um encontro.

– Oh!...

– Mas eu poderia... poderia cancelar.

– Oh! – Uma exclamação pura, uma rapsódia. – Gloria?

– O quê?

– Eu amo você.

Outra pausa e:

– Eu... eu fico feliz.

A felicidade, observou certa vez Maury Noble, é apenas a primeira hora depois que nos livramos de um sofrimento particularmente intenso, mas o rosto de Anthony ao caminhar pelo corredor do décimo andar do Plaza naquela noite! Seus olhos escuros brilhavam, dava prazer ver as curvas de sua boca. Estava mais belo do que nunca, destinado a um daqueles

momentos imortais que acontecem de forma tão radiante que sua luz é suficiente para iluminar anos.

Bateu, e uma voz mandou que entrasse. Gloria, vestida de cor-de-rosa, suave como uma flor, estava do outro lado da sala, de pé, olhando para ele com os olhos arregalados.

Quando ele fechou a porta, ela deu uma leve exclamação e atravessou rapidamente o espaço que os separava, os braços se erguendo na antecipação de uma carícia ao se aproximar. Juntos, esmagaram as pregas engomadas de seu vestido num longo e triunfante abraço.

Nota:

1. Referência a um musical de Gilbert Sullivan, intitulado *H. S. Pinafore*. (N. do T.).

Livro II

1

A hora radiante

Depois de duas semanas, Anthony e Gloria começaram a dedicar-se às “discussões práticas”, como chamavam as sessões em que, sob o disfarce de um realismo severo, caminhavam sob um eterno luar.

– Não tanto quanto eu amo você – insistia o crítico de belas-letras. – Se realmente me amasse, ia querer que todos soubessem.

– Mas eu o amo – protestava ela. – Quero ficar na esquina, como um homem-sanduíche, informando a todos os que passam.

– Então, diga-me por que não quer se casar comigo em junho.

– Bem, porque você é tão puro. Você é puro como o vento, assim como eu. Há duas formas de ser puro, sabe. Uma é como o Dick: ele é puro como uma caçarola bem polida. Você e eu somos puros como os rios e os ventos. Posso dizer, sempre que vejo uma pessoa, se ela é pura, e se for, qual é o tipo de pureza.

– Somos iguais.

Pensamento extasiante!

– A minha mãe diz... – hesitou, insegura – a minha mãe diz que por vezes duas almas são criadas juntas e... amam-se antes mesmo de nascerem.

O bilfismo ganhou seu convertido mais fácil... Ele ergueu a cabeça e riu silenciosamente para o teto. Quando seus olhos se voltaram para ela, percebeu que estava irritada.

– Por que você riu? – perguntou. – Já fez isso duas vezes. Não há nada de engraçado na nossa relação. Não me importo de me fazer de tola, nem que seja você a fazê-lo, mas não posso tolerar isso quando estamos juntos.

– Desculpe.

– Ora, não peça desculpas! Se não consegue pensar em nada melhor para dizer, então fique calado!

– Em amo você.

– Não me importa.

Houve uma pausa. Anthony ficou deprimido... Finalmente, Gloria murmurou:

– Desculpe-me por ter sido mesquinha.

– Não, o mesquinho fui eu.

A paz se restabeleceu – os momentos seguintes foram muito mais mais doces, intensos e pungentes. Eles eram como atores num palco, cada qual representando para uma plateia de dois: a intensidade com que fingiam criava a realidade. Ali, finalmente, estava a quintessência da autoexpressão, embora fosse provável que tal amor fosse mais uma expressão de Gloria que de Anthony. Ele se sentia com frequência como um convidado mal tolerado numa festa dada por ela.

Foi embaraçoso fazer comunicação à Sra. Gilbert. Ela se sentou rígida na cadeira e ouviu com um ar sério e concentrado. Devia saber, pois havia três semanas Gloria não saía com mais ninguém, e devia ter observado que dessa vez havia uma autêntica diferença na atitude da filha, que recebera várias cartas por mensageiro especial; e a Sra. Gilbert ouvira, como fazem todas as mães, finais de conversa pelo telefone, disfarçadas, mas bastante ternas.

Não obstante, fingiu delicadamente estar surpresa e declarou-se imensamente satisfeita, e sem dúvida estava, como ficavam os gerânios plantados nas jardineiras das janelas e os táxis quando os namorados

buscavam a romântica intimidade dos carros de praça – recurso estranho – e os sóbrios cardápios nos quais escreviam “eu te amo”, passando-o ao outro para que visse.

Mas entre os beijos, Anthony e sua linda jovem brigavam sem parar.

– Ora, Gloria, por favor, deixe-me explicar! – exclamava ele.

– Não explique, me beije.

– Não acho que esteja certo. Se eu a magoei, temos que conversar sobre isso. Não gosto desse beije-me-e-esqueça.

– Mas eu não quero discutir. Acho maravilhoso podermos nos beijar e esquecer, e quando isso não for possível, então será o momento de discutirmos.

Certa vez, uma pequena discussão atingiu tal proporção que Anthony levantou-se e vestiu o sobretudo – por um momento, a cena de fevereiro pareceu repetir-se, mas sabendo como Gloria se emocionava profundamente, conservou a dignidade e o orgulho e num minuto ela estava soluçando em seus braços, o rosto adorável revelando sofrimento e medo como se fosse uma menina.

Enquanto isso, continuavam se mostrando um ao outro, involuntariamente, pelas reações e evasões curiosas, pelas coisas de que não gostavam, pelos preconceitos e por alusões não intencionais ao passado. Ela era orgulhosamente incapaz de sentir ciúme, e sendo Anthony extremamente ciumento, essa virtude o irritava. Contou-lhe incidentes recônditos de sua vida, na esperança de que isso despertasse alguma centelha de ciúme, mas foi inútil. Ela o possuía agora, e não desejava saber do passado.

– Anthony, sempre que eu sou cruel com você, me arrependo depois – dizia ela. – Daria a minha mão direita para lhe poupar um momento de sofrimento que fosse.

Nessas ocasiões, seus olhos se enchiam de lágrimas, sem que ela soubesse a ilusão que havia em suas palavras. E Anthony sabia que, mesmo assim, havia dias em que se magoavam intencionalmente, experimentando quase um prazer nisso. Ela o intrigava sem cessar: num instante tão íntima e encantadora, lutando desesperadamente por uma união tácita e transcendente. No outro, silenciosa e fria, aparentemente indiferente a qualquer consideração sobre o amor deles ou qualquer coisa que ele pudesse dizer. Com frequência, Anthony atribuía essas fabulosas reticências a algum desconforto físico – dos quais ela jamais se queixava, senão quando haviam terminado – ou a algum descuido ou presunção da sua parte, ou a um jantar insatisfatório, mas mesmo assim os meios pelos quais ela criava as distâncias infinitas que colocava à sua volta eram um mistério, enterrado em alguma parte daqueles 22 anos de orgulho resoluto.

– Por que você gosta da Muriel? – ele perguntou certo dia.

– Não gosto... muito.

– Então, por que sai com ela?

– Para não sair sozinha. Elas não cansam, essas meninas. Acreditam em tudo que lhes digo. Mas gosto mais da Rachael. Ela me parece inteligente, e tão pura, e elegante, não acha? Eu costumava ter outras amigas, em Kansas City e na escola, mas apenas porque os rapazes nos levavam para passear juntas. Não me interessavam quando deixávamos de ir aos mesmos lugares. A maioria delas está casada hoje. Mas o que isso importa? Elas são apenas pessoas.

– Você prefere os homens, não é?

– Ah, muito mais. Tenho um espírito masculino.

– Você tem um espírito como o meu. Não é acentuadamente de nenhum dos gêneros.

Mais tarde, ela lhe contou o início de sua amizade com Bloeckman. Um dia, no Delmonico, Gloria e Rachael encontraram-se com Bloeckman e o Sr. Gilbert almoçando, e a curiosidade fez com que Gloria sugerisse que elas se juntassem aos dois. Gostara bastante dele. Era um alívio em relação aos homens mais moços, pois se satisfazia com muito pouco. Divertia-a, ria, compreendendo-a ou não. Encontrara-se com ele diversas vezes, apesar da desaprovação franca dos pais, e um mês depois ele a pedira em casamento, oferecendo-lhe tudo, desde uma vila na Itália a uma brilhante carreira no cinema. Ela rira-lhe na cara – e ele rira também.

Mas não desistira. Até o momento em que Anthony entrara em cena, vinha fazendo lentos progressos. Ela o tratava bastante bem, exceto pelo fato de dar-lhe sempre um apelido ofensivo, mas percebia que ele a seguia de perto, por assim dizer, pronto para ampará-la se caísse.

Na véspera de anunciar o noivado, ela contou a Bloeckman. Foi um golpe cruel. Não descreveu os detalhes a Anthony, mas deu a entender que Bloeckman não hesitara em argumentar. Anthony compreendeu que a conversa terminara tempestuosamente, com Gloria fria e indiferente num canto do sofá e Joseph Bloeckman, da Films Par Excellence, andando de um lado para o outro com a cabeça baixa. Gloria tivera pena dele, mas achara melhor não demonstrar isso. Num impulso final de bondade, tentara fazer com que ele a odiasse. Mas Anthony, compreendendo que a indiferença era a arma mais forte dela, sabia como essa tentativa devia ter sido inútil. Lembrava-se, com frequência mas apenas casualmente, de Bloeckman, até que o esqueceu por completo.

Apogeu

Uma tarde, encontraram lugares na frente no alto ensolarado de um ônibus e andaram durante horas da praça que desvanecia e ao longo do rio, e em seguida, quando os raios finais fugiam para as ruas do oeste, desceram a avenida cheia, que escurecia com o enxame agourento que saía das lojas de departamento. O trânsito estava congestionado, os ônibus faziam filas de quatro, como plataformas sobre a multidão, enquanto aguardavam os sinais.

– Não é ótimo? – exclamou Gloria. – Olhe!

A carroça de um moleiro, branca de farinha, dirigida por um homem totalmente coberto de pó branco, passou junto deles atrás de um cavalo branco e seu companheiro preto.

– Que pena! – lamentou ela. – Eles seriam tão belos no entardecer se ambos fossem brancos. Sinto-me muito feliz, neste exato momento e nesta cidade.

Anthony balançou a cabeça, discordando.

– Acho que a cidade é uma charlatanice. Sempre lutando para atingir a tremenda e impressionante urbanidade que lhe é atribuída. Tentando ser romanticamente metropolitana.

– Não acho. Acho que é impressionante.

– Momentaneamente. Mas na verdade é uma espécie de espetáculo artificial e transparente. Tem suas estrelas com agentes e seus frágeis e transitórios cenários, e, concordo, o maior exército de figurantes que já se reuniu. – Fez uma pausa, deu uma risada curta e acrescentou: – Tecnicamente excelente, talvez, mas não convincente.

– Aposto que os policiais pensam que as outras pessoas são idiotas – disse Gloria pensativamente, observando uma senhora enorme mas medrosa, que o guarda ajudava a atravessar a rua. – Eles sempre veem os outros atemorizados, ineficientes, velhos, o que realmente são. – E

acrescentou: – É melhor saltarmos. Eu disse a mamãe que jantaria cedo e iria para a cama. Ela cismou que eu pareço cansada, ora veja.

– Quem me dera que estivéssemos casados – murmurou ele. – Não haveria boa-noite, então, e poderíamos fazer tudo o que desejássemos.

– Seria ótimo! Acho que devemos viajar muito. Quero ir ao Mediterrâneo e à Itália. Gostaria de me dedicar ao teatro durante algum tempo, digamos por um ano.

– É mesmo? Vou escrever uma peça para você.

– Seria ótimo! E eu representaria um papel. E quando tivermos mais dinheiro – era assim que discretamente aludiam à morte do velho Adam –, construiremos uma casa magnífica, não é?

– Claro, com piscinas particulares.

– Dúzias delas. E rios particulares. Ah, quem dera que fosse agora!

Coincidência curiosa: ele estava desejando a mesma coisa. Mergulharam na multidão escura e emergiram mais adiante, caminhando indolentemente para casa, sentindo-se infinitamente românticos... ambos caminhavam sozinhos num jardim tranquilo com um fantasma encontrado em um sonho.

Dias serenos, como botes flutuando num rio lento; noites de primavera, cheias daquela melancolia dolente que torna belo e amargo o passado, que os convidava a voltar e ver que o amor de outros verões estava morto como as valsas esquecidas daqueles anos. Os momentos mais pungentes eram aqueles em que uma barreira artificial os mantinha separados: no teatro, suas mãos se uniam, davam e retribuía pressões delicadas enquanto o escuro se prolongava; em salas cheias formavam palavras com os lábios, para o outro ver sem saber que estavam apenas repetindo gerações passadas, mas compreendendo vagamente que, se a verdade é o objetivo da vida, a felicidade é uma forma de verdade, a ser apreciada por seu momento breve e

incerto. E então, numa noite mágica, maio tornou-se junho. Dezesseis dias, agora... quinze... quatorze...

Três digressões

Pouco antes de ser anunciado o noivado, Anthony fora a Tarrytown para ver o avô, que, mais murcho e cinzento à medida que o tempo exercia sobre ele seus últimos efeitos, recebeu a notícia com profundo ceticismo.

– Ah, você vai se casar? – disse com uma suavidade dúbia e balançou a cabeça tantas vezes que Anthony ficou bastante deprimido. Embora desconhecesse as intenções do avô, supunha que grande parte do dinheiro ficaria para ele. Boa parte seria doada às instituições de caridade, naturalmente, e outra às campanhas de reforma.

– Você vai trabalhar?

– Bem – contemporizou Anthony, um pouco embaraçado, já estou trabalhando. O senhor sabe...

– Estou falando em trabalhar – disse Adam Patch sem entusiasmo.

– Não tenho ainda certeza do que vou fazer. Não sou exatamente um mendigo, vovô – afirmou, com algum entusiasmo.

O velho refletiu, com os olhos semicerrados. Em seguida, quase se desculpando, perguntou:

– Quanto você economiza por ano?

– Nada até agora.

– E tendo conseguido apenas viver com o seu dinheiro, achou que por algum milagre duas pessoas poderão viver com ele.

– A Gloria tem dinheiro. O bastante para comprar roupas.

– Quanto?

Sem julgar impertinente a pergunta, Anthony respondeu:

– Cerca de 100 dólares por mês.

– Tudo junto, dá cerca de 7.500 dólares por ano. – E acrescentou com suavidade: – Deve ser o bastante. Se tiverem juízo, deve dar. Mas o problema é saber se têm ou não.

– Creio que temos. – Era vergonhoso ser obrigado a ouvir as reprimendas do velho, e suas palavras seguintes estavam impregnadas de vaidade: – Posso me arranjar muito bem. O senhor parece convencido de que sou totalmente inútil. De qualquer modo, vim aqui simplesmente para comunicar-lhe que vou me casar em junho. Bom dia, senhor.

Com isso, afastou-se e dirigiu-se para a porta, sem saber que naquele momento, pela primeira vez, o avô gostou dele.

– Espere! – chamou Adam Patch. – Quero falar com você.

Anthony deu meia-volta.

– Muito bem.

– Sente-se. Passe a noite aqui.

Um pouco sensibilizado, Anthony voltou à sua cadeira.

– Sinto muito, mas vou me encontrar com a Gloria hoje à noite.

– Qual é o nome dela?

– Gloria Gilbert.

– Moça de Nova York? Alguém que você conhece?

– Ela é do Meio-Oeste.

– Que negócios tem o pai?

– Uma companhia de celuloide. Eles são de Kansas City.

– Você vai se casar lá?

– Não, senhor. Estamos pensando em nos casar em Nova York, bem discretamente.

– Gostaria de se casar aqui?

Anthony hesitou. A sugestão não o agradava, mas era, evidentemente, prudente estimular no velho, se possível, algum interesse pela sua vida de casado. Além disso, ficou um pouco comovido.

- É muita bondade sua, vovô, mas não seria muito trabalho?
- Tudo é muito trabalho. Seu pai se casou aqui, mas na casa antiga.
- Eu achava que tinha se casado em Boston.

Adam Patch refletiu.

- É verdade. Casou-se em Boston.

Anthony ficou constrangido de ter feito a correção e disfarçou com palavras:

- Bem, vou falar com Gloria sobre isso. Pessoalmente, eu gostaria, mas isso depende, é claro, dos Gilbert, o senhor sabe.

O avô deu um grande suspiro, semicerrou os olhos e mergulhou de novo em sua cadeira.

- Está com pressa? – perguntou, num tom indiferente.
- Não especialmente.
- Imagino... – começou Adam Patch, com um olhar humilde e bondoso para os ramos que batiam nas vidraças – imagino se você alguma vez pensa no que há depois da morte.
- Às vezes.

- Eu penso muito. – Seus olhos estavam mortiços, mas a voz era firme e clara. – Estava sentado aqui hoje pensando no que nos espera, e não sei como comecei a me lembrar de uma tarde, há 65 anos, quando eu estava brincando com minha irmã menor, Annie, ali onde fica hoje a casa de verão.
- Apontou para o enorme jardim, os olhos marejados, a voz trêmula. – Comecei a pensar e... e pareceu-me que *você* devia refletir um pouco sobre o que há depois da morte. Devia ser mais... firme... – Fez uma pausa, como se procurasse a palavra certa – mais aplicado... ora... – Sua expressão

modificou-se, toda a sua personalidade pareceu concentrar-se, e quando continuou, a doçura desaparecera de sua voz. – Ora, quando eu tinha dois anos mais do que você – falou com dureza –, mandei três membros da firma Wrenn e Hunt para o asilo dos pobres.

Anthony começou a ficar constrangido.

– Bem, adeus – acrescentou o avô de súbito. – Vai perder o trem.

Anthony deixou a casa excepcionalmente animado e sentindo pena do velho. Não porque sua fortuna não pudesse comprar “nem juventude nem digestão”, mas porque pedira ao neto para casar-se ali, e porque se esquecera de um detalhe do casamento do filho do qual deveria se lembrar.

Richard Caramel, que seria um dos padrinhos, provocou muito aborrecimento a Anthony e Gloria, nas últimas semanas, roubando-lhes continuamente o centro de atenções. *O demônio amante* fora publicado em abril e interrompera o romance dos dois como podia-se dizer que interrompeu tudo com o que seu autor entrava em contato. Era um trabalho bastante original, extremamente literário, descrevendo um *donjuán* dos cortiços de Nova York. Como Maury e Anthony disseram antes, e como os críticos mais simpáticos diziam agora, não havia na América um autor com tal poder de descrever as reações atávicas e nada sutis daquela camada da sociedade.

O livro hesitou, e subitamente *pegou*. As edições, pequenas a princípio, aumentaram e sucediam-se, semana após semana. Um porta-voz do Exército da Salvação condenou-o como uma representação falsa do que ocorria no mundo dos pobres. Um serviço de imprensa eficiente espalhou o rumor infundado de que o “Cigano” Smith ia entrar com um processo porque um dos principais personagens era uma caricatura dele. O livro foi proibido na biblioteca pública de Burlington, Iowa, e um colunista do Meio-

Oeste anunciou que Richard Caramel estava num sanatório com *delirium tremens*.

O autor de fato passava seus dias num estado de prazerosa loucura. O livro era seu assunto em três quartos do tempo – queria saber se haviam ouvido “a última”, entrava numa livraria e mandava em voz alta debitar compras na sua conta, a fim de ser reconhecido, ocasionalmente, pelo vendedor ou por um cliente. Sabia, pelas cidades, as regiões do país onde as vendas eram melhores, sabia exatamente quanto ganhara em cada edição, e se encontrava alguém que não o tivesse lido ou, como ocorria com frequência, nem dele ouvira falar, ficava deprimido.

Por isso, nada mais natural para Anthony e Gloria do que considerá-lo, pela sua presunção, um chato. Para grande contrariedade de Dick, Gloria anunciou publicamente que não lera *O demônio amante* nem pretendia ler enquanto todos falassem dele. Na realidade, não tinha tempo para ler agora, pois os presentes se acumulavam – a princípio escassos, depois numa avalanche, variando do bricabraque de amigos de família esquecidos até os retratos de parentes pobres também esquecidos.

Maury deu-lhes um requintado jogo que incluía taças de prata, coqueteleira e abridor de garrafas. O presente de Dick foi mais convencional: um jogo de chá da Tiffany's. De Joseph Bloeckman veio um relógio de viagem, simples mas elegante, com seu cartão. Veio até mesmo uma caixa para cigarros de Bounds, o que comoveu Anthony e deu-lhe vontade de chorar – na verdade, qualquer emoção próxima da histeria parecia natural à meia dúzia de pessoas envolvidas naquele tremendo sacrifício à convenção. A sala reservada no Plaza estava cheia de presentes enviados por amigos de Harvard e por conhecidos do avô, com recordações dos dias de Gloria em Farmover e troféus patéticos de seus antigos amores, que chegavam com mensagens obscuras, melancólicas, escritas em cartões cuidadosamente

colocados dentro dos embrulhos, começando com “Eu não podia imaginar”, ou “Tenho certeza de que lhe desejo toda a felicidade” ou mesmo “Quando você receber este, estarei a caminho de...”.

O presente mais magnífico foi, ao mesmo tempo, o mais decepcionante. Veio de Adam Patch: um cheque de 5 mil dólares.

Anthony recebeu com frieza a maioria dos presentes. Parecia-lhe que iam precisar de um mapa do estado civil de todos os seus conhecidos durante o meio século seguinte. Mas Gloria exultava a cada novo pacote, abrindo embrulhos com a avidez de um cão em busca do osso, rompendo laços e papéis, e finalmente tirando o objeto e o examinando criticamente, sem outra emoção que não o interesse puro e simples em seu rosto sério.

– Veja, Anthony!

– É muito bonito, não acha?

A resposta só vinha uma hora depois, quando ela fazia um relato preciso de suas reações ao presente, se seria melhor que fosse maior ou menor, se estava surpresa de tê-lo recebido e, nesse caso, até que ponto.

A Sra. Gilbert arrumava e tornava a arrumar uma casa hipotética, distribuindo os presentes pelos diferentes aposentos, classificando os artigos como “segundo melhor relógio”, ou “faqueiro para ser usado no dia a dia” e constrangendo Anthony e Gloria com referências a um aposento que chamava de quarto das crianças. O presente do velho Adam agradou-lhe, e a partir de então determinou que se tratava de uma alma muito antiga, “tanto quanto qualquer outra”. Como Adam Patch jamais conseguiu saber se ela se referia à senilidade de sua mente ou a algum esquema psíquico próprio, é impossível dizer que isso o tivesse agradado. De fato, ele se referia a ela, conversando com Anthony, como “aquela velha, a mãe”, como se fosse personagem de uma comédia representada havia muito tempo. Quanto à

noiva, não pôde decidir-se. Sentia-se atraído, mas como Gloria disse a Anthony, o velho julgara-a frívola e tinha medo de aprová-la.

Cinco dias! Uma pista de dança estava sendo construída no pátio, em Tarrytown. Quatro dias – um trem especial foi contratado para transportar os convidados, ida e volta, de Nova York. Três dias!

O diário

Estava vestindo um pijama de seda azul, de pé junto à cama, a mão no abajur para mergulhar o quarto nas trevas, quando mudou de ideia e, abrindo uma gaveta da mesinha, tirou um pequeno livro preto – um diário que mantivera por sete anos. Muitas das anotações a lápis estavam quase ilegíveis e havia notas e referências a noites e tardes havia muito esquecidas, pois não era um diário íntimo, muito embora começasse com o imemorial “Vou escrever este diário para os meus filhos”. No entanto, à medida que passava as páginas, os olhos de muitos homens pareciam olhá-la através dos nomes meio esquecidos. Com um deles fora a New Haven e pela primeira vez – em 1908, quando tinha 16 anos e as ombreiras estavam na moda em Yale – sentira-se lisonjeada porque Michaud a perseguira durante toda a noite. Suspirou, lembrando-se do vestido de cetim, de moça, de que tanto se orgulhara, e da orquestra tocando “Yama-yama, My Yama Man” e “Jungle-Town”. Tanto tempo atrás! Os nomes: Eltyng Reardon, Jim Parson, “Curly” McGregor, Kenneth Cowan, “Olho de Peixe” Fry (de quem gostara por ser tão feio), Carter Kirby – mandara-lhe um presente, assim como Tudor Baird –, Marty Reffer, o primeiro pelo qual se apaixonara por mais de um dia, e Stuart Holcome, que a levara em seu automóvel e tentara casar-se com ela à força. E Larry Fernwick, a quem admirara sempre por lhe haver dito uma

noite que, se não o beijasse, podia descer do carro e ir a pé para casa. Que lista!

E, no final das contas, uma lista obsoleta. Estava apaixonada agora, pronta para o romance eterno que seria a síntese de todo romance, mas ao mesmo tempo experimentava uma certa melancolia por esses homens, esses lugares e essas emoções – e os beijos. O passado, seu passado, era uma alegria! Fora exuberantemente feliz.

Virando as páginas, seus olhos se detiveram, ociosos, nas anotações dos últimos quatro meses. Leu-as cuidadosamente.

“1º de abril – Sei que Bill Carstairs me odeia por ter sido tão desagradável, mas detesto sentimentalismos. Fomos até o Rockyear Country Club, e havia uma lua maravilhosa brilhando entre as árvores. Meu vestido prateado está ficando sujo. Engraçado como foram esquecidas as outras noites em Rockyear – com Kenneth Cowan, quando o amava tanto!

3 de abril – Depois de duas horas de Schroeder, que, segundo me dizem, tem milhões, resolvi que essa questão de se apegar às coisas é cansativa, particularmente quando as coisas são homens. Não há nada tão repetitivo, e de hoje em diante juro me divertir. Falamos de ‘amor’, que coisa banal! Com quantos homens já falei sobre amor?

11 de abril – Patch telefonou hoje! E quando me deixou há um mês, quase explodiu porta afora. Estou perdendo a confiança, gradualmente, nos homens sensíveis às injúrias fatais.

20 de abril – Passei o dia com o Anthony. Talvez eu me case com ele. Gosto das suas ideias – ele estimula o que há de mais original em mim. Blockhead veio às dez em seu carro novo e me levou à alameda Riverside. Gostei dele essa noite, tão distinto. Sabia que eu não desejava conversar, por isso permaneceu calado durante todo o passeio.

21 de abril – Acordei pensando no Anthony, que telefonou e foi bonzinho ao telefone, por isso, desmarquei um encontro para sair com ele. Sinto, hoje, que por ele quebraria qualquer promessa, inclusive os dez mandamentos e a minha própria cabeça. Virá às oito, e vestirei cor-de-rosa, com uma aparência muito juvenil...”

Deteve-se, lembrando que, quando Anthony se fora, naquela noite, ela se havia despido com o ar gelado de abril entrando pelas janelas. E não parecia sentir o frio, aquecida pelas profundas banalidades que lhe ardiam no coração.

A anotação seguinte vinha dias depois:

“24 de abril – Quero casar-me com o Anthony, porque os maridos são, com muita frequência, apenas maridos, e devo esposar um amante.

Há em geral quatro tipos de maridos:

(1) – O marido que sempre quer ficar em casa à noite, não tem vícios e ganha um salário. Totalmente indesejável!

(2) – O senhor atávico de quem somos a amante, para servir ao seu prazer. Esse tipo considera toda mulher bonita “superficial”, uma espécie de pavão sem desenvolvimento mental.

(3) – Vem em seguida o adorador, o idólatra de sua mulher e de tudo o que vem dela, esquecendo-se de todo o resto. Esse tipo exige uma atriz emocional para mulher. Meu Deus! Deve ser um sofrimento ser considerada impecável!

(4) – E Anthony, um amante temporariamente apaixonado, com bastante inteligência para compreender quando a paixão acabar e saber que terá de passar. Quero casar-me com o Anthony.

Que vermes são as mulheres para se arrastar de barriga por casamentos desinteressantes! O casamento foi criado não para ser um pano de fundo, mas para exigir um. O meu será notável. Não pode ser nem será o cenário –

mas sim a peça, a representação viva, atraente, adorável, tendo o mundo como cenário. Recuso-me a dedicar minha vida à posteridade. Sem dúvida, devemos tanto à geração presente quanto aos filhos não desejados. Que destino, ficar gorda e deselegante, perder o amor-próprio, pensar em termos de leite, mingaus, babás, fraldas... Queridos filhos de sonho, como vocês são muito mais belos, encantadoras criaturas que flutuam (todas as crianças sonhadas devem flutuar) com asas douradas, douradas...

Tais filhos, porém, pobres crianças, pouco têm em comum com o estado matrimonial.

7 de junho – Pergunta moral: foi errado fazer com que o Bloeckman me amasse? Porque eu realmente fiz com que me amasse. Estava tão tristonho hoje à noite. Foi bom que a minha garganta se contraísse e as lágrimas fossem fáceis de controlar. Mas ele é apenas o passado, já enterrado em lavanda.

8 de junho – E hoje prometi não morder a boca. Creio que não vou, mas preferiria que ele tivesse me pedido para não comer!

Bolhas de sabão, eis o que fizemos hoje, Anthony e eu. Sopramos bolhas tão lindas, e elas vão explodir, e faremos outras mais, creio – bolhas grandes e belas, até que água e sabão se tornem imprestáveis.”

Com essa anotação, terminava o diário. Seus olhos percorreram as páginas dos dias 8 de junho de 1912, 1910, 1907. A anotação mais antiga estava feita na letra rebuscada de uma menina de 16 anos – e era o nome Bob Lamar e uma palavra que não conseguiu decifrar. De repente, lembrou-se do que era e, ao saber, seus olhos se encheram de lágrimas. Ali, apagado, estava o registro do primeiro beijo, desaparecido como sua tarde íntima, numa varanda chuvosa, sete anos antes. Pareceu recordar-se de alguma coisa dita naquele dia, no entanto não sabia exatamente o quê. As lágrimas correram rápidas até que quase não podia ver a página. Disse a si mesma

que chorava porque só conseguira lembrar-se da chuva e das flores molhadas no jardim e do cheiro da grama úmida.

Apanhou um lápis e, segurando-o sem firmeza, traçou três linhas paralelas sob a última anotação. Escreveu, em seguida, *FINIS*, em maiúsculas grandes, colocou o livro de volta na gaveta e deslizou para a cama.

Hálito da caverna

De volta a seu apartamento, após o jantar de despedida de solteiro, Anthony apagou as luzes e, sentindo-se impessoal e frágil como uma peça de porcelana numa mesa, foi para a cama. Era uma noite quente, bastava um lençol para cobrir-se, e pelas janelas escancaradas entravam sons, evanescentes e cálidos, vivos com uma antecipação remota. Pensava nos anos de juventude que haviam ficado para trás, vazios e coloridos, vividos com um cinismo fácil e vacilante, bebido nas emoções de homens que havia muito eram pó. E havia algo além disso, agora ele sabia. Havia a união de sua alma com a de Gloria, cujo fogo e cujo frescor radiante eram o material vivo de que se fazia a beleza morta dos livros.

A noite chegava ao seu quarto de paredes altas, persistente, o ruído evanescente que se dissolvia – algo que a cidade lançava e recolhia, como uma criança brincando com uma bola. No Harlem, no Bronx, no Gramercy Park, ao longo das margens, em pequenas salas ou nos telhados banhados de luar, milhares de amantes produziam tal som, deixando pequenos fragmentos no ar. Toda a cidade brincava com o som, na escuridão do verão azul, jogando-o de um lado para outro, prometendo que dentro em pouco a vida seria bela como uma história, prometendo felicidade – e por meio dessa

promessa dando-a. Dava ao amor a esperança em relação a sua própria sobrevivência. Não podia fazer mais.

Foi então que uma nota se distinguiu do lamento suave da noite. Era um ruído vindo de uma área a uns 30 metros de sua janela dos fundos, o ruído de um riso de mulher. Começou baixo, incessante, plangente – alguma criadinha com o namorado, pensou ele –, e cresceu em volume, tornou-se histérico, até lembrar-lhe uma moça que vira, numa crise de riso nervoso, num espetáculo de variedades. Diminuiu em seguida, para surgir de novo incluindo palavras – uma anedota sem sutileza, algo grosseiro que não conseguiu identificar. Interrompeu-se por um momento, e ele ouviu então o rumor surdo de uma voz masculina, e então começou de novo, interminavelmente – a princípio irritante, em seguida estranhamente terrível. Sentiu um arrepio e, saltando da cama, foi até a janela. O riso atingira um ponto de tensão e volume que tinha quase a consistência de um grito – e cessou, deixando atrás de si um silêncio vazio e ameaçador. Anthony permaneceu na janela mais um momento, antes de voltar para a cama. Sentiu-se perturbado e abalado. Por mais que procurasse sufocar essa reação, uma qualidade animal naquele riso impetuoso tocara-lhe a imaginação e pela primeira vez em quatro meses despertou sua velha aversão e seu velho horror pela vida. O quarto se tornara sufocante. Quisera estar lá fora, sentindo a brisa fria e cortante, quilômetros acima das cidades, e viver sereno e desligado de tudo, apenas no seu pensamento. A vida era aquele som lá fora, aquele som horrivelmente repetido de mulher.

Oh, meu Deus! exclamou, respirando profundamente. Enterrando o rosto no travesseiro, tentou, em vão, concentrar-se nos detalhes do dia seguinte.

Manhã

Na claridade ainda cinzenta, viu que eram apenas cinco horas. Lamentou nervosamente ter acordado tão cedo; na hora do casamento, estaria com uma aparência cansada. Invejou Gloria, que podia ocultar sob uma cuidadosa maquiagem o cansaço.

No banheiro, contemplou-se ao espelho e viu que estava excessivamente pálido – meia dúzia de imperfeições pequenas se destacavam na palidez matinal de seu rosto; durante a noite crescera-lhe uma sombra de barba – e o efeito geral pareceu-lhe pouco atraente, selvagem, quase mau.

Sobre a cômoda estavam espalhadas várias coisas que conferiu cuidadosamente com dedos subitamente incertos – as passagens para a Califórnia, o talão de cheques de viagem, o relógio, a chave do apartamento, que não podia se esquecer de dar a Maury, e, acima de tudo, a aliança. Era de platina, com pequenas esmeraldas; Gloria insistira nisso, pois sempre desejara uma aliança de esmeraldas.

Fora o terceiro presente que lhe dera. Primeiro, o anel de noivado, depois uma pequena cigareira de ouro. Agora, teria de dar-lhe muitas coisas – roupas, joias, amigos, diversão. Parecia-lhe absurdo que, de agora em diante, pagasse todas as refeições dela. Ia ser caro: imaginou se não teria calculado mal as despesas da viagem, se não seria melhor descontar um cheque maior. A questão preocupou-o.

Foi então que a iminência sufocante do acontecimento varreu da sua mente todos os detalhes. Aquele era o dia – não procurado, insuspeitado seis meses antes, mas que agora rompia numa luz amarela pela sua janela, dançando no tapete como se o sol estivesse sorrindo de alguma brincadeira que há muito repetisse.

Anthony emitiu um ruído nervoso, de uma sílaba.

– Meu Deus! – murmurou – Estou praticamente casado!

Os acompanhantes

Seis jovens na biblioteca de Cross Patch vão ficando cada vez mais animados sob a influência do Mumm's Extra Dry, colocado sub-repticiamente em baldes de gelo perto das estantes.

PRIMEIRO JOVEM: Por Deus, acreditem, no meu próximo livro vou descrever uma cena de casamento de arromba!

SEGUNDO JOVEM: Conheci uma debutante outro dia que achou o seu livro formidável. Em geral, as jovens gostam de manifestações primitivas.

TERCEIRO JOVEM: Onde está o Anthony?

QUARTO JOVEM: Andando de um lado para o outro e falando sozinho lá fora.

SEGUNDO JOVEM: Vocês viram o padre? Tem dentes engraçados.

QUINTO JOVEM: Acho que são naturais. É engraçado as pessoas terem dente de ouro.

SEXTO JOVEM: Há quem goste. O meu dentista contou que certa vez uma mulher pediu a ele que cobrisse dois de seus dentes com ouro. Sem nenhuma razão. Estavam bons.

QUARTO JOVEM: Soube que você publicou um livro, Dick! Parabéns!

DICK (*friamente*): Obrigado.

QUARTO JOVEM (*com ingenuidade*): O que é? Histórias da universidade?

DICK (*mais frio*): Não. Não são histórias da universidade.

QUARTO JOVEM: Que pena! Há anos não sai um bom livro sobre Harvard.

DICK (*irônico*): Por que você não supre a lacuna?

TERCEIRO JOVEM: Tive a impressão de ter visto uma porção de convidados chegarem num Packard ainda agora.

SEXTO JOVEM: Podíamos abrir mais umas garrafas, por isso.

TERCEIRO JOVEM: Foi a maior surpresa da minha vida saber que o velho ia fazer um casamento com bebidas. É proibicionista, vocês sabem.

QUARTO JOVEM (*estalando os dedos, agitado*): Por Deus! Sabia que havia esquecido alguma coisa! Achei que era o colete.

DICK: O que foi?

QUARTO JOVEM: Ora! Ora!

SEXTO JOVEM: Calma, calma. Por que a tragédia?

SEGUNDO JOVEM: O que você esqueceu? O caminho de casa?

DICK (*malicioso*): Ele esqueceu o enredo do seu livro de histórias de Harvard.

QUARTO JOVEM: Não, esqueci o presente, ora vejam! Esqueci de comprar um presente para o velho Anthony. Fui adiando, adiando e acabei esquecendo! O que eles vão pensar?

SEXTO JOVEM (*gracejando*): Talvez seja isso que está atrasando o casamento.

(*O quarto jovem olha nervosamente para o relógio. Risos.*)

QUARTO JOVEM: Ora, vejam! Que idiota eu sou!

SEGUNDO JOVEM: O que acham da dama de honra que se acha Nora Bayes? Disse que desejava ouvir tocar *ragtime* no casamento. Seu nome é Haines ou Hampton.

DICK (*estimulando, rápido, sua imaginação*): Você quer dizer Kane. Muriel Kane. É uma espécie de dívida de honra, acho. Salvou Gloria de morrer afogada certa vez ou qualquer coisa parecida.

SEGUNDO JOVEM: Não acredito que ela conseguisse parar de se remexer tempo bastante para conseguir nadar. Encha o meu copo, por favor. O velho e eu tivemos uma longa conversa sobre o tempo ainda agora.

MAURY: Quem? O velho Adam?

SEGUNDO JOVEM: Não, o pai da noiva. Ele deve ser da previsão do tempo.

DICK: Ele é meu tio, Otis.

OTIS: Bem, trata-se de uma profissão honrada. (*Risos*).

SEXTO JOVEM: A noiva é sua prima, então?

DICK: É, Cable.

CABLE: É sem dúvida muito bonita. Não é como você, Dick. Aposto que vai colocar o velho Anthony nos eixos.

MAURY: Por que chamam todos os noivos de “velho”? Acho que o casamento é um erro da juventude.

DICK: Maury, o cético profissional.

MAURY: Ora, você, seu farsante intelectual!

QUINTO JOVEM: Luta de intelectuais aqui, Otis. Apanhe as migalhas que puder.

DICK: Farsante é você. O que você sabe?

MAURY: E *você*?

DICK: Pergunte-me qualquer coisa, de qualquer ramo de conhecimento.

MAURY: Está bem. Qual é o princípio fundamental da biologia?

DICK: Você também não sabe.

MAURY: Não tente fugir!

DICK: Bem, a seleção natural?

MAURY: Errou.

DICK: Desisto.

MAURY: A ontogonia resume a filogenia.

QUINTO JOVEM: Aí está! Foi vencido!

MAURY: Pergunto outra: qual é a influência dos ratos sobre os trevos?
(*Risos*).

QUARTO JOVEM: Qual é a influência dos ratos no Decálogo?

MAURY: Cale-se, bobalhão. Há uma relação.

DICK: Qual é?

MAURY (*fazendo uma pausa cada vez mais embaraçada*): Ora, vejamos.

Parece que me esqueci exatamente. Algo relacionado com as abelhas que comem o trevo.

QUARTO JOVEM: E o trevo come os ratos. Ha! Ha!

MAURY (*concentrando-se*): Esperem um minuto.

DICK (*erguendo-se, de súbito*): Ouçam!

(O barulho de muitas vozes explode na sala adjacente. Os seis jovens levantam-se, ajeitando os laços das gravatas.)

DICK (*pesadamente*): é melhor nos juntarmos ao pelotão de fuzilamento.

Vão tirar o retrato, acho. Não, isso é depois.

OTIS: Cable, você vai com a dama de honra do *ragtime*.

QUARTO JOVEM: Quisera, por Deus!, ter mandado o presente.

MAURY: Se me derem mais um minuto, consigo me lembrar da história dos ratos.

OTIS: Fui acompanhante no mês passado, no casamento do velho Charlie McIntyre, e...

(Dirigem-se lentamente para a porta, enquanto a conversa se transforma numa babel e os sons preliminares da abertura são ouvidos como longos grunhidos piedosos do órgão de Adam Patch.)

Anthony

Quinhentos olhos perfuravam-lhe as costas e o sol se refletia nos dentes do padre, impropriamente burgueses. A custo conteve uma gargalhada. Gloria dizia algo numa voz clara e orgulhosa, e ele procurou lembrar-se de que era um ato irrevogável, que sua vida estava sendo dividida em dois períodos e que a face do mundo se modificava a sua frente. Procurou sentir a sensação de êxtase experimentada dez semanas antes. Todas aquelas emoções lhe

fugiam, não sentia nem mesmo o nervosismo da manhã – tudo era apenas um gigantesco passado. E aqueles dentes de ouro! Ficou imaginando se o padre seria casado e se poderia, ele mesmo, celebrar sua cerimônia de casamento.

Contudo, ao tomar Gloria nos braços teve consciência de uma estranha reação. O sangue começou a agitar-se em suas veias. Uma satisfação lânguida e agradável caiu como um peso sobre ele, trazendo a responsabilidade e a posse. Estava casado.

Gloria

Tantas e tão confusas eram as emoções, que nenhuma delas era distinguível das outras! Poderia ter chorado pensando na mãe, que enxugava os olhos a 3 metros, e na beleza do sol de junho passando através das janelas. Estava além de toda percepção consciente. Somente uma sensação, colorida com uma animação selvagem e delirante, de que o mais importante estava acontecendo – e a certeza, impetuosa e apaixonada, queimando nela como uma prece, de que num momento estaria para sempre salva e protegida.

Certa noite, chegaram tarde em Santa Barbara e o atendente do Hotel Lafcadio recusou-se a aceitá-los, alegando que não eram casados.

O atendente achou Gloria bonita demais. Não lhe parecia que uma coisa tão bela pudesse ser moral.

“Con amore”

Aquele primeiro meio ano – a viagem pelo Oeste, os longos meses passados na costa da Califórnia e a casa cinzenta perto de Greenwich onde viveram até que o outono tornasse o campo inóspito –, esses dias e esses lugares viram as horas de encanto e fascinação. O idílio do noivado deu lugar, primeiro, ao romance intenso de uma relação mais apaixonada. O idílio deixou-os, fugiu para outros amantes; procuraram-no certo dia e havia desaparecido sem que soubessem como. Se um deles tivesse perdido o outro nos dias do idílio, o amor perdido teria sido sempre, para o perdedor, aquele obscuro desejo sem satisfação que recua de toda vida. Mas a mágica precisa ir adiante, e os amantes permanecem...

O idílio passou, cobrando seu preço de juventude. Chegou o dia em que Gloria se deu conta de que os outros homens já não lhe pareciam aborrecidos, e chegou o dia em que Anthony descobriu que podia ficar até tarde da noite conversando com Dick sobre as tremendas abstrações que outrora lhe ocupavam o mundo. Mas sabendo que haviam tido o melhor do amor, apegavam-se ao que perdurava. O amor continuava – na forma de longas conversas à noite, naquelas horas em que a mente se aguça e afina, e o sonho fornece o estofo da vida, por meio da bondade íntima e profunda que tinham um com o outro, por meio do riso que lhes provocavam os mesmos absurdos e por meio do pensamento comum das mesmas coisas nobres e das mesmas coisas tristes.

Foi, a princípio, um período de descobertas. Encontravam um no outro aspectos tão diversos, tão misturados e, além do mais, tão revestidos de amor a ponto de lhes parecerem no momento não descobertas, mas fenômenos isolados, a serem tolerados e esquecidos. Anthony descobriu que estava vivendo com uma jovem de extraordinária tensão nervosa e do mais completo egoísmo. Gloria soube, dentro de um mês, que o marido era um covarde total em relação a um milhão de fantasmas criados pela sua

imaginação. Sua percepção era intermitente, pois sua covardia se acentuava a ponto de tornar-se quase imoralmente evidente, para em seguida desvanecer-se e desaparecer como se fosse uma criação da imaginação de Gloria. Suas reações a isso não foram as atribuíveis ao seu sexo – não lhe despertou desgosto nem um prematuro sentimento de maternidade. Ela, que quase não sentia medo físico, não conseguia compreendê-lo, e por isso fixou-se no que considerava o aspecto redentor desse medo, ou seja, que embora covarde quando em choque ou sob tensão – quando sua imaginação predominava –, Anthony tinha, não obstante, certa ousadia que a comovera quase que até a admiração, e um orgulho que habitualmente lhe dava forças quando se sentia observado.

Essa característica revelou-se inicialmente numa dezena de incidentes que eram um pouco mais do que nervosismo – a advertência a um motorista para não correr em Chicago; a recusa a levá-la a um certo café perigoso que ela sempre quisera conhecer – e que, evidentemente, admitiam a interpretação convencional de que Anthony estava se preocupando com ela. Não obstante, seu peso cumulativo perturbou Gloria. E um incidente ocorrido num hotel de São Francisco, quando tinham uma semana de casados, deu-lhe certeza.

Passara da meia-noite e o quarto estava em completa escuridão. Gloria estava quase adormecida, e a respiração regular de Anthony, a seu lado, dava-lhe a impressão de que dormia profundamente, quando de súbito o viu erguer-se sobre os cotovelos e olhar para a janela.

– O que foi, querido? – murmurou.

– Nada – ele relaxou sobre o travesseiro e voltou-se para ela. – Nada, minha querida esposa.

– Não diga esposa. Sou sua mulher. Esposa é uma palavra feia. Sou sua amante permanente, o que é muito mais tangível e desejável... Me abrace –

acrescentou, num ímpeto de ternura. – Durmo tão bem, tão bem em seus braços...

Esse abraço tinha um propósito. Exigia que ele colocasse um braço sob o ombro de Gloria, envolvendo-a com ambos os braços, e se arranjasse da melhor forma possível, para seu conforto. Anthony, que era inquieto, e cujos abraços se afrouxavam após meia hora naquela posição, esperava até que ela estivesse adormecida, empurrando-a depois suavemente para seu lado da cama, para então poder enroscar-se como de hábito.

Gloria, tendo obtido o seu conforto sentimental, voltou a dormir. Cinco minutos se passaram no relógio de viagem de Bloeckman, o silêncio pesava sobre o quarto, sobre o mobiliário estranho e impessoal e o teto meio opressivo que se fundia imperceptivelmente com as paredes invisíveis de ambos os lados. De repente houve um barulho na janela, seco e alto, sobrepondo-se ao vento.

De um salto, Anthony estava fora da cama, de pé, ao lado dela.

– Quem está aí? – gritou numa voz terrível.

Gloria ficou imóvel, desperta e surpresa, não pelo ruído na janela, mas sim pela figura rígida e sem respiração, cuja voz lhe chegara da beirada da cama naquela escuridão agourenta.

O barulho cessou. O quarto ficou silencioso como antes, e então ouviu Anthony sussurrando palavras ao telefone.

– Alguém acaba de tentar entrar no quarto! Há alguém na janela.

Sua voz era enfática, levemente aterrorizada.

– Está bem, corram! – Desligou e ficou imóvel.

Houve passos apressados na porta e uma batida – Anthony abriu para um funcionário do hotel, agitado, em companhia de três mensageiros do hotel. Trazia entre o indicador e o polegar uma caneta, como se fosse uma arma, e um dos mensageiros agarrara um catálogo de telefone. A eles

juntou-se imediatamente o detetive do hotel, convocado às pressas, e o grupo, como um só homem, penetrou no quarto.

As luzes jorraram com um clique. Puxando um lençol, Gloria cobriu-se, fechando os olhos para manter-se longe do horror daquela visita inesperada. Não lhe passava pela mente nenhuma outra ideia, exceto a vaga sensação de que Anthony estava cometendo um erro terrível.

O funcionário do hotel falava de perto da janela, num tom que era um misto de criado e de professor reprimindo um aluno.

– Ninguém aqui – declarou conclusivamente. – Por Deus! Ninguém poderia estar aqui. Até a rua são mais de 15 metros. Foi o vento que o senhor ouviu, batendo na cortina.

– Ah...

Sentiu pena dele. Queria consolá-lo, envolvê-lo docemente em seus braços, dizer a todos que se fossem porque sua presença representava algo de odioso. Mas não conseguia nem levantar a cabeça de vergonha. Ouviu uma frase interrompida, desculpas, palavras convencionais do funcionário e uma risadinha mal reprimida de um dos mensageiros.

– Estou muito nervoso esta noite – disse Anthony. – Não sei por que o barulho me assustou... eu estava meio adormecido.

– Sem dúvida, entendo – disse o funcionário, procurando ser agradável.
– Também já me senti assim.

A porta se fechou, e as luzes se apagaram. Anthony cruzou o quarto em silêncio e deitou-se. Gloria, fingindo estar tonta de sono, deu um suspiro e aconchegou-se a ele.

– O que foi, querido?

– Nada – respondeu com a voz ainda trêmula. – Pensei que havia alguém na janela, fui olhar, não vi ninguém, mas o barulho me impedia de dormir,

por isso telefonei para a recepção. Desculpe se eu perturbei você, mas estou tão nervoso esta noite.

Percebendo a mentira, ela teve um sobressalto interior; ele não fora à janela, nem se aproximara. Ficara junto à cama, de onde lançara seu apelo apavorado.

– Ah... Estou com tanto sono – disse ela.

Durante uma hora ficaram acordados, lado a lado. Gloria com os olhos tão apertados que luas azuis se formavam e giravam sobre um fundo cor de malva. E Anthony olhando cegamente para a escuridão acima de sua cabeça.

Muitas semanas depois, tudo foi se tornando menos sombrio, e conseguiram até rir do caso. Fizeram um pacto – sempre que o terror avassalador da noite atacava Anthony, Gloria o envolvia nos braços e o embalava com palavras doces como uma canção.

– Eu protegerei o meu Anthony, ninguém jamais vai fazer mal ao meu Anthony!

Ele ria, como se fosse uma brincadeira com a qual se divertissem, mas para Gloria jamais foi apenas uma brincadeira. Foi, a princípio, um intenso desapontamento, depois passou a ser um dos momentos em que ela controlava seu gênio.

O controle do gênio de Gloria, estivesse ela irritada pela falta de água quente para seu banho ou por uma discussão com Anthony, tornou-se quase a tarefa mais importante do dia dele. Era preciso recorrer ao tato – controlá-la por meio de determinado silêncio, determinada pressão, determinadas concessões, pela força. Era nos momentos de irritação, com as consequentes crueldades, que seu egoísmo incomum se revelava. Porque era corajosa, porque era “mimada”, por sua terrível independência de julgamento, e finalmente por sua consciência arrogante de jamais ter visto uma mulher tão

bonita quanto ela mesma. Gloria era uma verdadeira nietzschiana prática. Isso, naturalmente, com manifestações de sentimento profundo.

Havia, por exemplo, seu estômago. Estava habituada a certos pratos e tinha uma convicção arraigada de que não podia comer nada mais. Precisava tomar limonada e comer um sanduíche de tomate no final da manhã e em seguida um almoço leve, com um tomate recheado. Não só escolhia seus pratos entre 12 variedades, como essas variedades tinham de ser preparadas de determinada maneira. Uma das meias horas mais desagradáveis das duas primeiras semanas ocorreu em Los Angeles, onde um garçom infeliz lhe trouxe um tomate recheado de salada de frango, em vez de aipo.

– Sempre o servimos assim, madame – disse timidamente para os olhos cinzentos que o contemplavam com fúria.

Gloria não respondeu, mas quando o garçom se afastou discretamente, bateu com os punhos na mesa até que a louça estremecesse.

– Pobre Gloria! – riu Anthony involuntariamente. – Você nem sempre consegue o que quer, não é?

– Não posso comer isso! – explodiu ela.

– Vou chamar o garçom.

– Não quero! Ele não entende nada, o idiota!

– Bem, não é culpa do hotel. Devolva e esqueça, ou tenha espírito esportivo e coma.

– Cale a boca! – disse ela.

– Por que descontar em mim?

– Não estou descontando – queixou-se ela –, simplesmente não posso comer isso.

Anthony submeteu-se docilmente.

– Iremos a outro lugar – sugeriu.

– Não quero ir a outro lugar. Estou cansada de ser levada por vários cafés e não conseguir nada decente para comer.

– Quando andamos por vários cafés?

– Teríamos de andar nesta cidade – insistiu ela, com um sofisma sempre pronto.

Anthony, desorientado, tentou outra solução.

– Por que não experimenta comer? Não deve ser tão ruim como você pensa.

– Por-que-não-gos-to-de-fran-go!

Pegou o garfo e começou a furar, irritada, o tomate, e Anthony achou que ela ia começar a atirar o recheio para o alto. Tinha certeza de que estava mais irritada do que jamais a vira – por um instante percebeu um lampejo de ódio, dirigido tanto contra ele como contra qualquer outra pessoa –, e Gloria, quando irritada, era intratável.

Então, surpreendentemente, viu-a levar o garfo à boca e provar a salada de frango. Esperou ansioso, sem fazer qualquer comentário, a respiração suspensa. Gloria provou outra vez e começou a comer. Com dificuldade, Anthony reprimiu um muxoxo, e quando finalmente falou, suas palavras não tinham nenhuma ligação possível com a salada de frango.

Esse incidente, com variações, se repetiu, como uma fuga lúgubre, durante o primeiro ano de seu casamento; Anthony ficava sempre irritado, deprimido e surpreso. Mas outro choque de temperamentos, na questão da lavagem de roupa, foi para ele ainda mais desagradável, porque terminou inevitavelmente numa derrota decisiva para ele.

Uma tarde, no Coronado, onde se demoraram por mais tempo em sua viagem, mais de três semanas, Gloria estava se arrumando caprichosamente para o chá. Anthony, que estivera no térreo ouvindo as últimas notícias sobre rumores de guerra na Europa, entrou no quarto, beijou-lhe o pescoço

empoado e dirigiu-se ao armário. Depois de muito abrir e fechar as gavetas, evidentemente insatisfeito, voltou-se para a Obra-Prima Inacabada.

– Tem lenços, Gloria? – indagou.

Gloria balançou a cabeça dourada:

– Nenhum. Estou usando um dos seus.

– O último, suponho – riu secamente.

– É o último? – reforçou, embora delicadamente, o contorno dos lábios.

– A lavanderia já mandou a roupa?

– Não sei.

Anthony hesitou – então, com súbito discernimento, abriu a porta do armário. Suas suspeitas se confirmaram. No gancho, pendurado, o saco azul, fornecido pelo hotel. Estava cheio de suas roupas; ele mesmo as colocara ali. No fundo do armário, uma espantosa coleção de peças de roupa finas – lingerie, meias, vestidos, camisolas e pijamas –, a maioria das quais usadas apenas uma vez, mas todas colocadas, sem dúvida, na categoria geral de roupa suja de Gloria.

Ficou segurando a porta aberta.

– Ora, Gloria!

– O quê?

O contorno do lábio estava sendo apagado e corrigido, segundo uma perspectiva misteriosa. Nenhum dedo tremeu ao manipular o batom, nenhum olhar foi lançado na direção dele. Era uma vitória da concentração.

– Você não mandou a roupa suja para a lavanderia?

– Está aí?

– É evidente que está.

– Bem, então acho que não mandei.

– Gloria – disse Anthony, sentando-se na cama e tentando fixar-lhe os olhos no espelho –, você é ótima! Eu tenho cuidado da roupa suja desde que

saímos de Nova York, e há uma semana você prometeu que passaria a fazer isso. Bastava apenas enfiar sua roupa naquele saco e chamar a camareira.

– Ora, por que discutir pela roupa suja? – exclamou Gloria com petulância. – Eu me encarrego disso.

– Não estou discutindo. Prefiro dividir a tarefa com você, mas quando ficamos sem lenços, já é tempo de fazermos alguma coisa.

Anthony julgava-se extraordinariamente lógico. Mas Gloria, sem se deixar impressionar, pôs de lado os cosméticos e deu-lhe as costas, naturalmente.

– Abotoe-me – pediu. – Anthony, querido, eu me esqueci. Pretendia mandar, sinceramente, e vou mandar ainda hoje. Não fique zangado com a sua querida.

Que poderia Anthony fazer senão sentá-la em seus joelhos e beijar-lhe de leve os lábios?

– Não me importo – disse com um sorriso radiante e magnânimo. – Pode tirar toda a pintura dos meus lábios sempre que quiser.

Foram ao chá. Compraram lenços numa loja próxima. Tudo foi esquecido.

Contudo, dois dias depois Anthony olhou no armário e viu o saco ainda pendurado, cheio, no gancho, enquanto a pilha de roupa aumentara consideravelmente.

– Gloria! – chamou.

– Oh!... – A voz dela era de um desapontamento terrível. Desesperado, Anthony foi ao telefone chamar a camareira.

– Tenho a impressão – disse com impaciência – de que você espera que eu seja uma espécie de camareiro francês.

Gloria riu de forma tão contagiante que Anthony foi incauto o bastante para dar um sorriso. Homem infeliz! De uma forma imponderável, aquele

sorriso fez dela a senhora da situação. Com um ar de dignidade ofendida. Gloria foi enfaticamente até o armário e começou a socar com violência sua roupa no saco. Anthony observava envergonhado.

– Pronto! – disse ela, insinuando que seus dedos haviam sido maltratados até os ossos por um capataz brutal.

Anthony julgou, porém, que lhe dera uma lição objetiva e que o assunto estava encerrado, mas, pelo contrário, estava apenas começando. A roupa suja continuou a empilhar-se, em longos intervalos, à falta de lenços seguiu-se outra falta de lenços, em intervalos curtos, para não falar na falta de meias, de camisas, de tudo. E Anthony se deu conta finalmente de que tinha de mandar a roupa para a lavanderia ele mesmo, ou enfrentar o ordálio cada vez mais difícil de uma batalha verbal com Gloria.

Gloria e o general Lee

Em sua viagem para o Leste, pararam dois dias em Washington, percorrendo, com alguma hostilidade, sua atmosfera de luz dura e repelente, de distância sem liberdade, de pompa sem esplendor – parecia uma cidade pálida e consciente de si. No segundo dia, fizeram uma viagem pouco feliz até a velha casa do general Lee, em Arlington.

O ônibus que os levou estava quente e cheio de gente nada próspera, e Anthony, que conhecia Gloria, percebeu que uma tempestade começava a formar-se. Ela desabou no zoológico, onde o grupo se deteve por dez minutos. O zoológico cheirava a macacos. Anthony riu, e Gloria invocou as maldições celestiais sobre os macacos, incluindo em sua praga todos os passageiros do ônibus e sua prole suarenta que se assemelhava aos macacos.

Finalmente o ônibus chegou a Arlington, onde encontrou outros ônibus e um enxame de mulheres e crianças que deixavam uma trilha de cascas de

amendoim pelas salas do general Lee e se aglomeravam no salão onde ele se casara. Na parede, uma tabuleta indicava em grandes letras vermelhas “Toalete feminino”. A esse golpe final Gloria não resistiu.

– Acho isso tudo absolutamente terrível – disse furiosa. – A ideia de deixar essa gente vir aqui! E de estimular essas visitas, transformando esses lugares em atrações!

– Bem – disse Anthony –, se não fossem mantidos, cairiam aos pedaços.

– Era melhor! – exclamou ela enquanto procuravam a varanda ampla e com colunas. – Acha que deixaram aqui qualquer sinal de 1860? Isso se transformou numa coisa de 1914.

– Você não quer preservar as coisas velhas?

– Mas isso não é possível, Anthony. As coisas belas crescem até certo ponto e em seguida decaem e se apagam, emanando lembranças enquanto vão se apagando. E, tal como todos os períodos se apagam em nossa memória, as coisas desse período também devem apagar-se. Assim preservam-se um pouco, nos corações como o meu, que reagem a elas. Aquela sepultura em Tarrytown, por exemplo. Os asnos que dão dinheiro para preservar as coisas também a estragaram. Sleepy Hollow se foi; Washington Irving está morto e seus livros vão se deteriorando em nossa estimativa ano após ano; deixemos, portanto, que sua sepultura também se deteriore, como deve, como devem se deteriorar todas as coisas. Tentar preservar o século conservando suas relíquias é como manter vivo um homem agonizante com estimulantes.

– Então você acha que, como o tempo se decompõe, as casas também deviam cair aos pedaços?

– Com certeza! Você daria valor à sua carta de Keats se a assinatura fosse coberta de tinta para durar mais? É exatamente porque amo o passado que desejo que esta casa se assemelhe aos seus momentos glamourosos de

juventude e beleza, e quero que seus degraus ranjam como se pisados por mulheres de saias rodadas e homens de botas e esporas. Mas a transformaram numa mulher de 60 anos oxigenada e pintada de ruge. Ela não tem nenhum direito de aparentar um ar tão galante. Ela bem poderia preocupar-se bastante com Lee para deixar cair, de quando em vez, um ou dois tijolos. Quantos desses, desses *animais* – fez um gesto com a mão – compreendem alguma coisa disso, com todas as suas histórias e guias e restaurações em existência? Quantos dos que pensam que manifestar admiração, na melhor das hipóteses, é conversar em voz baixa e caminhar na ponta dos pés se dariam o trabalho de vir até aqui? Quero que ela recenda a magnólias e não a amendoim, quero que meus pés pisem o mesmo cascalho pisado pelas botas de Lee. Não há beleza sem pungência, e não há pungência sem o sentimento de que estão desaparecendo, homens, nomes, livros, casas, destinados ao pó, mortais...

Um menino apareceu junto deles e, agitando uma casca de banana, atirou-a valentemente na direção do Potomac.

Sentimento

Simultaneamente à queda de Liège, Anthony e Gloria chegaram a Nova York. Em retrospecto, as seis semanas pareciam miraculosamente felizes. Haviam descoberto, como acontece de certa forma com todos os casais jovens, que tinham em comum muitas ideias fixas, curiosidades e modos de pensar incomuns. Eram, essencialmente, companhia um para o outro.

Mas fora uma luta para evitar que a maioria de suas conversas acabasse em discussão. As discussões eram fatais para a disposição de Gloria. Durante toda a sua vida, estivera sempre na companhia de pessoas de mentalidade inferior ou de homens que, sob a intimidação quase hostil de

sua beleza, não ousavam contradizê-la. Irritava-se, portanto, quando Anthony saía do estado em que seus pronunciamentos constituíam a decisão final e inquestionável.

Ele não compreendeu, a princípio, que isso era consequência em parte da educação “feminina” de Gloria e em parte de sua beleza, inclinando-se a considerá-la, juntamente com todo o seu sexo, curiosa e definitivamente limitada. Espantava-se ao ver que ela não possuía senso de justiça. Mas descobriu que, quando um assunto a interessava, seu cérebro se cansava menos rapidamente que o dele. O que sentia faltar nela principalmente era o senso teleológico, o senso de ordem e precisão, o senso da vida como um traçado misteriosamente correlacionado. Depois de algum tempo, porém, percebeu que nela essa qualidade teria sido incongruente.

Das coisas que possuíam em comum, a maior de todas era a percepção quase sobrenatural que tinham do pensamento mútuo. O dia em que deixaram o hotel em Coronado, ela se sentou numa das camas enquanto estavam arrumando as malas e começou a chorar amargamente.

– Querida... – Os braços à volta dela, embalou-lhe a cabeça junto ao peito. – O que foi, minha Gloria? Conte-me.

– Vamos embora – soluçou ela. – Oh, Anthony, é como se esse fosse o primeiro lugar em que vivemos juntos. Nossas duas camas aqui, lado a lado, estarão sempre esperando por nós, e jamais voltaremos a elas.

Ela o fazia sofrer, como sempre. A emoção tomou conta dele, subiu-lhe aos olhos.

– Ora, Gloria, vamos para outro quarto, para outras duas camas. Ficaremos juntos por toda a nossa vida.

As palavras jorraram dela numa voz rouca.

– Mas não será como essas duas camas, jamais. Em toda parte aonde formos, de onde nos mudarmos, alguma coisa ficará perdida, alguma coisa

ficará para trás. Jamais podemos repetir as coisas exatamente, e aqui eu fui de tal forma sua...

Abraçou-a apaixonadamente, vendo muito além de qualquer crítica aos sentimentos dela uma sábia percepção do minuto, mesmo que apenas uma tolerância em relação a seu desejo de chorar. Gloria, a ociosa, acalentadora dos próprios sonhos, extraindo pungência das coisas memoráveis da vida e da juventude.

Mais tarde, ao voltar da estação com as passagens, encontrou-a adormecida numa das camas, o braço envolvendo um objeto escuro que a princípio não conseguiu identificar. Aproximando-se, viu que era um de seus sapatos, não muito novo nem muito limpo, mas seu rosto, marcado de lágrimas, apertava-se contra ele, e Anthony compreendeu o significado remoto que havia nessa atitude. Foi quase um êxtase acordá-la e vê-la sorrir, envergonhada mas consciente da beleza de sua imaginação.

Sem entrar no mérito dessas duas coisas, parecia a Anthony que elas estavam mais ou menos próximas da essência do amor.

A casa cinzenta

É aos 20 anos que o impulso real da vida começa a reduzir-se, e somente para as almas simples as coisas têm, aos 30, o mesmo sentido e significado de dez anos antes. Aos 30, o tocador de realejo é um homem mais ou menos desgastado que toca um órgão – embora já tenha sido um tocador de realejo! O estigma inequívoco de humanidade atinge todas essas coisas impessoais e belas que somente a juventude percebe em sua glória impessoal. Um baile magnífico, alegre, com risos românticos despreocupados, desgasta suas sedas e seus cetins revelando a estrutura nua de algo feito pelo homem – oh, essa eterna mão! –, uma peça, trágica e

divina, torna-se apenas uma sucessão de discursos explorados pelos mesmos eternos plagiadores e representados por homens sujeitos a cãibras, a covardias e a sentimentos varonis.

E esse período da vida de Gloria e Anthony, o primeiro ano de casados, e a casa cinzenta foram encontrá-los naquela fase em que o tocador de realejo estava passando lentamente por sua metamorfose inevitável. Ela tinha 23 anos, ele 26.

A casa cinzenta foi, a princípio, uma simples tentativa pastoral. Viveram impacientes no apartamento de Anthony durante as duas primeiras semanas depois de retornarem da Califórnia, numa atmosfera pesada de malas abertas, muitas visitas e os eternos sacos de roupa suja. Debateram com os amigos o problema formidável de seu futuro. Dick e Maury sentavam-se junto deles, concordando solenes, quase pensativamente, enquanto Anthony desafiava a lista do que “deviam” fazer e de onde “deviam” morar.

– Queria levar Gloria para o exterior – queixava-se ele –, mas há essa guerra. Gostaria também de morar num lugar no campo, mas perto de Nova York, evidentemente, onde eu pudesse escrever ou fazer o que quer que seja que eu decida fazer.

Gloria riu.

– Não é engraçado? O que quer que ele decida fazer! Mas o que *eu* vou fazer se ele for trabalhar? Maury, você me leva para passear se Anthony for trabalhar?

– Bem, eu não vou trabalhar ainda – disse Anthony rapidamente.

Os dois achavam, de forma vaga, que em algum dia incerto ele iniciaria uma espécie de gloriosa carreira diplomática e seria invejado por príncipes e primeiros-ministros pela bela mulher que tinha.

– Bem – disse Gloria desanimada –, tenho certeza de que não sei. Falamos e falamos e nunca chegamos a lugar nenhum. Perguntamos aos

nossos amigos e eles nos dão as respostas que queremos ouvir. Gostaria que alguém tomasse conta de nós.

– Por que vocês não vão para fora da cidade, para Greenwich, ou um lugar semelhante? – perguntou Richard Caramel.

– Isso me agradaria – disse Gloria, iluminando-se. – Você acha que poderíamos encontrar uma casa lá?

Dick deu de ombros e Maury riu.

– Vocês dois me divertem – disse. – Que gente menos prática! Basta nos lembrarmos de um lugar e vocês querem que tiremos montes de fotografias dos nossos bolsos, mostrando os diferentes estilos de arquitetura dos bangalôs existentes.

– É exatamente o que não quero – queixou-se Gloria –, um bangalô quente e abafado, com um monte de crianças no vizinho e o pai cortando a grama em mangas de camisa...

– Por Deus, Gloria – interrompeu Maury. – Ninguém quer fechá-la num bangalô. Quem trouxe os bangalôs para a conversa? Mas vocês nunca vão encontrar um lugar se não saírem para procurá-lo.

– Sair para onde? Você diz para procurarmos, mas onde?

Com dignidade, Maury balançou a mão, como uma pata, num gesto vago.

– Em qualquer lugar. No campo. Há muitos lugares.

– Obrigada.

– Ora – disse Richard Caramel, pondo para funcionar seu olho amarelo –, o caso é que vocês são desorganizados. Conhecem alguma coisa do estado de Nova York? Cale a boca, Anthony, estou falando com a Gloria!

– Bem – admitiu ela, finalmente –, fui a duas ou três festas em Portchester e em Connecticut, mas esses lugares, naturalmente, não são no

estado de Nova York, não? Morristown também não – concluiu, com uma letárgica irrelevância.

Houve uma gargalhada geral.

– Meu Deus! – exclamou Dick. – Nem Morristown. Não, nem Santa Barbara, Gloria. Ouça. Para começar, a menos que você tenha dinheiro, não adianta pensar em lugares como Newport ou Southampton ou Tuxedo. Estão fora de cogitação.

Concordaram solenemente.

– E, pessoalmente, detesto Nova Jersey. Há ainda a parte alta de Nova York, além de Tuxedo.

– Muito frio – disse Gloria. – Estive lá certa vez, de automóvel.

– Bem, acho que há muitas cidades como Rye entre Nova York e Greenwich, onde vocês poderiam comprar uma pequena casa cinzenta...

Gloria vibrou com a frase, triunfante. Pela primeira vez desde que voltaram do Leste ela soube o que desejava.

– Oh, é isso! – exclamou. – Oh, é isso: uma pequena casa cinzenta, com uma cerca branca em volta e árvores floridas, como um quadro de outubro numa galeria de pintura. Onde posso encontrá-la?

– Infelizmente, esqueci a minha lista de casas cinzentas com árvores à volta, mas vou procurar. Enquanto isso, vocês peguem uma folha de papel e anotem os nomes de sete cidades possíveis. E, cada dia dessa semana, façam uma viagem a uma dessas cidades.

– Ora – protestou Glória, desanimada –, por que você não faz isso para nós? Detesto trens.

– Bem, alugue um carro e...

Gloria bocejou.

– Estou cansada de discutir esse assunto. Parece que não fazemos outra coisa a não ser falar de onde vamos morar.

– A minha delicada mulher se cansa de pensar – disse Anthony, ironicamente. – Precisa comer um sanduíche de tomate para estimular os nervos exaustos. Vamos tomar chá.

Como resultado infeliz dessa conversa, levaram o conselho de Dick literalmente a sério e dois dias depois partiram para Rye, por onde vagaram com um irritado corretor imobiliário, como crianças assustadas em meio a uma floresta. Viram casas por 100 dólares mensais coladas a outras casas também por 100 dólares; viram casas isoladas que invariavelmente odiavam, embora se sujeitassem ao desejo do corretor, de “ver o fogão, que fogão!”, e às sacudidas nos portais e ao bater nas paredes, evidentemente com o propósito de mostrar que a casa não ia cair imediatamente, por mais que desse essa impressão. Viram, através das janelas, interiores mobiliados “comercialmente”, com cadeiras usadas e sofás duros, ou “intimamente”, com uma confusão melancólica de outros verões – um par de raquetes de tênis cruzadas, sofá-camas e desenhos de mulheres deprimentes. Com um sentimento de culpa, viram umas poucas casas realmente boas, isoladas, dignas e frias – a 300 dólares por mês. Deixaram Rye agradecendo muito ao corretor.

No trem cheio, de volta a Nova York, o lugar atrás deles estava ocupado por um latino de respiração farta, cujas últimas refeições haviam sido, evidentemente, compostas apenas de alho. Chegaram ao apartamento ansiosos, quase histericamente, e Gloria correu para um banho quente no impecável banheiro. Durante uma semana, ficaram incapacitados de decidir qualquer coisa sobre seu futuro local de residência.

A questão resolveu-se, finalmente, como num romance inesperado. Anthony entrou na sala uma tarde, comunicando satisfeito a sua “ideia”.

– Já sei. Vamos comprar um carro.

– Ora, veja! Já não temos problemas suficientes cuidando apenas de nós mesmos?

– Deixe-me explicar, sim? Deixamos nossas coisas a cargo do Dick e empilhamos algumas malas no carro, o carro que vamos comprar, pois no campo será preciso ter um carro, e partimos logo na direção de New Haven. Quando estivermos fora do alcance dos trens suburbanos, os aluguéis vão se tornar mais baratos, e assim que encontrarmos a casa desejada, nos instalamos nela.

Pela repetição da expressão “assim que” conseguiu despertar-lhe o entusiasmo letárgico. Dando passadas violentas pela sala, simulou uma eficiência dinâmica e irresistível.

– Compraremos o carro amanhã.

A vida, andando com a bota de sete léguas da imaginação, viu-os sair da cidade uma semana mais tarde, num carro barato mas novo, viu-os atravessar o caótico Bronx, depois um subúrbio em que se alternavam áreas desocupadas e ruas de grande e sórdida atividade. Deixaram Nova York às onze e já passava do meio-dia, quente e beatífico, quando atravessaram alegremente Pelham.

– Isso não é cidade – disse Gloria com desprezo. – São apenas bairros de Nova York transferidos para áreas vazias. Imagino que todos os homens daqui tenham os bigodes manchados por beber o café muito depressa pela manhã.

– E jogam cartas nos trens suburbanos.

– Que jogo?

– Não seja tão literal. Como vou saber? Mas imagino que devam jogar.

– Essa é boa. Deixe-me dirigir.

Anthony olhou-a desconfiado.

– Jura que sabe dirigir bem?

– Desde os 14 anos.

Parou o carro cautelosamente na margem da estrada e trocaram de lugar. Com um ranger terrível, o carro foi engrenado, e Gloria deu uma risada que pareceu a Anthony inquietante e do pior gosto possível.

– Lá vamos nós! – gritou ela. – Oooooopa!

Suas cabeças foram sacudidas como marionetes num fio único, e o carro deu um salto para a frente, passando de raspão numa carroça de leite que estava parada, cujo condutor ficou de pé no banco para gritar-lhes várias ofensas. Na tradição imemorial das estradas, Anthony respondeu com alguns breves epigramas sobre a profissão de leiteiro. Interrompeu-os, porém, e voltou-se para Gloria convencido de que cometera um grave erro ao entregar-lhe a direção e que ela era uma motorista de muitas excentricidades e total desatenção.

– Lembre-se – advertiu nervosamente –, o vendedor disse que não devemos passar dos 35 quilômetros por hora nos primeiros 8 mil quilômetros.

Ela aquiesceu com a cabeça, mas evidentemente pretendia computar os 8 mil quilômetros o mais depressa possível, de forma que aumentou levemente a velocidade. Anthony fez nova tentativa.

– Está vendo aquele cartaz? Quer que sejamos presos?

– Ora, pelo amor de Deus – disse Gloria exasperada. – Você sempre exagera as coisas!

– Bem, eu não quero ser preso.

– Quem vai prender você? Você é tão insistente, do mesmo jeito que foi ontem à noite com o remédio para tosse.

– Era para o seu bem.

– Desse jeito, eu podia estar vivendo com a minha mãe.

– Que coisa me dizer isso!

Um guarda, em pé, surgiu e foi rapidamente ultrapassado.

– Viu? – perguntou Anthony.

– Ora você me deixa maluca! Ele não nos prendeu, não é?

– Quando prender, será muito tarde – respondeu Anthony brilhantemente.

A resposta dela foi um desprezo, quase uma ofensa:

– Ora, essa lata velha não vai a mais de 55 quilômetros.

– Não é velha.

– É velha em espírito.

Naquela tarde, o carro juntou-se aos sacos de roupa suja e ao apetite de Gloria, formando uma trindade de discussões. Ele a advertia sobre as estradas de ferro, mostrava carros que se aproximavam e finalmente insistiu em dirigir. Gloria, furiosa e ofendida, sentou-se silenciosamente a seu lado, entre as cidades de Larchmont e Rye.

Foi devido a esse silêncio furioso, porém, que a casa cinzenta transformou-se de abstração em realidade, pois pouco depois de Rye ele se rendeu sombriamente e entregou novamente o volante a Gloria. Sem uma palavra, convidou-a a trocar de lugar, e ela, imediatamente curada, prometeu ter mais cuidado. Mas como um ônibus descortês insistia em ficar-lhes à frente, Gloria enfiou por uma rua lateral – e jamais conseguiu encontrar o caminho de volta para a estrada principal. A rua, que erroneamente confundiram com a estrada, perdeu esse aspecto a 8 quilômetros de Cos Cob. O macadame transformou-se em cascalho, o cascalho em terra, e a estrada se estreitou, surgiram árvores nas margens, através das quais o sol era filtrado, fazendo infindáveis desenhos de sombras sobre a grama alta.

– Estamos perdidos – queixou-se Anthony.

– Leia aquela placa!

– Marietta, 8 quilômetros. O que é Marietta?

– Nunca ouvi falar, mas vamos até lá. Não podemos dar a volta aqui, e lá provavelmente haverá um retorno para a estrada principal.

A estrada tornou-se cheia de sulcos mais profundos e saliências insidiosas de pedra. Três fazendas surgiram momentaneamente à frente e foram ultrapassadas. Uma cidade apontou, num enxame de telhados monótonos em torno de um alto campanário branco.

E foi então que Gloria, hesitando entre duas entradas, fez a escolha tarde demais e, lançando o carro sobre um hidrante, arrancou-lhe violentamente a transmissão.

Estava escuro quando o corretor de imóveis de Marietta mostrou a eles a casa cinzenta. Encontraram-na exatamente a oeste da cidadezinha, onde repousava contra um céu que era como um manto azul-escuro adornado de pequenas estrelas. A casa cinzenta estivera ali desde a época em que as mulheres que tinham gatos eram provavelmente feiticeiras, quando Paul Revere fazia dentes falsos em Boston, preparando uma grande indústria, quando nossos ancestrais gloriosamente abandonavam Washington em manadas. Desde esses dias, sofrera várias modificações por dentro e por fora, acrescentaram-lhe uma cozinha e uma varanda lateral, mas exceto por um ou outro detalhe, como o teto da nova cozinha, permanecia desafiadoramente colonial.

– Como vocês vieram parar em Marietta? – indagou o corretor, num tom que era primo-irmão da suspeita. Estava mostrando quatro espaçosos e arejados quartos de dormir.

– Enguiçamos – explicou Gloria. – Bati num hidrante e tivemos de ser rebocados até uma oficina. Foi então que vimos o seu cartaz.

O homem assentiu, incapaz de entender tal espontaneidade. Havia algo sutilmente imoral em tomar uma decisão sem avaliá-la durante vários meses.

Assinaram o contrato naquela noite e, no carro do corretor, voltaram alegres para o sonolento e dilapidado Marietta Inn, demasiado pobre até mesmo para as imoralidades ocasionais e consequentes alegrias de uma hospedaria de beira de estrada. Passaram metade da noite acordados, planejando as coisas que iriam fazer ali. Anthony ia trabalhar numa velocidade surpreendente em sua história, redimindo-se assim perante o avô descrente... Quando o carro estivesse consertado, explorariam a região e ingressariam no clube “realmente bom” mais próximo, onde Gloria jogaria golfe “ou qualquer coisa” enquanto Anthony escrevia. Isso, naturalmente, foi ideia de Anthony – Gloria tinha certeza de que desejava apenas ler, sonhar e ingerir sanduíches de tomate e limonadas servidos por um criado angelical ainda não muito claramente delineado. Entre parágrafos, Anthony iria beijá-la, enquanto ela ficava indolentemente estendida na rede... A rede! Uma torrente de novos sonhos, embalados pelo seu ritmo imaginário, enquanto o vento zunia e as ondas de sol ondulavam sobre os trigais batidos de vento, ou a estrada poeirenta se escurecia com as chuvas de verão...

E os hóspedes – sobre esse assunto tiveram uma longa discussão, ambos tentando ser extraordinariamente maduros e previdentes. Anthony alegava que teriam necessidade de hóspedes pelo menos um fim de semana sim e outro não, “para distrair-se”. Isso provocou um debate extremamente complicado e sentimental sobre se Anthony considerava ou não Gloria distração bastante. Embora ele assegurasse que sim, ela insistia em duvidar... Finalmente, a conversa passou ao monótono: “E depois? Que faremos depois?”

– Bem, teremos um cão – sugeriu Anthony.

– Não quero. Prefiro um gato. – E pôs-se a contar, detalhadamente e com grande entusiasmo, a história, os hábitos e gostos de um gato que tivera.

Anthony julgou que devia ter sido um péssimo caráter, sem magnetismo pessoal nem lealdade.

Adormeceram e acordaram uma hora antes do amanhecer, com a casa cinzenta dançando numa glória fantasmagórica diante de seus olhos deslumbrados.

A alma de Gloria

Naquele outono, a casa cinzenta os recebeu com um ímpeto sentimental que disfarçava sua cínica idade avançada. É certo que havia os sacos de roupa suja, havia o apetite de Gloria, havia a tendência de Anthony para a inatividade, seu “nervosismo” imaginativo, mas havia também intervalos de serenidade inesperada. Juntos na varanda, esperavam que a lua atravessasse os acres prateados de plantações, atingindo um bosque espesso, e lançasse ondas de luz a seus pés. À luz desse luar, o rosto de Gloria era de um branco difuso e cheio de reminiscências. Com um mínimo de esforço, podiam afastar as cortinas do hábito e encontrar um no outro o que de mais puro havia no romance desvanecido de junho.

Certa noite em que a cabeça de Gloria repousava no peito de Anthony e seus cigarros brilhavam como botões luminosos na escuridão que pairava sobre a cama, ela falou pela primeira vez, e em fragmentos, dos homens que se haviam fixado, por breves momentos, em sua beleza.

- Você costuma pensar neles? – perguntou-lhe Anthony.
- Acidentalmente, quando alguma coisa me lembra determinada pessoa.
- O que você lembra? Os beijos?
- Várias coisas... Os homens são diferentes com as mulheres.
- Diferentes como?

– Ah, totalmente... e de uma maneira indizível. Homens que tinham uma reputação de serem dessa ou daquela forma por vezes eram surpreendentemente indecisos comigo. Homens brutais eram ternos, homens indiferentes eram sinceros e amáveis e com frequência homens honrados tomavam atitudes que nada tinham de honradas.

– Por exemplo?

– Bem, houve um rapaz chamado Percy Wolcott, de Cornell, que era um herói na faculdade, um grande atleta, que salvara muita gente de um incêndio, ou qualquer coisa do gênero. Mas eu descobri logo que ele era destituído de inteligência, e da forma mais perigosa.

– Que forma?

– Parece que ele tinha uma ideia ingênua da mulher “que servia para sua esposa”, ideia essa com a qual me deparei frequentemente e que sempre me deixou louca. Ele exigia uma moça que jamais tivesse sido beijada, gostasse de costurar e ficasse sentada em casa, prestando homenagem à sua autoestima. E aposto que, se encontrou uma idiota bastante estúpida para isso, ele deve estar se divertindo com alguma moça mais inteligente.

– Sinto muito pela mulher dele.

– Eu não. Pense na múmia que ela deve ser para não ter percebido isso antes de se casar. Ele é do tipo para quem honrar e respeitar uma mulher é não proporcionar-lhe jamais qualquer animação. Com as melhores intenções, ele ainda estava na Idade Média.

– Qual foi a atitude dele com você?

– Vou chegar lá. Como já lhe disse, ou não disse?, ele era um bocado simpático: olhos grandes, castanhos e sinceros, e um daqueles sorrisos que garantem que por trás deles há um coração de 20 quilates. Sendo jovem e crédula, julguei que fosse discreto e beijei-o certa noite quando estávamos passeando de carro depois de um baile em Hot Springs. Tinha sido uma

semana formidável, eu me lembro, com árvores esplêndidas espalhando sombra verde por todo o vale e uma névoa nas manhãs de outubro.

– E o seu amigo com ideais? – interrompeu Anthony.

– Parece que, ao beijar-me, começou a achar que talvez conseguisse alguma coisa mais, que eu não precisava ser respeitada como a garota ideal de sua imaginação.

– O que ele fez?

– Nada. Empurrei-o de um barranco de 6 metros de altura antes que começasse.

– Ele se machucou? – indagou Anthony com uma gargalhada.

– Quebrou o braço e deslocou o tornozelo. Contou a história por toda Hot Springs e, quando o braço sarou, um homem chamado Barley, que gostava de mim, deu-lhe uma surra e quebrou-lhe o braço de novo. Foi uma confusão tremenda. Ele ameaçou processar o Barley, que foi visto na cidade comprando um revólver, mas mamãe me arrastou novamente para o norte, muito contra a minha vontade, e jamais soube do resultado, embora tenha visto o Barley, certa vez, no saguão do Vanderbilt.

Anthony continuou rindo.

– Que carreira! Eu devia ficar furioso por você ter beijado tantos homens, mas não fico.

Ela se sentou na cama.

– É engraçado, mas nenhum desses beijos deixou qualquer marca em mim, nenhum traço de promiscuidade, muito embora um homem tenha me dito certa vez, com toda seriedade, que odiava a ideia de que eu fosse uma espécie de copo público.

– Ele teve coragem.

– Eu apenas ri e disse a ele que devia pensar em mim antes como a taça do amor, que vai de mão em mão, mas nem assim perde o valor.

– Isso não importa para mim, o que não aconteceria, evidentemente, se tivesse havido alguma coisa além de beijos. Mas acredito que *você* seja absolutamente incapaz de ciúme, exceto pela vaidade ferida. Por que não se importa com o que eu fiz? Não teria preferido que eu fosse absolutamente inocente?

– Tudo se resume à marca que isso pode ter deixado em você. Os meus beijos eram dados porque o homem era bonito, porque havia luar ou porque eu estava vagamente sentimental. Mas não passou disso. Não deixaram nenhuma marca em mim. Mas você teria lembrado, e as lembranças o teriam perseguido e assombrado.

– Você nunca beijou ninguém como a mim?

– Não – Gloria respondeu simplesmente. – Como já disse, os homens tentam... muitas coisas, ora. Qualquer moça bonita sabe disso... Não me importa quantas mulheres você teve no passado, contanto que não tenha sido mais que uma simples satisfação física — resumiu ela. Mas não acho que pudesse tolerar a ideia de que você tivesse vivido com outra mulher por algum período longo, ou mesmo que tivesse desejado casar-se com alguma moça. É diferente. Haveria então todas as pequenas intimidades a serem lembradas, e elas prejudicariam aquele frescor que, no final das contas, é a parte mais preciosa do amor.

Emocionado, ele a puxou para o travesseiro.

– Oh, querida, como se eu me lembrasse de outra coisa senão dos seus beijos.

E Gloria, numa voz muito doce:

– Anthony, você não ouviu alguém dizer que estava com sede?

Anthony riu e, com uma careta dócil e divertida, levantou-se.

– Apenas com um *pedacinho de gelo* na água – acrescentou ela. – Acha que eu mereço?

Gloria usava diminutivos sempre que pedia um favor: fazia com que parecesse menos difícil. Mas Anthony riu novamente; se ela desejava um pedacinho de gelo ou toda uma pedra, ele teria de descer à cozinha... A voz dela o acompanhou pelo corredor:

– E um biscoitinho com um pouquinho de geleia em cima...

Anthony deu um suspiro de felicidade:

– É maravilhosa essa menina!

– Quando tivermos um filho – começou ela, certo dia, depois de já terem decidido que isso ocorreria dali a três anos –, quero que se pareça com você.

– Exceto nas pernas – insinuou ele, tímido.

– Oh, sim, exceto nas pernas. Terá as minhas pernas. Mas o resto pode ser seu.

– O meu nariz?

Gloria hesitou.

– Bem, talvez o meu nariz. Mas certamente os seus olhos, e a minha boca e talvez a forma de meu rosto. E acho que ficaria engraçadinho se tivesse o meu cabelo.

– Minha querida Gloria, você tomou conta da criança toda.

– Bem, não foi a minha intenção – desculpou-se, risonha.

– Vamos dar-lhe pelo menos o meu pescoço – disse ele, contemplando-se gravemente no espelho. – Você sempre disse que gostava do meu pescoço porque o pomo de adão não é evidente e, além disso, o seu pescoço é muito curto.

– Ora, não é, não! – gritou ela indignada, voltando-se para o espelho. – Ele é ótimo, nunca vi pescoço melhor.

– É muito curto – repetiu ele para irritá-la.

– Curto? – Seu tom expressava um espanto exasperado. – Curto? Você está doido! – Esticou-o e contraiu-o para convencer-se de sua sinuosidade. –

Você acha que *isso* é um pescoço curto?

– Um dos mais curtos que já vi.

Pela primeira vez nas últimas semanas, lágrimas vieram aos olhos de Gloria e o olhar que ela lhe lançou denotava realmente sofrimento.

– Oh, Anthony...

– Meu Deus, Gloria! – Ele se aproximou dela espantado e segurou-a pelos cotovelos. – Não chore, por favor. Não viu que eu estava apenas brincando? Gloria, olhe para mim! Ora, querida, você tem o pescoço mais comprido que eu já vi. Sinceramente.

As lágrimas se dissolveram num sorriso.

– Se é assim você não devia ter dito aquilo. Vamos falar da criança.

Anthony deu alguns passos pelo quarto e falou como se ensaiasse para um debate:

– Resumindo, há duas crianças que poderíamos ter, dois filhos distintos e lógicos, totalmente diferentes. Há a criança que poderia ser a combinação do que há de melhor em nós: o seu corpo, os meus olhos, o meu espírito, a sua inteligência; e há a criança que teria o pior: o meu corpo, a sua disposição, a minha hesitação.

– Gosto do segundo – disse ela.

– O que eu realmente gostaria – continuou Anthony – seria de ter dois grupos de trigêmeos com a distância de um ano e então fazer uma experiência com os seis meninos...

– Pobre de mim – interrompeu ela.

– Eu os educaria cada qual num país diferente e por sistemas diferentes, e quando tivessem 23 anos os reuniria para ver a quem se assemelhavam.

– E que todos tenham o meu pescoço – sugeriu Gloria.

Fim de um capítulo

O carro foi finalmente consertado e, numa vingança calculada, retomou onde deixara a tarefa de provocar brigas intermináveis. Quem dirigia? A que velocidade ia Gloria? Essas duas perguntas e as recriminações eternas que provocavam estenderam-se por dias. Visitaram as cidades na estrada principal, Rye, Portchester e Greenwich, visitaram vários amigos, a maioria das amigas de Gloria pareciam estar, todas elas, em diferentes fases do processo de ter filhos. Nesse sentido, elas a aborreciam a ponto de deixá-la nervosa. Durante uma hora depois de cada visita, roía as unhas furiosamente e procurava descontar a irritação em Anthony.

– Detesto mulheres. Que diabos conversar com elas senão sobre assuntos domésticos? Tive de me entusiasmar com dezenas de crianças que queria apenas estrangular. E todas estão começando a ficar com ciúmes do marido se ele é simpático, ou começando a aborrecer-se com ele quando não é.

– Não pretende mais conversar com mulheres?

– Não sei. Elas nunca me parecem puras, nunca, nunca. Exceto umas poucas. Constance Shaw, você a conhece, a Sra. Merriam, que nos visitou na terça-feira, é quase a única. É alta, tem um ar de frescor e imponência.

– Não gosto de mulheres tão altas.

Embora fossem a vários jantares dançantes em vários clubes, resolveram que o fim do outono já estava muito próximo para que “saíssem” intensivamente, embora tivessem vontade. Anthony odiava o golfe, Gloria não morria de amores e, embora tivesse gostado muito da insistência de alguns estudantes certa noite e ficasse satisfeita com o orgulho que Anthony tinha de sua beleza, percebera que a anfitriã daquela noite, a Sra. Granby, ficara preocupada com o fato de um colega de turma de Anthony, Alec Granby, ter se juntado aos estudantes. Os Granby jamais telefonaram novamente e, apesar de Gloria achar graça, não deixava de sentir certo ressentimento.

– Sabe – dizia a Anthony –, se eu não fosse casada ela não se preocuparia. Mas foi ao cinema quando era solteira e acha que eu posso ser uma vampira. A questão é que tranquilizar essas pessoas exige um esforço que não estou disposta a fazer... E aqueles calouros engraçadinhos me fazendo elogios idiotas e me olhando daquele jeito! Eu amadureci, Anthony.

Marietta proporcionava reduzida vida social. Meia dúzia de propriedades formavam um hexágono em torno da cidade, mas pertenciam a velhos que só se mostravam como blocos inertes e grisalhos no assento traseiro das limusines a caminho da estação, por vezes acompanhados de mulheres igualmente velhas e duplamente sólidas. Os habitantes da cidade eram tipos particularmente desinteressantes – as mulheres solteiras predominavam – cujo horizonte era dominado por festas escolares e almas tão desoladas quanto a arquitetura branca das três igrejas. O único morador com quem tinham contato era uma moça sueca, de quadris e ombros largos, que vinha diariamente fazer o serviço da casa. Era calada e eficiente, e Gloria, depois de tê-la encontrado chorando violentamente sobre a mesa da cozinha, passou a ter dela um medo absurdo e deixou de reclamar da comida. Devido ao seu sofrimento obscuro e não revelado, a moça continuou a trabalhar para eles.

A inclinação que Gloria tinha por premonições e suas explosões de sobrenatural foram uma surpresa para Anthony. Algum complexo devidamente inibido em sua infância com a mãe bilfista ou uma hipersensibilidade herdada tornavam-na sensível a qualquer sugestão psíquica e, longe de zombar dos motivos dos outros, ela se inclinava a dar crédito a qualquer feito extraordinário atribuído às perambulações fantasiosas dos mortos. Os ruídos que se ouviam na velha casa, nas noites de ventania, que para Anthony eram assaltantes de revólver na mão, pareciam a Gloria fruto do espírito inquieto de gerações mortas, procurando redimir

crimes sem redenção. Uma noite, devido a dois ruídos no andar térreo, que Anthony investigou com muito medo, mas sem recuar, ficaram acordados até quase o amanhecer, fazendo-se mutuamente perguntas sobre a história do mundo.

Em outubro, Muriel foi visitá-los por duas semanas. Gloria fizera um telefonema interurbano, e a Srta. Kane terminara a conversa caracteristicamente, dizendo: “Está beeem, eu vou chegar aí com a música!”, e chegou com meia dúzia de canções populares debaixo do braço.

– Vocês deviam ter uma vitrola aqui no campo – disse. – Bastava uma pequena Vic; não são caras. Quando se sentissem sozinhos, podiam ter o Caruso ou Al Jolson com vocês.

Ela deixou Anthony confuso, dizendo que “ele era o primeiro homem inteligente que conhecera e estava tão cansada de gente superficial”. Ficou imaginando se alguém poderia apaixonar-se por uma mulher como aquela. Contudo, para um determinado olhar apaixonado até mesmo ela adquiria uma suavidade e se mostrava uma promessa.

Mas Gloria, exibindo violentamente seu amor por Anthony, ficou muito satisfeita com a presença dela.

Finalmente, Richard Caramel chegou para um fim de semana de conversas e, ao que pareceu a Gloria, dolorosamente literário, durante o qual discutiu com Anthony seu livro enquanto ela dormia como uma criança.

– Foi muito engraçado esse êxito – disse Dick. – Antes de publicar o romance, eu havia tentado, em vão, vender alguns contos. Depois que o livro saiu, melhorei três deles e foram aceitos por uma das revistas que os havia recusado antes. Escrevi muitos contos desde então; os editores só vão me pagar pelo livro esse inverno.

– Que o vencedor não se prenda aos despojos da vitória.

– Você quer dizer escrever coisas de má qualidade? – refletiu por um momento. – Se quer dizer colocar deliberadamente meios-tons em cada história, isso não está acontecendo. Mas não acho que eu esteja sendo tão cuidadoso. Estou, sem dúvida, escrevendo mais depressa, e não penso tanto quanto antes. Talvez porque não tenha com quem conversar, já que você se casou e o Maury foi para a Filadélfia. Já não sinto o ímpeto e a ambição antigos. O sucesso prematuro, e tudo o mais.

– Isso não o preocupa?

– Demais. Tenho uma espécie de febre, uma forte consciência literária que me assalta quando procuro forçar-me. Mas os dias realmente terríveis são aqueles em que não consigo escrever. Quando fico pensando se vale a pena escrever. Se não serei uma espécie de bufão glorificado.

– Gosto de ouvi-lo falar assim – disse Anthony, com um toque de sua antiga e insolente superioridade. – Temia que começasse a ficar convencido do seu trabalho. Li aquela entrevista que você concedeu...

Dick interrompeu-o com uma expressão constrangida.

– Meu Deus, não fale nisso! Uma jovem a escreveu, uma admiradora. Ficou dizendo o tempo todo que o meu trabalho era “forte”, eu perdi a cabeça e disse coisas estranhas. Mas não foi de todo má, mesmo assim, não acha?

– Sim, a parte sobre o escritor inteligente escrevendo para a juventude de sua geração, o crítico da geração seguinte e o professor depois disso.

– Acredito nisso – disse Caramel com um leve sorriso. – Mas foi um erro dizê-lo.

Em novembro mudaram-se para o apartamento de Anthony, de onde saíam triunfalmente para os jogos de futebol de Yale-Harvard e Harvard-Princeton, para a patinação no gelo em St. Nicholas, para uma série de espetáculos teatrais e para uma miscelânea de diversões – desde os pequenos

saraus íntimos até as grandes festas que Gloria amava, nas poucas casas onde criados com perucas empoadas desfilavam numa anglomania magnífica, sob a orientação de gigantescos mordomos. Pretendiam viajar pelo exterior no começo do ano, ou pelo menos quando a guerra terminasse. Anthony concluía um ensaio chestertoniano sobre o século XII que pretendia que fosse uma introdução ao livro que escreveria, e Gloria fizera extensas pesquisas sobre a questão dos casacos de marta russa. Na verdade, o inverno se aproximava tranquilamente quando o demiurgo bilfista resolveu, subitamente, em meados de dezembro, que a alma da Sra. Gilbert já envelhecera o bastante naquela encarnação. Como consequência, Anthony levou uma Gloria deprimida e histérica até Kansas City, onde, ao modo do mundo, prestaram o terrível e perturbador respeito aos mortos.

O Sr. Gilbert tornou-se, pela primeira vez na vida, uma figura realmente patética. Aquela mulher, que ele dominara para servir-lhe o corpo e reverenciar-lhe o espírito, o abandonara ironicamente – exatamente quando ele não conseguiria mais mantê-la por muito tempo. Jamais poderia aborrecer e tyrannizar outra alma humana de forma tão satisfatória.

2

Simpósio

Gloria embalara a mente de Anthony, fazendo-a dormir. Ela, que parecia a mais sábia e a mais bela das mulheres, estendeu-se como uma magnífica cortina a sua porta, barrando a luz do sol. Naqueles primeiros anos, tudo o que Anthony pensava tinha, invariavelmente, a marca de Gloria; via o sol sempre através dos desenhos da cortina.

Foi uma espécie de lassidão que os levou de volta a Marietta para outro verão. Durante uma primavera dourada e enervante, haviam vagado, inquietos e extravagantes, pela costa da Califórnia, juntando-se por vezes a outros grupos, de Pasadena a Coronado, de Coronado a Santa Barbara, sem outro objetivo mais evidente que o desejo de Gloria de dançar novas músicas ou observar uma variação infinitesimal de cor do mar. Do Pacífico surgiram penedos selvagens para saudá-los, e hotéis igualmente bárbaros, construídos de forma que, na hora do chá, era possível passar o tempo entre uma confusão de gente, abrilhantada pelos costumes de polo de Southampton, Lake Forest, Newport e Palm Beach. E, como as ondas que se chocavam, salpicavam e brilhavam nas baías mais plácidas, eles se uniam a esse ou aquele grupo, e com ele mudavam de lugar, falando sempre das alegrias estranhas e imateriais que os esperavam no próximo vale, verde e frutífero.

Apenas uma rica classe ociosa – os homens mais simpáticos eram ainda estudantes –, pareciam eternos candidatos a clubes universitários fechados, que se tivessem eterizado e ampliado infinitamente no mundo; as mulheres, de beleza superior à média, levemente atléticas, um tanto desinteressantes como anfitriãs, mas encantadoras e muito decorativas como convidadas. Tranquila e graciosamente realizavam a dança do requinte na repousante hora do chá, fazendo com uma certa dignidade os movimentos tão horrivelmente caricaturados pelas coristas em todo o país. Parecia irônico que os americanos se saíssem tão bem nesse solitário e desacreditado ramo das artes.

Tendo dançado e aproveitado uma magnífica primavera, Anthony e Gloria verificaram que haviam gastado dinheiro demais e por essa razão deviam retirar-se durante algum tempo. Havia o “trabalho” de Anthony, diziam. Quase que sem saber, estavam de volta à casa cinzenta, mais cômicos agora de que outros amantes haviam dormido ali, outros nomes haviam sido chamados por sobre os balcões, outros casais se haviam sentado na varanda para ver os campos cinzento-azulados e os bosques mais além.

Era o mesmo Anthony, mais inquieto, animando-se apenas depois de vários copos, um pouco, quase imperceptivelmente, apático em relação a Gloria. Mas Gloria completaria 24 anos em agosto e estava tomada de um pânico sincero. Seis anos para os 30! Se estivesse menos apaixonada por Anthony, o sentimento da fuga do tempo se teria expressado num novo interesse por outros homens, na intenção deliberada de extrair um brilho transitório de romance de todo amante potencial que a olhasse enternecido por sobre uma mesa de jantar. Disse a Anthony uma vez:

– Sinto que, se desejasse alguma coisa, eu a conseguiria. Sempre me senti assim, em toda a minha vida. Mas acontece que quero você, e por isso não sobra lugar para outros desejos.

Iam para o Leste, atravessando uma região sem vida de Indiana, quando ela levantou os olhos da revista de cinema para uma conversa casual que, subitamente, se tornou séria.

Anthony olhou, preocupado, pela janela do carro. Os trilhos cortavam uma estrada da roça, e um homem do campo surgiu momentaneamente com uma carroça. Mastigava uma palha e parecia-se com o camponês que já haviam visto dezenas de vezes antes, sentado em sua carroça como um símbolo silencioso e maligno. Ao voltar-se para Gloria, a ruga na testa de Anthony se intensificara.

– Você me preocupa. Posso me imaginar *desejando* outra mulher, em determinadas circunstâncias transitórias, mas não consigo me imaginar possuindo-a.

– Mas eu não sinto assim, Anthony. Não posso me aborrecer tentando resistir às coisas que desejo. Meu processo é não as desejar, não desejar ninguém a não ser você.

– E quando eu penso que se você resolvesse se encantar com alguém...

– Ora, não seja tolo! – exclamou ela. – Não haveria nada de casual nisso. E não consigo nem imaginar essa possibilidade.

Isso encerrou enfaticamente a conversa. A compreensão infalível de Anthony proporcionava-lhe mais satisfação em sua companhia do que na de qualquer outra pessoa. Ela realmente gostava dele, amava-o. Assim, o verão começou mais ou menos como o anterior.

Houve, porém, uma transformação radical na vida doméstica. A escandinava de coração gélido, cuja cozinha austera e cujos modos sardônicos de servir à mesa tanto haviam deprimido Gloria, foi substituída por um japonês extremamente eficiente, que se chamava Tanalahaka, mas que confessou atender a qualquer chamado que incluísse o dissílabo Tana.

Tana era extremamente pequeno até mesmo para um japonês, e tinha sobre si mesmo o conceito ingênuo de ser um homem do mundo. No dia que chegou da R. Gugimoniki, Agência de Empregados Japoneses de Confiança, chamou Anthony a seu quarto para ver os tesouros que trazia na mala. Entre eles havia uma grande coleção de postais japoneses, que foram detalhadamente, um por um, explicados ao patrão. Havia também meia dúzia de cartões pornográficos, de evidente origem americana, embora os fabricantes tivessem, modestamente, omitido seus nomes e a forma de expedição. Mostrou, em seguida, alguma coisa de sua autoria – uma calça americana feita por ele e dois jogos de roupa de baixo de seda pura. Informou a Anthony, confidencialmente, a finalidade que reservava a tais peças. Em seguida, tirou da mala um desenho do rosto de Abraham Lincoln, a que dera um inequívoco ar japonês. Veio, finalmente, uma flauta, também feita por ele mesmo, e que estava quebrada: ia consertá-la sem demora.

Depois dessas formalidades corteses, que Anthony julgou serem naturais no Japão, Tana pronunciou um longo discurso em um inglês capenga sobre as relações entre patrão e empregado, por meio do qual Anthony entendeu que ele havia trabalhado em grandes propriedades, mas sempre brigara com os outros empregados porque não eram honestos. Dedicaram longo tempo à palavra “honesto”, e se irritaram um com o outro, porque Anthony insistia que Tana estava tentando dizer outra coisa.

Depois de 45 minutos, Anthony foi liberado com a promessa firme de que teriam outras conversas agradáveis, nas quais Tana lhe “contaria como se faz no meu país” com um forte sotaque.

Foi com essa promessa – plenamente cumprida – que Tana fez sua estreia na casa cinzenta. Embora fosse consciencioso e honesto, era sem dúvida terrivelmente maçante. Parecia ser incapaz de controlar a língua, ia por

vezes de parágrafo em parágrafo, com um ar de sofrimento nos pequenos olhos castanhos.

Nas tardes de domingo e de segunda, lia as histórias em quadrinhos dos jornais. Uma delas, na qual havia um mordomo japonês, divertia-o muito, embora alegasse que o personagem, que Anthony considerava evidentemente oriental, tivesse na realidade um rosto americano. O problema com as histórias era que, ao conseguir entender os três últimos quadros com a ajuda de Anthony e uma concentração digna da *Crítica* de Kant, esquecera-se do conteúdo dos primeiros.

Em meados de junho, Anthony e Gloria celebraram seu primeiro aniversário com um “encontro”. Anthony bateu à porta e ela foi recebê-lo. Sentaram-se na varanda, chamando-se dos nomes que haviam inventado um para o outro, combinações novas de um encantamento muito velho. Esse “encontro”, porém, não teve o “boa-noite” com seu êxtase de sofrimento.

No fim de junho, Gloria foi tomada de terror, um medo que lhe golpeou a alma alegre com uma força capaz de atingir meia geração. Aos poucos, porém, o terror foi desaparecendo, recuando para as trevas impenetráveis de onde viera – levando, entretanto, seu preço em juventude.

Com um senso infalível do dramático, as coisas se passaram numa pequena estação ferroviária num lugarejo miserável perto de Portchester. A plataforma da estação ficava o dia todo deserta como uma planície, exposta ao sol amarelo e poeirento e ao olhar do mais desagradável tipo de gente do campo, a que vive perto de uma metrópole, da qual aprende a esperteza sem a urbanidade. Uma dúzia desses tipos de olhos vermelhos, parados como espantalhos, viu o incidente. Perceberam-no através de seus espíritos confusos e de suas mentes incapazes de entender, considerando-o em geral

uma brincadeira pesada, de maneira muito sutil uma “vergonha”. Enquanto isso, na plataforma, um pouco de claridade desaparecia do mundo.

Com Eric Merriam, Anthony consumira todo um jarro de *scotch* durante a tarde quente de verão, enquanto Gloria e Constance Merriam nadavam e tomavam sol no Beach Club, Constance sob um chapéu de sol listrado e Gloria estendida sensualmente na areia macia e quente, bronzeando suas belas pernas. Mais tarde, haviam comido sanduíches; depois disso, Gloria levantou-se, batendo no joelho de Anthony com a sombrinha para atrair-lhe a atenção.

– Temos de ir, querido.

– Já? – Olhou para ela sem vontade. No momento, nada lhe parecia mais importante do que desfrutar a ociosidade naquela varanda cheia de sombra, bebendo *scotch* diluído em água, enquanto seu anfitrião descrevia intermináveis lembranças de alguma campanha política esquecida.

– Temos mesmo de ir embora – repetiu Gloria. – Podemos ir de táxi para a estação... Vamos, Anthony! – disse com um pouco mais de ênfase.

– Ora, não há pressa... – Merriam, sua conversa interrompida, fez objeções convencionais enquanto enchia, provocadoramente, o copo de seu convidado com uma dose que precisaria de dez minutos para ser bebida. Mas ao ouvir o “temos de ir” aborrecido de Gloria, Anthony bebeu-a de um gole, levantou-se e fez uma mesura para Constance.

– Parece que *temos* – disse com pouca elegância.

Num minuto, estava seguindo Gloria por uma aleia do jardim, entre roseiras altas, a sombrinha raspando de leve nas plantas. Falta de consideração, pensou, ao chegarem à estrada. Sentiu, com uma ingenuidade ofendida, que Gloria não devia ter interrompido aquela distração tão inocente. O uísque acalmava e esclarecia as coisas agitadas de seu espírito. Pareceu-lhe que ela havia tomado a mesma atitude várias vezes. Teria ele

sempre de interromper momentos agradáveis a um toque da sombrinha ou um piscar de olhos dela? Sua indisposição transformou-se em má vontade, que cresceu como um borbulhar irresistível. Ficou calado, reprimindo perversamente o desejo de censurá-la. Encontraram um táxi próximo do hotel e em silêncio rodaram para a pequena estação...

Anthony descobriu então o que desejava: afirmar sua vontade contra aquela jovem fria e impenetrável, obter, num único esforço, o predomínio que lhe parecia infinitamente desejável.

– Vamos visitar os Barnes – disse sem olhá-la. – Não estou com vontade de ir para casa.

A Sra. Barnes, Rachael Jerry, tinha uma casa de verão a vários quilômetros de Redgate.

– Estivemos lá anteontem – respondeu ela, secamente.

– Tenho certeza de que gostarão de nos ver. – Achando que não havia dado um tom suficientemente forte, empertigou-se e acrescentou: – Quero ver os Barnes. Não tenho vontade alguma de ir para casa.

– Bem, e eu não estou com vontade alguma de ir visitá-los.

De súbito, olharam-se.

– Ora, Anthony – disse ela, aborrecida –, é noite de domingo, e eles provavelmente têm convidados para jantar. Se chegarmos a essa hora...

– Então por que não ficamos com os Merriam? – explodiu ele. – Por que ir para casa se estávamos tão bem lá? Eles nos convidaram para jantar.

– Tinham de convidar. Dê-me o dinheiro e eu vou comprar as passagens.

– Claro que não vou dar! Não estou com disposição de andar naquele horrível trem quente.

Gloria bateu o pé na plataforma.

– Anthony, você está agindo como se estivesse bêbado.

– Pelo contrário, estou perfeitamente sóbrio.

Mas a voz dele havia perdido a firmeza, e Gloria sabia que isso não era verdade.

– Se está sóbrio, dê o dinheiro das passagens.

Entretanto já era tarde demais para falar-lhe desse modo. Em seu espírito havia apenas uma ideia: Gloria estava sendo egoísta, sempre era egoísta e continuaria a ser, a menos que, ali e naquele momento, ele se afirmasse como o senhor. Era a grande oportunidade, já que, por capricho, ela o privara de um prazer. Sua decisão solidificou-se, chegou a aproximar-se momentaneamente de um ódio soturno.

– Não vou de trem – disse, com a voz tremendo um pouco de raiva. – Nós vamos visitar os Barnes.

– Eu não vou! – exclamou ela. – Se você vai, voltarei para casa sozinha.

– Volte, então.

Sem uma palavra, ela se dirigiu à bilheteria, e ele se lembrou de que Gloria tinha dinheiro consigo. Não era essa a vitória desejada. Alcançou-a, agarrando-a pelo braço.

– Olhe aqui – murmurou. – Você *não* vai sozinha!

– Claro que vou, Anthony! – Essa exclamação foi feita quando tentou libertar-se dele, e Anthony apenas a segurou mais forte.

Olhou-a com olhos apertados e maus.

– Solte-me! – Seu grito era um desafio. – Se você tem vergonha, solte-me!

– Por quê? – Sabia por que, mas experimentou um orgulho confuso e não muito seguro em mantê-la presa.

– Eu vou para casa, entendeu? E você vai deixar!

– Não vou, não.

Os olhos dela queimavam.

– Vai fazer uma cena aqui!

– Estou dizendo que você não vai! Estou cansado do seu eterno egoísmo!

– Eu só quero ir para casa. – Duas lágrimas de ira começaram a descer por seu rosto.

– Desta vez você vai fazer o que *eu* disser.

Lentamente, o corpo dela endireitou-se, a cabeça recuou num gesto de desprezo infinito.

– Odeio você! – Essas palavras foram expelidas como um veneno através de seus dentes fechados. – Solte-me! Odeio você!

Tentou soltar-se, mas Anthony segurou-lhe o outro braço.

– Odeio você! Odeio você!

A fúria de Gloria fez voltar sua indecisão, mas sentiu que fora longe demais para recuar. Parecia-lhe que havia sempre cedido e que, no fundo, ela o desprezava por isso. Ah, poderia odiá-lo agora, mas depois daquilo o admiraria por seu domínio.

O trem, aproximando-se, fez soar um apito que caiu melodramático sobre eles, correndo pelos trilhos brilhantes. Gloria continuou lutando para libertar-se, e palavras mais velhas do que o Livro do Gênesis vieram-lhe aos lábios:

– Bruto! – soluçou. – Bruto, odeio você!

Na plataforma, outros passageiros começavam a voltar-se e a olhar. O barulho do trem transformou-se em um verdadeiro clamor. Os esforços de Gloria redobraram, depois cessaram totalmente. Ficou tremendo e de olhos vermelhos, impotente e humilhada, enquanto a máquina, rugindo, penetrava na estação.

Baixo, sob a onda de vapor e o ranger dos freios, veio sua voz:

– Se houvesse um *homem* aqui, você não faria isso. Covarde! Covarde!

Em silêncio, tremendo também, Anthony segurava-a fortemente, sabendo dos rostos que, curiosamente imóveis, dezenas deles, sombra de um

sonho, o estavam olhando. A sineta tocou, com sons metálicos que eram como uma dor física, os rolos de fumaça subiram mais depressa para o céu e, num instante de ruídos e turbulência, a linha de rostos moveu-se, correu, tornou-se indistinta – até que subitamente havia apenas o sol se pondo, cortando os trilhos, e o volume de som que decrescia. Deixou cair os braços. Havia vencido.

Agora, se quisesse, podia rir. Submetera-se à prova e mantivera sua vontade pela força. A brandura podia caminhar no rastro da vitória.

– Vamos alugar um carro e voltar a Marietta – disse.

Como resposta, Gloria agarrou-lhe a mão e, levando-a à boca, mordeu-a profundamente junto ao polegar. Anthony quase não sentiu dor. Vendo o sangue jorrar, tirou distraidamente o lenço e envolveu o ferimento. Aquilo também era parte do triunfo, pensou; era inevitável que a derrota fosse ressentida, e como tal, indigna de nota.

Ela soluçava, quase sem lágrimas, profunda e amargamente.

– Não vou, não vou! Você não pode me obrigar a ir! Você... você matou o amor que eu sentia por você, o respeito. Tudo o que resta de mim prefere morrer a sair daqui. Oh, se eu soubesse que você era capaz de fazer isso...

– Você vai comigo – disse Anthony brutalmente –, mesmo que eu tenha de carregá-la.

Chamou um táxi e disse ao motorista para levá-los a Marietta. O homem desceu e abriu a porta. Anthony olhou para a mulher e indagou, entre dentes:

– Vai entrar... ou eu vou ter de carregá-la?

Abafando um grito de dor e desespero infinitos, ela cedeu e entrou no carro.

Durante todo o percurso, num crepúsculo que se ia acentuando, ela foi encolhida em seu canto, num silêncio interrompido apenas por um soluço ocasional, seco e solitário. Anthony olhava pela janela, refletindo sombriamente sobre o significado do que acontecera, que ia se transformando lentamente. Alguma coisa estava errada; a última exclamação de Gloria ecoava de forma inquietante em seu coração. Ele devia estar certo, não obstante, ela parecia uma coisa tão pequena e patética agora, vencida e abatida, humilhada além do que lhe era possível suportar. As mangas de seu vestido estavam rasgadas, a sombrinha desaparecera, esquecida na plataforma. Era um vestido novo, lembrou-se, de que ela se orgulhara tanto naquela manhã mesmo quando saíram de casa... Começou a imaginar se algum conhecido teria presenciado o incidente. E ouvia, insistente, o grito dela:

“Tudo o que resta de mim prefere morrer...”

A frase o preocupava cada vez mais. Correspondia bem à Gloria que jazia no canto, não mais à Gloria orgulhosa, tampouco à Gloria que conhecera. Indagou-se se isso seria possível. Embora não acreditasse que ela deixasse de amá-lo – isso, decerto, era inimaginável –, seria difícil que a Gloria sem a arrogância, a independência, a confiança e a coragem continuasse a ser a moça que lhe iluminava os dias, a mulher preciosa e encantadora por ser inefável e triunfantemente, ela mesma.

Estava ainda muito embriagado, a ponto de não perceber isso. Ao chegarem à casa cinzenta, foi para o quarto, o pensamento ainda ocupado, sombria e inutilmente, com o que fizera, e caiu sobre a cama num profundo estupor.

Passava da uma hora, e a casa parecia extraordinariamente silenciosa quando Gloria, os olhos arregalados e sem conseguir dormir, atravessou o corredor e abriu a porta do quarto de Anthony. Aturdido, ele esquecera-se

de abrir as janelas e o ar estava pesado, espesso, com cheiro de uísque. Ficou um momento parada ao lado da cama, uma figura esguia e graciosa em seu pijama de seda, que lhe dava um ar infantil – e, num abandono, lançou-se sobre ele, despertando-o com a emoção intensa de seu abraço, pingando lágrimas mornas em seu pescoço.

– Oh, Anthony, meu querido, você não sabe o que fez!

De manhã, entrando cedo no quarto dela, Anthony ajoelhou-se junto da cama e chorou como uma criança, como se tivesse o coração partido.

– Parecia, na noite passada – disse ela gravemente, os dedos brincando nos cabelos dele –, que a parte de mim que você amava, a parte que valia a pena conhecer, todo o orgulho e o ímpeto tivesse desaparecido. O que restava de mim, eu sabia, havia de amá-lo sempre, mas não da mesma forma.

Não obstante, ela sabia, mesmo então, que com o tempo esqueceria, pois é próprio da vida raramente golpear, e sim desgastar sempre. O incidente jamais voltou a ser mencionado depois daquela manhã, e sua profunda ferida curou-se como a ferida na mão de Anthony – e se houve um triunfo, coube a alguma força mais sombria que a deles a vitória e o conhecimento.

Incidente nietzschiano

A independência de Gloria, como todas as qualidades sinceras e profundas, começara inconscientemente, mas, uma vez revelada pela descoberta fascinada de Anthony, assumiu as proporções de um código formal. Pela sua conversa, poder-se-ia supor que toda a sua energia e vitalidade se concentrava numa violenta afirmação do princípio negativo de “não se importar”.

– Não se importar com ninguém, com coisa alguma – dizia ela –, exceto comigo mesma e, conseqüentemente, com o Anthony. Essa é a regra de toda a vida e, mesmo que não fosse, eu seria assim da mesma forma. Ninguém faz nada para mim se isso não lhe agrada, e eu pago na mesma moeda.

Estava na varanda da frente, na casa da senhora mais respeitável de Marietta, e ao terminar deu uma estranha exclamação e caiu desmaiada.

A senhora levou-a para casa em seu carro. Ocorreu a Gloria que provavelmente estava grávida.

Ela estava deitada na grande sala no andar de baixo. O dia escorria calorosamente pela janela, tocando as últimas rosas junto à escada da varanda.

– O que penso sempre – lamentava-se Gloria – é que eu o amo. Gosto do meu corpo porque você o acha bonito. E este corpo meu, que é seu, ter de enfeiar-se e perder a forma? É simplesmente intolerável. Oh, Anthony, não tenho medo da dor.

– Consolou-a desesperadamente, mas em vão. Ela continuou:

– E depois posso ficar com os quadris largos e pálida, pode desaparecer todo o meu frescor e o brilho dos meus cabelos.

Anthony deu alguns passos pela sala, as mãos nos bolsos, indagando:

– É certo?

– Não sei. Sempre odiei essas coisas. Pensei que teria um filho, mas não agora.

– Pelo amor de Deus, não se deixe ficar assim abatida.

Seus soluços diminuíram. Ela absorveu o silêncio tranquilizador que vinha do crepúsculo que invadia a sala.

– Acenda as luzes – pediu. – Os dias parecem tão curtos. Junho parecia ter dias mais longos quando eu era criança.

As luzes inundaram a sala, e foi como se cortinas azuis da seda mais suave tivessem sido colocadas atrás das janelas e da porta. A palidez e a imobilidade de Gloria, agora sem dor ou alegria, despertaram-lhe pena.

– Você quer que eu tenha o bebê?

– Para mim é indiferente. Quer dizer, sou neutro. Se você tiver, provavelmente vou ficar feliz. Se não, estará bem da mesma forma.

– Quero que você decida uma coisa ou outra!

– Não acha melhor *you* decidir?

Olhou-o com desprezo, recusando-se a responder.

– Parece que você se considera escolhida entre todas as mulheres do mundo para essa indignidade.

– E se me considerar? – exclamou, irritada. – Para elas não é uma indignidade. É a única desculpa que têm para viver. É para o que servem. É uma indignidade para *me*.

– Veja bem, Gloria, farei o que você quiser, mas, pelo amor de Deus, não seja tão dramática!

– Ora, não implique comigo! – lamentou-se ela.

Trocaram um olhar no qual não havia nenhum significado em particular, apenas tensão. Anthony pegou um livro na estante e deixou-se cair numa poltrona.

Meia hora mais tarde, a voz dela quebrou o intenso silêncio que impregnava a sala e pairava como incenso no ar.

– Vou visitar Constance Merriam amanhã.

– Está bem. Eu vou a Tarrytown, ver o meu avô.

– Sabe... – acrescentou ela – não é que eu esteja com medo... disso ou de qualquer outra coisa. Estou sendo sincera comigo mesma, você sabe.

– Eu sei – concordou ele.

Os homens práticos

Adam Patch, numa raiva santa contra os alemães, alimentava-se de notícias da guerra. Mapas com alfinetes cobriam as paredes; os atlas estavam empilhados sobre as mesas, ao alcance da mão, juntamente com *Histórias fotográficas da guerra mundial*, relatórios oficiais e as “impressões pessoais” dos correspondentes de guerra e dos soldados X, Y, Z. Várias vezes, durante a visita de Anthony, o secretário, Edward Shuttleworth, outrora o “perfeito fabricante de gim” do bar Pat’s Place em Hoboken e agora inflamado de justa indignação, apareceu com uma edição extra. O velho atacava cada jornal com fúria incansável, cortando as colunas que lhe pareciam relevantes o suficiente para serem preservadas e guardando-as numa de suas pastas já abarrotadas.

– Bem, o que anda fazendo? – perguntou a Anthony amavelmente. – Nada? Foi o que imaginei. Tenho pensado em ir visitá-lo todo este verão.

– Tenho escrito. Lembra-se do ensaio que lhe mandei, aquele que vendi para *The Florentine* no inverno passado?

– Ensaio? Você nunca me mandou qualquer ensaio.

– Mandei, sim. Falamos sobre ele.

Adam Patch balançou levemente a cabeça.

– Oh, não. Você nunca me mandou qualquer ensaio. Pode ter pensado que mandou, mas ele jamais chegou aqui.

– Ora, o senhor o leu, vovô – insistiu Anthony, um pouco exasperado. – Leu e discordou.

O velho lembrou-se, de súbito, mas isso foi perceptível apenas porque abriu um pouco a boca, mostrando as gengivas acinzentadas. Contemplando Anthony com um olhar verde e remoto, hesitou entre confessar o erro e ocultá-lo.

– Então você está escrevendo – disse rapidamente. – E por que não vai até lá e escreve sobre esses alemães? Escreva alguma coisa real, alguma coisa sobre o que está ocorrendo, alguma coisa que se possa ler.

– Não é qualquer um que pode ser correspondente de guerra – objetou Anthony. – É preciso que um jornal esteja disposto a comprar o que se escreve. E não posso dispor do dinheiro para ir por conta própria.

– Eu mando você – sugeriu o avô de forma surpreendente. – Mando você como correspondente autorizado do jornal que quiser.

Anthony recuou da ideia, mas quase ao mesmo tempo sentiu-se atraído por ela.

– Eu... não... sei.

Teria de deixar Gloria, cuja vida dependia dele e o envolvia. Gloria estava em dificuldades. Era impossível, e, não obstante, ele se via de uniforme cáqui, apoiado, como o fazem os correspondentes de guerra, numa bengala pesada, uma pasta pendurada ao ombro, procurando parecer-se com um inglês.

– Gostaria de pensar nisso – confessou. – Sem dúvida, é muita bondade sua. Vou pensar no assunto e me comunico com o senhor.

Passou toda a viagem para Nova York pensando. Tivera um desses lampejos de imaginação que ocorrem a todos os homens dominados por uma mulher forte e amada que lhes mostra um mundo de homens duros, rigorosamente treinados e preocupados com as abstrações do pensamento e da guerra. Naquele mundo, os braços de Gloria existiriam apenas como o abraço quente da amante ocasional, friamente buscada e rapidamente esquecida...

Esses fantasmas novos se acumulavam a sua volta quando tomou o trem para Marietta na Grand Central Station. O vagão estava cheio; conseguiu o último lugar vago e somente alguns minutos depois olhou casualmente para

o homem a seu lado. Viu a linha definida do nariz e maxilar, um queixo curvo e olhos pequenos, com olheiras enrugadas. Reconheceu imediatamente Joseph Bloeckman.

Ambos fizeram menção de se erguer ao mesmo tempo, meio embaraçados, e trocaram um rápido aperto de mão. E, como se para completar a cena, ambos riram.

– Há muito tempo que não nos vemos – observou Anthony sem inspiração. Imediatamente lamentou o que dissera, e ia acrescentar: “Não sabia que morava por aqui”, quando Bloeckman antecipou-se e perguntou:

– Como vai a sua mulher?

– Muito bem. E você, como tem passado?

– Excelente. – O tom aumentava a grandeza da palavra.

Anthony achou que Bloeckman havia melhorado naquele ano, adquirindo um ar de dignidade. O olhar inquieto desaparecera, e tinha agora a aparência de alguém “realizado”. Já não se vestia com tanto apuro. A exuberância inadequada de suas gravatas dera lugar a um padrão pesado e escuro, e a mão direita, onde antes havia dois pesados diamantes, estava livre de ornamentos, e até mesmo sem o brilho da manicura.

Essa dignidade transparecia também em sua personalidade. O ar de caixeiro-viajante bem-sucedido desaparecera, aquela insinuação deliberada que encontra na conversa grosseira do vagão de fumantes a sua manifestação mais baixa. Podia-se imaginar que, tendo conseguido vencer financeiramente, atingira a indiferença, tendo sido desprezado socialmente, tornara-se reticente, mas, qualquer que fosse a causa da transformação de seu volume em peso, Anthony já não sentia em relação a ele a antiga superioridade correta.

– Lembra-se de Caramel, Richard Caramel? Acho que o conheceu uma noite.

– Lembro. Estava escrevendo um livro.

– Bem, vendeu-o para o cinema. Um homem chamado Jordan, cenógrafo, encarregou-se da adaptação. Bem, Dick tem assinatura de uma agência de *clipping* de notícias, e está furioso porque a metade dos comentaristas do cinema falam “do poder e da força de *O demônio amante*, de William Jordan”. Não o mencionam em absoluto. Fazem pensar que o tal Jordan foi o autor de toda a história.

Bloeckman balançou a cabeça, compreensivo.

– A maioria dos contratos estipula que o nome do autor original entre em toda a publicidade paga. O Caramel ainda continua escrevendo?

– Sim. Escreve muito. Contos.

– Muito bem, muito bem... Você viaja sempre neste trem?

– Uma vez por semana, mais ou menos. Moramos em Marietta.

– É mesmo? Ora, ora! Eu moro perto de Cos Cob. Comprei uma casa lá recentemente. Estamos separados por apenas 7 quilômetros.

– Você precisa vir nos visitar. – Anthony surpreendeu-se com a própria gentileza. – Tenho certeza de que a Gloria terá prazer em ver um velho amigo. Qualquer pessoa saberá indicar-lhe a casa. É a segunda temporada que passamos lá.

– Obrigado. – E, como se retribuísse a delicadeza, indagou: – Como vai seu avô?

– Vai bem. Almocei com ele hoje.

– Um grande personagem – disse Bloeckman, gravemente. – Um belo exemplo de americano.

O triunfo da letargia

Anthony encontrou a mulher mergulhada na rede da varanda, dedicando-se a uma limonada e a um sanduíche de tomate e mantendo uma conversa, aparentemente animada, com Tana acerca de um dos complicados temas do japonês.

– No meu país – Anthony reconheceu o prefácio invariável – todo o tempo... pessoas... comem arroz... porque não tem. Não pode comer o que não tem.

Se sua nacionalidade não fosse tão evidente, seria de se julgar que adquirira nas aulas de geografia das escolas primárias norte-americanas os conhecimentos sobre sua terra natal.

Depois que Tana foi mandado de volta à cozinha, Anthony olhou interrogativamente para Gloria:

– Está resolvido – respondeu ela, num sorriso amplo. – E eu fiquei mais surpresa do que você.

– Não há dúvida?

– Nenhuma! Impossível!

Regozijaram-se, novamente felizes com a irresponsabilidade renascida. Falou-lhe então de sua oportunidade de viajar, de como quase se envergonhava de recusá-la.

– O que você acha? Diga-me com franqueza.

– Ora, Anthony! – Os olhos dela se arregalaram. – Você quer ir? Sem mim?

Ficou desconcertado. Soube, porém, com a pergunta da mulher, que era tarde demais. Os braços dela, doces e estranguladores, envolveram-no: todas as escolhas haviam sido feitas um ano antes, naquela sala no Plaza. Aquele era um anacronismo de uma época em que havia esses sonhos.

– Gloria – mentiu, num ímpeto de compreensão. – É claro que não. Pensei que você talvez pudesse ir como enfermeira ou algo assim. – E ficou

imaginando, sem esperanças, se o avô aceitaria tal hipótese.

Ela sorriu, e ele percebeu novamente quanto era bela, uma jovem exuberante, de um frescor miraculoso e olhos profundamente sinceros. Aceitou a sugestão de Anthony com entusiasmo, mantendo-a no alto como um sol que ela mesma criara e aquecendo-se aos seus raios. Imaginou logo uma autêntica aventura marcial.

Depois do jantar, cansada do assunto, bocejou. Não queria falar, apenas ler o *Penrod* estendida no sofá, até que, à meia-noite, adormeceu. Mas Anthony, depois de a ter levado romanticamente para a cama, ficou acordado, passando em revista o dia, vagamente irritado com ela, vagamente descontente.

– O que vou fazer? – começou na hora do café na manhã seguinte. – Estamos casados há um ano, e tudo o que fizemos foi nos preocupar, sem nem ao menos conseguir ser pessoas ociosas de forma eficiente.

– Sim, você tem que fazer alguma coisa – admitiu ela, pois estava de bom humor e loquaz. Não era a primeira vez que discutiam o assunto, mas como habitualmente Anthony assumia o papel de protagonista, ela passara a evitá-lo.

– Não que eu tenha preconceitos morais quanto ao trabalho – continuou ele –, mas o meu avô pode morrer amanhã ou pode durar dez anos. Enquanto isso, estamos vivendo acima das nossas posses, e tudo o que temos é um carro de fazendeiro e algumas roupas. Mantemos um apartamento no qual passamos apenas três meses e uma velha casa perdida no mato. Aborrecemo-nos com frequência, mas não fazemos nenhuma tentativa de conhecer gente, exceto a mesma turma que vaga pela Califórnia todo verão, usando roupa esporte e esperando que suas famílias morram.

– Como você mudou! – observou Gloria. – Disse-me certa vez que não via razão por que um americano não poderia viver elegantemente na

ociosidade.

– Bem, eu não era casado, ora essa. E o pensamento andava a toda a velocidade, ao passo que agora vai devagar, como uma engrenagem no vazio. Na verdade, acho que se eu não tivesse conhecido você teria feito alguma coisa, mas você dá à ociosidade uma atração tão sutil...

– Ora, então a culpa é minha...

– Não foi o que eu quis dizer, e você sabe. Mas aqui estou eu, quase com 27 anos e...

– Ora – interrompeu ela irritada –, você me cansa! Falando como se eu estivesse impondo obstáculos!

– Eu estava apenas falando, Gloria. Será que não posso falar...

– Eu acho que você é bastante adulto para resolver...

– ...alguma coisa com você sem...

– ...os seus problemas sem recorrer a mim. Você *fala* muito de trabalhar. Há muita coisa que eu poderia fazer com mais dinheiro, mas não estou reclamando. Quer você trabalhe ou não, eu o amo.

Suas últimas palavras foram suaves como a neve fina sobre o chão duro. Mas naquele momento, nenhum deles prestava atenção ao outro; estavam empenhados em polir e aperfeiçoar a própria atitude.

– Tenho trabalhado um pouco.

Dizer isso foi, para Anthony, lançar mão de forma imprudente de reservas cruas. Gloria riu, dividida entre a diversão e o desprezo. Irritava-se com seus sofismas, e ao mesmo tempo admirava sua indiferença. Jamais o culparia de ser um ocioso ineficiente enquanto o fosse com sinceridade, pela convicção de que não valia a pena fazer nada.

– Trabalho! – zombou ela. – Ora, seu blefador! Trabalho! Quer dizer, ter arrumado a mesa e a luz, feito ponta nos lápis e gritado: “Gloria, por favor, não cante!”, e “Não deixe o Tana vir aqui”, e “Vou ler para você a minha frase

inicial”, e “Vou demorar muito, Gloria, não espere por mim”, e um enorme consumo de chá ou café. Eis tudo. Numa hora, acaba o barulho do lápis, vou ver, e você está com um livro na mão, “verificando” alguma coisa. Em seguida, está lendo. Depois, boceja e vai para a cama, onde fica rolando, porque está cheio de cafeína e não consegue dormir. Duas semanas mais tarde, tudo se repete.

Com muita dificuldade, Anthony conseguiu manter uma sombra de dignidade.

– Ora, isso é um pouco exagerado. Você sabe *muito bem* que eu vendi um ensaio para *The Florentine* que despertou bastante atenção, considerando-se a circulação da revista. E o que é mais, Gloria, você sabe que eu fiquei trabalhando nele até as cinco da manhã.

Ela silenciou, dando-lhe corda, mas Anthony terminara.

– Pelo menos – concluiu, sem muita convicção –, estou perfeitamente disposto a ser correspondente de guerra.

Entretanto, Gloria também estava. Ambos estavam – ansiosamente, asseguraram-se mutuamente. A tarde terminou com uma nota de tremendo sentimento, a majestosa ociosidade, a saúde frágil de Adam Patch, o amor a qualquer preço.

– ANTHONY! – chamou do alto da escada uma semana mais tarde. – Tem alguém à porta!

Anthony, que se balançava na rede na ensolarada varanda lateral, deu a volta para chegar à frente da casa. Um carro importado, grande e suntuoso, como um besouro imenso e saturnino, estava parado junto ao portão. Um homem, de terno leve e uma boina combinando com a roupa, saudou-o.

– Olá, Patch. Vim visitá-lo!

Era Bloeckman, como sempre melhorado, com uma entonação mais sutil, uma naturalidade mais convincente.

– Fico feliz que tenha vindo. – Anthony elevou a voz: – Glo-ri-a! Temos visita!

– Estou no banho – gritou ela gentilmente.

Com um sorriso, os dois homens aceitaram a desculpa.

– Ela vai descer daqui a pouco. Venha até aqui, à varanda lateral. Toma alguma coisa? A Gloria está sempre no banho?, um bom terço de cada dia.

– Pena que ela não more no Sound.

– Não podemos.

Partindo do neto de Adam Patch, Bloeckman encarou a afirmação como uma brincadeira. Depois de 15 minutos de trocas de amabilidades, Gloria apareceu num vestido amarelo leve, trazendo consigo uma atmosfera e um aumento de vitalidade.

– Quero ser uma sensação no cinema – anunciou. – Ouvi dizer que Mary Pickford ganha 1 milhão de dólares por ano.

– Você poderia, se quisesse – disse Bloeckman. – Acho que filmaria muito bem.

– Você deixa, Anthony? Se eu desempenhar apenas papéis simples?

Enquanto a conversa se desenrolava nesse tom, Anthony ficou pensando que, para ele e Bloeckman, aquela mulher fora no passado a personalidade mais estimulante, mais intensa que conheceram – e agora estavam os três sentados como máquinas bem lubrificadas, sem atrito, sem medo, sem entusiasmo, pequenas figuras envernizadas, gozando de segurança num mundo onde a morte e a guerra, a emoção e a selvageria nobre cobriam um continente com a fumaça do terror.

Dentro de alguns minutos, chamaria Tana, e eles beberiam um veneno alegre e delicado, que restabeleceria momentaneamente a animação

satisfeita da infância, quando todos os rostos da multidão traziam uma sugestão de coisas esplêndidas e significativas, ocorrendo de alguma forma, com algum objetivo ilimitado e magnífico... A vida não era nada mais além de uma tarde de verão, um vento brando brincando na renda do vestido de Gloria, o lento torpor na varanda... Totalmente isentos de emoções, eles pareciam afastados de qualquer iminência romântica de ação. Até mesmo a beleza de Gloria necessitava de emoções fortes, de pungência, de morte...

– ...qualquer dia da semana que vem – Bloeckman estava dizendo a Gloria. – Tome este cartão. Fazem um teste de uns 100 metros de filme e podem saber alguma coisa com isso.

– Quarta-feira está bem?

– Está bem. Telefone para mim e eu irei com você...

Estava de pé, apertando mãos. Em seguida, seu carro era uma nuvem de poeira descendo a estrada. Anthony voltou-se, espantado, para a mulher.

– Ora, Gloria!

– Você não se importa se eu fizer uma experiência, não é, Anthony? Apenas uma experiência. Tenho que ir à cidade na quarta-feira de qualquer forma.

– Mas é uma tolice! Você não quer entrar para o cinema, andar o dia todo num estúdio, com uma porção de atores vagabundos...

– Mary Pickford faz a mesma coisa!

– Nem todo mundo é Mary Pickford.

– Bem, mas não entendo por que você não quer que eu experimente.

– Não quero. Detesto atrizes.

– Ora, você me cansa. Acha que me divirto cochilando nesta varanda infernal?

– Você não se importaria se me amasse.

– É claro que amo – disse ela com impaciência, defendendo-se rapidamente. – E é porque amo que detesto vê-lo desgastar-se assim, sem nada fazer e dizendo que precisa trabalhar. Talvez se eu me dedicasse ao cinema por algum tempo isso estimulasse você.

– É apenas o seu desejo de distrações, eis tudo.

– Talvez! É um desejo perfeitamente natural, não acha?

– Bem, uma coisa eu lhe digo. Se você for para o cinema, eu vou para a Europa.

– Pois vá! Não vou impedir.

Para provar que não ia, dissolveu-se em lágrimas melancólicas. Juntos convocaram os exércitos do sentimento – palavras, beijos, carícias, autoacusações. Não chegaram, inevitavelmente, a resultado algum. Por fim, numa explosão de enorme emoção, cada um deles sentou-se e escreveu uma carta. A de Anthony foi para o avô. A de Gloria, para Joseph Bloeckman. Fora um triunfo da letargia.

Certo dia, no início de julho, Anthony voltou de uma tarde em Nova York e chamou por Gloria. Como não recebesse resposta e pensasse que ela estivesse adormecida, foi à copa comer um dos pequenos sanduíches que estavam sempre preparados para eles. Encontrou Tana sentado à mesa da cozinha, diante de uma confusão de objetos – caixas de cigarros, facas, lápis, tampas de latas e pedaços de papel desenhados com complicadas figuras e diagramas.

– Que diabos você está fazendo? – perguntou curioso.

Tana sorriu cortesmente.

– Eu mostra – exclamou com entusiasmo. – Eu diz...

– Está fazendo uma casinha de cachorro?

– Não, não – sorriu novamente. – Faz maquinescrevê.

– Máquina de escrever?

– Sim. Eu pensa, oh, eu pensa todo o tempo, até em cama, na maquinescrevê.

– Resolveu então fazer uma, é?

– Espera. Eu diz.

Comendo um sanduíche, Anthony encostou-se preguiçosamente no portal. Tana abriu e fechou a boca várias vezes, como se estivesse experimentando sua capacidade de ação. E então, numa torrente, começou:

– Eu estou pensando, maquinescrevê tem muita, oh, muita, muita, muita, muita *letra*. Oh, muita, muita, muita, muita.

– Muitas teclas. Entendo.

– Não? Sim! Tecla! Muita, muita, muita tecla. Como a, b, c.

– Sim, você tem razão.

– Espera. Eu conta. – Contorceu o rosto, num esforço tremendo para se expressar: – Eu fica pensando... muita palavra acaba mesma forma. Como m-e-n-t-e.

– Isso mesmo. Uma porção delas.

– Assim... eu faz... maquinescrevê lápido. Não tanta letra.

– É uma grande ideia, Tana. Economiza tempo. Vai ganhar uma fortuna. Aperta uma tecla e sai m-e-n-t-e. Espero que consiga fazer.

Tana riu desdenhosamente.

– Espera. Eu diz...

– Onde está a minha mulher?

– Saiu. Espera, eu diz... – Novamente contorceu o rosto, esforçando-se. – Meu maquinescrevê...

– Onde está ela?

– Aqui... eu faz. – Apontou para a confusão de coisas sobre a mesa.

– Não, quero dizer a minha mulher.

– Saiu – confirmou Tana. – Volta cinco hora, disseu.

– Foi à vila?

– Não. Saiu antes almoço. Saiu Sr. Bloeckman.

Anthony teve um sobressalto.

– Saiu com o Sr. Bloeckman?

– Volta cinco hora.

Sem uma palavra, Anthony saiu da cozinha, deixando Tana desconsolado com seu “eu diz” atrás dele. Então era essa a noção de divertimento que tinha Gloria! Suas mãos se fecharam, e num momento havia atingido o auge da indignação. Foi até a porta e olhou para fora: nenhum carro à vista, e seu relógio marcava cinco horas e quatro minutos. Com uma energia furiosa, correu até o fim da trilha; até a curva da estrada, a um quilômetro de distância, não se via carro algum, exceto... mas era uma carroça de fazendeiro. Em seguida, buscando recuperar a dignidade perdida, correu de volta para casa, quase tão depressa quanto correria para a estrada.

Andando de um lado para o outro da sala, começou a ensaiar o discurso irritado que faria quando ela chegasse.

– Então isso é amor! – Não, isso não, parecia-se muito com uma canção popular. Devia ser digno, mostrar-se ofendido. De qualquer modo: – Então é isso que você faz quando tenho que andar o dia todo naquela cidade quente tratando de negócios. Não é de espantar que eu não possa escrever! Não é de espantar que não ouse perder você de vista!

Expandia-se, dava calor ao assunto. Continuou:

– Vou lhe dizer uma coisa... vou lhe dizer uma coisa... – Fez uma pausa, sentindo que havia algo familiar na frase. De súbito, percebeu: era o “eu diz” de Tana.

Entretanto, Anthony não sorriu, nem se julgou absurdo. Para sua imaginação exaltada, já eram seis, sete, oito, e ela não chegava! Bloeckman

encontrara-a aborrecida e infeliz e convencera-a a fugir com ele para a Califórnia...

Ouviu um grande barulho na porta, um alegre “Olááá, Anthony!”, e levantou-se, feliz por vê-la vindo em direção à casa. Bloeckman a seguia, de chapéu na mão.

– Querido! – gritou ela. – Fizemos um excelente passeio! Todo o estado de Nova York!

– Tenho de ir para casa – disse Bloeckman quase imediatamente. – Gostaria que estivessem os dois aqui quando vim.

– Lamento não ter estado – respondeu Anthony friamente.

Quando ele partiu, Anthony hesitou. O medo passara, mas sentia que era recomendável fazer um protesto. Gloria solucionou sua indecisão.

– Sabia que você não se importaria. Ele veio antes do almoço, dizendo que tinha de ir a Garrison a negócios e perguntando se eu não queria ir com ele. Parecia tão solitário, Anthony. Eu dirigi o carro todo o caminho!

Sem ouvi-la, Anthony afundou-se numa cadeira, o espírito cansado – cansado de nada, cansado de tudo, do peso do mundo que jamais pedira para carregar. Sentia-se inútil e vagamente desamparado como sempre o fora. Uma dessas personalidades que, apesar de todas as suas palavras, são inarticuladas, parecia ter herdado apenas a enorme tradição de fracasso humano – isso e o sentimento da morte.

– Acho que não me importo – respondeu.

Era preciso ser tolerante com essas coisas, e Gloria, sendo jovem e bela, precisava ter privilégios razoáveis. Não obstante, aborrecia-se por não conseguir compreender isso.

Inverno

Virou-se de costas e por um momento permaneceu quieta na enorme cama, observando o sol de fevereiro passar, um pouco mais fraco, pelas frestas da janela. Ficou algum tempo sem saber onde estava, o que acontecera no dia anterior ou antes dele. Então, como um pêndulo suspenso, a memória começou a revelar compassadamente sua história, soltando, a cada batida, uma determinada cota de tempo, até que sua vida voltou.

Pôde ouvir então a respiração perturbada de Anthony a seu lado. Pôde sentir o cheiro de cigarro e uísque. Sentiu que lhe faltava totalmente o controle muscular: quando se moveu, não foi o movimento sinuoso com uma tensão distribuída uniformemente pelo corpo, mas um esforço tremendo do sistema nervoso, como se estivesse hipnotizada para executar uma ação impossível...

Foi até o banheiro, escovar os dentes para livrar-se daquele gosto intolerável; depois, de volta ao quarto, ouviu o ruído de Bounds na cozinha.

– Acorde, Anthony! – disse rispidamente.

Deitou-se novamente ao lado dele e fechou os olhos.

A última coisa de que se lembrava era uma conversa com o Sr. e a Sra. Lacy. A Sra. Lacy dissera: “Têm certeza de que não querem um táxi?”, e Anthony respondera que podiam muito bem andar até a Quinta Avenida, sem dúvida. Tentaram, imprudentemente, fazer uma reverência e caíram absurdamente sobre um batalhão de garrafas de leite vazias, ao lado da porta. Devia haver mais de duas dúzias de garrafas abertas no escuro. Não conseguia encontrar explicação lógica para aquelas garrafas. Talvez tivessem sido atraídas pelas vozes cantando na casa dos Lacy e se houvessem amontoado ali, embasbacadas, para ver a festa. Bem, haviam sido vencidos, e embora parecesse que ela e Anthony jamais se levantariam, as garrafas terríveis continuaram rolando...

Afinal, conseguiram um táxi.

– O taxímetro está quebrado, e vocês vão ter de pagar 1,5 dólar até lá – disse o motorista.

– Bem, eu sou o jovem Packy McFarland e se você descer daí dou-lhe uma surra que não poderá nem ficar de pé...

E o homem se afastara sem levá-los. Deviam ter encontrado outro táxi, pois estavam em casa...

– Que horas são? – indagou Anthony, sentando-se na cama e olhando-a fixamente.

Era uma pergunta óbvia e retórica. Gloria não conseguiu encontrar uma razão pela qual devesse saber as horas.

– Céus, estou me sentindo mal! – murmurou Anthony desanimado. E desabou de novo sobre o travesseiro.

– Anthony, como chegamos a noite passada?

– De táxi.

– Ah... – E depois de uma pausa: – Você me pôs na cama?

– Não sei. Parece que *você* é que me pôs na cama. Que dia é hoje?

– Terça-feira.

– Terça-feira? Espero que seja. Se for quarta-feira, tenho de começar a trabalhar naquele lugar idiota. Preciso estar lá às nove, ou a uma hora igualmente imprópria...

– Pergunte ao Bounds – sugeriu Gloria.

– Bounds! – chamou Anthony.

Teso, sóbrio, a voz de um mundo que, nos dois últimos dias, pareciam ter deixado para sempre, Bounds caminhou a passos curtos até o corredor e surgiu na semiescuridão da porta.

– Que dia é hoje, Bounds?

– Hoje é dia 22 de fevereiro, senhor.

– Da semana?

– Terça-feira.

– Obrigado.

Depois de uma pausa:

– Quer o café agora, senhor?

– Sim, Bounds, mas antes pode trazer um jarro d’água e colocá-lo aqui junto à cama? Estou com sede.

– Sim, senhor.

Bounds retirou-se com sóbria dignidade pelo corredor.

– Aniversário de Lincoln – disse Anthony, sem entusiasmo. – Ou Dia dos Namorados, ou qualquer coisa. Quando começamos essa bebedeira louca?

– Domingo à noite.

– Depois das orações? – indagou irônico.

– Percorremos toda a cidade de cabriolé e o Maury sentou-se com o condutor, lembra-se? Viemos depois para casa e tentamos cozinhar um pouco de bacon; saímos da cozinha com uns restos pretos, insistindo que estava “ao ponto”.

Ambos riram espontaneamente, mas com alguma dificuldade e, deitados lado a lado, passaram em revista a sequência de acontecimentos que terminara naquela madrugada caótica.

Estavam em Nova York havia quase quatro meses, desde que o campo se tornara muito frio, em fins de outubro. Desistiram da Califórnia naquele ano, em parte por falta de dinheiro, em parte com o plano de viajar ao exterior se a interminável guerra – já em seu segundo ano – acabasse durante o inverno. Ultimamente, a renda perdera a elasticidade; já não bastava para custear os caprichos alegres e as extravagâncias agradáveis, e Anthony passara muitas horas de dificuldade e insatisfação, com um bloco cheio de números, preparando orçamentos admiráveis, que deixavam

grande margem para “diversões, viagens, etc.”, e tentando calcular, mesmo aproximadamente, os gastos passados.

Lembrava-se da época em que, ao sair em grupo com seus dois melhores amigos, ele e Maury invariavelmente contribuía com uma parte maior para as despesas. Compravam as entradas para o teatro ou disputavam entre si a conta do jantar. Parecia que assim devia ser: Dick, com sua ingenuidade e suas conversas sobre si mesmo, fora uma figura divertida, quase juvenil, um bobo da corte para a realeza dos dois. Mas isso já não ocorria. Era Dick quem sempre tinha dinheiro, e Anthony quem recebia com limitações – sempre, exceto em festas ocasionais, alucinadas, inspiradas pelo vinho e sem limites – e era Anthony quem se arrependia na manhã seguinte, dizendo a uma Gloria aborrecida e desdenhosa que deviam ser “mais cuidadosos da próxima vez”.

Nos dois anos que se seguiram à publicação de *O demônio amante*, Dick ganhou 25 mil dólares, a maioria deles recentemente, quando os direitos dos autores de ficção começaram a se elevar em proporções sem precedentes em consequência da fome voraz que a indústria do cinema tinha pelos enredos. Recebia 700 dólares por uma história, na época uma quantia grande para um homem jovem – não chegara ainda aos 30 anos. Pelas histórias que tivessem bastante “ação” – beijos, ritos e sacrifícios –, destinadas ao cinema, recebia mais mil dólares. Seus contos variavam: havia em todos uma certa vitalidade e uma técnica instintiva, mas nenhum evidenciava a personalidade de *O demônio amante*, e muitos eram considerados por Anthony rebotalho. Dick explicava que esses contos se destinavam a aumentar seu público. Não era verdade que homens cuja obra tinha permanecido, de Shakespeare a Mark Twain, haviam atraído tanto o grande público como os eleitos?

Apesar de Anthony e Maury discordarem, Gloria disse a Dick para continuar e ganhar todo o dinheiro que pudesse. Era, de qualquer forma, a única coisa que importava...

Maury, um pouco mais gordo, mais suave e mais cordato, tinha ido trabalhar na Filadélfia. Ia a Nova York uma ou duas vezes por mês, e nessas ocasiões os quatro percorriam o itinerário habitual de jantar e teatro, dali ao Frolic ou talvez, a pedido da sempre curiosa Gloria, a um dos porões de Greenwich Village, notórios graças ao furioso mas passageiro movimento da “nova poesia”.

Em janeiro, depois de muitos monólogos dirigidos à sua reticente mulher, Anthony decidiu-se a “arranjar alguma coisa para fazer”, pelo menos no inverno. Queria agradar o avô e, até certo ponto, ver como reagiria ao trabalho. Descobriu durante várias tentativas, feitas em visitas semissociais, que os patrões não estavam interessados num jovem que se dispunha apenas a “experimentar por alguns meses”. Como era neto de Adam Patch, recebiam-no em toda parte com extrema cortesia, mas o velho era agora uma figura sem importância. O período áureo de sua fama, primeiro como “opressor” e em seguida como benfeitor do povo, ocorrera durante os vinte anos que precederam seu afastamento dos negócios. Anthony constatou que era comum entre os jovens a impressão de que Adam Patch morrera havia anos.

Finalmente, procurou o avô e pediu-lhe conselho – e ouviu que devia ingressar no negócio de títulos como vendedor, sugestão tediosa para Anthony, mas que acabou aceitando. O dinheiro, puro e simples, manipulado tecnicamente, era bem fascinante e, além disso, qualquer ramo da indústria seria insuportavelmente desinteressante. Pensou na possibilidade de trabalhar num jornal, mas os horários não lhe pareceram adequados a um homem casado. E entregou-se a fantasias agradáveis, nas

quais se via como diretor de um brilhante semanário opinativo, um *Mercur de France* americano, ou o produtor brilhante de comédias satíricas e revistas musicais parisienses. O trabalho nesses ramos, porém, parecia protegido por segredos profissionais. Os homens ingressavam neles pelas estradas tortuosas da literatura e do drama. Era impossível empregar-se numa revista, a menos que já se tivesse trabalhado noutra antes.

Por isso, acabou entrando, por meio de uma carta do avô, naquele *Sanctum Americanum* onde se sentava o presidente de Wilson, Hiemer e Hardy, em sua “mesa limpa”, e de lá saiu empregado. Devia começar a trabalhar no dia 23 de fevereiro.

Em homenagem àquela ocasião importante, fora planejada a festa de dois dias, pois, como ele disse, ao começar a trabalhar teria de deitar-se cedo durante a semana. Maury Noble viera da Filadélfia para ver alguém de Wall Street (que acabou não vendo), e Richard Caramel fora em parte convencido a juntar-se a eles, em parte forçado a isso. Haviam comparecido a um casamento elegante na tarde de segunda-feira, no qual beberam, e à noite Gloria, indo além de seu limite habitual de quatro coquetéis bebidos num ritmo exato, liderou-os numa farra das mais alegres que tiveram, revelando surpreendente conhecimento de passos de balé e de canções que confessou ter aprendido com a cozinheira quando tinha 17 anos e ainda era inocente. Repetiu-as várias vezes a pedidos e com uma naturalidade tão franca que Anthony, longe de ficar aborrecido, alegrou-se com essa nova diversão. A farra foi memorável sob muitos outros aspectos – uma longa conversa entre Maury e um caranguejo morto, que arrastava na ponta de um barbante, sobre as aplicações do teorema binomial; uma corrida entre dois cabriolés, tendo como público as sombras tranquilas e imponentes da Quinta Avenida e terminando numa fuga pelos labirintos da escuridão do Central Park. Por

fim, Anthony e Gloria fizeram uma visita a um alucinado casal jovem – os Lacy – e caíram no meio das garrafas vazias.

Agora era manhã, e restava a eles a tarefa de somar os cheques distribuídos aqui e ali, em clubes, lojas, restaurantes. Restava a eles arejar a sala onde pairava um ar pesado de vinho e cigarros, recolher os copos quebrados, escovar os tecidos manchados das cadeiras e sofás, dar a Bounds ternos e vestidos para a lavanderia e finalmente levar os corpos meio febris e os espíritos deprimidos para o ar gelado de fevereiro, para que a vida pudesse continuar e Wilson, Hiemer e Hardy tivessem os serviços de um jovem vigoroso às nove da manhã do dia seguinte.

– Você se lembra – gritou Anthony do banheiro – de quando o Maury saiu na esquina da rua 110 e fingiu ser guarda de trânsito, mandando passar ou parar os carros? Devem ter julgado que ele fosse um detetive particular.

Depois de cada lembrança, riam excessivamente, os nervos esgotados reagindo tensamente à alegria e à depressão.

Diante do espelho, Gloria se surpreendeu com a cor esplêndida e o frescor de seu rosto – parecia que jamais estivera melhor, embora o estômago e a cabeça doessem muito.

O dia transcorreu com lentidão. Anthony, indo de táxi ao seu corretor para levantar um empréstimo sobre um título, verificou que tinha apenas 2 dólares no bolso. A viagem custaria aproximadamente isso, mas sentiu que não poderia tolerar o metrô naquela tarde. Quando o taxímetro chegasse ao seu limite, teria de saltar e andar.

Pensando assim, abstraiu-se num de seus sonhos acordados característicos... Nesse sonho, descobria que o taxímetro estava correndo muito – o taxista, desonestamente, o havia adiantado. Calmamente, chegou ao seu destino e com toda a tranquilidade entregou ao homem a importância certa que lhe devia. O motorista quis brigar, mas antes que

levantasse as mãos Anthony o havia derrubado com um golpe terrível. E quando se levantou, derrubou-o novamente com um golpe definitivo na cabeça.

...Estava agora no tribunal. O juiz impôs-lhe a multa de 5 dólares, e ele não tinha dinheiro. O tribunal aceitaria um cheque? Ah, mas o tribunal não sabia quem ele era. Bem, podia identificar-se, mandando que telefonassem para seu apartamento.

Foi o que fizeram. Sim, era a Sra. Anthony Patch quem falava. Mas como poderia saber se esse homem era seu marido? Como? Que o sargento de polícia lhe perguntasse se ela não havia se esquecido das garrafas de leite...

Inclinou-se para a frente depressa e bateu no vidro que o separava do motorista. O táxi estava ainda na Ponte do Brooklyn, mas o taxímetro marcava 1,80 dólar, e Anthony jamais teria deixado de dar os dez por cento da gorjeta.

Regressou ao apartamento no fim da tarde. Gloria, que também saíra para fazer compras, estava adormecida, enroscada num canto do sofá, com a compra firmemente protegida pelos braços. Seu rosto era tranquilo como o de uma criança, e o pacote que apertava tanto contra o peito era uma boneca, bálsamo profundo e infinitamente curativo para seu perturbado coração infantil.

Destino

Foi essa festa, em particular o papel nela desempenhado por Gloria, que marcou realmente uma modificação no modo de vida dos dois. A atitude magnífica de não se importar com coisa alguma mudou da noite para o dia – de uma simples opinião de Gloria, passou a constituir o conforto e a justificativa pelo que faziam e pelas consequências disso. Não lamentar, não

soltar um grito de arrependimento, viver segundo um código de honra entre si e buscar a felicidade do momento com todo o fervor e toda a persistência possíveis.

– Ninguém se importa conosco a não ser nós mesmos, Anthony – disse ela certa vez. – Seria ridículo que eu continuasse a fingir que sinto ter obrigações para com o mundo e a me preocupar com o que pensam de mim, porque isso simplesmente não acontece, eis tudo. Desde menina, na escola de dança fui criticada pelas mães das outras meninas que não eram tão populares quanto eu, e sempre considerei a crítica uma espécie de tributo invejoso.

Isso foi porque, numa festa no ‘Boul’ Mich’, certa noite, Constance Merriam a vira participando de uma mesa de quatro na qual era grande a animação, e “como velha amiga de escola”, dera-se ao trabalho de convidá-la para almoçar no dia seguinte para dizer-lhe como aquilo fora horrível.

– Respondi que não achava – contou Gloria a Anthony. – Eric Merriam é uma espécie de Percy Wolcott sublimado; você se lembra, aquele homem de Hot Springs do qual já lhe falei; sua noção do respeito que deve a Constance é deixá-la em casa com a costura, o filho e um livro, e divertimentos desse gênero, enquanto ele vai a festas que prometem ser tudo, menos maçantes.

– Você disse isso a ela?

– Certamente. E disse que ela fazia objeções apenas porque eu me divertia muito mais do que ela.

Anthony aplaudiu. Estava tremendamente orgulhoso de Gloria, orgulhoso de que ela jamais deixasse de ofuscar qualquer outra mulher numa festa, orgulhoso de que os homens sentissem prazer em conversar com ela em grupos barulhentos, sem qualquer outro objetivo que não admirar-lhe a beleza e o calor de sua vitalidade.

Essas “festas” tornaram-se, aos poucos, a principal distração de ambos. Ainda apaixonados, ainda enormemente interessados um no outro, não obstante sentiam, à medida que a primavera se aproximava, que ficar em casa à noite os aborrecia. Os livros eram irreais; o velho encantamento de estar juntos sozinhos havia muito desaparecera; em vez disso, preferiam aborrecer-se numa estúpida comédia musical ou ir jantar com o menos interessante de seus conhecidos, desde que houvesse coquetéis o bastante para impedir que a conversa se tornasse intolerável. Alguns casais novos, amigos de escola ou universidade, bem como vários rapazes solteiros, começaram a lembrar-se instintivamente deles sempre que desejavam um pouco de animação e colorido, e por isso dificilmente se passava um dia sem que recebessem um telefonema: “O que pretendem fazer hoje à noite?” As esposas, de modo geral, tinham receio de Gloria: a facilidade com que se tornava o centro de atenções, sua forma inocente e mesmo assim perturbadora de atrair seus maridos, tudo isso as levava a uma atitude de profunda desconfiança, intensificada pelo fato de Gloria ser indiferente a qualquer intimidade que lhe dispensassem as mulheres.

No dia combinado, quarta-feira, Anthony foi aos imponentes escritórios de Wilson, Hiemer e Hardy e ouviu instruções vagas, dadas por um jovem enérgico, mais ou menos da sua idade, chamado Kahler, com um desafiador topete louro e que, ao se anunciar como secretário assistente, dava a impressão de considerar isso um tributo à sua excepcional habilidade.

– Há aqui duas espécies de homens, como você vai ver – disse ele. – Há o homem que chega a secretário assistente ou tesoureiro e tem seu nome nesta lista antes dos 30, e há o homem que consegue colocar seu nome ali aos 45. O homem que entra para a lista aos 45 fica nisso o resto da vida.

– E o homem que entra aos 30? – indagou Anthony polidamente.

– Ora, sobe, entendeu? – Mostrou uma relação de vice-presidentes assistentes. – Ou talvez consiga ser presidente, ou secretário, ou tesoureiro.

– E esses aqui?

– Esses? Ah, são os clientes, os homens com dinheiro.

– Entendo.

– Certas pessoas – continuou Kahler – pensam que a carreira de um homem depende da sua instrução, mas estão enganados.

– Sei.

– Eu tive instrução: estudei em Buckleigh, classe de 1911, mas quando vim para Wall Street vi logo que as fantasias aprendidas lá não me seriam úteis. Na verdade, eu tinha a cabeça cheia de ilusões.

Anthony não pôde deixar de imaginar que “fantasias” teria aprendido em Buckleigh em 1911. Ocorreu-lhe de forma irreprimível, durante toda a conversa, que devia ter sido algum tipo de bordado.

– Está vendo aquele homem ali? – Kahler apontou para um jovem com um bonito cabelo grisalho, sentado a uma mesa atrás de uma grade de mogno. – É o Sr. Ellinger, o primeiro vice-presidente. Esteve no mundo todo, conhece tudo, tem uma bela formação.

Em vão Anthony tentou interessar-se pelo romance das finanças; para ele, o Sr. Ellinger era apenas um dos compradores das vistosas coleções encadernadas em couro de Thackeray, Balzac, Hugo e Gibson que forravam as prateleiras das grandes livrarias.

Durante o úmido e monótono mês de março, Anthony preparou-se para ser vendedor. Como lhe faltava o entusiasmo, via a agitação e o rumor a sua volta apenas como um esforço infrutífero, uma luta por um objetivo incompreensível, evidenciado tangivelmente apenas pelas mansões rivais do Sr. Frick e do Sr. Carnegie, na Quinta Avenida. Que esses imponentes vice-

presidentes e clientes fossem realmente os pais dos “melhores homens” que conhecera em Harvard parecia-lhe absurdo.

Comia no refeitório dos empregados, com o sentimento constrangedor de que estava sendo empurrado para cima, pensando durante toda a primeira semana se as dezenas de funcionários jovens, alguns alertas, imaculados e recém-saídos da faculdade, viviam na esperança de ingressar naquela lista antes dos catastróficos 30 anos. A conversação que se misturava com a rotina do dia de trabalho era sempre a mesma. Discutia-se como o Sr. Wilson ganhara seu dinheiro, que método o Sr. Hiemer empregara e os meios a que recorrera o Sr. Hardy. Contavam-se histórias muito velhas, mas eternamente sedutoras, das fortunas feitas subitamente em Wall Street por um “açougueiro” ou um “dono de bar”, ou “um simples mensageiro, ora vejam!”, e falava-se em seguida dos métodos em voga e se era melhor arriscar-se a ter 100 mil por ano ou contentar-se com 20 mil. No ano anterior, um dos secretários-assistentes investira todas as suas economias na Bethelhem Steel. A história de sua riqueza espetacular, de sua desdenhosa renúncia em janeiro e do palácio triunfal que estava construindo na Califórnia era um dos assuntos favoritos no escritório. O simples nome desse personagem adquirira um significado mágico, simbolizando as aspirações de todos os bons americanos. Contavam-se histórias a seu respeito, como um dos vice-presidentes o aconselhara a vender, mas ele insistira e até continuara comprando, e que agora vissem onde ele estava!

Era disso, obviamente, que se tratava a vida: um triunfo estonteante, brilhando aos olhos de todos eles, uma sereia cigana que lhes proporcionava um magro salário e a improbabilidade aritmética de um êxito final.

Essa perspectiva tornou-se desanimadora para Anthony. Sentiu que, para vencer ali, a ideia de êxito teria de dominar e limitar seu espírito. O princípio essencial dos homens nos altos postos era a convicção de que os

negócios constituíam a essência mesma da vida. Em condições iguais, a confiança em si mesmo e o oportunismo superavam o conhecimento técnico: era evidente que o trabalho mais especializado se fazia na base – por isso, com eficiência adequada, os peritos eram mantidos na base.

Sua decisão de ficar em casa à noite durante a semana não resistiu, e boa parte do tempo ele ia trabalhar com uma dor de cabeça terrível, o horror ao metrô cheio soando-lhe aos ouvidos como um eco do inferno.

Inesperadamente, demitiu-se. Ficara na cama toda uma segunda-feira, e tarde da noite, tomado de um daqueles ataques de desespero a que sucumbia periodicamente, escreveu e enviou uma carta ao Sr. Wilson confessando que não se julgava apto para o trabalho. Gloria, voltando do teatro com Richard Caramel, encontrou-o no sofá, contemplando silenciosamente o teto alto, mais deprimido e desanimado do que em qualquer outro momento desde que se haviam casado.

Gloria queria que ele se queixasse. Assim, poderia ter-lhe feito acusações amargas, pois estava muito preocupada. Mas ele apenas se deixou ficar ali, totalmente miserável, a tal ponto que sentiu pena dele e, ajoelhando-se, afagou-lhe a cabeça, dizendo que aquilo pouco importava, que nada tinha importância enquanto se amassem. Foi como no primeiro ano, e Anthony, reagindo à mão fria, à voz que era tão suave como a própria brisa em seu ouvido, ficou quase alegre e falou de seus planos futuros. Chegou a arrepender-se, silenciosamente e antes de ir para a cama, de ter enviado tão apressadamente sua carta de demissão.

– Mesmo quando tudo parece negro, você não pode confiar apenas num julgamento – dissera Gloria. – É a soma de todas as suas opiniões que vale.

Em meados de abril receberam uma carta do corretor de imóveis em Marietta, sugerindo-lhes que ficassem com a casa cinzenta por mais um ano, a um aluguel um pouco maior; anexava um contrato para que assinassem.

Durante uma semana, contrato e carta ficaram abandonados sobre a mesa de Anthony. Não pretendiam voltar a Marietta. Estavam cansados do lugar, haviam se aborrecido ali a maior parte do tempo no verão anterior. Além disso, seu carro se transformara numa massa de metal hipocondríaco, e um novo carro era financeiramente desaconselhável.

Contudo, durante uma nova bebedeira alucinada, que durou quatro dias e da qual participaram, num ou noutro momento, mais de 12 pessoas, assinaram o contrato. Para seu horror total, assinaram e mandaram – e imediatamente foi como se ouvissem a casa cinzenta, malévola e insípida, pronta para devorá-los.

– Anthony, onde está aquele contrato? – gritou Gloria alarmada uma certa manhã de domingo, sóbria e sentindo-se mal. – Onde você o deixou? Estava aqui!

Mal sabia para onde fora o contrato. Lembrou-se da festa que haviam planejado no auge do entusiasmo, lembrou-se de uma sala cheia de homens para os quais, nos momentos de menor animação, ela e Anthony não tinham importância, e do elogio de Anthony aos méritos e à tranquilidade da casa cinzenta, tão isolada que não importava quanto barulho eles fizessem. Então Dick, que os visitara lá, gritou entusiasticamente que era a melhor casa imaginável e que eles seriam dois idiotas se não ficassem com ela por mais um verão. Foi fácil convencê-los de que a cidade estava quente e deserta, de que Marietta era fresca e encantadora. Anthony encontrara o contrato e o sacudira violentamente, e com Gloria feliz, aquiescendo, num último ímpeto de decisão barulhenta, durante a qual todos os homens prometeram com um aperto de mão solene que iriam visitá-los...

– Anthony – gritou ela –, nós assinamos e mandamos o contrato!

– O quê?

– O contrato!

– Que diabos!

– Oh, Anthony! – havia uma infelicidade profunda na voz dela. Para o verão, para a eternidade, haviam construído para si uma prisão. Isso pareceu atingir as últimas raízes de sua estabilidade. Anthony pensou que talvez pudessem resolver a situação com o corretor de imóveis. Já não lhes era possível pagar dois aluguéis, e ir para Marietta significava abandonar o apartamento, seu impecável apartamento com o elegante banheiro e os aposentos para os quais comprara móveis e quadros e que era a coisa mais parecida com um lar que já tivera, cheio de lembranças de quatro movimentados anos.

Entretanto, a situação não foi resolvida com o corretor, nem resolvida de nenhuma outra forma. Desanimados, sem nem mesmo procurar tirar o melhor proveito de tudo, sem nem mesmo o “não me importo” de Gloria, voltaram à casa que, agora sabiam, não encerrava nem amor nem juventude – apenas lembranças austeras e incomunicáveis que jamais poderiam compartilhar.

O verão sinistro

Havia um horror na casa naquele verão. Chegou com eles e instalou-se como um manto sombrio, impregnando os aposentos do andar de baixo, espalhando-se gradualmente e subindo as escadas estreitas até oprimir até mesmo seu sono. Gloria e Anthony começaram a detestar ter de ficar ali sozinhos. O quarto de Gloria, que parecera tão cor-de-rosa, jovem e delicado, harmonizando-se com sua lingerie de tons suaves, atirada aqui e ali sobre a cadeira e a cama, parecia agora murmurar, com suas cortinas sussurrantes:

– Ah, minha bela jovem, não são o seu frescor e a sua delicadeza os primeiros a fenecer aqui sob os sóis de verão... gerações de mulheres não amadas se adornaram nesse espelho para amantes rústicos que não lhes prestavam atenção... A juventude tem entrado neste quarto de azul-claro e dele saído com as vestes cinzentas do desespero, e durante longas noites muitas jovens permaneceram acordadas nesta cama, emitindo ondas de sofrimento para a escuridão...

Finalmente, Gloria tirou dali todas as suas roupas e todos os cremes, declarando que ia se mudar para o quarto de Anthony e usando como desculpa o fato de que uma das telas de arame de suas janelas estava furada e deixava entrar insetos. Seu quarto, portanto, foi deixado aos hóspedes insensíveis, e ela dormia e se vestia no quarto de Anthony, que por algum motivo ela considerava “bom”, como se a presença do marido exterminasse quaisquer sombras constrangedoras do passado que pudessem pairar em suas paredes.

A distinção entre “bom” e “mau”, que de início havia sido sumariamente eliminada de suas vidas, reinstalou-se sob outra forma. Gloria insistia em que todo convidado à casa cinzenta devia ser “bom”, o que, no caso de uma mulher, significava que devia ser simples e impecável, ou, caso não fosse, possuir uma certa força e solidez. Sempre muito cética quanto a seu sexo, seus julgamentos ocupavam-se agora da pureza da mulher. Por impureza entendia ela uma variedade de coisas: a falta de orgulho, uma frouxidão de fibra e, acima de tudo, a aura inequívoca da promiscuidade.

– As mulheres se mancham facilmente – dizia ela –, muito mais facilmente do que os homens. A menos que a moça seja muito jovem e corajosa, é quase impossível ir morro abaixo sem uma certa animalidade histérica, uma animalidade do tipo sórdido e astuto. O homem é diferente, e

suponho que por isso um dos personagens mais comuns dos romances seja o homem que se destrói elegantemente.

Estava inclinada a gostar de muitos homens, de preferência os que lhe rendiam franca homenagem e lhe proporcionavam diversão certa – mas por vezes, com um lampejo de percepção, dizia a Anthony que determinado amigo apenas se aproveitava dele e que era melhor deixá-lo de lado. Anthony costumava resistir, insistindo em que o acusado era “bom”, mas acabou verificando que tinha um julgamento mais falível que o dela, principalmente quando – e isso aconteceu várias vezes – deixavam-no com uma série de contas de restaurante para pagar sozinho.

Mais por seu medo da solidão do que pelo desejo de enfrentar a agitação e o trabalho de receber, enchiam a casa de convidados todo fim de semana, e com frequência também durante outros dias. As festas de fim de semana eram quase sempre as mesmas. Quando os três ou quatro convidados chegavam, uma bebida era mais ou menos obrigatória, seguida de um jantar muito alegre e uma volta pelo Cradle Beach Country Club, ao qual se haviam associado por ser barato, animado, embora não elegante, e quase uma necessidade em ocasiões como aquelas. Além disso, o que se fazia lá não tinha grande importância; enquanto o grupo do Sr. Patch fosse razoavelmente discreto, pouco importava que os ditadores sociais de Cradle Beach vissem a alegre Gloria ingerir coquetéis a intervalos frequentes durante a noite.

O sábado terminava geralmente numa barulhenta confusão – sendo necessário, por vezes, ajudar um convidado bêbedo a ir para a cama. Domingo trazia os jornais de Nova York e uma manhã tranquila na varanda, recuperando-se. E a tarde de domingo significava o adeus para um dos hóspedes que tinha de voltar à cidade, e nova bebedeira para os que ficavam

até o dia seguinte, terminando tudo numa noite descontraída, quando não hilária.

O fiel Tana, pedagogo por natureza e homem de todos os ofícios por profissão, voltou a trabalhar com eles. Entre os hóspedes mais habituais, surgira uma história a respeito de Tana. Maury Noble afirmara uma tarde que seu verdadeiro nome era Tannenbaum, que era um agente alemão encarregado de divulgar propaganda teutônica no Condado de Westchester, e depois disso cartas misteriosas começaram a chegar da Filadélfia, dirigidas ao espantado oriental, como “Tenente Emile Tannenbaum”, contendo mensagens crípticas, assinadas “Estado-Maior” e enfeitadas com duas colunas de falsos caracteres japoneses. Anthony sempre as entregava a Tana muito sério; horas depois, o destinatário era encontrado na cozinha, procurando resolvê-las e declarando agitadamente que os símbolos perpendiculares não eram japoneses, nem coisa alguma que se assemelhasse ao japoneses.

Gloria passara a ter por ele uma forte antipatia desde o dia em que, voltando inesperadamente da cidade, o encontrara reclinado na cama de Anthony, lendo um jornal. Todos os criados, instintivamente, gostavam de Anthony e detestavam Gloria, e Tana não era exceção. Mas tinha medo dela e só deixava clara a sua aversão nos momentos de mau humor, dirigindo-se sutilmente a Anthony, com observações ditas de forma que ela ouvisse:

– Que o Sr. Pats vai querer jantar? – dizia, olhando para o patrão. Ou fazia comentários sobre o terrível egoísmo dos “mericanos”, de tal modo que não havia dúvida de quem eram os “mericanos”.

Entretanto, não ousavam despedi-lo. Isso teria sido incompatível com sua inércia. Toleravam Tana como toleravam o mau tempo, a doença física e a Vontade Divina – como toleravam tudo, até eles mesmos.

Na escuridão

Numa tarde abafada de fins de julho, Richard Caramel telefonou de Nova York avisando que iria até Marietta com Maury e levaria também outro amigo. Chegaram pelas cinco horas, um pouco bêbados, acompanhados de um homem baixo e forte, de 35 anos, que apresentaram como Sr. Joe Hull, uma das melhores pessoas que Anthony e Gloria já tinham conhecido.

Joe Hull tinha uma barba amarela que constantemente lutava para despontar e uma voz grave que variava entre o baixo profundo e o murmúrio rouco. Anthony, ao levar a mala de Maury para o andar de cima, entrou no quarto e fechou cuidadosamente a porta.

– Quem é esse sujeito? – indagou.

Maury mostrou-se entusiasmado.

– Quem, o Hull? Ora, ele é ótimo. É boa pessoa.

– Sim, mas quem é?

– O Hull? Apenas um bom companheiro. É um príncipe. – O riso de Maury redobrou, culminando numa sucessão de esgares felinos que revelavam sua satisfação. Anthony hesitou entre o sorriso e o olhar de censura.

– Pois me parece esquisito. Roupas estranhas... – Fez uma pausa – Acho que vocês dois o conheceram em algum lugar a noite passada.

– Ridículo – afirmou Maury. – Ora, sempre o conheci, toda a minha vida.

Não obstante, como coroasse sua afirmação com uma série de outros esgares, Anthony viu-se levado a observar:

– Pois sim!

Mais tarde, pouco antes do jantar, enquanto Maury e Dick conversavam animadamente e Joe Hull ouvia em silêncio, bebendo seu drinque, Gloria

chamou Anthony à sala de jantar.

– Não me agrada esse tal de Hull – disse. – Preferia que ele usasse o banheiro do Tana.

– Não posso pedir isso a ele.

– Bem, eu não o quero no nosso.

– Parece ser uma alma simples.

– Usa uns sapatos brancos que parecem luvas. Dá para ver os dedos através deles. Oh! Quem é esse sujeito?

– Eu é que sei?

– Foi um desaforo trazê-lo aqui. A nossa casa não é um asilo de marinheiros!

– Estavam bêbados quando telefonaram. O Maury disse que estão bebendo desde ontem à tarde.

Gloria balançou a cabeça, irritada, e sem dizer mais nada voltou para a varanda. Anthony percebeu que ela tentava esquecer a dúvida e dedicar-se ao prazer da noite.

Fora um dia tropical, e mesmo no fim do entardecer ainda emanavam ondas de calor da estrada ressecada. O céu estava limpo, mas além dos bosques, ao longe, na direção de Sound, um trovejar surdo e persistente tivera início. Quando Tana anunciou que o jantar ia ser servido, os homens, por sugestão de Gloria, continuaram sem paletó e entraram.

Maury começou uma canção, que concluíram harmonicamente durante o primeiro prato. Tinha dois versos e a mesma melodia de uma música popular intitulada “Querida Margarida”. Os versos eram:

O pânico se abateu sobre nós
E também o declínio moral!

Cada repetição era saudada com explosões de entusiasmo e aplausos prolongados.

– Anime-se, Gloria! – sugeriu Maury. – Você parece um pouco deprimida.

– Não estou – mentiu ela.

– Venha cá, Tannenbaum! – ele chamou por sobre o ombro. – Enchi um copo para você! Venha cá!

Gloria tentou segurar-lhe o braço.

– Por favor, não, Maury!

– Por quê? Talvez ele toque flauta para nós depois do jantar. Tome, Tana.

Tana, sorrindo, levou o copo para a cozinha. Pouco depois, Maury deu-lhe outro.

– Anime-se, Gloria! – exclamou. – Pelo amor de Deus, anime-se!

– Querida, beba mais um pouco – aconselhou Anthony.

– Por favor!

– Anime-se, Gloria – disse Joe Hull naturalmente.

Gloria estremeceu diante dessa intimidade inusitada e olhou à volta para ver se alguém se dera conta. A palavra, vinda de um homem pelo qual experimentava incomum antipatia, parecera-lhe repelente. Pouco depois, viu John Hull dar a Tana outro copo, e sua irritação aumentou, um pouco intensificada pelos efeitos do álcool.

– ...e certa vez – dizia Maury – Peter Granby e eu fomos a um banho turco em Boston, cerca de duas horas da manhã. Não havia ninguém, só o dono, e nós o empurramos para um compartimento e fechamos a porta. Entrou logo depois um sujeito querendo um banho turco. Julgou que fôssemos empregados, ora veja! Bem, nós o agarramos e o lançamos no tanque com todas as roupas. Depois, o arrastamos de lá e o estendemos

numa tábua, dando-lhe tapas até que ele ficasse preto e azul. “Não batam com tanta força, amigos”, dizia numa voz estrangulada, “por favor”.

Seria Maury realmente?, pensou Gloria. Contada por qualquer outra pessoa, a história a teria divertido, mas vinda de Maury, o refinado, o homem de tato, de consideração...

O pâ-â-â-nico se abateu sobre nós
E tam-béém o...

O rufar de um trovão lá fora abafou o restante da canção. Gloria estremeceu e tentou esvaziar o copo, mas o primeiro gole provocou-lhe náuseas, e ela o colocou de volta sobre a mesa. Tinham acabado de jantar e passaram à sala grande, levando várias garrafas e jarros. Alguém fechara a porta da varanda por causa do vento e, em consequência, a fumaça pairava no ar pesado.

– Tenente Tannenbaum! – disse Maury novamente. – Traga-nos a flauta!

Anthony e Maury correram para a cozinha, e Richard Caramel, pondo a vitrola para funcionar, aproximou-se de Gloria.

– Dance com o seu priminho!

– Não quero dançar.

– Então vou carregá-la.

Como se estivesse fazendo uma coisa da mais alta importância, levantou-a nos braços gordos e pequenos e começou a rodopiar pela sala.

– Ponha-me no chão, Dick! Estou tonta! – insistiu ela.

Despejou-a como se fosse um fardo no sofá e correu para a cozinha, gritando:

– Tana! Tana!

Então, sem qualquer aviso, sentiu que outros braços a envolviam e viu-se suspensa do sofá. Joe Hull a segurava e tentava, embriagado, imitar Dick.

– Largue-me! – disse ríspidamente.

O riso embriagado daquele homem e a visão de seu maxilar amarelo áspero tão próximo provocaram-lhe uma repulsa intolerável.

– Já!

– O pânico – começou ele, mas não continuou, porque a mão de Gloria descera-lhe rapidamente sobre o rosto. Largou-a imediatamente, e ela caiu ao chão, o ombro golpeando a mesa com uma pancada ao cair...

Então a sala pareceu cheia de homens e fumaça. Tana, com seu paletó branco, andava apoiado por Maury. Tirava na flauta um som prolongado, que Anthony dizia ser a canção do trem japonesa. Joe Hull achava uma caixa de velas e as jogava para o alto como malabares, gritando “uma de menos!” cada vez que errava, e Dick dançava sozinho num rodopiar alucinado pela sala. Pareceu a Gloria que tudo girava em grotescos movimentos quadridimensionais, através de planos que se entrecruzavam e de uma névoa azulada.

Lá fora, a tempestade desabara com toda a força. Os instantes de silêncio dentro de casa eram preenchidos pelo ruído dos galhos altos raspando as paredes e pelo barulho da chuva no telhado de zinco da cozinha. Os relâmpagos eram intermináveis, deixando escapar gotas espessas de trovão, como ferro fundido do coração de uma fornalha. Gloria via a chuva penetrando por três janelas, mas não conseguia se mover para fechá-las.

...Estava no corredor. Dissera boa-noite mas ninguém ouvira nem prestara atenção. Pareceu-lhe por um momento que alguém olhava da balastrada da escada, mas ela não podia voltar para a sala, antes a loucura do que a loucura daquele clamor... No quarto, procurou o interruptor de luz, mas não o encontrou no escuro. Um relâmpago mostrou-lhe o botão na parede, mas quando a sombra impenetrável voltou, escondeu-o novamente

de seus dedos incertos; tirou a roupa e jogou-se, desamparada, no lado seco da cama que a chuva encharcara pela metade.

Fechou os olhos. De baixo vinha o barulho dos homens bebendo, acompanhado, de súbito, do ruído agudo de vidro quebrado e depois dos fragmentos de uma canção irregular, sincopada...

Ficou ali mais de duas horas pelo que mais tarde calculou, reunindo os fragmentos do tempo. Percebeu, depois de longo intervalo, que o ruído diminuía e que a tempestade se estava afastando para o oeste, deixando atrás de si pancadas de som que caíam, pesadas e sem vida como sua alma, nos campos molhados. A isso se sucediam rajadas esporádicas de chuva e vento, até não haver mais nenhum barulho do outro lado de sua janela, a não ser um leve gotejar e o roçar de ramos molhados no peitoril. Estava entre dormindo e acordada, sem que nenhuma das duas condições predominasse... e foi tomada de um desejo de livrar-se do peso que sentia sobre o peito. Se pudesse chorar, o peso desapareceria, e apertando as pálpebras tentou desfazer o nó na garganta... Mas em vão...

Drip! drip! drip! O som não era desagradável – como a primavera, como a chuva fria de sua infância, que transformava num lamaçal alegre o seu quintal e inundava a miniatura de jardim que fizera com a pá, a enxada e a enxó de brinquedo. Era como nos dias em que a chuva vinha dos céus amarelos que se fundiam imediatamente antes do escurecer e lançava um raio brilhante de sol em diagonal, do alto até as árvores verdes e molhadas. Tão fresco, tão claro e tão limpo – e sua mãe ali, no centro do mundo, no centro da chuva, em segurança, sem se molhar, forte. Queria a mãe agora, mas ela estava morta, para sempre fora do alcance da vista e da mão. E o peso a oprimia, oprimia... oh, oprimia tanto!

Súbito, ficou alerta. Alguém chegara à porta, de onde a contemplava, de pé, imóvel, a não ser por uma pequena oscilação. Podia ver-lhe a silhueta

distinta contra uma luz imprecisa. Não havia som na casa, apenas um grande silêncio que impregnava tudo, até o gotejar cessara... apenas aquela figura, oscilando no portal, um terror indiscernível e sutilmente ameaçador, algo de sujo sob o verniz, como bolhas de varíola sob uma camada de pó. E seu coração, mesmo cansado, bateu até agitar-lhe o peito, dando-lhe certeza de que ainda havia vida nela, desesperadamente abalada, ameaçada...

O minuto, ou a sucessão de minutos, prolongou-se interminavelmente, e uma névoa começou a formar-se diante de seus olhos que, numa persistência infantil, tentavam varar a escuridão na direção da porta. Num outro instante, pareceu-lhe que uma força inimaginável iria esmagá-la e eliminá-la... e então a figura na porta – era Hull, viu bem, era Hull – voltou-se, e ainda oscilando levemente, recuou, afastou-se, como se absorvido por aquela luz incompreensível que lhe dera dimensão.

O sangue voltou-lhe aos membros, sangue e vida juntos. Com uma descarga de energia ergueu-se, torcendo o corpo até que os pés encontraram o chão ao lado da cama. Sabia o que fazer – agora, agora antes que fosse tarde demais. Devia sair para a umidade fria lá fora, para longe, sentir a grama molhada sob os pés e o sereno na cabeça. Mecanicamente, enfiou-se nas roupas, procurando no armário escuro um chapéu. Tinha de afastar-se daquela casa onde pairava o que a oprimia, ou se transformava em figuras soltas e oscilantes na penumbra.

Em pânico, envolveu-se desajeitada no casaco, encontrando a manga exatamente ao ouvir os passos de Anthony na escada. Não ousava esperar, talvez ele não a deixasse ir, e mesmo Anthony era parte daquele peso, parte da casa maléfica e da escuridão que crescia em torno dela...

Atravessou então o corredor... e desceu pela escada dos fundos, ouvindo a voz dele no quarto que acabara de deixar...

– Gloria! Gloria!

Chegou à cozinha e, atravessando a porta, ganhou a noite. Uma centena de pingos, provocados por uma rajada de vento numa árvore gotejante, caíram-lhe à cabeça, e agradecida ela espalhou com a mão quente a água pelo rosto.

– Gloria! Gloria!

A voz era infinitamente remota, abafada, e as paredes que deixara para trás davam-lhe um tom de lamento. Deu a volta na casa e caminhou pela trilha da frente, na direção da estrada, quase exultando ao alcançá-la, e seguiu pelo gramado curto que a ladeava, caminhando com cautela na escuridão.

– Gloria!

Começou a correr e esbarrou num pedaço de galho arrancado pelo vento. A voz já estava fora da casa. Anthony, encontrando o quarto deserto, saíra à varanda. Mas a coisa a impelia para a frente; estava lá atrás, com Anthony, e ela precisava continuar a fuga sob o céu sombrio e opressivo, lançando-se através do silêncio que se abria a sua frente como uma barreira tangível.

Caminhou um pouco pela estrada a custo percebida, talvez meio quilômetro, passou por um celeiro deserto, isolado, negro e agourento, a única construção entre a casa cinzenta e Marietta. Entrou pela bifurcação, onde a estrada corria entre dois muros de folhas e galhos que quase se encontravam no alto. Viu, subitamente, um raio prateado fino e longitudinal na estrada à sua frente, como uma espada brilhante fincada até a metade na lama. Ao se aproximar, soltou uma exclamação de contentamento: era o sulco de uma roda de carroça, cheio d'água, e ao olhar para cima viu um pedaço de céu e soube que a lua saíra.

– Gloria!

Teve um sobressalto. Anthony estava a menos de 60 metros dela.

– Gloria, espere por mim!

Apertou os lábios para sufocar um grito e apertou o passo. Antes de andar mais 100 metros, as árvores desapareceram, como uma meia negra saindo da perna da estrada. Três minutos adiante, suspensa no ar agora ilimitado e alto, ela viu um tênue entrelaçado de raios e brilhos atenuados, centralizados numa ondulação regular num ponto invisível. Súbito, soube aonde ir. Era a grande cascata de fios que se elevavam sobre o rio, como as pernas de uma aranha gigantesca cujo olho fosse a pequena luz verde na cabine de controle, e correu pela ponte da estrada de ferro na direção da estação. A estação! Ali estaria o trem que a levaria embora.

– Gloria, sou eu! Anthony! Gloria, não vou tentar detê-la! Pelo amor de Deus, onde está você?

Não respondeu e começou a correr, pulando as poças de lama brilhante, poças sem dimensão, de um dourado fluido, imaterial. Dobrando à esquerda, seguiu por uma estreita trilha de carroças. Uma coruja soltou seu lamento de uma árvore solitária. A sua frente, pôde ver a trilha que levava à ponte. A estação ficava do outro lado do rio.

Outro som a assustou, o apito melancólico de um trem que se aproximava, e quase simultaneamente o grito repetido, agora apagado e distante.

– Gloria! Gloria!

Anthony devia ter seguido pela estrada principal. Riu-se ao perceber que o enganara, com uma astúcia maliciosa. Agora podia esperar até que o trem passasse.

Ouviu novamente o apito, mais perto, e em seguida, sem qualquer ruído que o anunciasse, um corpo escuro e sinuoso se deixou ver contra as sombras, lá longe nos trilhos, e, sem outro barulho senão o das rodas girando alcançou a ponte – era um trem elétrico. No alto da locomotiva,

dois faróis de luz azulada formavam uma aura radiante à frente, que iluminava por instantes as fileiras sucessivas de árvores e fez Gloria recuar instintivamente para a margem mais distante da estrada. A luz era tépida, a temperatura do sangue, morna... Os sons se confundiram todos num ruído único e, alongando-se numa elasticidade combinada com as sombras, o trem passou cegamente por ela e lançou-se pela ponte, refletindo no rio o brilho de seus faróis. E foi encolhendo rápido, diminuindo o som, até deixar apenas o reflexo de um eco, que morreu na margem oposta.

O silêncio desceu novamente. As gotas voltaram a cair, e de repente desabou sobre Gloria uma infinidade de pingos, despertando-a do torpor que a passagem do trem lhe provocara. Desceu correndo para a margem do rio e começou a subir a escada de ferro que levava ao leito da ponte, lembrando-se de que sempre desejara fazer isso e que teria ainda de atravessar a tábua de 1 metro de largura colocada sobre os dormentes da ponte bem em cima do rio.

Ali sentiu-se melhor. Estava agora no alto e podia ver a região que a cercava, as manchas dos bosques, frios sob o luar. À direita, quase um quilômetro abaixo do rio, que arrastava os reflexos como a trilha brilhante e fina deixada por um caracol, piscavam as luzes esparsas de Marietta. A menos de 200 metros da ponte ficava a estação, assinalada por uma única lanterna. A opressão desaparecera – a copa das árvores, que via do alto onde estava, embalava a luz das estrelas. Abriu os braços num gesto de liberdade. Fora isso que desejara, ficar sozinha onde fosse alto e frio.

– Gloria!

Correu como uma criança pela tábua, saltando aqui e ali, sentindo sua própria leveza física. Ele podia vir agora – já não temia, apenas queria chegar primeiro à estação, era parte do jogo. Estava feliz. O chapéu, que arrancara, estava apertado na mão, e o cabelo curto se balançava junto às

orelhas. Pensara que jamais pudesse sentir-se assim tão jovem, mas a noite era sua, o mundo era seu. Riu, em triunfo, ao deixar a ponte e, alcançando a plataforma, deixou-se cair junto de uma pilastra de ferro.

– Estou aqui! – gritou alegremente em sua animação. – Estou aqui, Anthony querido.

– Gloria! – Ele chegou à plataforma e correu para ela. – Você está bem? – Ajoelhou-se e tomou-a nos braços.

– Estou.

– O que aconteceu? Por que saiu? – indagou, ansioso.

– Tive de sair... havia alguma coisa... – Interrompeu-se e uma onda de constrangimento a perturbou. – Havia uma coisa me pesando aqui... – colocou a mão sobre o peito. – Tive de sair e me livrar disso.

– Que coisa era essa?

– Não sei... aquele homem, o tal Hull...

– Ele a molestou?

– Chegou à minha porta, bêbado. Acho que fiquei alucinada na hora.

– Gloria, querida...

Cansada, ela deitou a cabeça no ombro de Anthony.

– Vamos voltar – sugeriu ele.

Estremeceu.

– Não, não posso. Recomeçaria a sentir as mesmas coisas. – Sua voz elevou-se, como um lamento na escuridão. – Aquela coisa...

– Calma, calma... – tranquilizou ele, apertando-a contra o peito. – Não faremos nada que você não queira. Quer ficar sentada aqui?

– Quero... quero ir embora.

– Para onde?

– Oh, para qualquer lugar.

– Por Deus, Gloria, você ainda está bêbada!

– Não. Não fiquei bêbada durante toda a noite. Subi cerca de meia hora, acho, depois do jantar... Ai!

Inadvertidamente, ele lhe tocara o ombro direito.

– Está doendo. Machuquei nem sei como... alguém me levantou e me deixou cair.

– Gloria, vamos voltar. Está frio e é tarde.

– Não posso – lamentou ela. – Oh, Anthony, não me peça para voltar. Vou amanhã. Você vá para casa e eu vou esperar um trem aqui. Vou para um hotel...

– Vou com você.

– Não, não quero você comigo. Quero ficar sozinha. Quero dormir, quero dormir. E amanhã, quando você tiver tirado todo o cheiro de uísque e de cigarro da casa e tudo estiver arrumado, e o tal Hull tiver ido embora, então eu volto. Se eu fosse agora... aquela coisa! – Cobriu os olhos com mãos. Anthony viu que era inútil tentar convencê-la.

– Eu não estava bêbado quando você saiu – disse. – O Dick adormeceu no sofá e o Maury e eu estávamos conversando. Hull desaparecera em algum lugar. Percebi então que havia várias horas eu não via você e então subi...

Interrompeu-se a um grito de “vocês aí” vindo de súbito da escuridão. Gloria levantou-se, e ele também.

– É a voz do Maury – exclamou ela, agitada. – Se o Hull estiver com ele, não deixe eles se aproximarem!

– Quem está aí? – indagou Anthony.

– O Dick e o Maury – responderam duas vozes tranquilizadoras da escuridão.

– Onde está o Hull?

– Está na cama. Apagou.

Os vultos se delinearam na plataforma.

– Que diabos você e a Gloria estão fazendo aqui? – indagou, entre sonolento e espantado, Richard Caramel.

– O que vocês *dois* estão fazendo aqui?

Maury riu.

– Duvido que saibam. Seguimos você, e foi o diabo encontrá-lo. Ouvi você chamando a Gloria na varanda, acordei o Caramel, e meti na cabeça dele que, se ia haver uma busca, era melhor participarmos dela. Ele me atrasou, porque a cada passo sentava-se na estrada, perguntando-me o que estava acontecendo. Farejamos você pelo cheiro bom do Canadian Club.

Houve um riso nervoso na plataforma.

– Como vocês nos encontraram, de verdade?

– Bem, fomos pela estrada e de repente o perdemos. Parece que entrou por uma trilha. Algum tempo depois, alguém nos perguntou se estávamos procurando uma moça. Nós nos aproximamos e vimos que se tratava de um velho trêmulo, sentado numa árvore derrubada, como um personagem de contos de fada. “Ela desceu por aqui e quase passou por cima de mim, numa pressa danada, e um sujeito de calças de golfe veio correndo atrás dela. Atirou-me isto.” O velho tinha uma nota de um dólar na mão.

– Oh, pobre velho! – exclamou Gloria, comovida.

– Atirei-lhe outra e continuamos, embora ele tenha pedido para pararmos e contarmos o que estava acontecendo.

– Pobre velho! – repetiu Gloria, desanimada.

Dick sentou-se, sonolento, numa caixa.

– E agora? – indagou num tom de resignação estoica.

– A Gloria está chateada – explicou Anthony. – Eu e ela vamos para a cidade no próximo trem.

Maury, no escuro, tirara do bolso um papel com os horários.

– Risque um fósforo.

Uma chama minúscula brilhou contra o fundo opaco, iluminando os quatro rostos, grotescos e estranhos em meio à noite.

– Vejamos. Duas, duas e trinta... não, isso é da tarde. Ora, não vai haver trem até as cinco e meia.

Anthony hesitou.

– Bem – murmurou, indeciso. – Estamos dispostos a ficar aqui esperando. Vocês podem voltar para casa e dormir.

– Você também, Anthony – pediu Gloria. – Quero que durma um pouco, querido. O dia todo você esteve pálido como um fantasma.

– Ora, sua boba!

Dick bocejou.

– Muito bem. Vocês ficam, nós ficamos.

Saiu do abrigo e examinou o céu.

– A noite acabou ficando bonita. As estrelas e tudo o mais. Uma coleção excepcionalmente brilhante delas.

– Vamos ver. – Gloria seguiu-o, e os outros dois a acompanharam. – Vamos sentar aqui fora – sugeriu –, é muito melhor.

Anthony e Dick transformaram uma caixa comprida em encosto e encontraram uma tábua bastante seca para Gloria sentar-se. Anthony sentou-se ao lado dela, e com algum esforço Dick conseguiu subir num barril perto deles.

– Tana foi dormir na rede da varanda – observou. – Nós o levamos e o colocamos perto do forno da cozinha, para secar. Estava completamente encharcado.

– Aquele homenzinho horroroso! – suspirou Gloria.

– Como vocês estão? – A voz, sonora e funérea, viera de cima, e ao olhar para o alto, espantados, descobriram que Maury conseguira subir até o teto

do abrigo, onde se sentara, os pés pendendo para fora, delineado como uma gárgula fantástica e difusa contra o céu agora brilhante.

– Deve ser para momentos como esses – começou, com voz suave, as palavras parecendo flutuar de uma altura imensa e descer suavemente sobre seus ouvintes – que os justos da terra decoram as estradas de ferro com cartazes afirmando, em vermelho e amarelo, que “Jesus Cristo é o Bem”, colocando-os, acertadamente, perto de anúncios que afirmam: “Uísque Gunter’s é Bom.”

Houve risos, e os três continuaram olhando para cima.

– Acho que vou lhes contar a história da minha educação – continuou Maury – sob essas constelações sardônicas.

– Sim! Por favor!

– Será que devo?

Esperaram enquanto ele dirigia um bocejo para a lua branca e sorridente.

– Bem – começou ele –, quando criança, rezei. Armazenei preces contra os males futuros. Num ano, armazenei novecentas ave-marias.

– Jogue um cigarro – murmurou alguém.

O pequeno pacote atingiu a plataforma ao mesmo tempo que a ordem estentórea:

– Silêncio! Estou na iminência de me livrar de muitas observações memoráveis reservadas à escuridão dessas terras e ao brilho desses céus.

Embaixo, um fósforo aceso passou de cigarro a cigarro. A voz continuou:

– Eu era adepto de enganar a Divindade. Rezava imediatamente após os crimes, até que finalmente oração e crime tornaram-se para mim indistinguíveis. Acreditava que, por gritar o homem “Meu Deus!” quando um cofre lhe cai em cima, isso provava que a crença tinha raízes profundas no peito humano. Fui, então, para a escola. Durante 14 anos, meia centena de homens sérios me mostraram espingardas de pederneira antigas e me

disseram: eis aí a realidade. Os rifles modernos são apenas imitações rasas, superficiais. Condenavam os livros que eu lia e as coisas que eu pensava, qualificando-as de imorais. Mais tarde, a moda transformou-se, e eles condenavam as coisas chamando-as de “inteligentes”.

“E assim passei, velho para a minha idade, dos professores aos poetas, ouvindo sempre – do tenor lírico de Swinburne e do tenor robusto de Shelley até Shakespeare com seu primeiro baixo e seu grande alcance, e Tennyson com seu segundo baixo e seus falsetes ocasionais, a Milton e Marlowe, baixos profundos. Ouvi Browning conversando, Byron declamando e Wordsworth cochilando. Isso, pelo menos, não me fez mal. Aprendi um pouco sobre a beleza, o bastante para saber que ela nada tem a ver com a verdade, e descobri, acima de tudo, que não há nenhuma grande tradição literária. Há apenas a tradição da morte memorável de toda tradição literária...

“Cresci então, e a beleza das ilusões suculentas se afastou de mim. A fibra do meu espírito se enrijeceu, os meus olhos tornaram-se miseravelmente argutos. A vida cercou a minha ilha como um mar, e logo eu estava nadando.

“A transição foi sutil; a coisa me estivera esperando por algum tempo. Ela encerra armadilhas insidiosas, aparentemente inócuas, para todos. E eu? Não, eu não procurei seduzir a mulher do zelador, nem corri nu pelas ruas proclamando a minha virilidade. Não é a paixão que faz isso, mas sim as roupas de que ela se reveste. Aborreci-me, eis tudo. O aborrecimento, que é outro nome e um disfarce frequente para a vitalidade, tornou-se o motivo inconsciente de todos os meus atos. A beleza estava atrás de mim, compreendem? Eu havia amadurecido.”

Fez uma pausa.

– Fim da escola e da universidade. Início da Segunda Parte.

Três inquietos e silenciosos pontos de luz mostravam a localização de seus ouvintes. Gloria estava meio sentada e meio reclinada no colo de Anthony. Seu braço a apertava com tal força que ele ouvia bater seu coração. Richard Caramel, encolhido no barril, mexia-se de vez em quando e dava um grunhido.

– Cresci, portanto, nessa terra do jazz, e caí imediatamente num estado de confusão quase audível. A vida pairava sobre mim como uma professora imoral, editando os meus pensamentos ordenados. Mas, com uma fé equivocada na inteligência, eu fui me arrastando. Li Smith, que ria da caridade e insistia em que o escárnio era a mais elevada forma de expressar-se, mas o próprio Smith afastou a caridade como perturbadora da luz. Li Jones, que acabou com o individualismo, e, vejam, Jones continuava no meu caminho. Eu não pensava, era um campo de batalha para as ideias de muitos homens. Eu era antes uma daquelas regiões desejáveis mas impotentes nas quais os grandes países avançam e recuam.

“Cheguei à maturidade com a impressão de que estava reunindo experiência para ordenar a minha vida no sentido da felicidade. Na realidade, realizei o feito incomum de resolver cada problema mentalmente antes que ele se apresentasse na vida real e de sofrer e desorientar-me do mesmo modo.

“Mas depois de algumas dessas provas, convenci-me de que havia provado o bastante. Ora!, disse, a experiência não vale a pena. Não é algo que ocorra agradavelmente com um “eu” passivo, é uma parede contra a qual um “eu” ativo se lança. Por isso, envolvi-me no que considerava meu ceticismo invulnerável e decidi que a minha educação estava completa. Mas era muito tarde. Por mais que me protegesse, não estabelecendo novos laços com a humanidade trágica e predestinada, eu estava perdido em relação ao

resto. Havia confundido a luta contra o amor e a luta contra a solidão, a luta contra a vida e a luta contra a morte.”

Fez uma pausa, para dar maior ênfase a essa última observação, e depois de um momento bocejou e continuou:

– Acho que o início da segunda fase da minha educação foi assinalado por uma terrível insatisfação em ser usado, contra a minha vontade, para uma finalidade inescrutável que me era desconhecida, se é que, na verdade, chegava a haver uma finalidade. A escolha era difícil. A professora parecia estar dizendo: “Vamos jogar futebol e apenas futebol. Se você não quer jogar futebol, não vai poder jogar nada.”

“O que me restava fazer? O tempo de jogo era tão curto!

“Senti que nos era negado até mesmo o consolo que poderia haver em ser a invenção de um homem que se ergue da posição de joelhos. Vocês acham que eu adotei esse pessimismo, aceitei-o como uma coisa superior que não me deprimisse mais do que, digamos, um dia cinzento de outono diante de uma lareira? Não, não fiz isso. Eu estava muito interessado e muito vivo.

“Pois parecia-me não haver um objetivo final para o homem. O homem iniciava uma luta grotesca e desorientada contra a natureza, que, pelo acidente divino e magnífico, fizera-nos evoluir a ponto de podermos esquecê-la. Inventara modos de livrar a raça dos inferiores e com isso deu aos que ficaram força para atender-lhe as intenções mais elevadas – ou, digamos, mais divertidas, embora ainda inconscientes e acidentais. E, impulsionados pelos altos dons do conhecimento, procuramos enganá-la. Nessa república, vi os pretos começarem a se misturar com os brancos. Na Europa estava ocorrendo uma catástrofe econômica para salvar três ou quatro raças mal governadas, doentes e miseráveis, do único domínio que poderia organizá-las para a prosperidade material.

“Produzimos um Cristo que pode fazer levantar o leproso, e atualmente a raça dos leprosos é o sal da Terra. Se alguém consegue ver nisso algum sentido, que se manifeste.”

– Há apenas uma lição a aprender com a vida, de qualquer modo – interrompeu Gloria, não para contradizer, mas para concordar de forma melancólica.

– Qual é? – indagou Maury.

– Que não há lição nenhuma a aprender com a vida.

Depois de um curto silêncio, Maury disse:

– A jovem Gloria, a dama bela e sem compaixão, viu primeiro o mundo com a sofisticação fundamental que luto para atingir, que Anthony jamais atingirá, que Dick jamais compreenderá plenamente.

Houve um grunhido aborrecido no barril. Anthony, já habituado ao escuro, pôde ver claramente faiscar o olho amarelo de Richard Caramel e a expressão de ressentimento em seu rosto ao dizer:

– Você é louco! De acordo com a sua declaração, eu já deveria ter adquirido alguma experiência por tentar.

– Tentar o quê? – gritou Maury, desafiador. – Tentar perscrutar as trevas do idealismo político com uma necessidade frenética e desesperada de encontrar a verdade? Passar dias e dias numa cadeira rígida, infinitamente isolado da vida, contemplando o alto de um morro através das árvores, tentando separar, clara e definitivamente, o cognoscível do incognoscível? Tentando agarrar um pedaço de realidade e dar-lhe um esplendor saído de sua própria alma para compensar aquela qualidade incomunicável que possuía na vida e que se perdeu ao ser passada ao papel ou à tela? Labutando num laboratório durante anos monótonos para conhecer um fragmento de verdade relativa na massa de volutas ou de um tubo de ensaios?...

– E você já tentou?

Maury parou e, ao responder, havia em seu tom um certo cansaço e uma certa amargura que pairaram um momento naqueles três espíritos antes de flutuar para o alto, como uma bolha, em direção à lua.

– Eu não – disse suavemente. – Nasci cansado, mas com a qualidade maternal, o dom de mulheres como Gloria; a isso, com toda a minha conversa e com toda a minha indagação, a minha espera em vão pela generalidade eterna que parece estar atrás de cada argumento e de cada especulação, a isso nada acrescentei.

A distância, um som profundo que se ouvira por alguns momentos identificou-se, pelo que parecia o lamento pungente de uma vaca gigantesca e pelo ponto luminoso de um farol, visível a quase um quilômetro. Era o trem a vapor dessa vez, rugindo e gemendo, e, ao passar com um lamento monstruoso, enviou uma cascata de fagulhas e faíscas sobre a plataforma.

– Nada! – De novo a voz de Maury descia como de uma grande altura. – Que coisa fraca é a inteligência, com seus passos curtos, suas indecisões, seu recuar e avançar, suas retiradas desastrosas! É um mero instrumento das circunstâncias. Há quem diga que deve ter construído o Universo... ora, a inteligência não construiu nem a máquina a vapor! As circunstâncias, sim. A inteligência é pouco mais do que um metro curto com o qual medimos as realizações infinitas das circunstâncias.

“Poderia citar-lhes a filosofia do momento, mas pelo que sabemos, os próximos cinquenta anos poderão ver uma modificação completa dessa abnegação que absorve os intelectuais de hoje, o triunfo de Cristo sobre Anatole France... – hesitou e acrescentou: – Mas tudo que eu sei, a tremenda importância de mim mesmo para mim e a necessidade de reconhecer tal importância, essas coisas que a sábia e adorável Gloria nasceu sabendo, essas coisas e a dolorosa futilidade de tentar conhecer qualquer outra coisa.

“Bem, eu comecei falando da minha educação, não foi? Mas eu nada aprendi, como veem, e até mesmo sobre mim pouco sei. Se tivesse aprendido, morreria com meus lábios fechados e a caneta no bolso, como fizeram os homens sábios desde... oh, desde a falência de uma certa questão... questão estranha, por sinal. Dizia respeito a alguns cétricos que se consideravam esclarecidos, como vocês e eu. Permitam-me que fale deles como uma prece noturna antes que vocês todos caiam no sono.

“Há muito tempo, todos os homens de pensamento e gênio da Terra adotaram a mesma crença, ou seja, crença alguma. Mas aborrecia-lhes pensar que poucos anos após a sua morte muitos cultos e sistemas lhes seriam atribuídos sobre os quais na realidade eles jamais meditaram e que nunca planejaram. Por isso, disseram-se uns aos outros: ‘Vamos nos unir e fazer um grande livro que dure para sempre para zombar da credulidade do homem. Vamos convencer os nossos poetas mais eróticos a escreverem sobre as delícias da carne e induzir alguns dos nossos jornalistas mais vigorosos a colaborarem, contando as histórias de amores famosos. Incluiremos todos os mexericos de velhas damas em voga. Escolheremos o satírico mais mordaz para compilar uma divindade de todas as divindades cultuadas pela humanidade e que será mais magnífica que qualquer uma dessas, e ainda assim tão francamente humana que se tornará motivo de riso em todo o mundo, e lhe atribuiremos toda sorte de histórias, de vaidades, de iras, nas quais se deixará arrastar para sua própria distração, de tal modo que os leitores do nosso livro refletirão sobre ele e não haverá mais insensatez no mundo. Finalmente, façamos com que o livro tenha todas as qualidades de estilo, para que possa durar para sempre, em testemunho do nosso ceticismo profundo e da nossa ironia universal.’

“Assim fizeram os homens e morreram. Mas o livro viveu para sempre, tão bem escrito fora e tão surpreendente era a qualidade de imaginação com

que foi dotado por aqueles homens de gênio. Esqueceram-se de lhe dar um nome, mas, depois de sua morte, ficou conhecido como a Bíblia.”

Quando acabou, não houve comentários. Uma depressão que pairava sonolenta no ar da noite parecia ter-se apossado de todos eles.

– Como disse, comecei com a história da minha educação. Mas a minha bebida acabou, e a noite está quase no fim, dentro em pouco haverá uma enorme agitação em toda parte, nas casas e nas árvores e nas duas pequenas lojas atrás da estação, e haverá um grande movimento pela terra durante algumas horas. Bem – concluiu com uma risada –, graças a Deus, nós quatro podemos passar ao nosso descanso eterno sabendo que tornamos o mundo um pouco melhor por termos vivido nele.

Soprou uma brisa, arrastando os leves indícios de vida que surgiam contra o céu.

– As suas observações se tornam irregulares e inconclusivas – disse Anthony, sonolento. – Você esperava um desses milagres da iluminação por meio dos quais diz as coisas mais brilhantes e mais densas exatamente no meio que provocaria o simpósio ideal. Enquanto isso, a Gloria revelou a sua previdente indiferença adormecendo, e posso dizer isso porque sinto todo o seu peso no meu corpo cansado.

– Eu os aborreci? – indagou Maury, olhando para baixo com alguma preocupação.

– Não, você nos decepcionou. Deu muitos tiros, mas não acertou nada, não foi?

– Deixo a caça para o Dick – disse Maury rápido. – Falo erratically, em fragmentos dissociados.

– Vocês não vão conseguir nada de mim. A minha cabeça está cheia de coisas materiais. Quero muito um banho quente para me preocupar com a

importância do meu trabalho ou com a proporção de figuras patéticas entre nós.

A aurora fez-se sentir na brancura que começou a aparecer a leste e no chilrear intermitente nas árvores próximas.

– Quinze para as cinco – suspirou Dick. – Ainda temos quase uma hora de espera. Veja! Dois já apagaram. – Apontou para Anthony, cujas pálpebras haviam desabado sobre os olhos. – O sono da família Patch...

Mas em cinco minutos, apesar dos ruídos que se avolumavam, sua cabeça caiu para a frente, duas, três vezes...

Apenas Maury continuou acordado, sentado no teto da estação, os olhos bem abertos e fixos, com intensidade fatigada, no núcleo distante da manhã. Pensava na irrealidade das ideias, no fulgor cada vez menos intenso da existência, nas pequenas absorções que penetravam avidamente sua vida, como ratos numa casa arruinada. Já não lamentava por ninguém agora; segunda-feira pela manhã haveria os negócios, mais tarde haveria uma moça de outra classe para quem ele era tudo na vida; eram essas as coisas mais próximas de seu coração. No ar estranho do dia que amanhecia, parecia-lhe presunção que, com o instrumento frágil e incompleto que era seu cérebro, tivesse tentado pensar.

Surgiu finalmente o sol, emanando massas brilhantes de calor; havia vida, ativa e agitada, movendo-se à volta deles como um enxame de moscas – os rolos escuros de fumaça da máquina, um grito enérgico de “embarquem todos” e o soar de uma campainha. Confuso, Maury viu olhos no trem de leite olhando curiosamente para ele, ouviu Gloria e Anthony numa discussão rápida sobre a ida dele à cidade junto com ela e outro clamor; ela partira, e os três homens, pálidos como fantasmas, estavam de pé na plataforma, e um carvoeiro imundo descia a estrada no alto de um caminhão, cantando roufenhamente na manhã de verão.

O alaúde quebrado

São sete e meia de uma noite de agosto. As janelas da sala de estar da casa cinzenta estão escancaradas, pacientemente trocando o ar interno viciado de álcool e fumaça pelo frescor do entardecer que custa a cair. Há traços de perfume floral pelo ar, tão fracos e frágeis como indícios de um verão já distante no tempo. Mas agosto ainda é proclamado pelos milhares de grilos em torno da varanda lateral, um dos quais se escondeu dentro de casa, atrás de uma estante de livros, fazendo soar de tempos em tempos sua inteligência e sua vontade indômita.

A sala está em desordem. Sobre a mesa há um prato com frutas que são reais mas parecem artificiais. Por toda a volta estão agrupados jarros e copos e amontoados cinzeiros, estes ainda soltando fumaça no ar pesado – faltando apenas uma caveira para dar ao conjunto o efeito daquele cromo respeitável pendurado outrora em todos os “lares”, que apresentava os elementos da vida de prazeres com um sentimento delicioso e inspirador de medo.

Depois de algum tempo, o solo do grilo dentro de casa é interrompido por um novo som – o lamento melancólico de uma flauta tocada por dedos incertos. É evidente que o músico está ensaiando, não executando, pois de tempos em tempos o som se interrompe e depois de um intervalo de murmúrios indistintos, recomeça.

Ao recomeçar pela sétima vez, um terceiro som contribui para a desarmonia. É um táxi lá fora. Mais um minuto de silêncio, de novo o táxi, e sua retirada barulhenta quase abafa o som de passos no cascalho. A campainha da porta soa alarmante por toda a casa.

Da cozinha vem um japonês pequeno e fatigado, abotoando apressadamente o paletó branco de criado. Abre a porta e deixa entrar um belo jovem de 30 anos, vestido com as roupas bem-intencionadas peculiares dos que servem à humanidade. Toda a sua personalidade emana um ar bem-intencionado: seu olhar pela sala é uma mistura de curiosidade e de otimismo determinado. Quando fixa os olhos em Tana, o desejo de salvar o oriental ímpio transparece em seus olhos. Seu nome é Frederick E. Paramore. Foi colega de Anthony em Harvard, onde, devido às iniciais de seus sobrenomes, ficavam sempre lado a lado nas aulas. Uma relação fragmentária estabeleceu-se entre os dois, mas desde então jamais se encontraram novamente.

Não obstante, Paramore entra na sala com um certo ar de quem chega para uma longa visita.

Tana está respondendo a uma pergunta.

TANA (*sorrindo cordialmente*): Foram jantar fora. Volta meia hora. Foram desde seis e meia.

PARAMORE (*vendo os copos na mesa*): Têm visitas?

TANA: Sim, visita. Caramel, e Sra. Barnes, Srta. Kane, todos aqui.

PARAMORE (*bondosamente*): Vejo que andaram molhando a garganta.

TANA: Não compreende.

PARAMORE: Andaram bebendo.

TANA: Sim, anda, bebendo. Oh, muito, muito, muito bebendo.

PARAMORE (*afastando delicadamente o assunto*): Não havia alguém tocando quando eu cheguei?

TANA (*com um sorriso espasmódico*): Sim, eu toca.

PARAMORE: Um instrumento japonês.

(Ele é, evidentemente, assinante da revista National Geographic.)

TANA: Eu toca flauta, flauta japonesa.

PARAMORE: Que estava tocando? Uma canção japonesa?

TANA (*com uma evidente contração de testa*): Toco canção do trem. Como diz? – Canção do trilho de trem? Assim diz no meu país. Como trem. Va-a-a-i. Quer diz apito. Trem sai. Aí, z-u-u-u. Quer dizer trem vai. Vai assim. Canção muita bonita em meu país. Canção criança.

PARAMORE: Parecia muito bonita.

(É evidente que a essa altura somente um esforço gigantesco de controle impede Tana de correr até seu quarto para buscar os postais, inclusive os seis feitos na América.)

TANA: Eu prepara dose para senhor?

PARAMORE: Não, obrigado, eu não bebo. (*Sorri*)

(Tana retira-se para a cozinha, deixando a porta semiaberta. De lá se ouve, subitamente, recomeçar a melodia da canção do trem japonesa – dessa vez, não um exercício, mas sem dúvida uma execução brilhante, acabada.

O telefone toca. Tana, absorvido em sua música, não dá atenção, e é Paramore quem atende.)

PARAMORE: Alô... Sim... Não está no momento, mas volta daqui a pouco...

Butterworth...? Alô, não entendi direito o nome... Alô, alô... Alô... Ora!

(O telefone recusa-se obstinadamente a emitir qualquer outro som.

PARAMORE *recoloca o fone no gancho.*

Nesse momento, recomeça o barulho do táxi, trazendo consigo um segundo jovem, que carrega uma mala e abre a porta sem tocar.)

MAURY (*na entrada*): Anthony! Ô de casa! (*Entra na sala e vê Paramore.*)
Como vai?

PARAMORE (*olhando-o intensamente*): Você não é... Maury Noble?

MAURY: Eu mesmo. (*Aproxima-se, sorrindo e estendendo a mão.*) Como vai, meu velho? Não o vejo há anos! (*Lembra-se vagamente da fisionomia, associando-a a Harvard, mas não se recorda do nome. Há muito o esqueceu, se é que chegou a sabê-lo. Paramore, com boa sensibilidade e benevolência igualmente louvável, percebe isso e esclarece a situação.*)

PARAMORE: Esqueceu-se de Fred Paramore? Frequentamos juntos as aulas de História do Tio Robert.

MAURY: Não, Rob..., quero dizer, Fred. Fred era... quero dizer, Robert era um grande camarada, hein?

PARAMORE (*balançando a cabeça várias vezes*): Grande camarada. Grande camarada.

MAURY (*depois de curta pausa*): É, era mesmo. Onde está o Anthony?

PARAMORE: O criado japonês me disse que eles saíram. Para jantar, acho.

MAURY (*olhando o relógio*): Saíram há muito tempo?

PARAMORE: Creio que sim. O japonês disse que voltam logo.

MAURY: Vamos tomar alguma coisa.

PARAMORE: Não, obrigado. Não bebo. (*Sorri.*)

MAURY: Com licença, então. (*Bocejando, enquanto se serve de uma garrafa.*)
O que tem feito desde que deixou a universidade?

PARAMORE: Oh, muita coisa. Tenho levado uma vida ativa. Andando de um lado para o outro, fazendo uma coisa e outra. (*Seu tom deixa supor qualquer coisa, da caça de leões ao crime organizado.*)

MAURY: Esteve na Europa?

PARAMORE: Não... infelizmente.

MAURY: Acho que todos nós acabaremos indo para a Europa, e não demora muito.

PARAMORE: Acha realmente?

MAURY: Claro! O país vem sendo alimentado de sensacionalismo há mais de dois anos. Todos estão ficando inquietos. Querem se divertir um pouco.

PARAMORE: Então você não acredita que certos ideais estejam em jogo?

MAURY: Nada de muito importante. O que todos querem é se divertir com frequência.

PARAMORE: É interessante ouvi-lo dizer isso. Eu conversei outro dia com uma pessoa que esteve na Europa...

(Durante o discurso que se seguiu, e que deixamos a cargo do leitor preencher com frases como “Viu com os próprios olhos”, “Esplêndido espírito da França” e “Salvação da civilização”, Maury permanece sentado, com as pálpebras baixas, entediado e desinteressado.)

MAURY *(na primeira oportunidade)*: Por falar nisso, você sabe que há um agente alemão nesta casa?

PARAMORE *(sorrindo cautelosamente)*: Está falando sério?

MAURY: Absolutamente. Considero meu dever prevenir você.

PARAMORE *(convencido)*: Uma governanta?

MAURY *(num sussurro, indicando a cozinha com o polegar)*: Tana! Seu verdadeiro nome não é esse. Sei que recebe cartas constantemente, endereçadas ao tenente Emile Tannenbaum.

PARAMORE *(rindo com amável tolerância)*: Você está brincando!

MAURY: Pode ser que eu o esteja acusando falsamente, mas você não me disse o que tem feito.

PARAMORE: Entre outras coisas, tenho escrito.

MAURY: Ficção?

PARAMORE: Não. Tenho escrito não ficção.

MAURY: O que é isso? Uma literatura feita metade de ficção e metade de realidade?

PARAMORE: Tenho me limitado à realidade. Venho fazendo assistência social.

MAURY: Ah!

(Um imediato brilho de suspeita lhe surge nos olhos. É como se Paramore tivesse acabado de anunciar que é um batedor de carteiras amador.)

PARAMORE: No momento, estou trabalhando em Stanford. Somente na semana passada soube que Anthony Patch estava morando tão perto.

(São interrompidos por um barulho lá fora, indubitavelmente pessoas dos dois sexos conversando e rindo. Em seguida, entram na sala, num grupo, Anthony, Gloria, Richard Caramel, Muriel Kane, Rachael Barnes e Rodman Barnes, seu marido. Envolvem Maury, respondendo illogicamente “Bem!” ao seu “Olá” geral... Anthony aproxima-se do outro hóspede.)

ANTHONY: Ora vejam, como você está? Que prazer vê-lo.

PARAMORE: É um prazer vê-lo, Anthony. Estou trabalhando em Stanford e dei um pulo até aqui para fazer uma visita. *(Com ar de brincadeira.)* Trabalhamos demais a maior parte do tempo e por isso temos direito a algumas horas de folga.

(Anthony tenta, numa verdadeira agonia, lembrar-se do nome. Depois de uma luta intensa, sua memória revela um fragmento, Fred, em torno do qual apressadamente constrói a frase: “Prazer em vê-lo, Fred!” Nesse momento, o silêncio que antecede uma apresentação envolve o grupo. Maury, que poderia ajudar, prefere ficar olhando e divertindo-se maliciosamente.)

ANTHONY *(desesperado)*: Senhoras e senhores, esse é... o Fred.

MURIEL: Como vai, Fred?

(Richard Caramel e Paramore cumprimentam-se com intimidade, pelos primeiros nomes, o último lembrando que Dick era um dos homens de sua turma que jamais se dera ao trabalho de conversar com ele antes. Dick imagina que Paramore é alguém que já encontrou antes na casa de Anthony.)

As três mulheres vão para os aposentos do andar superior.)

MAURY *(baixo, para Dick)*: Não vejo a Muriel desde o casamento do Anthony.

DICK: Ela está no auge. Sua última expressão é “Quem diria!”.

(Anthony luta durante algum tempo para se lembrar de Paramore e por fim tenta generalizar a conversa, perguntando a todos se querem beber alguma coisa.)

MAURY: Consumi bastante desta garrafa. Fui de *proof* até *distillery*. *(Mostra as palavras no rótulo.)*

ANTHONY *(para Paramore)*: É impossível dizer quando esses dois vão aparecer. Disse-lhes adeus uma tarde, às cinco, e me apareceram de novo às duas da manhã. Um carro de turismo, alugado, encostou à porta e dele desceram, bêbados como gambás.

(Paramore, numa atitude de deferência, olha a capa de um livro que tem na mão. Maury e Dick trocam um olhar.)

DICK *(inocentemente, a Paramore)*: Você trabalha aqui na cidade?

PARAMORE: Não, trabalho numa obra de assistência social em Stanford.

(Para Anthony.) Você não faz ideia da miséria que há nessas pequenas cidades de Connecticut. Italianos e outros imigrantes. Católicos, na maioria, por isso é muito difícil estabelecer contato com eles.

ANTHONY *(cortesmente)*: Muitos crimes?

PARAMORE: Não tanto quanto ignorância e sujeira.

MAURY: Essa é a minha teoria: eletrocutar imediatamente todos os pobres e ignorantes. Sou a favor dos criminosos, eles dão colorido à vida. O problema é que se fôssemos punir a ignorância, teríamos de começar pelas famílias mais importantes, depois os artistas de cinema e finalmente o Congresso e o clero.

PARAMORE (*sorrindo constrangido*): Eu estava falando da ignorância mais fundamental, até mesmo do nosso idioma.

MAURY (*pensativo*): Acho que deve ser penoso. Não podem nem mesmo ler a nova poesia.

PARAMORE: Somente depois de trabalhar alguns meses é que se percebe a gravidade da situação. Como o secretário da nossa organização me disse uma vez, somente depois de lavar as mãos conseguimos ver que as unhas estão sujas. Já conseguimos, porém, atrair bastante atenção para o problema.

MAURY (*asperamente*): Como o seu secretário diria, se jogamos papel no fogo, ele queima e produz brilho, mas apenas por um momento.

(Gloria entra, maquiada de novo e animada, seguida das duas amigas. Durante vários minutos a conversa se torna fragmentária. Gloria chama Anthony à parte.)

GLORIA: Por favor, não beba muito, Anthony.

ANTHONY: Por quê?

GLORIA: Porque você fica tão ingênuo quando fica bêbado.

ANTHONY: Meu Deus! Qual é o problema agora, Gloria?

GLORIA (*depois de uma pausa durante a qual seus olhos se fixam friamente nos dele*): Várias coisas. Em primeiro lugar, por que você insiste em pagar tudo? Esses dois homens têm mais dinheiro do que você.

ANTHONY: Ora, Gloria, são meus convidados!

GLORIA: Isso não é razão para você pagar uma garrafa de champanhe que Rachael Barnes quebrou. O Dick tentou pagar a segunda corrida do táxi, mas você não deixou.

ANTHONY: Ora, Gloria...

GLORIA: Quando temos de vender ações para pagar até mesmo as nossas contas, é tempo de você parar com essa generosidade excessiva. Além disso, eu não seria tão atencioso com Rachael Barnes. O marido dela não gosta nem um pouco disso, nem eu!

ANTHONY: Ora, Gloria...

GLORIA (*imitando-o asperamente*): “Ora, Gloria!” Mas isso vem acontecendo com demasiada frequência neste verão, com toda mulher bonita que você encontra. Passou a ser uma espécie de hábito, que eu não pretendo tolerar. Se você pode se divertir, eu também posso. (*E como se refletisse melhor.*) E esse tal de Fred não é um segundo Joe Hull, não?

ANTHONY: Por Deus, não. Provavelmente veio me pedir que arranque dinheiro do meu avô para as ovelhas do seu rebanho.

(*Gloria afasta-se de um Anthony muito deprimido e volta a seus hóspedes.*)

(*Às nove horas, eles podem ser divididos em dois grupos – os que beberam o tempo todo e os que pouco ou nada beberam. No segundo grupo estão os Barnes, Muriel e Frederick E. Paramore.*)

MURIEL: Gostaria de saber escrever. Tenho ideias, mas nunca consigo colocá-las em palavras.

DICK: Como disse Golias, ele compreendia os sentimentos de Davi, mas não sabia se expressar. A observação foi adotada imediatamente como lema pelos filisteus.

MURIEL: Não entendi. Devo estar ficando burra na minha velhice.

GLORIA (*dividindo-se entre os grupos como um anjo alegre*): Se alguém estiver com fome, há doces franceses na mesa da sala de jantar.

MAURY: Não tolero aqueles desenhos vitorianos nos quais ela vem.

MURIEL (*achando muita graça*): Quem diria, você está bêbado, Maury!

(Seu peito ainda é um chão que ela oferece aos cascos de muitos garanhões passantes, esperando que suas ferraduras possam provocar pelo menos uma fagulha de romance na escuridão...)

O Srs. Barnes e Paramore se ocupam de uma conversa salutar, tão salutar que o Sr. Barnes por vários momentos tenta voltar ao ar mais contaminado que paira no centro da sala. Se Paramore permanece na casa cinzenta por delicadeza ou curiosidade, a fim de colher material para algum futuro relatório sociológico sobre a decadência do modo de vida americano, é incerto.)

MAURY: Fred, creio que você tem um espírito muito aberto.

PARAMORE: É verdade.

MURIEL: Eu também. Acho que todas as religiões são iguais e tudo o mais.

PARAMORE: Há certo bem em todas as religiões.

MURIEL: Sou católica, mas como sempre digo, não sou praticante.

PARAMORE (*com uma tremenda dose de tolerância*): A religião católica é uma religião muito... muito poderosa.

MAURY: Ora, um homem de espírito aberto como você devia interessar-se pelas sensações e pelo estímulo de otimismo que há neste coquetel.

PARAMORE (*aceitando, desafiador, a bebida*): Obrigado, vou experimentar... um.

MAURY: Um! É um ultraje! Estamos aqui numa reunião da classe de 1910 e você se recusa a ficar pelo menos um pouco animado! Vamos!

(Maury começa a cantar uma canção de estudantes e a ele se junta Paramore, com uma voz forte.)

MAURY: Encha o copo, Frederick. Você sabe que tudo está subordinado aos propósitos que a natureza tem para nós, e quanto a você, o objetivo é transformá-lo num engraçadíssimo beberão.

PARAMORE: Se o sujeito sabe beber como um cavalheiro...

MAURY: E o que é um cavalheiro?

ANTHONY: O homem que não traz alfinetes na lapela.

MAURY: Tolice! A posição social de um homem é determinada pela quantidade de pão que ele come num sanduíche.

DICK: É o homem que prefere a primeira edição de um livro à última edição de um jornal.

RACHEL: Um homem que jamais dá a impressão de ser toxicômano.

MAURY: O americano que consegue enganar um mordomo inglês, levando-o a supor que ele também é um mordomo inglês.

MURIEL: O homem que vem de uma boa família, frequentou Yale, Harvard ou Princeton, tem dinheiro, dança bem e tudo o mais.

MAURY: Finalmente, a definição perfeita! O cardeal Newman perdeu todo o valor.

PARAMORE: Acho que devíamos encarar o assunto com mais largueza. Foi Abraham Lincoln quem disse que o cavalheiro é aquele que jamais causa sofrimento?

MAURY: A frase é atribuída, creio, ao general Ludendorff.

PARAMORE: Você certamente está brincando.

MAURY: Tome outro.

PARAMORE: Não devia. *(Abaixando a voz, para ser ouvido apenas por Maury.)* E se eu lhe dissesse que esse é o terceiro coquetel que bebo em toda a minha vida?

(Dick faz funcionar a vitrola, o que leva Muriel a levantar-se e começar a se balançar, com os cotovelos colados ao corpo, os

antebraços perpendiculares ao corpo, como nadadeiras.)

MURIEL: Vamos tirar os tapetes e dançar!

(A sugestão é recebida por Anthony e Gloria com resmungos interiores e pálidos sorrisos de aquiescência.)

MURIEL: Vamos, seus preguiçosos. Levantem-se e afastem os móveis.

DICK: Espere até eu terminar a minha bebida.

MAURY (*insistindo em sua intenção em relação a Paramore*): Vamos encher o copo, bebê-lo de uma vez e em seguida dançaremos.

(Uma onda de protestos se quebra contra a rocha da insistência de Maury.)

MURIEL: A minha cabeça está simplesmente rodando, agora.

RACHEL (*em voz baixa, para Anthony*): A Gloria disse para você se afastar de mim?

ANTHONY (*confuso*): Ora, certamente não. Claro que não.

(Rachael sorri para ele, inescrutável. Dois anos lhe deram uma espécie de beleza dura, bem-arrumada.)

MAURY (*levantando o copo*): à derrota da democracia e à queda do cristianismo.

MURIEL: Ora veja!

(Lança um zombeteiro olhar de censura a Maury e em seguida bebe. Todos bebem com variado grau de dificuldade.)

MURIEL: Limpem a sala!

(Parece inevitável que isso aconteça, e Anthony e Gloria participam da remoção de mesas, do empilhamento de cadeiras, do enrolamento de tapetes. Quando os móveis estão todos empilhados de qualquer maneira num canto, surge um espaço livre.)

MURIEL: Bem, agora a música!

MAURY: O Tana vai tocar uma canção de amor do especialista em olho, ouvido, nariz e garganta.

(Em meio a certa confusão, pelo fato de Tana já se ter recolhido, fazem-se preparativos para a exibição. O japonês, de pijamas, flauta na mão, é embrulhado em uma manta de lã e colocado numa cadeira no alto de uma das mesas, de onde faz um espetáculo cômico e grotesco. Paramore está evidentemente bêbado e tão fascinado pela ideia que exagera os efeitos, simulando cambalear e até mesmo arriscando um soluço eventual.)

PARAMORE (para Gloria): Quer dançar comigo?

GLORIA: Não! Vou fazer a dança do cisne. Sabe dançar isso?

PARAMORE: Claro, danço tudo.

GLORIA: Está bem. Você parte daquele lado da sala e eu saio deste.

MURIEL: Vamos!

(O tumulto continua se originando das garrafas: Tana mergulha nas névoas recônditas da canção do trem, cuja cadência melancólica se mistura com a música da vitrola. Muriel, num acesso de riso, agarra-se desesperadamente a Barnes, que, dançando com a rigidez de um oficial do Exército, percorre pesadamente e sem humor o pequeno espaço livre. Anthony procura ouvir o que Rachael lhe murmura, mas sem chamar a atenção de Gloria.)

Mas o grotesco, incrível e histriônico incidente está na iminência de acontecer, um desses incidentes por meio dos quais a vida parece imitar apaixonadamente as formas mais inferiores de literatura. Paramore procura competir com Gloria, e quando a agitação atinge o auge, começa a girar e girar, cada vez mais tonto, oscila, recupera-se, oscila novamente e cai na direção da entrada... quase nos braços do

velho Adam Patch, cuja chegada o pandemônio da sala tornou inaudível.

Adam Patch fica branco. Apoia-se numa bengala. O homem a seu lado é Edward Shuttleworth, e é ele quem agarra Paramore pelo ombro, desviando o curso de sua queda da direção do venerável filantropo.

O tempo necessário para que o silêncio desça sobre a sala, como um véu monstruoso, pode ser calculado em dois minutos, embora por alguns momentos a vitrola ainda continue e se ouçam as notas da canção do trem japonesa da flauta de Tana. Das nove pessoas presentes, somente Barnes, Paramore e Tana ignoram a identidade do recém-chegado. E dos nove, nenhum sabe que Adam Patch fez, naquela mesma manhã, uma doação de 50 mil dólares ao movimento de combate ao álcool.

É Paramore quem quebra o silêncio; o ponto mais alto da depravação em sua vida naquele momento se faz notar pela sua incrível observação.)

PARAMORE (*arrastando-se na direção da cozinha, firmando-se nas mãos e nos joelhos*): Não sou hóspede aqui, trabalho aqui.

(O silêncio volta a cair, tão profundo agora, tão cheio de um constrangimento intoleravelmente contagioso, que Rachael dá um risinho nervoso, e Dick põe-se a repetir um verso de Swinburne, grotescamente adequado à cena:

“Um pálido e desolado broto sem perfume”

Do silêncio vem a voz de Anthony, sóbrio e tenso, dizendo alguma coisa a Adam Patch; e então também ela morre, depois de um momento.)

SHUTTLEWORTH (*agitado*): Seu avô quis vir visitá-lo. Telefonei de Rye e deixei um recado.

(Uma série de pequenos suspiros, que parecem não vir de lugar nenhum, enche a pausa seguinte. Anthony está da cor de giz. Os lábios de Gloria estão entreabertos e seu olhar para o velho é tenso e medroso. Não há um único sorriso na sala. Não há? Ou a boca de Cross Patch parece tremer e abrir-se ligeiramente, expondo as fileiras de dentes pequenos e alinhados? Ele fala, cinco palavras suaves e simples.)

ADAM PATCH: Vamos voltar agora mesmo, Shuttleworth.

(É tudo. Volta-se, e ajudado pela bengala atravessa a saleta de entrada, a porta, e com uma imponência demoníaca seus passos incertos são ouvidos sobre o cascalho da entrada, sob o luar de agosto.)

Retrospecto

Estavam como dois peixes dourados num aquário que perdera toda a água: não conseguiam nem mesmo nadar para aproximar-se um do outro.

Gloria completaria 26 anos em maio. Não havia nada que desejasse, exceto ser jovem e bela por muito tempo, ser alegre e feliz e ter dinheiro e amor. Queria o que a maioria das mulheres quer, mas seu desejo era muito mais ardente e apaixonado. Estava casada havia mais de dois anos. A princípio haviam sido dias de entendimento sereno, elevando-se a um êxtase de posse e de orgulho. Alternaram-se com esses períodos ódios esporádicos, durante uma breve hora, e o perdão que não durava mais de uma tarde. Isso, durante meio ano.

E então a serenidade, o contentamento tornaram-se menos alegres, tornaram-se cinzentos – e muito raramente, com o estímulo do ciúme ou da separação forçada, os êxtases antigos voltavam, a aparente comunhão entre

almas, a excitação emocional. Podia odiar Anthony durante todo um dia, sentir-se indiferente por ele durante toda uma semana. As recriminações substituíam a afeição e se tornavam quase como uma diversão; havia noites em que se deitavam procurando lembrar quem estava irritado e quem deveria manter-se reservado na manhã seguinte. E ao passar o segundo ano, haviam surgido dois novos elementos. Gloria percebera que Anthony era capaz de total indiferença para com ela, uma indiferença temporária, mais do que semiletárgica, mas da qual já não podia arrancá-lo com uma palavra murmurada, com um certo sorriso íntimo. Havia dias em que suas carícias eram para ele sufocantes. Tinha consciência dessas coisas, embora jamais as admitisse totalmente para si mesma.

Só recentemente percebera que, apesar de sua adoração, de seus ciúmes, de sua servidão, de seu orgulho, fundamentalmente o desprezava – e esse desprezo se fundia, indistinguível, com suas outras emoções... Tudo isso formava seu amor: a ilusão vital e feminina que se voltara para ele numa noite de abril, muitos meses antes.

Para Anthony ela era, apesar de tudo, a única preocupação. Se a tivesse perdido, seria um homem derrotado, desgraçado e sentimentalmente absorvido na lembrança de Gloria pelo resto da vida. Raramente experimentava satisfação num dia passado totalmente a sós com ela – exceto em certos momentos, preferia ter uma terceira pessoa com eles. Havia ocasiões em que sentia que ia enlouquecer se não ficasse totalmente só, e umas poucas vezes em que sem dúvida a odiava. Quando bebia, era capaz de sentir-se, por breves instantes, atraído por outras mulheres, manifestações até então reprimidas de um temperamento experimental.

Naquela primavera, naquele verão, haviam imaginado a felicidade futura, como viajariam de terras ensolaradas a terras ensolaradas, voltando finalmente a uma casa deslumbrante, possivelmente com filhos idílicos,

ingressando em seguida na diplomacia ou na política, para realizar, durante algum tempo, coisas belas e importantes, até que finalmente, como um casal de cabelos grisalhos (belos e sedosos cabelos grisalhos), viveriam em serena glória, venerados pelos burgueses da terra... Esse período começaria “quando tivermos o nosso dinheiro”. Era nesses sonhos, e não em qualquer contentamento com a vida boêmia e cada vez mais irregular que levavam, que a esperança se baseava. Nas manhãs cinzentas, quando as pilhérias da noite anterior se reduziam a grosserias sem humor ou dignidade, podiam, de certo modo, voltar-se para essas esperanças comuns e reexaminá-las, depois sorrir e repetir, como a solução da questão, o nietzschianismo elegante e ao mesmo tempo sincero do “Não me importo!” desafiador de Gloria.

A situação se agravava perceptivelmente. Havia o problema de dinheiro, cada vez maior e mais sombrio; sabiam que a bebida se transformara numa necessidade prática de diversão, fenômeno não raro na aristocracia britânica de cem anos antes, mas alarmante numa civilização que era cada vez mais circunspecta e temperada. Além disso, ambos pareciam mais fracos de fibra, não pelo que faziam, mas pelas reações sutis em relação à civilização que os cercava. Nascera em Gloria algo que até então não lhe fora necessário, o esqueleto, incompleto mas inegável de algo que antes lhe parecera odioso: uma consciência. O momento em que admitiu isso para si mesma ocorreu simultaneamente com o lento declínio da sua coragem física.

Então, na manhã seguinte à inesperada visita de Adam Patch eles acordaram, nauseados e cansados, desanimados com a vida, capazes apenas de uma única emoção: o medo.

Pânico

– E agora? – Anthony sentou-se na cama e olhou para ela. Os cantos dos lábios estavam caídos com a depressão, sua voz era tensa e vazia.

Em resposta, ela levou a mão à boca e começou a morder o dedo.

– Está feito – ele disse, depois de uma pausa. E como Gloria continuasse calada, irritou-se. – Por que não diz alguma coisa?

– O que você quer que eu diga?

– No que está pensando?

– Em nada.

– Então, pare de morder o dedo!

Seguiu-se uma discussão confusa sobre se Gloria estava ou não pensando. Parecia essencial a Anthony que ela falasse sobre o desastre da noite anterior. Seu silêncio era uma forma de transferir para ele a responsabilidade. De sua parte, ela não via necessidade de falar; o momento exigia que morderse o dedo como uma criança nervosa.

– Tenho de consertar toda essa confusão com o meu avô – disse ele sem muita convicção. Havia um indício de respeito novo ao dizer “meu avô”, em vez de “vovô”.

– Você não vai conseguir – afirmou ela subitamente. – Jamais. Ele não vai perdoá-lo nunca.

– Talvez não – concordou Anthony em profunda depressão. – Mesmo assim... talvez eu possa me enquadrar, através de alguma regeneração ou algo assim...

– Ele parecia doente – interrompeu ela. – Pálido como farinha.

– Ele *está* doente. Eu disse isso há três meses.

– Quisera que ele tivesse morrido na semana passada! – exclamou Gloria com petulância. – Velho idiota!

Nenhum dos dois riu.

– Mas deixe eu dizer uma coisa – acrescentou ela depressa. – Na próxima vez que você agir com uma mulher como agiu na noite passada com Rachael Barnes, eu o deixo imediatamente! Não vou tolerar isso!

Anthony estremeceu.

– Ora, não seja absurda! – protestou. – Você sabe que não há no mundo nenhuma outra mulher para mim a não ser você; nenhuma, querida.

Seu esforço para dar uma entonação de ternura falhou miseravelmente: o perigo mais iminente saltou para o primeiro plano outra vez.

– Se eu for procurá-lo – sugeriu Anthony – e disser com citações bíblicas adequadas que trilhei durante muito tempo o caminho do mal e me arrependi na noite passada... – Interrompeu-se e olhou com ar estranho para a mulher. – O que ele faria?

– Não sei.

Ela estava imaginando se seus hóspedes teriam o tato de retirar-se imediatamente depois do café.

Durante uma semana Anthony reuniu coragem para ir a Tarrytown. A ideia era profundamente desagradável, e se ele estivesse sozinho seria incapaz de fazer a viagem, mas se sua vontade enfraquecera nos últimos três anos, também enfraquecera sua capacidade de resistir à pressão. Gloria o forçava a ir. Era bom esperar uma semana, dissera, pois isso daria tempo de serenar a violenta animosidade do avô. Mas esperar mais tempo seria um erro, daria à animosidade a possibilidade de se cristalizar.

Ele foi, nervoso... e em vão. Adam Patch não estava passando bem, disse Shuttleworth indignado. Havia instruções categóricas para não permitir visitas. Diante do olhar vingador do ex-“fabricante” de gim, Anthony encolheu-se. Tomou o táxi quase sorrateiramente, recobrando apenas um pouco do respeito próprio no trem, feliz por escapar, como um menino, para

os lugares maravilhosos do consolo que ainda surgiam e brilhavam na sua imaginação.

Gloria o recebeu com desdém em Marietta. Por que não forçara a entrada? Era isso que ela teria feito!

Juntos, escreveram uma carta para o velho e, depois de muitas revisões, a enviaram. Era metade um pedido de desculpas, metade uma explicação. Não tiveram resposta.

Chegou um dia em setembro, um dia dividido entre sol e chuva, um sol sem calor e uma chuva sem frescor. Nesse dia deixaram a casa cinzenta, que vira florescer seu amor. Quatro baús e três enormes caixotes foram empilhados no salão desmantelado, onde dois anos antes se haviam estendido languidamente, pensando em termos de sonhos, distantes, lânguidos, felizes. Os sons ecoavam na sala vazia. Gloria, de vestido marrom novo, debruado em peles, estava sentada em silêncio num dos baús, e Anthony caminhava nervosamente de um lado para o outro enquanto esperavam o caminhão que levaria suas coisas para a cidade.

– O que é isso? – indagou ela, apontando alguns livros empilhados num dos caixotes.

– A minha velha coleção de selos – confessou timidamente. – Esqueci de guardá-la.

– Anthony, é tolice levar isso.

– Bem, eu a examinei no dia em que deixamos o apartamento e resolvi guardá-la.

– Não podemos vendê-la? Já não temos bastante tralha?

– Sinto muito – disse humildemente.

Com um barulho trovejante, o caminhão encostou à porta, e Gloria sacudiu a mão fechada para as quatro paredes.

– Estou tão feliz de ir embora! – exclamou. – Oh, meu Deus, como odeio esta casa!

Assim, a bela e radiante dama foi para Nova York com o marido. No trem em que iam embora, brigaram; as palavras amargas que ela dizia tinham a frequência, a regularidade e a inevitabilidade das estações pelas quais passavam.

– Não fique zangada – pediu Anthony. – Afinal de contas, temos apenas um ao outro.

– Nem isso temos, a maior parte do tempo! – exclamou Gloria.

– Quando?

– Muitas vezes, a começar por aquela ocasião na plataforma da estação de Redgate.

– Você não está querendo dizer que...

– Não – interrompeu friamente –, não vou insistir nisso. Foi uma coisa que veio e passou, e quando passou, levou algo consigo.

Calou-se. Anthony permaneceu em silêncio, confuso, deprimido. As visões pardacentas das estações, Mamaroneck, Larchmont, Rye, Pelham Manor, sucediam-se com intervalos de áreas desoladas e inúteis, fingindo de campo, mas sem muita convicção. Ele se lembrou de como haviam partido certa manhã de Nova York em busca da felicidade. Talvez jamais tivessem esperado encontrá-la, e, não obstante, em si mesma a busca fora mais feliz do que tudo o que ele esperava dali em diante. Parecia que a vida devia ser uma série de apoios nos quais se firmar, pois do contrário seria um desastre. Não havia repouso, tranquilidade. Fora em vão seu desejo de deixar-se levar por seus impulsos e sonhos. Ninguém se deixava levar senão para as voragens, ninguém sonhava sem que seus sonhos se tornassem pesadelos fantásticos de indecisão e remorso.

Pelham! Haviam brigado em Pelham porque Gloria queria dirigir. E quando colocara o pé no acelerador o carro pulara, e suas cabeças haviam sido jogadas para trás como marionetes presas a um mesmo cordel.

O Bronx – casas ficando mais próximas agora e douradas ao sol que caía de um céu brilhante em ondas de luz pelas ruas. Nova York, pensou ele, era como estar em casa, a cidade de luxo e mistério, de esperanças disparatadas e sonhos exóticos. Ali nos arredores erguiam-se palácios absurdos ao poente frio, mantinham-se por um instante numa irrealidade gélida e desapareciam a distância, substituídos pela confusão do rio Harlem. O trem avançava para uma penumbra crescente por cima de meia centena de ruas movimentadas que ia deixando para trás no alto East Side, cada rua surgindo na janela do vagão como espaços entre os raios de uma roda gigantesca, cada qual com sua revelação colorida e vigorosa de crianças pobres em atividade febril, como animadas formigas em aleias de areia vermelha. Das janelas dos edifícios inclinavam-se mãos rotundas em forma de lua, como constelações naquele céu sórdido; mulheres que eram como imperfeitas joias escuras, como verduras, como enormes sacos de roupa abominavelmente suja.

– Eu gosto dessas ruas – comentou Anthony. – Sempre me pareceram uma cena montada para mim, como se um momento depois todos parassem de saltar e rir, e em vez disso ficassem muito tristes, lembrando-se da sua pobreza, e se retirassem de cabeça baixa para suas casas. No exterior isso é frequente, mas não aqui.

Lá embaixo, numa rua movimentada e alta, viu vários nomes judaicos numa fileira de lojas em cujas portas havia sempre um pequeno homem escuro observando os transeuntes com olhos vivos – olhos nos quais brilhavam a suspeita, o orgulho, a claridade, a ambição, o entendimento. Nova York, ele não conseguia dissociá-la, naquele momento, do crescimento lento daquela gente, as pequenas lojas aumentando, ampliando-se,

consolidando-se, fiscalizadas com olhos de um gavião e a atenção aos detalhes de uma abelha, surgiam de todos os lados. Era impressionante – e em perspectiva, era tremendo.

A voz de Gloria interrompeu-lhe as reflexões, numa observação estranhamente oportuna:

– Imagino por onde terá andado o Bloeckman este verão.

O apartamento

Depois das certezas da juventude, inicia-se um período de complexidade intensa e intolerável. Esse período é tão curto que passa quase despercebido. Os homens superiores se apegam por mais tempo, numa tentativa de preservar a beleza final de uma relação, de conservar as ideias “impráticas” de integridade. Ao se aproximar dos 30 anos, as coisas já se tornaram complicadas, mas o que até então fora iminente e causa de confusão se torna gradualmente remoto e obscuro. A rotina chega como o crepúsculo numa paisagem áspera, suavizando-se até torná-la tolerável. A complexidade é muito sutil, muito variada; os valores se modificam a cada lesão da vitalidade, e chegamos à conclusão de que nada podemos aprender com o passado que nos permita enfrentar o futuro – e por isso deixamos de ser impulsivos, convencíveis, interessados no que é eticamente verdadeiro, substituímos as normas de conduta pela ideia de integridade, colocamos a segurança acima do romance e nos tornamos, inconscientemente talvez, pragmáticos. Somente poucos se ocupam, persistentes, das nuances das relações, e mesmo estes apenas em determinadas horas especialmente reservadas para isso.

Anthony Patch deixara de interessar-se pela aventura mental, abandonara a curiosidade, tornando-se tendencioso e adotando

preconceitos, querendo manter a sua tranquilidade emocional. Essa modificação gradual ocorrera nos últimos anos, acelerada por uma série de preocupações que lhe pesavam no espírito. Acima de tudo estava a sensação de desperdício, sempre adormecida em seu coração e agora despertada pelas circunstâncias de sua posição. Nos momentos de insegurança, perseguiu-o a sugestão de que a vida podia, no final de tudo, ser destituída de sentido. Aos 20 anos, a convicção da futilidade de qualquer esforço, a sabedoria da abnegação foram confirmada pelas filosofias que admirara e por sua ligação com Maury Noble – e mais tarde com Gloria. Em certos momentos – pouco antes de conhecê-la, por exemplo, e quando seu avô lhe sugerira ser correspondente de guerra – o descontentamento quase o levava a um passo positivo.

Na véspera de sua partida de Marietta, da última vez, folheava descuidadamente as páginas do *Boletim dos Alunos de Harvard* e encontrara uma coluna na qual se informava o que haviam feito seus colegas de turma desde a formatura. A maioria dedicara-se aos negócios, é certo, e vários estavam convertendo os pagãos da China ou da América a um protestantismo nebuloso. Uns poucos, porém, estavam empenhados em trabalhos construtivos em funções que não eram sinecuras nem rotineiras. Calvin Boyd, por exemplo, recém-saído da faculdade de medicina, descobrira um novo tratamento para o tifo, embarcara para o exterior e estava aliviando um pouco os males que a civilização levava para a Sérvia; Eugene Bronson escrevia artigos para *A Nova Democracia* que revelavam ideias acima do oportunismo vulgar e da histeria popular; havia um homem chamado Daly que fora afastado de uma universidade por ensinar doutrinas marxistas aos alunos; na arte, na ciência, na política, via as personalidades autênticas de sua época emergirem – havia até mesmo Severance, um dos

jogadores de futebol, que abrisse mão de sua vida, pura e graciosamente, para servir à Legião Estrangeira em Aisne.

Fechara a revista e ficara pensando, por algum tempo, naqueles homens diferentes. Em sua fase de integridade, teria defendido sua atitude até o fim – como Epicuro em Nirvana, teria exclamado que lutar era acreditar, acreditar era limitar-se. Tornar-se crente porque a possibilidade da imortalidade o satisfazia parecia pior do que iniciar-se no comércio de couros, porque a intensidade da concorrência teria impedido que ele fosse infeliz. Mas no momento já não tinha esses escrúpulos delicados. Completaria 29 anos no outono e sentia-se inclinado a fechar o espírito a muitas coisas, a evitar aprofundar-se nos motivos e nas causas primeiras e, principalmente, a desejar com intensidade a segurança, tanto em relação ao mundo como em relação a si mesmo. Odiava estar só, e como já foi dito, com frequência temia ficar a sós com Gloria.

Devido ao abismo que a visita do avô abrisse a sua frente e a conseqüente reação à vida que vinha levando ultimamente, era inevitável que procurasse, na cidade subitamente hostil, os amigos e ambientes que outrora lhe haviam parecido os mais cordiais e seguros. Seu primeiro passo foi uma tentativa desesperada de reaver o antigo apartamento.

Na primavera de 1912 havia assinado um contrato de quatro anos, a 1.700 dólares por ano, com direito a renovação. O contrato se esgotara em maio. Inicialmente, ao alugar o apartamento, aqueles aposentos encerravam apenas uma potencialidade dificilmente perceptível, mas Anthony soubera vê-la e estipulara no contrato que ele e o proprietário gastariam, cada um, determinada importância em melhoramentos. Os aluguéis haviam subido naqueles quatro anos, e quando Anthony desistiu do direito de renovar o contrato, o proprietário, um certo Sr. Sohenberg, compreendeu que podia obter muito mais pelo que era, agora, um atraente apartamento. Por isso,

quando Anthony o procurou para tratar do assunto, em setembro, Sohenberg ofereceu um contrato de três anos a 2.500 dólares por ano. Anthony julgou a proposta ofensiva. Significava que bem mais de um terço da renda seria consumido pelo aluguel. Foi em vão que argumentou terem sido seu dinheiro e suas ideias sobre a divisão dos cômodos que tornaram o apartamento atraente.

Também em vão ofereceu 2 mil dólares – até mesmo 2.200, embora mal pudessem arcar com essa despesa: o Sr. Sohenberg foi inflexível. Dois outros cavalheiros, ao que parece, também desejavam o apartamento, que era exatamente o tipo mais procurado no momento, e seria mal negócio *dá-lo* ao Sr. Patch. Além disso, embora jamais tivesse mencionado o fato, vários outros inquilinos haviam reclamado do barulho no inverno anterior, pessoas cantando e dançando tarde da noite e outras coisas assim.

Com uma fúria, Anthony correu de volta para o Ritz para contar a Gloria sobre seu insucesso.

– Posso ver perfeitamente a cena – disse ela furiosa – durante a qual ele fez você de bobo!

– Mas o que eu poderia dizer?

– Poderia ter dito a ele o que ele é. Eu não toleraria isso. Nenhum outro homem no mundo teria tolerado isso. Você deixa que os outros o enganem, roubem e se aproveitem de você como se fosse um menino idiota! É absurdo!

– Pelo amor de Deus, não perca a cabeça!

– Está bem, Anthony, mas você é tão idiota!

– É possível. De qualquer modo, não podemos pagar por aquele apartamento, mas ele está mais dentro do nosso orçamento do que morar aqui no Ritz.

– Foi você quem insistiu em vir para cá.

- Porque sei que você seria infeliz num hotel barato.
 - É claro que seria!
 - De qualquer modo, temos de encontrar um lugar para morar.
 - Até quanto podemos pagar? – perguntou ela.
 - Bem, podemos pagar até mesmo o que ele me pediu, se vendermos outros títulos, mas concordamos a noite passada que enquanto eu não tiver um trabalho definitivo, nós...
 - Ora, eu sei. Perguntei quanto podemos pagar com a nossa renda.
 - Dizem que não se deve gastar mais de um quarto.
 - E quanto é um quarto?
 - Cento e cinquenta dólares por mês.
 - Você quer dizer que temos apenas 600 dólares de renda por mês? – Sua voz adquirira um tom mais brando.
 - É claro! – respondeu irritado. – Acha que gastamos mais de 12 mil dólares por ano sem reduzir o nosso capital?
 - Eu sabia que tínhamos vendido títulos, mas... gastamos tudo isso por ano? Como?
- Seu receio aumentava.
- Ah, vou examinar os registros cuidadosos que nós mantemos – ele observou, ironicamente, depois acrescentou: – Dois aluguéis a maior parte do tempo, roupas, viagens... ora, cada uma das primaveras na Califórnia custou cerca de 4 mil dólares. O diabo daquele carro foi uma despesa do princípio ao fim. E festas, distrações e, bem, uma coisa e outra.
- Estavam ambos agitados e excepcionalmente deprimidos. A situação, revelada assim a Gloria, parecia-lhe ainda pior do que ao descobri-la ele próprio.
- Você tem de ganhar algum dinheiro – disse ela de súbito.
 - Eu sei.

- E tem de fazer uma nova tentativa de ver o seu avô.
- Vou fazer.
- Quando?
- Quando nos instalarmos.

Isso ocorreu finalmente uma semana depois. Alugaram um pequeno apartamento na rua 57, de 150 dólares por mês. Tinha quarto, sala, copa-cozinha e banheiro, num edifício estreito, de pedras brancas, e embora os aposentos fossem muito pequenos para os melhores móveis de Anthony, eram limpos, novos e, de certa forma, atraentes. Bounds se alistara no exército inglês e seu lugar foi ocupado por uma enorme irlandesa, cujos serviços apenas toleravam e a quem Gloria abominava porque discutia os feitos de Sinn Fein enquanto servia o café. Mas haviam jurado que não contratariam mais japoneses, e criados ingleses eram, naquele momento, difíceis de conseguir. Como Bounds, a mulher preparava apenas o café. As outras refeições eram feitas em restaurantes e hotéis.

O que por fim levou Anthony apressadamente a Tarrytown foi a notícia, publicada em vários jornais de Nova York, de que Adam Patch, o multimilionário, o filantropo, o venerável homem de bem, estava seriamente doente e talvez não se recuperasse.

Os gatinhos

Anthony não pôde vê-lo. As instruções do médico eram de que as visitas estavam proibidas, disse Shuttleworth, que se ofereceu para transmitir qualquer recado que Anthony desejasse quando o estado de Adam Patch o permitisse. Mas seu tom confirmou a dedução melancólica de Anthony de que o neto pródigo seria particularmente indesejável ao pé do leito. Em determinado momento, lembrando-se das instruções positivas de Gloria,

Anthony fez um movimento como se fosse afastar o secretário, mas Shuttleworth, com um sorriso, abriu os ombros largos, e ele viu que seria inútil tentar qualquer coisa.

Miseravelmente intimidado, voltou para Nova York, onde marido e mulher passaram uma semana intranquilos. Certa noite ocorreu um pequeno incidente revelador da tensão a que seus nervos estavam submetidos.

Voltando para casa depois do jantar, Anthony viu um gato que se dirigia para suas aventuras noturnas.

– Sempre tenho vontade de dar pontapés nos gatos – disse Anthony sem pensar.

– Eu gosto deles.

– Certa vez, cedi a essa vontade.

– Quando?

– Há muitos anos. Antes de conhecer você. Uma noite entre os atos de uma peça. Era uma noite fria, como hoje, e eu estava um pouco bêbado, foi uma das primeiras vezes – acrescentou. – O pobre do gato procurava um lugar para dormir, acho, e eu estava de mau humor, por isso resolvi dar-lhe um pontapé.

– Oh, o pobrezinho! – exclamou Gloria, sinceramente comovida.

Inspirado pelo seu instinto de narrador, Anthony estendeu-se sobre o tema.

– Foi realmente uma maldade. O pobre animal olhou para mim como se esperasse que eu lhe fizesse festa, era apenas um gatinho... E antes que ele se desse conta levou um forte pontapé nos quartos...

– Oh!

O grito de Gloria era cheio de angústia.

– Era uma noite muito fria – continuou ele, perversamente, mantendo um tom de melancolia na voz. – Acho que o bichinho esperava ternura de alguém e recebeu apenas dor...

Interrompeu-se de súbito. Gloria estava soluçando. Haviam chegado em casa e quando entraram no apartamento ela se lançou no sofá, chorando como se tivesse sido atingida na própria alma.

– Oh, o pobrezinho – repetia, suspirando. – Pobrezinho! Tão frio!

– Gloria...

– Não chegue perto de mim! Por favor, não! Você matou o pobrezinho.

Comovido, Anthony ajoelhou-se ao lado dela.

– Querida, não é verdade. Eu inventei a história. Nada disso é verdade.

Mas ela não quis acreditar. Havia algo nos detalhes imaginados para descrever a cena que fez com que chorasse até dormir: chorava pelo gato, por Anthony, por ela, pela dor, pela amargura e pela crueldade de todo o mundo.

A morte de um moralista americano

O velho Adam morreu à meia-noite, no fim de novembro, tendo nos lábios o nome de Deus. Ele, que tantos elogios recebera, morreu lisonjeando a Abstração Onipotente cuja ira temia ter despertado nos momentos mais lascivos da juventude. Anunciou-se que conseguira uma espécie de armistício com a Divindade, cujos termos não foram divulgados, embora se acreditasse que incluíam alta soma em dinheiro. Todos os jornais publicaram sua biografia, dois deles publicaram editoriais sobre sua dignidade e sobre o papel que tivera no drama do industrialismo, com o qual crescera. Mencionavam as reformas que patrocinara e financiara. As

memórias de Comstock e Cato, o Censor, foram ressuscitadas e comparadas, como fantasmas, nas colunas dos jornais.

Todas as notícias assinalavam que deixara um único neto, Anthony Comstock Patch, de Nova York.

Foi enterrado no jazigo da família, em Tarrytown. Anthony e Gloria iam no primeiro carro, preocupados demais para se sentirem grotescos e tentando desesperadamente observar o presságio de fortuna no rosto dos que haviam permanecido ao lado do velho no final.

Esperaram uma semana, guardando as aparências, e como não tivessem recebido qualquer notificação, Anthony telefonou para o advogado do avô. O Sr. Brett não estava, era esperado de volta dentro de uma hora. Anthony deixou seu telefone.

Era o último dia de novembro, frio e com um sol sem brilho penetrando fracamente pelas janelas. Enquanto esperavam o telefonema, fingindo que liam, a atmosfera, tanto dentro da sala como do lado de fora, parecia impregnada de uma patética derrota. Depois de uma espera interminável, o telefone tocou, e Anthony, levantando-se apressadamente, pegou o fone.

– Alô... – sua voz era tensa. – Sim... Sim, deixei recado. Quem está falando, por favor?... Sim... Ora, é sobre a herança. Naturalmente, estou interessado e não recebi qualquer aviso sobre a leitura do testamento... Julguei que o senhor talvez não tivesse o meu endereço... O quê? Sim...

Gloria caiu de joelhos. Os intervalos entre as frases de Anthony eram como torniquetes apertando-lhe o coração. Começou a torcer, desesperada, os botões de uma almofada de veludo. E então:

– É... é muito estranho, muito estranho... Nem mesmo uma menção... ahn... de qualquer razão?

A voz dele parecia longe, apagada, distante. Ela soltou um pequeno som, meio suspiro e meio grito.

– Sim, entendo... Está bem, obrigado... obrigado...

Ele desligou o telefone. Os olhos dela, correndo pelo chão, viram os pés de Anthony cortarem o raio de sol sobre o tapete. Levantou-se e olhou-o com um olhar cinzento e direto, enquanto os braços dele a envolviam.

– Querida – murmurou, rouco –, ele nos deserdou. O Diabo que o carregue!

Dia seguinte

– Quem são os herdeiros? – indagou o Sr. Haight. – São tão poucas as informações de que dispõe...

O Sr. Haight era alto e encurvado. Fora recomendado a Anthony como um advogado esperto e tenaz.

– Sei apenas vagamente – respondeu Anthony. – Um homem chamado Shuttleworth, que era uma espécie de favorito, ficou encarregado de todos os bens, como administrador ou depositário, ou algo semelhante... de tudo, exceto das doações diretas a instituições de caridade e das doações a criados e a duas primas em Idaho.

– Primas próximas?

– Terceiro ou quarto graus. Nunca ouvi falar delas.

O Sr. Haight balançou a cabeça compreensivamente.

– E o senhor deseja contestar o testamento?

– Acho que sim – admitiu Anthony, desarvorado. – Quero fazer o que parecer melhor... e é sobre isso que desejo o seu conselho.

– Deseja impedir a homologação do testamento?

Anthony balançou a cabeça.

– Estou em suas mãos. Não sei o que é homologar um testamento. Desejo uma parte dos bens.

– Diga-me mais alguma coisa. Por exemplo, sabe por que foi deserdado?
– Acho... que sim. – começou Anthony. – Ele sempre foi partidário de reformas morais e tudo o mais.

– Eu sei – interrompeu o Sr. Haight secamente.

– ...e não creio que me tivesse em muito boa conta. Não ingressei nos negócios, mas tenho certeza de que até o verão passado eu era um dos beneficiários. Tínhamos uma casa em Marietta, e uma noite ele nos foi visitar de surpresa exatamente quando estávamos dando uma festa. Chegou, olhou, ele e esse Shuttleworth, e voltou na mesma hora para Tarrytown. Depois disso, não respondeu minhas cartas nem mesmo quis me receber.

– Era contra o álcool, não é verdade?

– Era tudo... tinha mania de religião.

– Quanto tempo antes da morte foi feito o testamento que o deserdou?

– Recentemente, ou seja, em agosto.

– E acredita que a razão direta de não ter deixado a maioria dos bens para o senhor foi o descontentamento pelos seus atos recentes?

– Sim.

O Sr. Haight refletiu. Sob que alegação desejava Anthony contestar o testamento?

– Não há alguma coisa sobre influência maléfica?

– Influência indevida é uma alegação, a mais difícil. Teríamos que provar a existência de uma pressão tamanha a ponto de levar o falecido a dispor de seus bens contrariamente às suas pretensões.

– Bem, suponhamos que esse Shuttleworth o tivesse arrastado a Marietta exatamente quando supunha que provavelmente havia uma festa?

– Isso nada teria com o caso. Há uma nítida divisão entre conselho e influência. Teríamos que provar a intenção sinistra do secretário. Sugiro outra alegação. O testamento é automaticamente rejeitado em caso de

loucura, embriaguez – nesse momento Anthony sorriu – ou incapacidade mental provocada pela velhice prematura.

– Mas seu médico, sendo um dos beneficiários, testemunhará que ele não estava mentalmente incapaz – objetou Anthony. E não estava. Na realidade, provavelmente fez o que pretendia com seu dinheiro. Essa atitude foi perfeitamente coerente com sua vida...

– Bem, veja o senhor, incapacidade mental é muito semelhante a influência indevida, significa que os bens não foram legados como era a intenção original. A alegação mais comum é constrangimento, pressão física.

Anthony balançou a cabeça.

– Não vejo muita possibilidade nesse sentido, infelizmente. A influência indevida me parece o melhor.

Depois de muita discussão, tão técnica que Anthony não entendeu bem a maior parte dela, contratou os serviços do advogado, que propôs uma conversa com Shuttleworth, que, juntamente com Wilson, Hiemer e Hardy, era executor do testamento. Anthony devia voltar mais para o fim da semana.

Soube-se que os bens eram avaliadas em aproximadamente 40 milhões de dólares. A maior doação individual era a feita a Edward Shuttleworth, de 1 milhão, além de 30 mil dólares por ano de salário como administrador do fundo de 30 milhões deixado para distribuição entre associações de caridade e de reforma, praticamente a juízo dele. Os 9 milhões restantes estavam distribuídos entre as duas primas de Idaho e 25 outros beneficiários: amigos, secretários, empregados e criados, que, numa ou noutra época, haviam merecido o selo de aprovação de Adam Patch.

Ao fim de duas semanas, o Sr. Haight, por 1.500 dólares, iniciou os preparativos para contestar o testamento.

O inverno da insatisfação

Antes que se completassem dois meses, o pequeno apartamento da rua 57 lhes parecia haver adquirido o mesmo ar indefinível mas quase material que impregnara a casa cinzenta em Marietta. Havia um permanente odor de tabaco, ambos fumavam sem parar; estava nas roupas, nos lençóis, nas cortinas, nos tapetes cheios de cinza. Além disso, havia uma aura de vinho azedo, com sua inevitável sugestão de beleza corrompida e sonhos lembrados com arrependimento. O cheiro era particularmente ativo num determinado conjunto de copos, e na sala principal a mesa de mogno estava cheia de círculos brancos, mostrando onde haviam sido colocados os copos. Eram muitas as festas – pessoas quebravam coisas, passavam mal no banheiro de Gloria, derramavam vinho, faziam uma sujeira incrível no pequeno apartamento.

Essas coisas eram parte regular de sua existência. Apesar das resoluções de muitas segundas-feiras, ficava tacitamente estabelecido, ao aproximar-se o fim de semana, que este transcorreria numa espécie de furor ímpio. No sábado, não falavam no assunto, mas telefonavam a um ou outro amigo do círculo de amigos suficientemente irresponsáveis e sugeriam um encontro. Somente depois que os amigos se reuniam e Anthony colocava as garrafas na mesa é que murmurava como por acaso: “Acho que eu também vou tomar um trago...”

Começavam então uma festa de dois dias, percebendo, numa madrugada fria, que haviam sido os membros mais barulhentos e mais em evidência do grupo mais barulhento e mais em evidência no Boul’ Mich’, ou no Club Ramée, ou em outros locais que não se preocupavam muito com o entusiasmo de sua clientela. Descobriam que haviam gastado 80 ou 90

dólares – como, jamais sabiam. Em geral, atribuíam isso à penúria dos “amigos” que os acompanhavam.

Começou a ocorrer que os mais sinceros de seus amigos os censurassem, em pleno curso das festas, e previssem para eles um fim sombrio, com a perda da beleza de Gloria e da saúde de Anthony. A história da festa interrompida em Marietta tinha, naturalmente, transpirado com detalhes. “Muriel não pretende dizer a todos que conhece, mas a toda pessoa a quem conta a história, o faz pensando ser a única”, disse Gloria a Anthony. O caso, diafanamente velado, passou a ter lugar de destaque nos mexericos da cidade. Quando os termos do testamento de Adam Patch foram conhecidos e os jornais divulgaram notícias sobre o processo iniciado por Anthony, a história circulou com mais intensidade, para seu grande descontentamento. Começaram a ouvir rumores sobre ambos, vindos de todos os lados, e habitualmente fundados numa suspeita da verdade mas sobrecarregados de detalhes absurdos e sinistros.

Externamente, não revelavam sinais de decadência. Aos 26, Gloria era a mesma dos 20: seu rosto ainda era uma moldura pura para os olhos cândidos, o cabelo ainda tinha um brilho infantil, de um dourado que se havia tornado mais escuro; o corpo esguio sugeria uma ninfa correndo e dançando em grutas órficas. Os olhos masculinos a seguiam fascinados quando atravessava o saguão de um hotel ou a entrada de um teatro. Os homens queriam conhecê-la, admiravam-na profundamente e se apaixonavam por ela – pois era ainda de uma beleza estranha e inacreditável. E Anthony havia melhorado de aspecto: o rosto adquirira um ar intangível de tragédia que contrastava romanticamente com sua pessoa, sempre elegante e imaculada.

No início do inverno, quando todas as conversas giravam em torno da possibilidade de a América participar da guerra, quando Anthony estava

fazendo um esforço sincero e desesperado para escrever, Muriel Kane chegou a Nova York e foi visitá-los imediatamente. Como Gloria, ela parecia não mudar nunca. Conhecia a última gíria, dançava as últimas danças, falava das últimas canções e peças com o mesmo entusiasmo de sua primeira temporada nova-iorquina. Sua faceirice era eternamente nova, eternamente ineficiente; as roupas eram ousadas e o cabelo estava agora cortado como o de Gloria.

– Vim para a temporada de inverno em New Haven – anunciou, revelando seu delicioso segredo. Embora fosse mais velha do que qualquer dos rapazes das universidades, conseguia sempre ser convidada, imaginando vagamente que na próxima festa haveria um namoro que terminasse no altar romântico.

– Por onde tem andado? – indagou Anthony, que sempre a achava divertida.

– Por Hot Springs. Estava agradável e animado, este outono: mais *homens*!

– Está apaixonada, Muriel?

– O que quer dizer, amor? – Era a frase na moda naquele ano. – Vou lhes dizer uma coisa – continuou, mudando repentinamente de assunto –, acho que não é de minha conta, mas acho que é tempo de vocês dois se acomodarem.

– Ora, mas nós estamos acomodados.

– Sim, estão! – disse com ironia. – Em toda parte que vou, ouço falar das suas aventuras. Passo maus pedaços defendendo vocês.

– Não precisa dar se ao trabalho – disse Gloria, friamente.

– Ora, Gloria, sou uma das suas melhores amigas – protestou ela.

Gloria silenciou. Muriel continuou:

– Não é pelo fato de uma mulher beber, mas a Gloria é tão bonita e tanta gente a conhece de vista que naturalmente fica em evidência.

– O que ouviu dizer de nós mais recentemente? – indagou Gloria, cedendo à curiosidade.

– Por exemplo, que aquela festa em Marietta *matou* o avô do Anthony. Imediatamente, marido e mulher ficaram tensos.

– Isso é uma infâmia.

– É o que dizem – insistiu Muriel, teimosa.

Anthony começou a andar.

– É absurdo! As próprias pessoas que convidamos para as festas saem contando a história como uma grande piada, até que finalmente ela nos volta dessa forma.

– Vocês deviam ter um filho.

Gloria olhou-a aborrecida.

– Não podemos.

– Todo mundo nos cortiços tem filhos – disse Muriel triunfante.

Anthony e Gloria trocaram um sorriso. Estavam numa fase de brigas violentas que nunca se acabavam, brigas que irrompiam a intervalos ou se esgotavam em simples indiferença – mas a visita de Muriel os uniu outra vez, momentaneamente. Quando a tensão em que viviam era comentada por uma terceira pessoa, isso lhes dava o ímpeto de enfrentar juntos o mundo hostil. Era raro agora que o impulso de aproximação viesse de dentro.

Anthony comparou sua vida com a do ascensorista da noite, um homem pálido e barbado, de cerca de 60 anos, com um ar de quem estava um pouco acima dessa situação. Provavelmente por isso havia conseguido o emprego; dava-lhe um ar patético e memorável de fracasso. Anthony lembrou-se, sem achar graça, de um trocadilho sobre a carreira de ascensorista, que é feita de subidas e descidas – de qualquer forma, era uma vida fechada e monótona.

Cada vez que entrava no elevador, esperava, ansioso, o velho dizer: “Bem, acho que vamos ter sol hoje.” E pensava que do sol ou da chuva ele pouco desfrutaria, encerrado naquela pequena jaula, no saguão cor de fumaça e sem janelas.

Figura apagada, ao deixar a vida que o desgastara daquela maneira, atingira o nível de tragédia. Três ladrões o atacaram uma noite, amarraram-no e deixaram-no sobre um monte de carvão no porão enquanto assaltavam o depósito de malas. Quando o zelador o encontrou, na manhã seguinte, ele havia desmaiado de frio. Morreu de pneumonia quatro dias depois.

Substituiu-o um negro da Martinica com um estranho sotaque britânico e a tendência de ser grosseiro, que Anthony detestava. A morte do velho teve sobre ele o mesmo efeito que a história do gato tivera sobre Gloria. Lembrou-lhe a crueldade da vida e, em consequência, a crescente amargura de sua existência.

Estava escrevendo – e a sério, por fim. Procurara Dick e ouvira, durante uma hora, explicações sobre detalhes que até então considerara com desprezo. Precisava de dinheiro imediatamente; estava vendendo títulos todos os meses para pagar as contas. Dick foi franco e explícito:

– Com artigos sobre assuntos literários nessas revistas obscuras, você não ganha o bastante para pagar o aluguel. É claro que, tendo o dom do humor, ou a oportunidade de escrever uma grande biografia, ou algum conhecimento especializado, é possível ganhar dinheiro. Mas para você a ficção é o único ramo. Você disse que precisa de dinheiro imediatamente?

– Exatamente.

– Bem, para ganhar alguma coisa com um romance, é necessário pelo menos um ano e meio. Tente escrever contos populares. E a menos que sejam excepcionalmente brilhantes, têm de ser róseos para dar dinheiro.

Anthony ficou pensando na produção mais recente de Dick, publicada por uma conhecida revista mensal. Tratava principalmente dos atos absurdos de uma classe de figuras tênues que, o autor assegurava, constituía a sociedade de Nova York, e se ocupava da pureza técnica da heroína, com tons pretensamente sociológicos sobre “a loucura dos quatrocentos metropolitanos” da sociedade nova-iorquina.

– Mas os seus contos... – disse Anthony, quase involuntariamente.

– Bem, isso é diferente. Eu tenho fama, compreende, e posso tratar de temas fortes.

Essa afirmação surpreendeu Anthony e levou-o a perceber quanto Richard Caramel havia decaído. Realmente julgava que suas últimas histórias tinham a mesma qualidade do primeiro romance?

Anthony voltou ao apartamento e começou a trabalhar. Verificou que ser otimista não era tarefa fácil. Depois de meia dúzia de tentativas, foi a uma biblioteca pública e durante uma semana investigou as revistas populares. Em seguida, mais bem orientado, completou o primeiro conto, “*O ditafone da sorte*”. Baseava-se numa das poucas impressões guardadas das seis semanas em Wall Street no ano anterior. Pretendia ser a história alegre de um mensageiro que, por acidente, cantarola uma melodia maravilhosa no ditafone. O cilindro é descoberto pelo irmão do patrão, conhecido produtor de comédias musicais, e, logo a seguir, perdido. A essência da história é a procura pelo cilindro perdido e o casamento, no fim, entre o nobre mensageiro (transformado em compositor de êxito) e a Srta. Rooney, a estenógrafa virtuosa, metade Joana d’Arc, metade Florence Nightingale.

Parecia-lhe ser isso que as revistas desejavam. Oferecia, nos seus protagonistas, as habituais figuras do mundo literário róseo-azulado, enquadrando-as numa história melosa que não poderia ofender nenhuma pudicícia em Marietta. Mandou datilografar o conto em espaço dois, como

aconselhava o folheto *Como ser um escritor de êxito*, de R. Meggs Widdlestien, que convencia o encanador da inutilidade do suor, pois com um curso em seis lições poderia ganhar pelo menos mil dólares por mês.

Depois de ler o trabalho para uma Gloria entediada e de arrancar dela a observação imemorial de que era “melhor do que muita coisa que se publica”, adotou ironicamente o pseudônimo de “Gilles de Sade”, juntou o envelope para resposta e mandou o conto.

Resolveu, depois daquele esforço gigantesco de concepção, esperar notícias da primeira história antes de iniciar outra. Dick dissera-lhe que poderia conseguir até 200 dólares. Se por acaso a história não servisse, a carta da revista sem dúvida lhe daria uma noção das modificações a fazer.

– É, com certeza, a coisa mais abominável que já se escreveu – disse Anthony.

Não é de surpreender que o diretor da revista tenha concordado com ele. Devolveu o original com um impresso comunicando que não servia. Anthony mandou-o para outra revista e iniciou uma nova história, a que deu o título de *As pequenas portas abertas*, e que foi escrita em três dias. Ocupava-se de ocultismo: um casal separado era de novo reunido pelo “médium” de um show.

Ao todo, concluiu seis contos, seis abomináveis e lamentáveis tentativas de “escrever” feitas por um homem que jamais se esforçara para escrever. Nenhum deles tinha qualquer vitalidade, e sua total falta de graça e êxito era inferior ao que se encontra habitualmente numa coluna de jornal. Durante sua circulação, obtiveram, ao todo, 31 notas de recusa, pedras tumulares dos embrulhos que, como cadáveres, encontrava jazendo a sua porta.

Em meados de janeiro morreu o pai de Gloria, e eles foram novamente a Kansas City – uma viagem miserável, pois Gloria lamentava interminavelmente não a morte do pai, mas a da mãe. Resolvidos os

negócios de Russel Gilbert, receberam cerca de 3 mil dólares e uma quantidade enorme de móveis que estavam armazenados, pois o velho passara seus últimos dias num pequeno hotel. Foi devido a sua morte que Anthony fez uma nova descoberta sobre Gloria. Na viagem, ela se revelou, surpreendentemente, bilfista.

– Ora, Gloria – disse ele –, você não está querendo me dizer que acredita nisso.

– Bem, e por que não? – respondeu, desafiadora.

– Porque é... é fantástico. Você sabe que, em todos os sentidos da palavra, é agnóstica. Ri de qualquer forma ortodoxa de cristianismo e vem me dizer que acredita numa ideia tola de reencarnação.

– E se eu acreditar? Ouvi você e o Maury, e todas as pessoas cujo intelecto merece algum respeito, dizerem que a vida, tal como a vemos, é totalmente destituída de sentido. Mas sempre me pareceu que, se estivermos inconscientemente aprendendo algo aqui, ela talvez não seja tão sem sentido assim.

– Você não está aprendendo nada, está apenas se cansando. E se precisa de fé para tornar as coisas mais fáceis, adote uma que fale à razão, e não apenas comova mulheres histéricas. Uma pessoa como você não deve aceitar nada que não seja razoavelmente demonstrável.

– Não me importa a verdade. Quero um pouco de felicidade.

– Bem, se você tem uma inteligência decente, a segunda é condicionada pela primeira. Qualquer alma simples pode enganar-se com o lixo mental.

– Não me importo – insistiu ela. – E, além do mais, não estou propondo nenhuma doutrina.

A discussão se encerrou, mas Anthony lembrou-se dela várias vezes depois. Era surpreendente encontrar aquela velha crença, evidentemente

assimilada com a mãe, revelando-se novamente, sob seu disfarce imemorial, como uma ideia inata.

Chegaram a Nova York em março, depois de uma dispendiosa e desaconselhável semana em Hot Springs, e Anthony retomou suas fracassadas tentativas de ficção. Como se tornou evidente para ambos que a solução não estava na literatura popular, houve um novo decréscimo em sua confiança mútua e em sua coragem. Ocorria entre eles, incessantemente, uma complicada luta. Todos os esforços para reduzir as despesas morriam de inércia, e em março estavam novamente aproveitando qualquer pretexto para uma “festa”. Numa atitude de indiferença, Gloria sugeriu que deviam reunir tudo o que possuíam e divertir-se intensamente enquanto durasse o dinheiro – qualquer coisa era melhor do que vê-lo desaparecer aos poucos.

– Gloria, você gosta tanto de festas quanto eu.

– Isso não importa. Tudo o que faço está de acordo com as minhas ideias: aproveitar todos os minutos desses anos em que sou jovem para divertir-me da melhor forma possível.

– E depois disso?

– Depois disso, não me importo.

– Se importa, sim.

– Bem, talvez. Mas nada posso fazer. E terei aproveitado o meu tempo.

– Você vai continuar sendo a mesma. E, de certo modo, nós aproveitamos o nosso tempo, fizemos o diabo e estamos pagando por isso.

Contudo, o dinheiro continuava desaparecendo. A dois dias de alegrias seguiam-se dois dias de remorsos – uma sucessão interminável, quase invariável. Os momentos de animação, quando ocorriam, resultavam numa onda de desejo de trabalhar para Anthony, enquanto Gloria, nervosa e entediada, ficava na cama ou mordida os dedos, com o pensamento ausente. Depois de um dia ou dois assim, marcavam uma reunião, e então – oh, o

que importava? Esta noite, este brilho, esta ausência de angústia e o sentimento de que, se à vida faltava sentido, ela era, de qualquer forma, essencialmente romântica. O álcool dava uma espécie de galantaria ao seu fracasso.

O processo caminhava lentamente, com interrogatórios intermináveis de testemunhas e levantamento de provas. As medidas preliminares sobre a disposição dos bens haviam terminado. O Sr. Haight não via razão para que o caso não fosse a julgamento antes do verão.

Bloeckman apareceu em Nova York em fins de março; estivera na Inglaterra durante quase um ano, tratando de assuntos ligados à Films Par Excellence. O processo de refinamento de sua personalidade continuava – vestia-se sempre um pouco melhor, sua entonação era mais suave e seus modos revelavam, perceptivelmente, mais segurança de que as coisas boas do mundo eram suas, por direito natural e inalienável. Visitou-os no apartamento; passou apenas uma hora, durante a qual falou principalmente da guerra, e despediu-se prometendo voltar. Na segunda visita, Anthony não estava em casa e, ao voltar, foi recebido por uma Gloria entusiasmada.

– Anthony, você ainda faz objeções a que eu trabalhe no cinema?

Todo o seu coração era contra a ideia. Quando ela parecia distanciar-se, mesmo que apenas potencialmente, sua presença se tornava mais do que preciosa, tornava-se uma necessidade desesperada.

– Oh, Gloria!

– O Blockhead disse que me arranja trabalho, mas tenho que começar agora. Só querem mulheres jovens. Pense no dinheiro, Anthony!

– Para você, sim. Mas e eu?

– Não acha que tudo o que tenho é seu também?

– Mas é uma carreira horrível! – explodiu ele, o Anthony moralista, o infinitamente circunspecto. – E que ambiente! E estou cansado das interferências desse Bloeckman. Detesto teatro.

– Não é teatro! É totalmente diferente.

– E o que eu vou fazer? Andar atrás de você por todo o país? Viver do seu dinheiro?

– Então, por que não ganha algum?

A conversa transformou-se numa das brigas mais violentas que tiveram. Depois da reconciliação subsequente e o inevitável período de inércia moral, ela compreendeu que Anthony tirara todo o brilho da ideia. Nenhum dos dois mencionou a possibilidade de que a oferta de Bloeckman não fosse desinteressada, mas ambos sabiam que essa era a principal razão da objeção de Anthony.

Em abril foi declarada guerra à Alemanha. Wilson e seu gabinete – que pela sua falta de distinção se parecia estranhamente com os 12 apóstolos – soltaram os cães da guerra, que cuidadosamente haviam deixado famintos, e a imprensa começou a atacar histericamente a moral sinistra, a filosofia sinistra e a música sinistra produzidas pelo temperamento germânico. Os que se consideravam particularmente esclarecidos estabeleciam distinções, afirmando que apenas o governo Alemão lhes provocava ódio; o resto do povo não distinguia nada. Qualquer canção que tivesse a palavra “mãe” e a palavra “*kaiser*” obtinha tremendo êxito. Por fim, todos tinham do que falar e se compraziam nisso, como se lhes houvessem sido atribuídos papéis numa peça sombria e romântica.

Anthony, Maury e Dick inscreveram-se como candidatos aos campos de treinamento de oficiais, e os dois últimos ficaram estranhamente nobres e irrepreensíveis. Conversavam como meninos, considerando a guerra a única desculpa, ou justificativa, da aristocracia e organizando impossíveis listas de

oficiais, constituídas principalmente dos alunos mais atraentes das três ou quatro principais universidades. Pareceu a Gloria que, sob essa luz vermelha imensa que brilhava em toda a nação, até Anthony adquiriu um novo encanto.

O Décimo de Infantaria, chegando a Nova York do Panamá, foi levado de bar em bar pelos cidadãos patrióticos, para sua grande surpresa. Os cadetes de West Point começaram a ser notados, depois de anos de ostracismo, e predominava a impressão geral de que tudo era glorioso, mas não tão glorioso quanto seria dentro em breve, e que todos eram bons, todas as raças, grandes – exceto os alemães –, e em todas as camadas da sociedade os párias e bodes expiatórios, se apareciam de uniforme, eram perdoados, aclamados e lamentados por parentes, ex-amigos e estranhos.

Infelizmente, um médico baixinho e minucioso decidiu que havia algo de errado com a pressão de Anthony e que não podia, em sã consciência, aprová-lo para o campo de treinamento de oficiais.

O alaúde quebrado

O terceiro aniversário de seu casamento passou, sem comemorações e despercebido. A estação foi se tornando mais quente, o verão se acentuou. Em julho, o testamento foi apresentado para homologação e, sendo contestado, levado a julgamento. A questão prolongou-se até setembro – houve dificuldade para reunir um júri imparcial, devido aos sentimentos morais em questão. Para decepção de Anthony, o veredito apresentado finalmente foi favorável à homologação, e o Sr. Haight apelou.

Enquanto o verão passava, Anthony e Gloria falavam das coisas que fariam quando o dinheiro fosse deles, dos lugares que visitariam depois da guerra, quando estariam novamente em harmonia, pois esperavam uma

época em que o amor, surgindo como a fênix das próprias cinzas, nascesse novamente de forma insondável e misteriosa.

Anthony foi sorteado no início do outono e o médico que o examinou nada disse da pressão baixa. Tudo estava triste e sem sentido quando Anthony disse a Gloria, certa noite, que desejava, acima de tudo, ser morto. E, como sempre, sentiram pena um do outro pelas coisas erradas feitas nos momentos inadequados.

Decidiram que ela não o acompanharia ao campo, no sul, onde seu contingente seria preparado. Ficaria em Nova York para “usar o apartamento”, economizar e acompanhar o processo – que estava agora pendente no Tribunal de Recursos, cujo calendário, segundo o Sr. Haight, estava muito atrasado.

Sua última conversa foi quase uma discussão sem sentido sobre a divisão da renda – e a uma palavra, qualquer um dos dois a teria dado, em sua totalidade, ao outro. Foi típico da confusão em que viviam o fato de, na noite de outubro em que Anthony se apresentou na Grand Central Station para seguir para o sul, ela ter chegado a tempo apenas de encontrar o ansioso olhar dele por cima das cabeças da multidão. Na semiobscuridade, seus olhares se cruzaram sobre uma área histórica, cheia de soluços e cheiro de mulheres pobres. Devem ter refletido sobre o que haviam feito e se considerado responsáveis pelo caminho sombrio que, trágica e obscuramente, estavam trilhando. E por fim estavam muito distantes para que um pudesse ver as lágrimas do outro.

Livro III

Uma questão de civilização

Obedecendo ao comando de uma força invisível, Anthony abriu caminho pelo interior do trem. Pensava que, pela primeira vez em mais de três anos, teria de ficar longe de Gloria mais de uma noite. Aquilo tinha uma aparência de fim que o deixava melancólico. Era sua adorável e pura mulher que ele estava deixando.

Parecia-lhe que haviam chegado a uma solução financeira bastante prática: ela ficaria com 375 dólares por mês – o que não era muito, pois metade seria consumida pelo aluguel – e ele com 50, para suplementar o soldo. Não precisava de mais: tinha roupa, cama e comida, e para um soldado raso não haveria obrigações sociais.

O vagão estava cheio e já tinha o ar pesado. Era do tipo conhecido como “turista”, uma espécie de Pullman inferior, sem tapete e com cadeiras de palhinha que precisavam de limpeza. Não obstante, Anthony o viu com alívio. Esperara vagamente que a viagem fosse feita em vagões de carga, tendo de um lado oito cavalos e do outro quarenta homens. Ouvira tantas vezes a história do “*hommes 40, chevaux 8*”, que ela se tornara confusa e agourenta.

Percorreu o carro com a mochila pendurada ao ombro, como uma monstruosa salsicha azul, e não encontrou lugares vazios, mas seus olhos acabaram identificando um espaço ocupado pelos pés de um siciliano baixo

e trigueiro, que, com o boné puxado sobre os olhos, recostava-se, desafiadoramente, no canto. Quando Anthony se deteve ao lado dele, ele olhou para cima com arrogância, pretendendo, evidentemente, amedrontar. Devia ter adotado essa atitude como uma defesa naquela situação. Anthony indagou secamente se “o lugar estava ocupado” e ele retirou lentamente os pés, como um embrulho frágil, colocando-os cuidadosamente no chão. Seus olhos continuaram fixos em Anthony, que se sentara e desabotoara o dólmã do uniforme recebido no dia anterior em Camp Upton e que o apertava debaixo dos braços.

Antes que Anthony pudesse examinar os ocupantes do vagão, um jovem segundo-tenente surgiu numa das extremidades do carro e foi anunciando, numa voz de inesperada rispidez:

– Ninguém pode fumar neste vagão. Proibido fumar. Não fumem neste vagão, soldados!

Quando ele desapareceu na outra extremidade, surgiram exclamações de todos os lados.

– Ora essa!

– Que coisa!

– Por que não fumar?

– Ei, venha cá, companheiro!

– Que negócio é esse?

Dois ou três cigarros foram lançados pelas janelas abertas. Outros foram conservados, embora às escondidas. Daqui e dali, em tom de bravata, de zombaria, de humor submisso, ouviram-se alguns comentários que dentro em pouco se fundiram no silêncio generalizado.

Um dos ocupantes do banco fronteiro ao de Anthony falou de repente:

– Adeus, liberdade. Adeus tudo, agora vamos ser cachorro de oficial – disse, com tristeza.

Anthony olhou para ele. Era um irlandês alto, com uma expressão de indiferença e de completo desdém. Seus olhos pousaram em Anthony, como se esperasse resposta, e em seguida sobre os outros. Recebendo apenas um olhar desafiador do italiano, resmungou e escarrou ruidosamente no chão, numa transição dignificante de volta à sisudez.

Poucos minutos depois, a porta abriu-se novamente e o segundo-tenente voltou, mas dessa vez com uma ordem diferente:

– Podem fumar, se quiserem! Houve um erro na ordem. Podem fumar!

Anthony olhou-o detidamente. Era jovem, magro e tinha um ar apagado. Assemelhava-se ao bigode que tinha e que era como um enorme pedaço de palha brilhante. Seu queixo muito curto era compensado por uma carranca severa, que Anthony veria no rosto de muitos oficiais jovens durante a guerra.

Imediatamente, todos se puseram a fumar, tivessem ou não vontade. O cigarro de Anthony contribuiu para as nuvens de fumaça que pareciam ir e vir com o movimento do trem. A conversa, que decrescera entre as duas visitas do jovem oficial, reanimou-se. Os homens começaram a fazer experiências tímidas com o relativo conforto que as poltronas de palhinha poderiam proporcionar, duas partidas de cartas foram iniciadas, atraindo logo vários observadores, sentados no braço das cadeiras. Anthony começou a perceber um som persistente – o siciliano baixo e provocador adormecera ruidosamente. Era desalentador contemplar aquele protoplasma animado, fechado num vagão por uma civilização incompreensível, para ir fazer algo vago, sem objetivo, significado ou consequência. Anthony suspirou, abriu um jornal que não se lembrava de ter comprado e começou a ler à fraca luz amarela.

As horas transcorreram cada vez mais lentas, as dez se transformando em onze de forma sufocante. O trem parava, surpreendentemente, em pleno

campo de quando em vez, e realizava uma série de movimentos rápidos, para a frente e para trás, apitando com gritos agudos na noite de outubro. Depois de ler o jornal – editoriais, histórias em quadrinhos, poemas de guerra – seus olhos descobriram uma meia coluna, sob o título *Shakespeareville, Kansas*. Nela se informava que a Câmara de Comércio de Shakespeareville realizara recentemente entusiástica discussão sobre se os soldados americanos deviam ser chamados de “*sammies*” ou de “guerreiros cristãos”. Aquilo provocou-lhe náuseas. Soltou o jornal, bocejou e deixou o pensamento vagar solto. Ficou imaginando por que Gloria havia se atrasado. Parecia-lhe que tanto tempo já se passara – sentiu uma pontada de solidão. Procurou ver de que ângulo ela consideraria sua nova posição, que papel continuaria a desempenhar ele em seus pensamentos. Ficou ainda mais deprimido; reabriu o jornal e começou a ler de novo.

Os membros da Câmara de Comércio de Shakespeareville haviam resolvido chamar aos soldados de “rapazes da liberdade”.

Durante duas noites e dois dias viajaram para o sul, fazendo paradas misteriosas e inexplicáveis no que pareciam áreas inteiramente desertas e atravessando cidades em grande velocidade, com um ar pomposo de pressa. As estranhezas desse trem faziam Anthony prever as estranhezas de toda a administração militar.

Nas paradas, serviam-lhes feijão com bacon, preparado no vagão de carga, que a princípio ele não conseguiu comer; jantou apenas um chocolate ao leite distribuído numa cantina de aldeia. No segundo dia, porém, a refeição do vagão de carga começou a parecer surpreendentemente comível. Na terceira manhã, correu a notícia de que dentro de uma hora chegariam ao seu destino: Campo Hooker.

O calor tornou-se insuportável no vagão, e os soldados estavam todos em mangas de camisa. O sol penetrava pelas janelas, um sol cansado e velho,

amarelado e deformado pela passagem do trem. Procurava penetrar em quadrados triunfais, e produzia apenas manchas deformadas – mas insistia, e de tal forma que Anthony se espantava de não ser o sol o eixo de todos aqueles moinhos, árvores e postes que giravam à volta com tal rapidez. Lá fora, o sol dominava as estradas sombreadas e os campos de algodão, atrás dos quais uma linha de bosques era, por vezes, interrompida pela rocha cinzenta. Ao fundo, surgiam esparsas casas rústicas e miseráveis, e entre elas aparecia, vez por outra, uma amostra de camponês lento, da Carolina do Sul, ou um negro andando com olhos arregalados e espantados.

Os bosques foram se afastando e eles penetraram num amplo espaço, semelhante ao alto de um bolo gigantesco, adornado de uma infinidade de tendas em disposição geométrica. O trem pareceu indeciso, parou, e o sol e os postes e as árvores desapareceram, e seu universo voltou lentamente ao habitual, com Anthony Patch no centro. E quando os homens, cansados e suados, se amontoaram fora do trem, sentiu o cheiro inesquecível que impregna todos os campos permanentes: o odor de detritos.

O Campo Hooker era um conjunto surpreendente e espetacular, sugerindo “Uma cidade de mineração em 1870 – segunda semana”. Era formado de barracos de madeira e tendas branco-acinzentadas, ligadas por vários caminhos de terra ladeados de árvores. Aqui e ali, viam-se casas verdes da Associação Cristã de Moços, oásis não muito promissores, com seu odor pesado de flanela molhada e cabines telefônicas. Ao lado oposto de cada uma dessas casas, havia habitualmente uma cantina, cheia de vida, vigiada indolentemente por um oficial que, com a ajuda de um *side-car*, fazia de sua tarefa uma sinecura agradável.

Pelos caminhos poeirentos iam e vinham, também em *side-cars*, soldados da intendência. Os generais passavam nos automóveis oficiais, parando vez ou outra para chamar a atenção sobre detalhes, franzindo a testa para os

capitães que marchavam à frente das companhias para dar àquele jogo um ritmo solene de demonstração que se observava em toda a área.

A primeira semana de Anthony no campo foi tomada por uma série interminável de injeções e exames médicos e pelo treinamento preliminar. Os dias o deixavam desesperadamente cansado. Havia recebido sapatos com número errado, dados por um sargento-intendente popular e bonachão, e em consequência seus pés ficavam tão apertados que as últimas horas da tarde constituíam uma tortura aguda. Pela primeira vez na vida, podia atirar-se em sua maca entre os exercícios da tarde e o jantar e, sentindo-se afundar cada instante mais profundamente numa cama sem fundo, adormeceu imediatamente, enquanto os risos e o barulho a sua volta desapareciam num murmúrio agradável de sonolento som de verão. Pela manhã, acordava sentindo dores, entorpecido, vazio como um fantasma e corria a encontrar-se com as outras figuras fantasmagóricas que enxameavam pelas alamedas ainda escuras do acampamento.

Estava numa companhia de infantaria com cerca de cem homens. Depois da inevitável primeira refeição com bacon gorduroso, torrada fria e cereal, todos os cem homens corriam para as latrinas, que por mais que fossem limpas pareciam sempre intoleráveis, como os banheiros dos hotéis. No campo de exercícios, em filas imperfeitas – o soldado à esquerda imitando grotescamente o esforço de Anthony para manter o passo, os sargentos gritando violentamente para impressionar oficiais e recrutas, ou marchando silenciosamente junto dos soldados, evitando trabalho e visibilidade desnecessários.

Ao chegarem ao campo, os exercícios começavam imediatamente – tiravam as camisas para a ginástica. Era a única hora do dia agradável para Anthony. O tenente Kretching, que comandava os exercícios, era musculoso, e Anthony seguia-lhe fielmente os movimentos, com a sensação de estar

fazendo algo de valor positivo para si mesmo. Os outros oficiais e sargentos passavam pelos soldados com a malícia de escolares, reunindo-se à volta de algum infeliz que não tinha controle muscular e dando-lhe instruções e ordens confusas. Quando descobriam algum soldado particularmente inábil ou mal alimentado, divertiam-se toda uma meia hora com observações contundentes e rindo entre si.

Um oficial de pequena estatura, de nome Hopkins, que fora sargento no exército regular, era particularmente exigente. Considerava a guerra uma oportunidade de vingança que os deuses lhe haviam proporcionado, e o tema constante de suas arengas era o de que os recrutas não compreendiam integralmente a gravidade e responsabilidade “do serviço”. Julgava ter chegado à sua atual magnificência por meio de uma combinação de previsão e eficiência incansável. Imitava os processos tirânicos de todos os oficiais sob os quais servira no passado. Seu cenho estava permanentemente carregado, e antes de dar ao recruta licença para ir à cidade, pesava cuidadosamente o efeito de sua ausência na companhia, no exército e na situação da profissão militar em todo o mundo.

O tenente Kretching, louro, insípido e fleumático, mostrou a Anthony os problemas de sentido!, *direita volver, esquerda volver e descansar*. Seu principal defeito era o esquecimento. Com frequência, mantinha a companhia de sentido durante cinco minutos, enquanto permanecia de pé, à sua frente, explicando um movimento novo – e o resultado era que somente os homens do centro compreendiam de que se tratava, pois os soldados colocados em ambos os flancos haviam recebido, enfaticamente, a ordem de manter o olhar fixo à frente.

Os exercícios continuavam até o meio-dia. Consistiam na insistência numa sucessão de detalhes infinitamente remotos, e embora Anthony percebesse que isso estava de acordo com a lógica da guerra, nem por isso

deixava de irritar-se. A mesma deficiência de pressão sanguínea que seria inconveniente num oficial não prejudicava os deveres de um recruta, contradição evidente. Por vezes, depois de ouvir uma prolongada arenga sobre um assunto monótono e absurdo, conhecido como “cortesia” militar, suspeitava de que o propósito recôndito da guerra era permitir que os oficiais regulares do exército – homens com mentalidade de ginásianos – se divertissem com uma carnificina real. Ele estava sendo grotescamente sacrificado em nome dos 20 anos de paciência de um Hopkins!

De seus três companheiros de tenda – um homem do Tennessee que tinha objeções morais em relação à guerra, um polonês grande e amedrontado e o celta desdenhoso que se sentara a seu lado no trem –, os dois primeiros passavam as noites escrevendo cartas intermináveis para casa, enquanto o irlandês sentava-se à entrada da tenda, assobiando sempre uma meia dúzia de cantos de pássaros. Era antes para evitar a companhia deles do que com a esperança de divertir-se que Anthony, cessada a quarentena, ia à cidade no fim de semana. Tomava um dos muitos pequenos ônibus que enchiam o campo à noite e em meia hora descia em frente ao Hotel Stonewall, na quente e sonolenta rua principal.

No crepúsculo que baixava, a cidade tornava-se inesperadamente atraente. As calçadas ficavam cheias de moças de roupas coloridas e muita pintura, que conversavam em vozes graves e preguiçosas; de dezenas de motoristas de táxis, que abordavam os oficiais dizendo “Levo a qualquer lugar, tenente”; e de uma procissão intermitente de negros andrajosos e subservientes. Anthony, vagando pelo entardecer cálido, sentiu, pela primeira vez nos últimos anos, a lenta e erótica aragem do Sul, pairando na suavidade quente do ar, no embalar do pensamento e do tempo.

Havia caminhado um quarteirão quando foi detido, de súbito, por uma observação áspera.

– Não lhe ensinaram a bater continência para os superiores?

Voltou-se apalermado para o homem que lhe dirigira a palavra, um capitão forte, de cabelos pretos, que o olhava fixamente, com uma expressão ameaçadora nos olhos saltados.

– *Sentido!* – a palavra foi literalmente trovejada. Pessoas que passavam pararam e olharam. Uma jovem de olhos suaves e vestido lilás deu um risinho para a companheira.

Anthony ficou em posição de sentido.

– Qual é o seu regimento e a sua companhia?

Anthony disse-lhe.

– Daqui em diante, quando passar por um oficial na rua, bata continência!

– Está bem.

– Diga “sim, senhor”.

– Sim, senhor.

O oficial resmungou, voltou-se bruscamente e seguiu pela rua. Depois de um instante, Anthony continuou a andar. A cidade já não era indolente e exótica, a magia desaparecera subitamente do entardecer. Seus pensamentos se voltaram, precipitados, para a indignidade de sua posição. Odiava aquele oficial, todos os oficiais – a vida era insuportável.

Depois de caminhar meio quarteirão, percebeu que a moça de vestido lilás que se divertira com sua desgraça andava a frente dele com a amiga. Por várias vezes se voltara e olhara para Anthony, com olhos risonhos que pareciam da mesma cor do vestido.

Na esquina, ela e a companheira reduziram visivelmente o passo; tinha de escolher entre abordá-las ou passar sem olhar. Passou, hesitou, reduziu o passo e num momento as duas estavam novamente à sua frente, agora rindo abertamente – não o riso estridente que seria de se esperar no Norte de

atrizes dessa comédia familiar, mas um riso baixo e suave, como se provocado por uma anedota sutil que ele inadvertidamente não tivesse compreendido.

– Como vai? – perguntou.

Os olhos dela eram doces como sombras. Seriam violeta, ou seria o azul-escuro deles que se misturava às sombras do anoitecer?

– Noite agradável – aventurou-se Anthony, inseguro.

– É mesmo – disse a outra moça.

– Não deve ter sido muito agradável para você – suspirou a jovem de lilás. Sua voz parecia parte da noite, tanto quanto a brisa que mexia com a aba de seu chapéu.

– Ele queria se mostrar – disse Anthony com um riso de desprezo.

– Acho que sim – concordou ela.

Dobraram a esquina e caminharam, incertos, por uma rua lateral, como se seguissem um fio oscilante ao qual estivessem atados. Naquela cidade, parecia natural dobrar esquinas assim, parecia natural andar sem destino, sem pensar em nada... Na rua lateral, escura, havia sebes de rosas selvagens e pequenas casas silenciosas no centro dos terrenos, longe da rua.

– Aonde vocês estão indo? – indagou, cortesmente.

– Estamos passeando.

A resposta era uma desculpa, uma pergunta, uma explicação.

– Posso ir com vocês?

– Acho que sim.

Era uma vantagem que o sotaque dela fosse diferente. Não se podia determinar a posição social de um sulista pela fala – em Nova York, uma moça de classe inferior teria uma voz estridente, insuportável –, exceto sob os óculos róseos da embriaguez.

A noite descia. Falando pouco – Anthony fazia perguntas descuidadas, ocasionais, as duas mantinham a economia provinciana de palavras –, passaram uma esquina e mais outra. No meio de uma quadra, pararam sob a luz de um poste.

– Eu moro aqui perto – explicou a outra moça.

– Eu também – disse a moça de lilás.

– Posso levá-la em casa?

– Até a esquina, se quiser.

A outra moça recuou alguns passos. Anthony tirou o chapéu.

– Você deve bater continência – disse a moça de lilás com um riso. – Todos os soldados batem continência.

– Vou aprender – disse ele.

A outra moça disse:

– Bem... – Hesitou e acrescentou: – Telefone-me amanhã, Dot. – E afastou-se do círculo amarelo da luz da lâmpada. Em silêncio, Anthony e a moça de lilás caminharam três quadras até a pequena casa onde ela morava. Junto do portão de madeira, ela hesitou.

– Bem... obrigada.

– Você precisa ir tão cedo?

– Preciso.

– Não pode dar mais uma volta?

Ela o olhou sem interesse.

– Eu nem o conheço.

Anthony riu.

– Não é muito tarde.

– Acho melhor eu entrar.

– Pensei que talvez pudéssemos ir ao cinema.

– Eu gostaria.

– E eu poderia trazê-la de volta depois. Tenho tempo bastante, só preciso voltar para o campo às onze.

Estava escuro e ele quase não podia vê-la. Ela era um vestido levemente agitado pelo vento, dois olhos límpidos e animados.

– Por que não vem, Dot? Não gosta de cinema? Vamos.

Ela balançou a cabeça.

– É melhor não.

Anthony gostou, compreendendo que ganhava tempo para produzir um efeito nele. Aproximou-se e pegou-lhe a mão.

– Se voltarmos às dez horas você não pode? Iremos só ao cinema.

– Bem, acho que sim.

De mãos dadas, voltaram ao centro da cidade por uma rua escura onde um jornaleiro apregoava uma edição extra como se entoasse uma canção, segundo o costume dos vendedores ambulantes locais.

Dot

O caso de Anthony com Dorothy Raycroft foi o resultado inevitável de sua crescente indiferença para consigo mesmo. Não se aproximou dela desejando possuir o desejável, nem sucumbiu diante de uma personalidade mais vital, mais forte do que a sua, como ocorrera com Gloria quatro anos antes. Deixou-se levar apenas pela sua incapacidade de juízos definitivos. Não sabia dizer “não” nem a homens nem a mulheres: o tomador de empréstimos e a mulher sedutora o encontravam sempre desarmado. Na verdade, raramente tomava decisões e, quando isso ocorria, eram apenas resoluções semi-histéricas feitas no pânico de alguma fraqueza irreparável.

A fraqueza particular que o venceu daquela vez foi a necessidade de diversão e estímulo vindos de fora. Sentia que pela primeira vez em quatro

anos podia expressar-se e interpretar-se de novo. A moça prometia repouso, e as horas que passava em sua companhia, toda noite, minoravam as pressões mórbidas e inevitavelmente inúteis de sua imaginação. Tornara-se totalmente covarde – totalmente escravo de cem pensamentos desordenados e prementes liberados pelo colapso da devoção autêntica a Gloria, que até então constituíra o principal carcereiro de sua insuficiência.

Naquela primeira noite, junto ao portão, beijou Dorothy e marcaram um encontro no sábado seguinte. Voltou então ao campo e, com a luz acesa, contra o regulamento, escreveu uma longa carta para Gloria, uma carta brilhante, cheia de sentimento, cheia do perfume recordado das flores, de uma ternura autêntica e intensa – essas coisas que havia aprendido de novo, por um momento, num beijo dado e tomado sob um luar cáldo e generoso apenas uma hora antes.

No sábado à noite encontrou Dot esperando-o na entrada do Cinema Bijou. Vestia, como na quarta-feira anterior, seu vestido lilás, de organdi frágil, que fora evidentemente lavado e passado. A claridade do dia confirmou a impressão que ele tivera, de que, em termos gerais, ela era adorável. Vestia-se decentemente, as feições eram delicadas e irregulares, mas eloquentes e proporcionais. Era uma pequena flor morena e de pouca duração – e, não obstante, julgou perceber nela uma qualidade espiritual, uma força vinda da aceitação passiva de todas as coisas. Nisso estava enganado.

Dorothy Raycroft tinha 19 anos. Seu pai fora dono de uma pequena loja de esquina pouco lucrativa, e ela concluía o curso secundário dois dias antes da morte dele. Na escola, sua reputação não era boa. Na verdade, seu comportamento no piquenique que dera origem aos rumores fora apenas indiscreto – conservara a pureza técnica até um ano antes. O rapaz era caixeiro de uma loja na rua Jackson, e no dia seguinte ao incidente partiu

inesperadamente para Nova York. Ele vinha pensando em viajar havia algum tempo, mas demorara-se para consumir sua empresa amorosa.

Pouco depois, contou a aventura a uma colega e, enquanto observava a amiga desaparecer pela rua sonolenta e cheia de sol, percebeu, num lampejo de intuição, que sua história ia correr o mundo. Mesmo assim, sentiu-se melhor depois de ter contado, embora um pouco amarga, e tomou a atitude mais ousada a seu alcance: caminhou na direção oposta e encontrou outro homem com a intenção honesta de satisfazer-se novamente. As coisas, de modo geral, aconteciam a ela. Não era fraca, pois não havia nada nela para dizer-lhe que era fraca. Não era forte, porque jamais soube que alguns de seus atos eram corajosos. Não desafiava, não se conformava, não cedia.

Não tinha senso de humor, mas em vez disso era dotada de um temperamento alegre, que a fazia rir nos momentos adequados quando estava em companhia de homens. Não tinha intenções definidas – por vezes, lamentava vagamente que sua reputação a privasse das oportunidades que poderia ter de conseguir segurança. Não houvera uma revelação aberta: sua mãe se interessava apenas em fazer com que ela saísse, todas as manhãs, para a joalheria onde ganhava 14 dólares por semana. Alguns dos rapazes que conhecera no ginásio, porém, olhavam noutra direção quando estavam com “moças direitas”, o que a magoava. Quando isso acontecia, ia para casa e chorava.

Além do caixeiro de loja da rua Jackson, houve outros dois homens, o primeiro um oficial naval que passava pela cidade no início da guerra. Ia ficar uma noite para estabelecer uma conexão qualquer e estava recostado, sem ter o que fazer, num dos pilares do Hotel Stonewall quando ela o encontrou. Passou quatro dias na cidade. Dorothy julgou amá-lo – descarregou nele aquela primeira histeria de paixão que teria sido do caixeiro pusilânime. O uniforme de oficial naval operara a mágica – eram

poucos ainda, naquela época. Ele partiu com promessas vagas e quando o trem movimentou-se, alegrou-se por não ter dado a ela seu verdadeiro nome.

A depressão resultante atirou-a nos braços de Cyrus Fielding, filho de um fabricante de roupas local que a cumprimentava de sua baratinha quando ela passava na calçada. Sempre o conhecera de nome. Se pertencesse a um círculo mais alto, ele a teria encontrado antes, mas Dot descera um pouco – e ele finalmente a conheceu. Um mês depois, foi para um campo de treinamento, um pouco espantado com a intimidade obtida, um pouco aliviado ao perceber que ela não se preocupava muito com ele nem era o tipo de moça capaz de criar-lhe problemas. Dot romantizou os casos e sua vaidade levou-a a julgar que a guerra havia afastado dela esses homens. Disse a si mesma que poderia ter se casado com o oficial naval. Não obstante, preocupava-a que em oito meses três homens tivessem passado por sua vida. Pensava, com mais receio do que surpresa, que dentro em pouco poderia ser como aquelas “moças de má fama” da rua Jackson que ela e suas amigas comedoras de chicletes e risonhas contemplavam com olhos fascinados três anos antes.

Durante algum tempo, procurou ser mais cuidadosa. Permitia que os homens lhe dirigissem a palavra, que a beijassem e até mesmo que tomassem algumas liberdades, mas não acrescentou nenhum novo nome ao trio. Depois de vários meses, a força de sua resolução – ou de seus temores – se dissipou. Começou a ficar inquieta por estar fora da vida enquanto os meses de verão passavam. Os soldados que encontrava estavam evidentemente abaixo de sua classe ou, menos evidentemente, acima dela, e nesse caso queriam apenas aproveitar-se. Eram ianques, brutos e sem elegância, e vinham em grupos enormes... Até que encontrou Anthony.

Naquela primeira noite, ele fora pouco mais do que um rosto agradável e infeliz, uma voz, um meio de passar o tempo. Mas quando o encontrou no sábado, examinou-o com cuidado. Gostou dele. Inconscientemente, viu suas próprias tragédias refletidas no rosto de Anthony.

Foram novamente ao cinema, percorreram novamente as ruas escuras e perfumadas, mãos dadas dessa vez, falando em sussurros. Passaram pelo portão até a pequena varanda...

– Posso ficar um pouco, não posso?

– Psiu! – murmurou ela. – Temos de falar baixo. A minha mãe fica acordada lendo histórias.

Confirmando essas palavras, ele ouviu o ruído suave de uma página sendo virada. As venezianas das janelas deixavam passar traços horizontais de luz, que caíam como paralelos finos na saia de Dorothy. A rua estava silenciosa, exceto por um grupo nos degraus de uma casa do outro lado, que de quando em quando elevava a voz numa canção.

E como se estivesse esperando a chegada deles num telhado das proximidades, a lua surgiu de súbito através das folhas de árvores e deu ao rosto de Dorothy a cor das rosas brancas.

Anthony teve uma recordação súbita e tão viva que em seus olhos fechados formou-se um quadro, distinto como numa tela – uma noite de primavera no degelo de um inverno meio esquecido, cinco anos antes –, outro rosto, radiante como uma flor, voltado para as lâmpadas que se transformavam como as estrelas...

Ah, *la belle dame sans merci* que morava em seu coração, revelada a ele num esplendor transitório e distante por olhos escuros no Ritz-Carlton, por um olhar entrevisto de um carro passando no Bois de Boulogne! Mas aquelas noites eram apenas parte de uma canção, uma glória recordada –

agora eram novamente os ventos leves, as ilusões, o presente eterno com sua promessa de romance.

– Oh – murmurou ela. – Você me ama? Você me ama?

O encanto quebrou-se... Os fragmentos de estrelas tornaram-se apenas luzes, o canto do outro lado da rua reduziu-se a uma cantilena, ao zumbido de cigarras. Com quase um suspiro, beijou-lhe a boca ardente, enquanto os braços dela o envolviam pelos ombros.

Homem em armas

À medida que as semanas se passavam, as incursões de Anthony foram se ampliando até que ele chegou a conhecer todo o campo e as proximidades. Pela primeira vez na vida estava em contato pessoal constante com os garçons a quem dera gorjetas, os motoristas que haviam tirado o boné para ele, os carpinteiros, bombeiros, barbeiros e agricultores que antes notara apenas na subserviência de suas genuflexões profissionais. Durante os dois primeiros meses no campo, não manteve dez minutos seguidos de conversa com um único homem.

Em sua ficha, a ocupação registrada era “estudante” – no questionário original escrevera antes “escritor” –, mas quando os soldados de sua companhia lhe perguntavam o que fazia, respondia que era funcionário de um banco – se contasse a verdade, que não trabalhava, começariam a suspeitar dele como membro da classe ociosa.

O sargento de seu pelotão, Pop Donelly, era um “velho soldado” que a bebida fizera definhar. Antes, passara muitas semanas no xadrez, mas recentemente, graças à fome de instrutores, fora elevado à posição que estava ocupando. Seu rosto era cheio de buracos de estilhaços – tinha uma grande semelhança com as fotografias aéreas do “campo de batalha em

Blank”. Uma vez por semana se embriagava na cidade, voltava silenciosamente para o campo e caía sobre seu catre, despertando na manhã seguinte com um rosto que se assemelhava ainda mais à máscara branca da morte.

Alimentava a surpreendente ilusão de que estava, astutamente, “enganando o governo” – passara 18 anos no serviço com um salário insignificante, e dentro em breve se reformaria (aqui ele geralmente piscava) com o impressionante soldo de 55 dólares por mês. Parecia-lhe uma excelente peça pregada em todos que dele haviam zombado e que o haviam desprezado desde os 19 anos, quando era um pobre rapaz da roça.

Eram apenas dois os tenentes naquele momento – Hopkins e o popular Kretching. Este foi considerado um bom camarada e bom chefe até um ano mais tarde, quando desapareceu com mais de mil dólares da companhia e, como tantos outros chefes, foi muito difícil de encontrar.

Havia, finalmente, o capitão Dunning, o deus desse microcosmo pequeno mas autossuficiente. Era oficial da reserva, nervoso, enérgico, entusiasmado. Essa última qualidade, na verdade, tomava frequentemente forma material, sendo visível como uma leve espuma nos cantos da boca. Como a maioria das pessoas de incumbências executivas, via frontalmente suas atribuições, e a seus olhos otimistas seu comando lhe parecia uma unidade tão excelente quanto merecia uma guerra tão excelente. Absorvendo-se e preocupando-se, estava, não obstante, vivendo a melhor época de sua vida.

Batista, o pequeno siciliano do trem, foi vítima dele na segunda semana de exercícios. O capitão ordenara que todos os soldados se apresentassem pela manhã completamente barbeados. Descobriu-se, certo dia, uma alarmante desobediência a essa regra, sem dúvida um caso de conivência teutônica – durante a noite, quatro homens haviam deixado crescer a barba.

O fato de que três deles entendiam apenas um mínimo de inglês tornava ainda mais necessária uma lição, e o capitão Dunning mandou resolutamente um barbeiro voluntário de volta à companhia, para apanhar uma navalha. E, para a segurança da democracia, alguns gramas de cabelo foram raspados das bochechas de três italianos e um polonês.

Fora do mundo da companhia surgia, de quando em vez, o coronel, um homem pesado, que circum-navegava o campo de treinamento do batalhão num belo cavalo preto. Era de West Point e, conseqüentemente, um cavalheiro. Tinha uma mulher sem graça e um espírito sem graça, passando a maior parte do tempo na cidade, aproveitando-se da posição social ultimamente desfrutada pelo Exército. Finalmente havia o general, que atravessava os caminhos do campo precedido por seu ajudante de ordens – uma figura tão austera, distante e magnífica que dificilmente poderia ser compreendida.

Dezembro. O vento noturno passara a ser frio, e as manhãs de exercícios tornaram-se úmidas e gélidas. À medida que o verão desaparecia, Anthony sentia-se cada vez mais contente por estar vivo. Estranhamente renovado através do corpo, preocupava-se pouco e vivia com uma espécie de satisfação animal. Não que Gloria, ou a vida que ela representava, estivesse menos presente em seus pensamentos – simplesmente ela se tornava, dia após dia, menos real, menos viva. Durante uma semana se haviam correspondido apaixonadamente, quase histericamente – e por um acordo tácito passaram a se escrever duas e em seguida uma vez por semana. Ela se dizia entediada, e se ele fosse permanecer muito tempo lá, iria vê-lo. O Sr. Haight julgava que o processo adquirira perspectivas melhores do que as esperadas, mas duvidava de que o Tribunal de Recursos o julgasse antes do fim da primavera. Muriel estava na cidade, trabalhando com a Cruz

Vermelha, e saíam juntas com frequência. Que Anthony achara, se ela também ingressasse na Cruz Vermelha? O problema, ouvira dizer, é que teria de banhar negros em álcool. E depois disso seu patriotismo diminuiria. A cidade estava cheia de soldados e vira muitos conhecidos que via não havia há anos...

Anthony não desejava que ela fosse para o Sul. Disse-lhe que havia muitas razões para isso – precisava descansar dela, e ela dele. Gloria se entediaria terrivelmente na cidade, e só poderia ver Anthony umas poucas horas por dia. No íntimo, porém, temia que ela fosse porque sentia-se atraído por Dorothy. Na verdade, vivia aterrorizado diante da ideia de que Gloria ficasse sabendo, acidental ou intencionalmente, da ligação que estabelecera. No fim de uma quinzena, o caso com Dorothy começou a ter momentos de sofrimento por sua infidelidade. Não obstante, quando terminava o dia, era-lhe impossível resistir ao desejo que o levava para fora de sua tenda e ao telefone da Associação Cristã de Moços.

– Dot?

– Sim?

– Talvez eu possa sair hoje à noite.

– Que bom!

– Quer ouvir a minha esplêndida eloquência durante algumas horas estreladas?

– Ora, você é engraçado...

Por um momento, lembrou-se de cinco anos antes, de Geraldine. Em seguida:

– Chegarei lá pelas oito.

Às sete tomou o ônibus para a cidade, onde centenas de moças do Sul esperavam, em varandas enluaradas, por seus namorados. Sentia desejo de seus beijos cálidos, da tranquilidade dos olhares que ela lhe lançava – os

mais próximos da adoração que jamais tivera. Gloria e ele haviam sido iguais, dando sem pensar em agradecimentos ou obrigações. Para aquela moça, porém, suas carícias eram uma dádiva inestimável. Chorando em silêncio, ela lhe confessara que ele não era o primeiro homem em sua vida: houvera outro. E Anthony entendera que o caso mal se iniciara e fora interrompido.

Dorothy, no que se referia a ela, dizia a verdade. Esquecera o caixeiro, o oficial, o filho do fabricante de roupas, esquecera a vivacidade de suas emoções, que é o verdadeiro esquecimento. Sabia que, numa existência opaca e nebulosa, alguém a possuía, mas era como se isso tivesse ocorrido em sonho.

Anthony ia à cidade quase toda noite. Estava muito frio agora para ficarem na varanda, por isso a mãe lhes cedeu a pequena sala de estar, com seus cromos de molduras baratas, sua barra decorativa e a atmosfera espessa de várias décadas na proximidade da cozinha. Acendiam a lareira e, em seguida, feliz e incansável, ela dava início aos arroubos amorosos. Às dez, ia com ele até a porta, o cabelo preto desarrumado, o rosto pálido sem a maquiagem, mais pálido ainda sob o luar. Em geral, estava sempre claro e prateado lá fora. Vez por outra, caía uma chuva lenta, quase preguiçosa demais para chegar até o chão.

- Diga que me ama – murmurava ela.
- É claro que sim, minha querida criança.
- Eu sou uma criança? – quase ansiosamente.
- Uma criancinha.

Sabia, vagamente, da existência de Gloria. Pensar nisso a fazia sofrer, e imaginou então que ela era altiva, orgulhosa e fria, mais velha do que Anthony, e que não existia amor entre marido e mulher. Sonhava, por vezes, que depois da guerra Anthony conseguiria o divórcio e eles se casariam, mas

nunca lhe falou disso, embora não soubesse por quê. Julgava, como seus camaradas do exército, que ele era funcionário de um banco, respeitável e pobre. Dizia:

– Se eu tivesse dinheiro, querido, daria todo para você... Queria ter uns 50 mil dólares.

– Acho que isso seria bastante – concordava Anthony.

Em sua carta daquele dia, Gloria escrevera: “Creio que se pudéssemos resolver por 1 milhão, seria melhor dizer ao Sr. Haight para encerrar a questão. Mas seria uma pena...”

– ...poderíamos ter um carro! – exclamou Dot, numa onda final de triunfo.

Um momento solene

O capitão Dunning orgulhava-se de ser bom observador do caráter de seus comandados. Meia hora depois de conhecer alguém, colocava-o numa de várias categorias surpreendentes – excelente, bom, esperto, teórico, poeta e indigno. Certo dia, no início de fevereiro, convocou Anthony à sua presença.

– Patch, venho observando você há várias semanas.

Anthony permaneceu rijo, imóvel.

– E creio que pode ser um bom soldado.

Esperou que a satisfação que isso naturalmente despertaria esfriasse e continuou:

– Isso não é uma brincadeira de criança. – Apertou os olhos.

Anthony concordou com um melancólico “Não, senhor”.

– É um jogo de homens, e precisamos de líderes. – E em seguida, veio o clímax, rápido, seguro, elétrico: – Patch, vou promover você a cabo.

Nesse momento, Anthony deveria ter recuado um pouco, surpreso. Seria um entre os 250 mil escolhidos para a missão. Poderia gritar o técnico “Sigam-me” para sete outros homens amedrontados.

– Você parece ter alguma instrução – disse o capitão Dunning.

– Sim, senhor.

– Isso é bom, é bom. A instrução é uma grande coisa, mas não permita que lhe suba à cabeça. Continue a proceder como vem fazendo e será um bom soldado.

Com essas palavras de despedida, o cabo Patch fez continência, deu meia-volta e deixou a sala.

Embora a conversa tivesse divertido Anthony, despertou-lhe também a ideia de que a vida seria mais divertida como sargento ou, se encontrasse um médico menos exigente para examiná-lo, como oficial. Pouco lhe interessava o trabalho, que parecia contrário às tradições galantes do Exército. Nas paradas, os soldados não se vestiam para ter boa aparência, mas para não ter má aparência.

Quando o inverno começou a ir embora – o breve inverno sem neve, marcado por noites úmidas e frios dias chuvosos –, espantou-se pela sua integração rápida ao sistema. Era um soldado – todos os que não eram soldados eram civis. O mundo dividia-se principalmente nessas duas classificações.

Ocorreu-lhe que todas as classes muito distintas, como a classe militar, dividiam os homens em dois gêneros: os que a ela pertenciam e os que estavam de fora. Para os padres, havia sacerdotes e leigos; para os católicos, os católicos e os não católicos; para os negros, pretos e brancos; para os prisioneiros, os presos e os livres; para os doentes, os enfermos e os sãos... Assim, sem jamais ter pensado nisso, fora civil, leigo, não católico, branco, livre e são...

À medida que os soldados americanos eram lançados nas trincheiras francesas e britânicas, começou a encontrar os nomes de muitos colegas de Harvard na lista de baixas do Exército e da Marinha. Contudo, com todo o suor e todo o sangue, a situação parecia imutável, e não via perspectivas de que a guerra terminasse num futuro próximo. Nas velhas crônicas, a ala direita de um exército sempre derrotava a ala esquerda de outro, sendo a ala esquerda, por sua vez, derrotada pela ala direita do inimigo. Depois disso, os mercenários fugiam. Fora tão simples, naqueles tempos, quase como se estivesse combinado...

Gloria escrevia contando que passava os dias lendo muito. Que confusão haviam feito de suas vidas, dizia. Tinha tão pouco o que fazer agora que passava o tempo imaginando como as coisas poderiam ter sido diferentes. Todo o seu ambiente parecia sem segurança – e havia apenas alguns anos parecia ter na mão todos os fios...

Em junho, suas cartas tornaram-se apressadas e menos frequentes. Subitamente, deixou de falar de ir ao Sul.

Derrota

Março, na região em que estava, era belo, com jasmins, junquinhos e violetas na grama morna. Lembrava-se, mais tarde, particularmente de uma tarde de encanto mágico, no campo de tiro, enquanto marcava os alvos e recitava “Atalanta em Caledônia” para um polonês que não entendia, sua própria voz misturando-se com o zumbido das balas.

Quando os cães da primavera...

Bang!

Estão nas pegadas do inverno...

Zumm!

A mãe dos meses...

– Atenção! Terceiro círculo... Três.

Na cidade, as ruas estavam novamente num sonho sonolento, e Anthony e Dot, juntos, percorriam os mesmos caminhos do outono anterior, até que ele começou a sentir-se atraído por aquele Sul – que lhe parecia mais da Argélia que da Itália, com aspirações murchas apontando, por muitas gerações, para um Nirvana cálido e primitivo, sem esperanças ou cuidados. Ali, havia um tom de cordialidade, de compreensão em todas as vozes. “A vida nos prega a todos a mesma peça adorável e fatal”, pareciam dizer em seu sotaque plangente, na forma cantante das terminações.

Gostava de seu barbeiro, onde era “Olá, cabo!” para um jovem pálido e emaciado, que o barbeava e passava uma máquina fria e vibrante, interminavelmente, por sua cabeça insaciável. Gostava do Jardim Johnston, onde dançavam, onde um negro trágico tocava uma música dolorosa e cheia de anseios num saxofone, até que a sala enorme se tornava uma selva encantada de ritmos bárbaros e risos enfumaçados onde esquecer a passagem do tempo monótono nos doces suspiros e ternos murmúrios de Dorothy era a consumação de toda aspiração, todo contentamento.

Havia um tom de tristeza nela, uma evasão consciente de tudo, exceto das minúcias da vida que eram agradáveis. Seus olhos violeta continuavam, por horas, aparentemente vazios, como se estivesse indiferente e não pensasse em nada, apenas dormisse como uma gata ao sol. Anthony ficava imaginando o que a mãe, cansada e desanimada, pensaria deles, e se nos momentos de menos otimismo perceberia a realidade de sua relação.

Nas tardes de domingo, passeavam pelo campo, descansando por vezes na grama seca, nas proximidades de algum bosque. Ali, junto dos pássaros e das violetas, à sombra fresca das árvores indiferentes ao calor, ele falava,

intermitentemente, num monólogo sonolento, numa conversação sem sentido, sem resposta.

Em julho, o capitão Dunning recebeu instruções de escolher um de seus homens para aprender o ofício de ferreiro. O regimento estava lotado com efetivo de guerra; necessitava da maioria dos veteranos como instrutores, por isso escolheu o pequeno italiano, Batista, que não fazia tanta falta. Batista jamais lidara com cavalos. Seu medo tornava as coisas ainda piores. Reapareceu na sala de ordens certo dia e disse ao capitão Dunning que preferia morrer, se não o pudessem substituir. Os cavalos lhe davam coices, não conseguia fazer o trabalho. Finalmente, caiu de joelhos e implorou ao capitão, numa mistura de inglês e italiano, que o liberasse. Não dormia havia três dias; cavalos monstruosos perseguiam-no em sonhos.

O capitão Dunning censurou um soldado burocrata (que dera uma risada) e disse a Batista que fizesse o possível, mas não podia mandar outro para seu lugar. Batista passou de mal a pior. Os cavalos pareciam adivinhar-lhe o medo e aproveitaram-se disso. Duas semanas depois, uma enorme égua preta esmagou-lhe o crânio com as patas quando ele tentava retirá-la da cocheira.

Em meados de julho, houve rumores, e em seguida ordens, sobre uma mudança de campo. A brigada ia mudar-se para um acampamento vazio, 150 quilômetros ao sul, onde se transformaria numa divisão. A princípio, os homens julgaram que partiam para as trincheiras e durante toda a noite os grupos se reuniram, dizendo-se mutuamente: “É claro que vamos!” Quando a verdade foi divulgada, rejeitaram-na com indignação, como uma tentativa de ocultar o verdadeiro destino. Sentiam-se importantes. À noite, contavam às namoradas na cidade que “iam matar alemães”. Anthony circulou durante

algum tempo com os grupos, depois tomou o ônibus para dizer a Dot que ia embora.

Ela esperava na varanda escura, com um vestido branco e barato que lhe acentuava a juventude e a doçura do rosto.

– Desejei-o tanto, todo o dia, querido – murmurou.

– Preciso dizer uma coisa.

Arrastou-o para o balanço, sem perceber o tom sombrio.

– O que é?

– Vamos partir na próxima semana.

Os braços dela, a caminho de seus ombros, ficaram parados no ar escuro, o queixo um pouco erguido. Quando falou, a doçura desaparecera de sua voz.

– Para a França?

– Não, pior que isso. Vamos para algum campo horrível no Mississippi.

Ela fechou os olhos, e Anthony pôde ver que as pálpebras tremiam.

– Querida Dot, a vida é tão difícil!

Ela chorava, apoiada em seu ombro.

– Tão difícil, tão difícil – repetia ele, sem saber o que dizer. – Magoa as pessoas a tal ponto que é finalmente impossível fazer-nos sofrer mais. É a última e a pior coisa que faz.

Agitada, tomada de verdadeira angústia, ela o apertou contra o peito.

– Meu Deus! – disse aos soluços. – Você não pode se separar de mim. Eu morreria.

Era impossível para Anthony apresentar sua partida como um golpe comum, impessoal. Estava muito próximo dela para dizer algo além de “Minha pobre Dot, minha pobre Dot”.

– E depois? – indagou ela, desolada.

– O que quer dizer?

– Você é toda a minha vida, isso é tudo. Eu morreria por você imediatamente, se você quisesse. Apanharia uma faca e me mataria. Você não pode me deixar aqui.

Seu tom assustou Anthony.

– Essas coisas acontecem – disse com calma.

– Então, eu vou com você.

As lágrimas corriam-lhe pelo rosto. A boca tremia de dor e medo.

– Querida – murmurou ele, sentimentalmente –, você não vê que estaríamos apenas adiando o inevitável? Terei de ir para a França dentro de alguns meses...

Ela se afastou dele e, fechando as mãos, ergueu o rosto para o céu.

– Quero morrer – disse, como se cada palavra viesse cuidadosamente de seu coração.

– Dot, você vai esquecer. As coisas são melhores quando as perdemos. Sei, porque certa vez desejei algo e o obtive. Foi a única coisa que realmente desejei muito, Dot. E quando a consegui, ela se transformou em areia nas minhas mãos.

– Está bem.

Absorvido em si mesmo, ele continuou:

– Tenho pensado frequentemente que, se não tivesse conseguido o que desejava, as coisas poderiam ter sido diferentes. Eu poderia ter encontrado algo em meu espírito e me alegrado em dar-lhe forma. Poderia ter me alegrado com esse trabalho e sentido certa vaidade pelo êxito. Acho que, num determinado momento, eu podia ter tudo o que desejasse, dentro dos limites do razoável, mas aquilo era a única coisa que eu desejava com fervor. Meu Deus! E isso me ensinou que não podemos ter nada, nada absolutamente. Porque o desejo nos engana. É como um raio de sol, passando daqui para ali dentro de uma sala. Para e ilumina um objeto sem

consequência, e nós, pobres tolos, tentamos agarrá-lo. Quando o raio se move para outro lugar, temos o objeto, mas o brilho, o brilho que nos fez desejá-lo desapareceu.

Interrompeu-se, constrangido. Ela se levantara e estava de pé, os olhos secos, arrancando folhas de uma planta.

– Dot...

– Vá embora – disse, friamente.

– Por quê? Por quê?

– Não quero apenas palavras. Se isso é tudo que você tem para mim, é melhor ir.

– Dot...

– O que para mim é a morte para você são apenas palavras. Você sabe dizê-las bem...

– Sinto muito, Dot. Estava falando de você.

– Vá embora.

Aproximou-se dela com os braços estendidos, mas ela o afastou.

– Você não quer que eu o acompanhe – disse calmamente. – Talvez vá se encontrar com aquela... aquela moça. – Não conseguiu dizer “sua mulher” – Como vou saber? Acho que você não é mais meu amigo. Portanto, vá embora.

Por um momento, enquanto desejos e ponderações conflitantes pressionavam Anthony, pareceu que iria tomar uma das suas raras atitudes vindas de dentro. Hesitou. Então, uma onda de desalento desabou sobre ele. Era muito tarde – tudo era muito tarde. Durante anos havia sonhado o mundo, baseando suas decisões em emoções instáveis como a água. A moça de vestido branco o dominava, bela na simetria simples de seu desejo. O fogo de seu coração sombrio e magoado parecia envolvê-la toda, como uma

chama. Com um orgulho profundo e desconhecido, ela se fizera distante, e assim realizara o que pretendia.

– Eu não quis ser rude, Dot.

– Não tem importância.

O fogo passou e atingiu Anthony. Algo torceu-lhe as entranhas, e ele ficou ali, impotente e batido.

– Venha comigo, Dot, querida Dot. Venha comigo. Não poderia deixá-la agora.

Com um soluço, ela envolveu-o nos braços e abandonou sobre ele todo o seu peso, enquanto a lua, em seu trabalho perene de disfarçar a feiura do mundo, lançava um mel ilícito pela rua adormecida.

A catástrofe

Princípio de setembro, no Campo Boone, Mississippi. A escuridão, plena de insetos, envolvia a tela protetora contra mosquitos sob a qual Anthony tentava escrever uma carta. Uma conversa intermitente, num jogo de pôquer, era ouvida na tenda ao lado enquanto alguém passava perto, cantando uma canção em voga.

Com esforço, Anthony apoiou-se no cotovelo e, lápis na mão, olhou para folha de papel em branco. E, omitindo qualquer cabeçalho, começou:

“Não consigo imaginar o que está acontecendo, Gloria. Não recebo notícias suas há duas semanas e é natural que me preocupe...”

Atirou fora o papel, com uma imprecação, e começou novamente:

“Não sei o que pensar, Gloria. Sua última carta, curta, fria, sem uma palavra de afeto ou mesmo um relato do que você tem feito, chegou há duas semanas. É natural que eu me preocupe. Se o amor que você me tem não está absolutamente morto, creio que deveria evitar que eu me preocupasse...”

Amassou novamente o papel e atirou-o por um buraco da tenda, pensando imediatamente que na manhã seguinte teria de apanhá-lo. Não tinha disposição para tentar novamente. Não conseguia dar calor às palavras – apenas um insistente ciúme e uma suspeita. Desde o verão as discrepâncias na correspondência de Gloria haviam se tornado cada vez mais perceptíveis. A princípio, quase nem as notara. Era tão indiferente aos “queridos” espalhados pelas cartas dela que não lhes notava a presença ou ausência. Na última quinzena, porém percebera cada vez mais que alguma coisa estava errada.

Mandara-lhe uma carta telegráfica noturna dizendo que havia passado nos exames para o campo de treinamento de oficiais e deveria partir para a Geórgia em breve. Ela não respondera. Escrevera novamente e, como não recebesse resposta, imaginou que ela estivesse fora da cidade. Mas não conseguia parar de pensar que Gloria estava em Nova York, e uma série de suposições começaram a persegui-lo. E se Gloria, entediada e inquieta, tivesse encontrado alguém, assim como ele? O pensamento o aterrorizava com sua possibilidade, principalmente porque tivera tanta confiança na integridade pessoal dela que pouco se preocupara durante o ano. E agora, como surgisse a dúvida, as velhas iras, os ímpetos de posse voltavam. E haveria alguma coisa mais natural do que ela estar amando novamente?

Lembrava-se da Gloria que dizia ser capaz de ter tudo o que desejasse, insistindo que, como agia inteiramente para a sua satisfação, poderia fazer o que quisesse sem se contaminar – era apenas o efeito no espírito da pessoa que contava, e sua própria reação, dizia ela, seria a reação masculina de saturação e leve arrependimento.

Entretanto, tudo isso fora no princípio de seu casamento. Mais tarde, com a descoberta de que podia ter ciúmes de Anthony, ela se havia modificado, pelo menos exteriormente. Não havia outros homens no mundo

para ela. Disso ele tinha plena convicção. Percebendo que um certo melindre a conteria, tornara-se desleixado na preservação do amor de Gloria – que, no final das contas, era a pedra básica de toda a estrutura.

Enquanto isso, durante todo o verão mantivera Dot numa pensão na cidade. Para isso, fora necessário escrever a seu corretor pedindo dinheiro. Dot disfarçara sua viagem saindo de casa um dia antes de a Brigada levantar acampamento e informando à mãe de que iria para Nova York. À noite, Anthony fora procurá-la como se nada soubesse. A Sra. Raycroft estava muito abatida e havia um investigador de polícia na sala. Seguiu-se um interrogatório, que Anthony respondeu com alguma dificuldade.

Em setembro, com as suspeitas em relação a Gloria, a companhia de Dot tornara-se tediosa e quase insuportável. Estava nervoso e irritado com a falta de sono, o coração doente e temeroso. Três dias antes, fora até o capitão Dunning para pedir uma licença, recusada com uma procrastinação benevolente. A divisão ia partir para o além-mar, e Anthony ia para um campo de treinamento de oficiais; as licenças deviam ser todas reservadas para os homens que deixariam o país.

Com essa recusa, Anthony dirigira-se ao telégrafo com a intenção de telegrafar a Gloria pedindo que fosse ao Sul; chegou à porta e voltou, desesperado, vendo a total impossibilidade disso. Passou a noite discutindo exasperado com Dot e voltou ao campo desanimado e irritado com o mundo. Houvera uma cena desagradável, no meio da qual saíra precipitadamente. Não se preocupava com o que seria de Dot no momento – estava completamente absorvido pelo silêncio desanimador da mulher...

A entrada da tenda abriu-se e uma cabeça escura apareceu contra a noite.

– Sargento Patch? – O sotaque era italiano, e Anthony viu, pelas divisas, que o homem era ordenança do comando.

– O que foi?

– Uma mulher telefonou para o quartel há dez minutos. Diz que precisa falar com você. Muito importante.

Anthony afastou o cortinado e levantou-se. Poderia ser um telegrama de Gloria que a agência postal lhe estivesse comunicando pelo telefone.

– Disse para avisar. Vai telefonar às dez horas.

– Está bem, obrigado.

Apanhou o quepe e em poucos minutos estava caminhando ao lado do ordenança na escuridão quente, quase sufocante. No quartel, bateu continência para um sonolento oficial de serviço.

– Sente-se e espere – sugeriu o tenente, despreocupado. – A moça parecia ansiosa para falar com você.

As esperanças de Anthony desmoronaram.

– Muito obrigado, senhor.

Quando o telefone tocou na parede, ele sabia quem estava na linha.

– É a Dot – disse uma voz incerta. – Preciso ver você.

– Dot, já disse que não poderei sair por vários dias.

– Tenho de vê-lo esta noite, é importante.

– É muito tarde – disse friamente. – São dez horas, e às onze tenho de estar no campo.

– Está bem.

Havia tanto desalento nessas duas palavras que Anthony sentiu remorso.

– O que é?

– Quero dizer-lhe adeus.

– Ora, não seja tola! – exclamou. Sentiu-se mais animado. Que sorte, se ela deixasse a cidade naquela mesma noite! No entanto, disse: – Você não pode ir embora antes de amanhã.

Pelo canto dos olhos via o oficial de serviço observando-o, intrigado. Vieram então, surpreendentes, as palavras de Dot:

– Não é “ir embora” nesse sentido.

Anthony apertou o fone. Sentiu os nervos gelarem enquanto o calor do corpo diminuía.

– O quê?

E ouviu-a dizer numa voz entrecortada por soluços:

– Adeus, oh, adeus!

Desligou. Anthony saiu correndo do edifício do quartel. Lá fora, sob as estrelas que brilhavam como borlas de prata, parou, indeciso. Será que ela pretendia matar-se? Que tolice! Sentiu um ódio amargo. Não conseguia acreditar que tivesse iniciado aquele caso, aquela confusão, aquela mistura sórdida de preocupação e dor.

Viu-se caminhando lentamente, repetindo que era tolice preocupar-se. Era melhor voltar a sua tenda e dormir. Precisava dormir. Meu Deus! Conseguiria dormir alguma vez? Seu cérebro era um imenso clamor e confusão. Ao chegar à estrada começou a correr, em pânico, não para a sua companhia, mas no sentido oposto. Os soldados começavam a voltar, podia conseguir um táxi. Depois de um minuto, dois olhos amarelos surgiram. Correu na direção deles, desesperado.

– Táxi, táxi! – era um Ford vazio. – Quero ir à cidade.

– Custa um dólar.

– Está bem. Se você correr...

Depois de um tempo interminável, subiu aos saltos as escadas de uma pequena casa escura caindo aos pedaços e ao abrir a porta quase derrubou uma negra imensa que atravessava o corredor com uma vela na mão.

– Onde está a minha mulher? – indagou agitado.

– Foi dormir.

Subiu as escadas de três em três degraus e percorreu um corredor que rangia. O quarto estava escuro e em silêncio. Com dedos trêmulos, acendeu

um fósforo. Dois olhos muito abertos o olhavam em meio a uma confusão de roupas sobre a cama.

– Eu sabia que você viria – disse ela, comovida.

Anthony sentiu-se gelar de raiva.

– Então foi apenas um plano para me trazer aqui e me arrumar problemas! Veja bem, você tem dado alertas falsos com muita frequência.

Ela o olhava com humildade.

– Precisava ver você. Não conseguiria ter vivido. Tinha de ver você.

Ele se sentou na beirada da cama e balançou lentamente a cabeça.

– Você não compreende. – Falava com firmeza, inconscientemente como se fosse Gloria falando com ele. – Isso não é justo, sabia?

– Venha cá. – Não importava o que ele dissesse, Dot estava feliz. Ele se preocupava com ela. Conseguira trazê-lo para o seu lado.

– Meu Deus! – disse Anthony, desamparado. E quando o desalento começou a dominá-lo, a raiva foi desaparecendo, recuando, sumindo. O colapso foi súbito, e ele caiu soluçando junto dela na cama.

– Oh, meu amor, não chore, não chore! – implorou ela.

Colocou a cabeça de Anthony junto ao peito e acalentou-o, misturando suas lágrimas de felicidade com as lágrimas de amargura dele. A mão acariciava-lhe o cabelo escuro.

– Sou uma tola – murmurou comovida –, mas eu o amo, e quando você me parece indiferente, é como se não valesse mais a pena continuar vivendo.

Apesar de tudo, havia paz no quarto silencioso, a mistura do cheiro de talco e perfume, a mão macia de Dot como uma brisa cálida em seu cabelo, o movimento de seu peito – por um momento, foi como se Gloria estivesse ali, como se ele estivesse descansando num lar mais doce e mais seguro do que todos os que já conhecera.

Passou-se uma hora. Um relógio começou a bater no corredor. Deu um pulo e olhou os ponteiros fosforescentes de seu relógio de pulso. Era meia-noite.

Custou a encontrar um táxi para levá-lo para fora da cidade àquela hora. Enquanto pedia ao motorista que corresse, ia imaginando como entrar no campo. Chegara atrasado várias vezes recentemente e sabia que se fosse surpreendido de novo seu nome provavelmente seria riscado da lista de candidatos a oficial. Talvez fosse melhor mandar o táxi embora e tentar passar pela sentinela no escuro. Mesmo assim, era comum oficiais andarem pelo campo depois de meia-noite...

– Alto!

A ordem viera do brilho amarelo que as luzes do carro lançavam sobre a estrada. O motorista apagou a luz e uma sentinela aproximou-se, fuzil na mão. Com ela, por má sorte, o oficial de serviço.

– Chegando tarde, sargento.

– Sim, senhor. Atrasei-me.

– É pena. Tenho de tomar o seu nome.

Enquanto o oficial esperava, caderno e lápis na mão, algo que não pretendia saiu dos lábios de Anthony, algo nascido do pânico, do desespero e da confusão.

– Sargento R. A. Foley – respondeu com a respiração suspensa.

– Localização?

– Companhia Q, 83º de Infantaria.

– Está bem. Terá de andar a partir daqui, sargento.

Anthony fez continência, pagou rapidamente o motorista e começou a andar apressadamente na direção do regimento que mencionara. Quando estava fora de vista, mudou de direção e, com o coração batendo

desesperadamente, correu para sua companhia, certo de que havia cometido um erro fatal.

Dois dias depois, o oficial o reconheceu numa barbearia na cidade. Escoltado pela polícia militar, voltou ao campo, perdeu suas divisas sem julgamento e teve sua saída cancelada durante um mês.

Com esse golpe, apossou-se dele uma depressão profunda, e uma semana depois foi novamente preso na cidade, vagando bêbado, uma garrafa de uísque no bolso. Como seu comportamento foi estranho durante o julgamento, deram-lhe apenas três semanas de prisão.

Pesadelo

Nos primeiros dias de prisão, apoderou-se dele a convicção de que estava ficando louco. Era como se houvesse em seu cérebro um certo número de personalidades sombrias mas vivas, algumas familiares, outras estranhas e terríveis, controladas por um pequeno monitor, que permanecia acima delas, em alguma parte, e vigiava. Preocupava-lhe que o monitor estivesse doente e só a custo continuasse a vigiar. Se tombasse, se caísse por um momento, estariam soltas aquelas coisas intoleráveis – somente Anthony sabia que coisas tenebrosas poderiam acontecer se o pior que havia nele se visse sem controle e lhe dominasse a consciência.

O calor do dia se modificara até transformar-se numa escuridão brilhante que se abatia sobre uma área devastada. Sobre sua cabeça os círculos azuis de sóis imprevistos e agourentos, de numerosos centros de fogo, giravam interminavelmente à frente de seus olhos, como se ele estivesse constantemente exposto à luz quente e num estado de coma febril. Às sete da manhã, algo fantasmagórico, algo quase absurdamente irreal, que ele sabia ser seu corpo mortal, saía com sete outros prisioneiros e dois

guardas para trabalhar nas estradas do campo. Um dia carregavam e descarregavam cascalho, no outro trabalhavam com enormes barris de alcatrão quase incandescente. À noite, trancado no xadrez, deitava-se sem pensamentos, sem coragem para pensar, olhando as traves irregulares do teto, até as três horas aproximadamente, quando mergulhava num sono perturbado, interrompido várias vezes.

Durante o dia, trabalhava incansavelmente, tentando, enquanto a claridade se arrastava na direção do poente do Mississippi, cansar-se fisicamente de tal modo que durante a noite conseguisse cair num sono profundo de exaustão total... Então, certa tarde, na segunda semana, teve a sensação de que dois olhos o estavam observando a alguns metros de um dos guardas. Voltou-lhe as costas e trabalhou freneticamente, até que teve de ficar novamente de frente. Sentiu-o de novo, e seus nervos já tensos chegaram ao ponto do colapso. Os olhos o estavam fitando. No silêncio quente, ouviu seu nome ser chamado numa voz trágica, e a terra tremeu e oscilou, numa babel de gritos e confusão.

Quando recuperou os sentidos, estava de volta no xadrez, e os outros prisioneiros o olhavam curiosamente. Os olhos haviam desaparecido. Foram necessários muitos dias para que compreendesse que a voz devia ter sido de Dot, que o chamara e provocara alguma confusão. Chegou a essa conclusão imediatamente antes do término de sua sentença, quando a nuvem que o oprimia se amenizou, deixando-lhe uma letargia profunda, desanimadora. E, à medida que o controlador consciente, o monitor que mantinha longe a ameaça de horror, se tornava mais forte, Anthony ia ficando fisicamente mais fraco. Mal conseguiu suportar os dois dias de trabalho e, ao ser libertado numa tarde chuvosa e voltar para a sua companhia, chegou à barraca e mergulhou num sono pesado, do qual acordou de madrugada,

sentindo-se dolorido e exausto. Ao lado de sua maca estavam duas cartas que o esperavam havia algum tempo. A primeira era de Gloria, curta e fria:

O processo vai a julgamento no fim de novembro. Acha que consegue obter uma licença?

Tentei escrever-lhe várias vezes, mas isso apenas me parece tornar as coisas piores. Preciso conversar com você sobre vários assuntos, mas uma vez me disse para não ir ao Sul, e sinto-me pouco inclinada a tentar novamente. Devido a várias coisas, parece-me necessário conversarmos. Estou muito contente com a sua indicação para oficial.

GLORIA

Estava muito cansado para tentar compreender ou preocupar-se. Suas frases, suas intenções estavam muito distantes, num passado incompreensível. Mal olhou para a segunda carta: era de Dot – rabiscos incoerentes, molhados de lágrimas, uma onda de protestos, sofrimento, pesar. Depois de ler uma página, deixou-a cair da mão inerte e voltou ao seu íntimo nebuloso. Despertou ao toque do alvorecer, com febre alta, e desmaiou ao tentar deixar a tenda. Ao meio-dia foi mandado para o hospital com gripe.

Sentiu que a doença fora providencial: salvou-o de um colapso nervoso e ele se curou a tempo de embarcar num dia úmido de novembro para Nova York e para o massacre interminável além.

Quando o regimento chegou ao Campo Mills, em Long Island, a única coisa em que Anthony pensava era ir à cidade e ver Gloria assim que possível. Era evidente que um armistício seria assinado naquela semana, mas havia o boato de que as tropas continuariam a embarcar para a França até o último momento. Anthony estava desanimado com a perspectiva de uma longa viagem, do desembarque tedioso num porto francês e de ficar

fora durante um ano, possivelmente, substituindo as tropas que haviam participado da luta.

Sua intenção era conseguir uma licença de dois dias, mas o Campo Mills estava sob rigorosa quarentena de gripe – era difícil até mesmo para os oficiais tentar sair, exceto em missões. Para um soldado, era absolutamente impossível.

O campo estava na mais completa confusão, frio, varrido pelo vento, sujo, com a sujeira acumulada pela passagem de muitas divisões. O trem em que viajavam chegou às sete da noite e esperaram na linha até que alguma complicação militar fosse solucionada em algum ponto a sua frente. Os oficiais corriam sem parar de um lado para o outro, dando ordens e fazendo grande tumulto. Soube-se, por fim, que o problema fora criado por um coronel, irritado porque era de West Point e a guerra ia terminar antes que ele conseguisse participar dela. Se os governos beligerantes tivessem compreendido o número de corações aflitos entre os velhos militares de West Point durante aquela semana, teriam sem dúvida prolongado a carnificina por mais um mês. Era uma pena!

Olhando a desolada extensão de tendas, quilômetros e quilômetros, em meio a lama e neve, Anthony viu a impraticabilidade de procurar um telefone naquela noite. Telefonaria para Gloria na primeira oportunidade pela manhã.

Ao despertar na manhã gelada e amarga, teve de ouvir uma arenga apaixonada do Capitão Dunning:

– Vocês podem pensar que a guerra acabou. Bem, eu lhes digo que não acabou! Os alemães não vão assinar o armistício. É outro recurso deles, e seríamos tolos em permitir que por isso as coisas se afrouxassem nesta companhia. Pois eu lhes digo: vamos partir daqui dentro de uma semana e vamos lutar de verdade. – Fez uma pausa e continuou: – Se vocês pensam

que a guerra acabou, falem com qualquer um que a tenha visto e verifiquem se eles acham que os alemães vão se entregar. Ninguém acha isso. Falei com pessoas que *sabem*, e disseram-me que haverá pelo menos mais um ano de guerra. Não acham que ela vá acabar. Por isso, soldados, é melhor não ficarem pensando que a guerra está no fim.

Reiterando a afirmação final, mandou que a companhia debandasse.

Ao meio-dia, Anthony correu até a cantina mais próxima em busca de um telefone. Ao aproximar-se do que correspondia ao centro do campo, viu muitos outros soldados correndo também, e um deles, a seu lado, pulando no ar e batendo os calcanhares. A tendência a correr generalizou-se e de pequenos grupos animados aqui e ali vinham gritos de alegria. Parou e procurou ouvir: soavam apitos e os sinos das igrejas começaram subitamente a tocar.

Anthony recomeçou a correr. Os gritos eram agora claros e distintos, elevando-se com nuvens de hálito gelado no ar frio:

– *A Alemanha rendeu-se! A Alemanha rendeu-se!*

O falso armistício

Naquela tarde, à luz opaca das seis horas, Anthony deslizou entre dois vagões de carga e, sobre os trilhos, caminhou até Garden City, onde tomou um trem elétrico para Nova York. Corria certo risco de ser detido – sabia que a polícia militar frequentemente percorria os trens pedindo os passes, mas calculava que naquela noite a vigilância seria relaxada. De qualquer forma, tinha de tentar sair porque não conseguira localizar Gloria pelo telefone e outro dia de expectativa teria sido insuportável.

Depois de paradas e esperas inexplicáveis que lhe recordaram o dia em que deixara Nova York um ano antes, chegou à Estação Pennsylvania e

seguiu o caminho familiar até o ponto de táxi, achando grotesco e um pouco estimulante dar seu próprio endereço.

A Broadway era um tumulto de luzes, palpitando como jamais vira, com uma multidão carnavalesca que desfilava num mar de pedaços de papel que ia até os tornozelos nas calçadas. Aqui e ali, trepados em caixotes e bancos, soldados falavam ao povo, e em cada rosto se percebia distintamente o brilho das luzes. Anthony observou uma meia dúzia de tipos – um marinheiro bêbedo, inclinado para trás e apoiado em dois companheiros, sacudia o gorro e dava gritos selvagens; um soldado ferido, muleta na mão, era levado nos ombros de vários civis aos gritos; uma moça de cabelo escuro sentava-se de pernas cruzadas e pensativa no capô de um táxi parado. Ali a vitória sem dúvida chegara em tempo, o clímax fora organizado com a maior previsão celeste. A grande nação rica fizera a guerra triunfante, sofrera bastante para se sentir triste, mas não o bastante para tornar-se amarga – e portanto o carnaval, a comemoração, o triunfo. Sob as luzes intensas brilhava o rosto de povos cuja glória havia muito passara, cujas civilizações estavam mortas, homens cujos ancestrais haviam ouvido notícias de vitória em Nínive, na Babilônia, em Bagdá, no Tiro, centenas de gerações antes; homens cujos ancestrais haviam visto um cortejo de flores adornado de escravos desfilar com sua onda de prisioneiros pelas avenidas de Roma Imperial...

Passaram o Rialto, a fachada brilhante do Astor, a magnificência da Times Square, uma aleia brilhante de incandescência... E então – teriam se passado anos? – ele estava pagando o motorista na frente de um edifício branco na rua 57. Estava no saguão – ah, lá estava o rapaz negro da Martinica, preguiçoso, indolente, o mesmo.

– A Sra. Patch está?

– Acabei de chegar, meu senhor – anunciou o homem com seu estranho sotaque britânico.

– Vamos subir.

O rumor lento do elevador, os três passos até a porta, que se abriu totalmente ao ímpeto de sua batida.

– Gloria!

A voz dele era trêmula. Nenhuma resposta. Uma leve fumaça subia de um cinzeiro e um número da *Vanity Fair* estava aberto sobre a mesa.

– Gloria!

Correu até o quarto, até o banheiro. Um *négligé* azul jogado sobre a cama exalava um delicado perfume ilusório e familiar. Sobre uma cadeira, um par de meias e um vestido de passeio, uma caixa de pó aberta sobre a mesinha. Ela devia ter saído pouco antes.

O telefone tocou de repente e ele atendeu sentindo-se um impostor.

– Alô. A Sra. Patch está?

– Não, também estou à procura dela. Quem fala?

– O Sr. Crawford.

– Quem fala é o Sr. Patch. Cheguei inesperadamente e não sei onde encontrá-la.

– Ah! – O Sr. Crawford parecia um pouco desapontado. – Suponho que ela esteja no Baile do Armistício. Sei que pretendia ir, mas não pensei que fosse sair tão cedo.

– Onde é o Baile do Armistício?

– No Astor.

– Obrigado.

Desligou rispidamente e levantou-se. Quem era o Sr. Crawford? E quem a estaria levando ao baile? Havia quanto tempo se conheciam? Todas essas

perguntas se fizeram e responderam várias vezes, de várias formas. A proximidade dela o deixava meio fora de si.

Num acesso de desconfiança, vasculhou o apartamento em busca de algum indício de ocupação masculina, abrindo o armário do banheiro, procurando febrilmente nas gavetas. Encontrou, então, algo que o fez parar subitamente e sentar-se numa das camas, os cantos da boca cedendo como se fosse chorar. Num canto da gaveta de Gloria, atadas com uma delicada fita azul, estavam todas as cartas e todos os telegramas que mandara durante o ano de separação. Sentiu-se sufocar com uma vergonha feliz e sentimental.

– Não sou digno de tocá-la, não sou digno de tocar-lhe a mão! – gritou para as quatro paredes.

Mesmo assim, saiu à procura dela.

No saguão do Astor foi envolvido imediatamente por uma multidão tão compacta que foi impossível avançar. Pediu a uma dezena de pessoas que lhe informassem onde era o baile antes de conseguir uma resposta sensata. Finalmente, depois de uma longa espera, deixou seu sobretudo militar na portaria.

Eram apenas nove horas, mas o baile estava em plena animação. A visão era incrível. Mulheres, mulheres por toda parte – moças alegres pelo vinho, cantando com voz aguda acima do clamor da multidão alucinada, envolta em confete; moças animadas com o uniforme de vários países; mulheres gordas caindo sem dignidade no chão e conservando o respeito ao gritarem “Vivam os aliados!”. Três mulheres de cabelos brancos dançavam de mãos dadas em volta de um marinheiro, que girava segurando uma garrafa de champanhe vazia junto ao peito.

Com a respiração suspensa, Anthony olhou entre os dançarinos, entre os que passavam em meio às mesas, examinou os grupos alegres que celebravam tocando cornetas, beijando-se, tossindo, rindo e bebendo, sob as

enormes bandeiras abertas com todas as suas cores brilhantes por sobre a pompa e o barulho.

Então viu Gloria. Estava sentada numa mesa para dois, do outro lado do salão. Usava um vestido preto, e acima dele seu rosto, maquiado com o rosa mais encantador, era, pensou Anthony, um ponto de comovente beleza no salão. Seu coração bateu como se ouvisse uma nova música. Abriu caminho em direção a ela e chamou-a justo quando os olhos cinzentos se levantaram e o encontraram. Num segundo seus corpos se juntaram e fundiram, o mundo, o barulho e a música desapareceram num único ruído monótono como o zumbido de abelhas.

– Oh, minha Gloria! – exclamou ele.

O beijo de Gloria foi como um riacho frio fluindo do coração dela.

2

Uma questão de estética

Na noite em que Anthony partira para o Campo Hooker, um ano antes, tudo o que restava da bela Gloria Gilbert – seu invólucro, seu corpo jovem e adorável – deixou a Grand Central Station com o ritmo do trem martelando em seus ouvidos, como num sonho, e desceu a avenida Vanderbilt, onde a figura imensa do Biltmore dominava a rua e por sua entrada engolia os capotes de gala multicoloridos das moças ricamente vestidas. Durante alguns minutos, ficou parada junto ao ponto de táxi, observando-as e pensando que anos antes estivera entre elas, sempre saindo para um radiante

Algun Lugar, sempre pronta para ter uma aventura apaixonante para a qual os capotes das moças eram bela e delicadamente forrados, para a qual seus rostos eram pintados e seus corações eram mais altos do que o reino transitório de prazer que as engolfaria, penteados, capas, tudo.

Estava ficando frio e os homens que passavam haviam levantado a gola do sobretudo. Essa modificação lhe foi agradável. Teria sido ainda mais agradável se tudo se houvesse modificado, clima, ruas e pessoas, e ela fosse levada para despertar em algum quarto alto, de odor fresco, sozinha, sem nada por dentro ou por fora, como em seu passado virginal e colorido.

Dentro do táxi, chorou lágrimas impotentes. Pouco importava que não tivesse sido feliz com Anthony no último ano. Recentemente, a presença dele já não lhe lembrava o que fora naquele julho memorável. O Anthony de agora, irritável, fraco e pobre, não podia senão deixá-la irritada também, e entediada com tudo, exceto com o fato de que, numa juventude altamente imaginosa e eloquente, eles se haviam aproximado num êxtase de emoção. Devido a essa lembrança mutuamente vívida, ela teria feito mais por Anthony do que por qualquer outro ser humano – por isso, quando entrou no táxi, chorou apaixonadamente e teve ímpetos de dizer-lhe o nome alto.

Infeliz, solitária como uma criança esquecida, sentou-se no apartamento e escreveu-lhe uma carta confusa e cheia de sentimento:

Quase posso ver os trilhos e você partindo, mas sem você, querido, querido, não posso ver, ouvir nem sentir nada. Estarmos separados, não importa o que tenha acontecido ou vá acontecer, é como estarmos a mercê de uma tempestade, Anthony, é como envelhecer. Queria tanto beijá-lo – na nuca, onde começa o seu cabelo preto. Porque eu o amo e, não importa o que dissermos ou fizermos um ao outro, você precisa sentir quanto sou inútil sem você. Não chego nem a odiar a presença amaldiçoada dos outros, dessa gente na estação que não tem nenhum direito de viver, não posso odiá-los, embora estejam sujando o nosso mundo, porque estou muito ocupada querendo você.

Se você me odiasse, se estivesse coberto de feridas como um leproso, se fugisse com outra mulher ou me deixasse morrer de fome ou me batesse – e como tudo isso é absurdo –, ainda assim o quereria, o amaria, eu sei, meu querido.

É tarde. Todas as janelas estão abertas, o ar lá fora é tão doce como na primavera e de certa forma muito mais jovem e frio do que na primavera. Por que a representam como uma moça, por que essa ilusão dança e predomina por três meses através da nudez absurda do mundo? A primavera é um cavalo de arado velho e magro, com as costelas à mostra, é um monte de detritos num campo, tornado limpo pelo sol e pela chuva.

Dentro de algumas horas você vai acordar, meu querido, e se sentir infeliz, desgostoso da vida. Estará em Delaware, Carolina, ou algum outro lugar igualmente sem importância. Não creio que exista ninguém vivo que se possa considerar uma instituição transitória, um luxo ou um mal desnecessário. Poucos dos que falam da futilidade da vida observam a própria futilidade. Talvez pensem que, ao proclamar o mal de viver, de algum modo salvam a própria sorte da ruína, mas não salvam, nem salvamos nós, eu e você...

Ainda posso vê-lo. Haverá um ar azul em volta das árvores quando você estiver passando, bonito demais para predominar. Não, os quadrados de terra não cultivada se tornarão mais frequentes – junto dos trilhos, como ásperos lençóis marrons secando ao sol, vivos, mecânicos, abomináveis. A natureza, como uma velha bruxa feiticeira, dorme neles com qualquer velho agricultor, negro ou imigrante que a desejar...

Agora, você sabe, estamos distantes, e escrevi uma carta cheia de desespero e ódio. E isso significa que eu o amo, Anthony, com tudo o que existe que possa amar dentro da sua

GLORIA

Depois de sobrescritar o envelope, deitou-se na cama e agarrou o travesseiro de Anthony, abraçando-o como se pela pura força da emoção pudesse transformá-lo no corpo dele, vivo e quente. Duas horas da manhã e ainda estava ali, de olhos secos, olhando com um sofrimento persistente a escuridão, lembrando, lembrando sem piedade, culpando-se por centenas de crueldades imaginárias, fazendo da figura de Anthony um Cristo

martirizado e transfigurado. Durante algum tempo pensou nele da mesma forma que Anthony, nos momentos mais sentimentais, provavelmente pensava em si mesmo.

Às cinco ainda estava acordada. Um ruído arrastado e misterioso que ocorria toda manhã do outro lado da passagem entre os prédios lhe revelou a hora. Ouviu um despertador e viu uma luz abrir um quadrado amarelo numa ilusória parede branca. Meio decidida a acompanhá-lo para o Sul imediatamente, sua dor se tornou remota e irreal e afastou-se dela tal como a escuridão se afastava em direção ao oeste. Adormeceu.

Quando despertou, a visão da cama vazia a seu lado renovou-lhe a infelicidade, que foi reduzida, porém, pela inevitável violência da manhã brilhante. Embora não tivesse consciência, foi um alívio tomar café da manhã sem ter à sua frente o rosto cansado e preocupado de Anthony. Agora que estava só, perdeu toda a vontade de reclamar da comida. Mudaria seus cafés da manhã, pensou; tomaria uma limonada e comeria um sanduíche de tomate em vez do eterno bacon com ovos e torrada.

Não obstante, ao meio-dia, quando telefonou para vários conhecidos, inclusive Muriel, e viu que todos tinham compromisso para almoçar, sentiu pena de si e de sua solidão. Enroscada na cama, com lápis e papel, escreveu outra carta a Anthony.

À tarde, por um correio especial, recebeu uma carta enviada de alguma cidadezinha de Nova Jersey, e a familiaridade das frases, o tom quase audível de preocupação e insatisfação eram-lhe tão conhecidos que a confortaram. Quem sabe? Talvez a disciplina do Exército fortalecesse Anthony e o habituassem à ideia do trabalho. Tinha uma confiança inabalável de que a guerra acabaria antes que ele tivesse de lutar, e até lá o processo estaria concluído vitoriosamente e poderiam recomeçar, agora em termos

diferentes. A primeira coisa seria ter um filho. Era insuportável viver assim tão sozinha.

Levou uma semana para que conseguisse ficar no apartamento sem chorar. Poucas coisas na cidade lhe pareciam divertidas. Muriel fora transferida para um hospital em Nova Jersey, de onde vinha a cada duas semanas, e com isso Gloria se deu conta de como tinha feito poucos amigos em todos aqueles anos em Nova York. Os homens que conhecia estavam no Exército. Homens que conhecia? Havia admitido vagamente, para si mesma, que todos os homens que a haviam amado eram seus amigos. Cada um deles, em determinado momento, havia confessado que a considerava a coisa mais preciosa na vida. Mas agora onde estariam? Dois pelo menos estavam mortos, meia dúzia ou mais estava casada, e o restante se espalhava, da França às Filipinas. Ficou imaginando se algum deles se recordaria dela, com que frequência e de que modo. A maioria ainda teria a lembrança de uma moça de 17 anos, a sereia adolescente de nove anos antes.

As moças também se haviam dispersado. Jamais fora popular na escola. Era muito bonita, muito indolente, sem muita consciência do papel de “futura esposa e mãe” que esperavam vê-la representar. E moças que jamais haviam sido beijadas percebiam, com uma expressão de choque em seus rostos honestos mas sem qualquer beleza particular, que Gloria o fora. E essas moças haviam ido para o leste, o oeste ou o sul e casado e se transformado em “gente”, e profetizavam, se é que o faziam, um mau fim para Gloria, sem saber que elas, tal como Gloria, não eram donas do seu destino.

Gloria enumerou para si mesma as pessoas que os haviam visitado na casa cinzenta de Marietta. Parecia, naquela época, que tinham sempre visitas – admitia tacitamente que todos os hóspedes passavam a lhe dever alguma coisa. Deviam-lhe uma espécie de 10 dólares morais, e ela poderia, sempre

que tivesse necessidade, por assim dizer, tomar-lhes de empréstimo essa moeda visionária. Contudo, haviam desaparecido todos, evaporado misteriosa e sutilmente, em essência ou de fato.

No Natal, a convicção de que devia ir juntar-se a Anthony voltou, e não era mais uma emoção súbita, mas uma necessidade permanente. Resolveu escrever-lhe sobre a ida, mas adiou a comunicação a conselho do Sr. Haight, que esperava um julgamento do processo dentro em pouco.

Um dia, no início de janeiro, quando passava pela Quinta Avenida, adornada de novos uniformes e de bandeiras das nações virtuosas, encontrou Rachael Barnes, a quem não via havia quase um ano. Até mesmo Rachael, com quem passara a antipatizar, era um alívio do tédio, e juntas foram tomar chá no Ritz.

Depois do segundo coquetel, entusiasmaram-se. Falaram dos maridos, e Rachael, num tom de vangloria pública, sem a modéstia com que as mulheres costumam falar, disse:

– O Rodman está no exterior, no Corpo da Intendência. É capitão. Estava decidido a ir e não lhe pareceu possível arranjar lugar noutra unidade.

– O Anthony está na Infantaria. – As palavras, junto com o coquetel, davam a Gloria um certo calor. A cada gole, ela se aproximava de um patriotismo confortador.

– Por falar nisso – disse Rachael meia hora depois, ao se despedirem –, por que não vem jantar amanhã à noite? Virão dois deliciosos oficiais que estão de partida. Acho que devemos nos esforçar para distraí-los um pouco.

Gloria aceitou alegremente. Anotou o endereço, reconhecendo, pelo número, um elegante edifício de apartamentos na Park Avenue.

– Foi ótimo encontrá-la, Rachael.

– Foi maravilhoso. Há muito queria vê-la.

Com essas três frases, certa noite, em Marietta, dois verões antes, quando Anthony e Rachael se haviam dedicado uma atenção desnecessária, foi perdoada – Gloria perdoou Rachael, Rachael perdoou Gloria. Também foi perdoado o fato de que Rachael tivesse testemunhado o maior desastre na vida do Sr. e Sra. Anthony Patch...

Cedendo aos acontecimentos, o tempo foi passando.

A conversa do capitão Collins

Os dois oficiais eram capitães de uma divisão popular, a artilharia. Durante o jantar, se referiam a si mesmos com um tédio consciente como membros do “Clube dos Suicidas” – naquela época, todos os ramos das forças armadas mais exclusivistas se consideravam um “Clube de Suicidas”. Um dos capitães – de Rachael, pelo que Gloria observou – era um homem alto e cavalgar, de uns 30 anos, com um bigode agradável e dentes feios. O outro, o capitão Collins, era rechonchudo e tinha o rosto rosado, sorrindo sempre que seu olhar se cruzava com o de Gloria. Simpatizou imediatamente com ela e durante todo o jantar fez-lhe vários elogios inócuos.

Depois do jantar, sugeriu-se que fossem todos a algum lugar e dançassem. Os dois oficiais se abasteceram com garrafas de bebidas do armário de Rachael – uma lei proibia servi-las aos militares – e, assim equipados, dançaram vários foxtrotes em diversos lugares animados na Broadway, alternando fielmente os pares, enquanto Gloria ficava cada vez mais entusiasmada e mais divertida para o capitão de rosto rosado, que já não se dava ao trabalho de desfazer o sorriso.

Às onze horas, para grande surpresa de Gloria, ela era a única que queria continuar. Os outros desejavam voltar ao apartamento de Rachael – para se abastecerem de mais bebidas, diziam. Gloria argumentou, com insistência,

que a garrafa do capitão Collins estava pela metade – tinha acabado de vê-la – quando percebeu uma piscadela de Rachael. Deduziu confusamente que ela desejava livrar-se dos oficiais e concordou em ser levada até um táxi.

O capitão Wolf sentou-se à esquerda, com Rachael no colo. O capitão Collins sentou-se no meio e, ao se recostar, passou o braço pelos ombros de Gloria. Ficou ali, imóvel, um momento e em seguida apertou-a. Inclinou-se para ela.

– Você é muito bonita – murmurou.

– Muito obrigada, senhor

– Ela não estava nem satisfeita nem aborrecida. Antes de Anthony, muitos outros braços haviam feito o mesmo e o gesto se tornara pouco mais do que um gesto, sentimental, mas sem sentido.

Na sala de Rachael, um fogo baixo na lareira e dois abajures recobertos de uma seda alaranjada proporcionavam toda a iluminação, deixando os cantos cheios de sombras sonolentas e profundas. A anfitriã, com um vestido de *chiffon* escuro, parecia acentuar ainda mais a atmosfera sensual. Durante algum tempo os quatro permaneceram juntos, provando os sanduíches na mesa de chá; depois, Gloria viu-se sozinha com o capitão Collins no sofá perto da lareira; Rachael e o capitão Wolf se haviam afastado para o outro lado da sala, onde conversavam em voz baixa.

– Gostaria que você não fosse casada – disse Collins, dando ao rosto um ar ridículo de “com toda a sinceridade”.

– Por quê? – Ela estendeu o copo, para mais um pouco de bebida.

– Não beba mais – pediu ele, franzindo a testa.

– Por que não?

– Seria melhor se você não bebesse.

Gloria percebeu, de súbito, a intenção implícita na observação, a atmosfera que ele estava procurando criar. Quis rir – e ao mesmo tempo

percebeu que não havia motivo para riso. A noite havia sido agradável e não tinha vontade de ir para casa, mas, ao mesmo tempo, feriu-lhe o orgulho ser cortejada naquele tom.

- Quero outro coquetel – insistiu.
- Por favor...
- Ora, não seja ridículo! – exclamou, exasperada.
- Muito bem – ele cedeu, de má vontade.

E novamente seu braço a envolveu, e novamente ela não protestou, mas quando o rosto rosado aproximou-se, ela se afastou.

– Você é muito bonita – disse o capitão com ar de quem não sabia o que dizer.

Gloria começou a cantar baixinho, desejando agora que ele afastasse o braço. De repente, seus olhos se depararam com uma cena íntima do outro lado da sala: Rachael e o capitão Wolf estavam absorvidos num demorado beijo. Gloria sentiu um leve arrepio, sem saber por quê... O rosto rosado aproximou-se de novo.

– Não olhe para eles – murmurou. Quase imediatamente seu outro braço a envolvia... sua respiração se fazia sentir no rosto dela. De novo o absurdo triunfou sobre a repugnância, e seu riso foi uma arma que não necessitava do fio das palavras.

- Ora, pensei que você quisesse se divertir – disse ele.
- Como assim me divertir?
- Bem, aproveitar a vida.
- E beijá-lo em geral é considerado algo proveitoso?

Foram interrompidos pela súbita interferência de Rachael e do capitão Wolf.

– Está tarde, Gloria – disse Rachael, a roupa amassada e o cabelo desarranjado. – É melhor você passar a noite aqui.

Por um instante Gloria julgou que os oficiais estavam sendo despachados, mas compreendeu e, ao compreender, levantou-se da forma mais natural que pôde.

Sem perceber, Rachael continuou:

– Você pode ficar com o outro quarto. Eu empresto tudo de que precisar.

Os olhos de Collins imploravam como os de um cão; o capitão Wolf colocara o braço familiarmente em torno da cintura de Rachael; esperavam.

Contudo, a perspectiva de promiscuidade, colorida, variada, labiríntica e até mesmo um pouco perfumada e antiquada, não tinha atrativos para Gloria. Se o desejasse, teria ficado, sem hesitação, sem remorso. Mas não queria, e conseguiu enfrentar friamente os seis olhos hostis e ofendidos que a seguiram até o corredor com polidez forçada e palavras vazias.

– *Ele* não teve nem a delicadeza de tentar me levar em casa, pensou no táxi, e com um laivo de ressentimento: que vulgaridade!

Galantaria

Em fevereiro, teve uma experiência diferente. Tudor Baird, um namorado antigo, jovem que outrora pretendia desposar, foi a Nova York, servindo no Corpo de Aviação, e a visitou. Foram ao teatro várias vezes e, em uma semana, para sua grande satisfação, ele estava novamente apaixonado como antes. Deliberadamente o provocou, compreendendo, tarde demais, ter cometido um erro. Ele chegara a ponto de ficar sentado junto dela, num silêncio infeliz, quando saíam juntos.

Formado em Yale, ele possuía as relutâncias corretas de um jovem de “boa família”, as noções corretas de cavalheirismo e da *noblesse oblige* – e, natural mas infelizmente, as tendências corretas e a correta falta de ideias, traços que Anthony a ensinara a desprezar, mas que, não obstante, ela

admirava. Ao contrário da maioria dos homens do seu tipo, ela descobriu que Tudor não era maçante. Era simpático, espirituoso de certa forma, e com ele Gloria sentia que, devido a alguma qualidade – estupidez, lealdade, sentimentalismo ou algo que nada tinha que ver com nenhuma dessas coisas –, ele teria feito qualquer coisa para lhe ser agradável.

Tudor disse-lhe isso, entre outras coisas, com muita correção e com uma masculinidade ostensiva, que ocultava um sofrimento sincero. Embora não o amasse, teve pena dele e beijou-o sentimentalmente certa noite, porque era tão encantador, relíquia de uma geração que desaparecia, vivendo numa ilusão graciosa, e que estava sendo substituída por outros homens, menos galantes. E mais tarde alegrou-se por tê-lo beijado, pois no dia seguinte seu avião caiu de 500 metros de altura e um pedaço do motor atravessou-lhe o coração.

Gloria sozinha

Quando o Sr. Haight disse-lhe que o julgamento não ocorreria antes do outono, resolveu ingressar no cinema sem dizer a Anthony. Quando ele a visse ter êxito, tanto artística como financeiramente, quando visse que ela podia conseguir o que desejava de Joseph Bloeckman sem lhe dar nada em troca, abandonaria seu preconceito tolo. Passou acordada metade da noite planejando sua carreira e desfrutando o êxito antecipadamente. Na manhã seguinte, telefonou para a Films Par Excellence. O Sr. Bloeckman estava na Europa.

Entretanto, a ideia se apossara dela com tal força dessa vez que decidiu percorrer as agências de emprego no cinema. Como acontecera com frequência, seu olfato trabalhou contra suas boas intenções. A agência de empregos cheirava como se estivesse morta havia muito tempo. Passou

cinco minutos examinando sua possível concorrência – e retirou-se rapidamente para os recessos mais remotos do Central Park, onde ficou tanto tempo que se resfriou. Estava tentando tirar de suas vestes o ar da agência.

Na primavera, começou a perceber pelas cartas de Anthony – não por alguma delas em particular, mas pelo seu efeito cumulativo – que ele não a desejava no Sul. Desculpas curiosamente repetidas, que pareciam persegui-lo por sua própria fragilidade, ocorriam com freudiana regularidade. Expunha-as em cada carta, como se temesse tê-las esquecido na anterior, como se fosse desesperadamente necessário convencê-la. E os diminutivos afetuosos de suas cartas começaram a ser mecânicos e sem espontaneidade – quase como se, tendo completado a carta, a tivesse examinado e distribuído os diminutivos, como epigramas numa peça de Oscar Wilde. Chegou à conclusão, rejeitou-a, atravessou fases de irritação e depressão, e por fim, deixou orgulhosamente de pensar no assunto, e permitiu que suas cartas se fossem tornando cada vez mais frias.

Ultimamente, encontrara muitas coisas para ocupar-lhe a atenção. Vários aviadores, que conhecera por meio de Tudor Baird, foram visitá-la quando em Nova York, e dois antigos namorados também a procuraram – estavam no Camp Dix. Quando eram mandados para o exterior, esses homens, por assim dizer, passavam-na aos amigos. Mas depois de outra experiência desagradável com um capitão Collins potencial, deixou claro que qualquer nova apresentação teria de evitar mal-entendidos quanto a sua situação e a suas intenções pessoais.

Quando o verão chegou, aprendeu, como Anthony, a ler as listas de baixas, sentindo uma espécie de melancólico prazer em saber da morte de alguém com quem dançara e de identificar pelo nome os irmãos mais novos

de antigos namorados, pensando, à medida que progredia o avanço sobre Paris, que finalmente o mundo caminhava para a destruição inevitável e merecida.

Estava com 27 anos. Seu aniversário passou praticamente despercebido. Anos antes, atemorizara-se ao completar 20 anos, e um pouco também os 26. Mas agora se olhava no espelho segura de que ia encontrar o rosto com todo o frescor e o corpo flexível e elegante de sempre.

Procurava não pensar em Anthony. Era como se estivesse escrevendo para um estranho. Disse às amigas que ele havia sido promovido a cabo e aborreceu-se quando demonstraram um desinteresse cortês. Certa noite chorou porque sentia pena dele – se Anthony tivesse sido minimamente receptivo, teria ido para junto dele, sem hesitar, no primeiro trem. Precisava de alguém que cuidasse dele espiritualmente, não importava o que estivesse fazendo, e ela sentia que agora até isso lhe seria possível. Recentemente, sem o peso que ele exercia sobre sua força moral, sentira-se reviver maravilhosamente. Antes da partida, sentia-se inclinada a lamentar as oportunidades perdidas, mas agora voltava ao seu estado de espírito normal, forte, desdenhosa, vivendo cada dia pelo que valia. Comprou uma boneca e vestiu-a; numa semana, chorou com *Ethan Frome*; na segunda, deliciou-se com novelas de Galsworthy, que lhe agradavam pela sua capacidade de recriar a ilusão de amor romântico dos jovens, que as mulheres procuram sempre e recordam sempre.

Em outubro, as cartas de Anthony se multiplicaram, tornando-se quase desvairadas – e subitamente cessaram. Durante todo um mês teve de recorrer a toda a sua capacidade de controle para não partir imediatamente para o Mississippi. Recebeu, então, um telegrama informando que ele estivera no hospital e que podia esperá-lo em Nova York dentro de dez dias. Como uma figura num sonho, ele voltou à vida de Gloria no salão de baile,

naquela noite de novembro, e, durante longas horas que encerravam um contentamento familiar, ela o teve junto de seu coração, alimentando uma ilusão de felicidade e segurança que não julgara poder conhecer novamente.

A decepção dos generais

Depois de uma semana, o regimento de Anthony regressou ao campo no Mississippi, para a baixa. Os oficiais se fecharam nos compartimentos dos vagões Pullman e beberam o uísque que haviam comprado em Nova York, e nos vagões os soldados também se embebedaram o máximo possível, e fingiam, quando parava o trem, estar regressando da França, onde praticamente haviam dado fim ao Exército alemão. Como usavam quepe de expedicionário e alegavam não ter tido tempo de prender neles suas insígnias, as pessoas se impressionavam e perguntavam o que haviam achado das trincheiras, ao que respondiam: “São horríveis!”, com estalos de língua e acenos de cabeça. Alguém agarrou um pedaço de giz e escreveu num dos lados do trem: “Ganhamos a guerra e agora vamos para casa”, os oficiais riram e deixaram ficar. Procuravam vangloriar-se tanto quanto possível daquele decepcionante retorno.

Ao se aproximar do campo, Anthony ficou preocupado com a possibilidade de encontrar Dot a sua espera na estação. Para seu alívio, não a viu nem teve notícias dela. Certo de que se ela ainda estivesse na cidade sem dúvida tentaria comunicar-se com ele, concluiu que havia ido embora; para onde não sabia, nem se interessava em saber. Queria apenas voltar para Gloria – Gloria renascida e maravilhosamente viva. Quando recebeu finalmente a baixa, deixou a companhia na carroceria de um grande caminhão, com muitos outros que haviam dado vivas tolerantes, quase sentimentais, aos oficiais, particularmente ao capitão Dunning. O capitão,

por sua vez, se dirigira a eles com lágrimas nos olhos, falando do prazer etc., e do trabalho etc., e do tempo não desperdiçado etc., e do dever etc. Era tudo muito tolo e humano. Tendo ouvido tudo isso, Anthony, cujo espírito se reanimara com a semana em Nova York, teve reforçado seu profundo desprezo pela carreira militar e tudo o que ela representava. Em seus espíritos infantis, dois em cada três oficiais profissionais julgavam que as guerras eram feitas para os exércitos, e não estas para as guerras. Alegrava-se ao ver generais e ajudantes de ordens transitando, desolados, pelo campo deserto, privados de seus comandos. Alegrava-se ao ouvir os homens de sua companhia rirem com desprezo às sugestões de que permanecessem no Exército. Frequentariam “escolas”. Ele sabia o que eram tais “escolas”.

Dois dias depois, estava com Gloria em Nova York.

Outro inverno

No fim de uma tarde de fevereiro, Anthony entrou no apartamento e, tateando no pequeno corredor escuro na penumbra do inverno, encontrou Gloria sentada à janela. Voltou-se quando ele entrou.

– O que disse o Sr. Haight? – indagou ela distraidamente.

– Nada – respondeu Anthony. – O mesmo de sempre, no mês seguinte, talvez.

Ela o olhou fixamente, e o ouvido atento à voz dele percebeu um leve arrastar nas palavras.

– Você andou bebendo – observou desanimada.

– Um pouco.

– Ah!

Ele bocejou na poltrona e houve um momento de silêncio entre os dois. Então, de súbito, ela indagou:

– Você foi ver o Sr. Haight? Diga a verdade.
– Não – deu um sorriso fraco. – Na realidade, não tive tempo.
– Imaginei que você não ia... Ele o procurou.
– Não me importo. Estou cansado de ficar sentado no escritório dele, como se ele estivesse me fazendo um favor.

Olhou para Gloria, esperando um apoio moral, mas ela voltara a contemplar a paisagem dúbia e desinteressante lá fora.

– Estou tão cansado da vida hoje – disse ele, tentando conversar. Gloria continuou silenciosa. – Encontrei um conhecido e conversamos no bar do Biltmore.

A penumbra se acentuou de repente, mas nenhum dos dois fez qualquer movimento para acender as luzes. Perdidos sabe o céu em que reflexões, ficaram sentados ali até que uma rajada de neve arrancou um suspiro de Gloria.

– O que andou fazendo? – perguntou ele, achando o silêncio opressivo.
– Lendo uma revista cheia de artigos idiotas de autores prósperos sobre as dificuldades que os pobres têm em comprar camisas de seda. E, enquanto lia, não consegui parar de pensar em como eu queria um casaco de peles cinza, mas não podemos comprá-lo.

– Podemos, sim.
– Não.
– Podemos. Se você quer um casaco de peles, pode comprá-lo.
A voz dela, vindo através do escuro, tinha um toque de escárnio.
– Você quer dizer que podemos vender outro título?
– Se for preciso. Não quero que você fique sem coisas. Temos gastado muito dinheiro desde que eu voltei.
– Ora, cale-se! – disse ela, irritada.
– Por quê?

– Porque estou cansada de ouvir você falar do que gastamos ou do que fizemos. Você voltou há dois meses e temos saído praticamente todas as noites. Ambos desejamos sair e saímos. Bem, você não ouve eu me queixar, mas passa o tempo todo se lamentando, se lamentando. Não me importo mais com o que fazemos ou com o que será de nós no fim, e pelo menos sou coerente. Mas não consigo tolerar as suas lamentações...

– Você também não é muito agradável às vezes.

– Nem tenho obrigação de ser. Você não está fazendo nenhum esforço para mudar as coisas.

– Mas eu...

– Ah! Já ouvi isso antes. Hoje pela manhã você não ia tocar em bebida enquanto não tivesse arranjado um trabalho. E não teve nem ânimo de ir ver o Sr. Haight, que procurou você para falar sobre o processo.

Anthony levantou-se e acendeu as luzes.

– Ouça bem! – gritou, piscando. – Estou cansado da sua língua afiada, ouviu?

– E o que vai fazer?

– Você acha que estou feliz? – continuou, ignorando-lhe a pergunta. – Você acha que eu não sei que não estamos vivendo como devíamos?

Imediatamente, Glória estava junto dele, tremendo.

– Não vou tolerar isso! – explodiu. – Não vou tolerar que me venha com sermões! Você e os seus sofrimentos! Você sempre foi um fraco, digno de pena!

Encaram-se, insensatamente, incapazes de se impressionar, tremendamente entediados. Glória foi para o quarto e bateu a porta.

A volta de Anthony acentuara novamente toda a exasperação anterior à guerra. Os preços haviam subido de forma alarmante, e a renda do casal, num movimento inverso, se reduzira a pouco mais de metade do volume

original. Fora necessário pagar honorários ao Sr. Haight; ações antes compradas a 100 dólares agora valiam 30 ou 40 e outros investimentos estavam absolutamente desvalorizados. Na primavera anterior, Gloria enfrentara a alternativa de deixar o apartamento ou assinar um contrato de um ano, a 225 dólares por mês. Assinara. Inevitavelmente, à medida que aumentava a necessidade de economizar, eles se viam incapazes de pagar esse valor. Recorreram novamente à velha política de subterfúgios. Côncios de sua incapacidade, falavam do que fariam – amanhã, que iriam suspender as festas e Anthony trabalharia. Mas quando anoitecia, Gloria, habituada a sair todas as noites, sentia crescer a antiga inquietação. Ficava parada na porta do quarto, mordendo furiosamente os dedos, e por vezes seus olhos se encontravam com os de Anthony, sentado lendo um livro. Tocava então o telefone, seus nervos se afrouxavam e atendia com uma pressa mal disfarçada. Alguém vivia “por apenas alguns minutos” e, ah, a chateação do fingimento, o aparecimento das bebidas, a reanimação de seus espíritos abatidos – e o despertar, como se fosse o meio de uma noite de insônia em que viviam.

Conforme o inverno passava com a marcha dos soldados que voltavam pela Quinta Avenida, tornaram-se mais conscientes de que, desde a volta de Anthony, suas relações se haviam modificado totalmente. Após aquela explosão de ternura e paixão, cada qual se retirara para um sonho solitário do qual o outro não participava, e o afeto que fluía entre eles parecia fluir de um coração vazio para outro coração vazio, ecoando no vazio daquilo que, finalmente sabiam, acabara.

Anthony percorrera os jornais e não recebera nenhum estímulo de mensageiros, telefonistas e chefes de redação. Diziam: “Estamos guardando as vagas abertas para os nossos homens que ainda estão na França.” Em fins

de março, viu num jornal um anúncio, em consequência do qual encontrou pelo menos um simulacro de ocupação.

VOCÊ PODE VENDER!!!

Por que não ganhar enquanto aprende?

Nossos vendedores ganham de \$50 a \$200 por semana

Seguia-se um endereço na avenida Madison, com indicações para comparecer à uma hora da tarde. Gloria, lendo por cima de seu ombro depois do café tardio como sempre, viu-o olhando vagamente o anúncio.

- Por que não tenta? – sugeriu.
- Ora, deve ser um desses esquemas loucos.
- Talvez não. Pelo menos, seria uma experiência.

Por solicitação dela, foi à uma hora ao local indicado, onde já estavam muitos homens, esperando em frente à porta. Variavam de contínuos, evidentemente fazendo uso do horário na empresa em que trabalhavam, a um indivíduo de corpo retorcido e bengala torta. Alguns estavam malvestidos, com faces encovadas e olhos avermelhados, outros eram jovens, possivelmente ainda estudantes. Depois de longos quinze minutos, durante os quais se olharam com desconfiança, surgiu um jovem com aparência inteligente e ares de diretor-assistente que os conduziu ao andar de cima, a um amplo salão semelhante a uma escola, com diversas mesas. Os aspirantes a vendedores sentaram-se e voltaram a esperar. Depois de algum tempo, o estrado no fundo da sala se encheu de meia-dúzia de jovens bem vestidos e animados, que, com uma exceção, se sentaram num semicírculo de frente para os candidatos a vendedor.

A exceção era o homem que parecia o mais bem vestido, o mais animado e mais jovem de todos, e que se posicionou na frente do estrado. Os candidatos o examinaram esperançosos. Era baixo e bem-posto, com uma

elegância comercial. Tinha cabelos louros e olhos honestos. Houve um silêncio interessado na sala. Com perfeita segurança, dominou o auditório, e suas palavras, quando pronunciadas, revelaram firmeza e confiança.

– Senhores!

Fez uma pausa. A palavra prolongou-se num eco pela sala; os rostos o contemplavam com esperança, cinismo, cansaço. Seiscentos olhos estavam voltados para ele. Num tom monótono, sem elegância, que lembrou a Anthony o rolar de bolas no boliche, começou sua exposição.

– Nessa clara manhã de sol, os senhores pegaram seu jornal favorito e encontraram um anúncio dizendo, pura e simplesmente, que podem vender. Era tudo. Não dizia o que, não dizia como, não dizia por quê. Fazia apenas uma afirmação solitária, a de que o senhor, o senhor e o senhor – e foi apontando – podem vender. A minha tarefa não é fazer dos senhores homens de sucesso porque todos nascem para o sucesso e fazem de si um fracasso. Não é ensinar como falar, porque todo homem é um orador natural, mas se transforma num gago. A minha tarefa é dizer-lhes uma coisa de tal modo que os senhores a *sintam*, é dizer-lhes que o senhor, o senhor e o senhor têm à sua espera uma herança de dinheiro e prosperidade e basta que a reclamem.

A essa altura, um irlandês de aparência sombria levantou-se e saiu.

– Esse homem pensa que vai encontrá-la no bar da esquina. (Risos.) Ela não está lá. Certa vez, eu mesmo a procurei nesse lugar (risos), mas isso foi antes de fazer o que todos os senhores, não importa a idade, se ricos (risos) ou pobres, podem fazer. Foi antes que eu me encontrasse!

“Vocês sabem o que é uma *Palestra sincera*? *Palestra sincera* é um pequeno caderno no qual comecei a anotar, há cerca de cinco anos, o que me pareciam ser as principais razões do fracasso do homem e as principais razões de seu êxito, de John D. Rockefeller até John D. Napoleão (risos) e,

antes disso, até os dias em que Abel vendeu seu direito de nascimento por um prato de sopa. Há, hoje, centenas dessas *Palestras sinceras*. Os que forem sinceros entre os senhores e que estiverem interessados na nossa proposta, acima de tudo os que estiverem descontentes com a situação presente vão receber um exemplar ao sair daqui hoje.

“Tenho aqui quatro cartas que acabei de receber sobre as *Palestras sinceras*. São assinadas por nomes familiares a todos nos Estados Unidos. Ouçam essa, de Detroit:

Prezado Sr. Carleton:

Desejo mais trezentos exemplares das *Palestras sinceras* para distribuir entre meus vendedores. Esses livros fizeram mais pela produção dos meus homens do que todos os prêmios em dinheiro oferecidos. Eu mesmo as leio constantemente e desejo congratular sinceramente o senhor por atingir as raízes do maior problema que a nossa geração enfrenta: o problema das vendas. Com muitas felicitações,

Sinceramente seu,
HENRY W. TERRAL

Pronunciou o nome com três exclamações de triunfo, fazendo uma pausa entre elas, para produzirem seu efeito mágico. Leu em seguida mais duas cartas, a de um fabricante de aspiradores de pó e outra do presidente da Great Northern Doily Company.

– E agora – continuou –, vou lhes dizer em poucas palavras qual é a proposta que vai fazer de todos os que tiverem condições homens prósperos. É o seguinte: *Palestras sinceras* foi organizada como uma empresa e vamos colocar esses folhetos nas mãos de todas as grandes organizações comerciais, de todos os vendedores, de todos os que sabem, e eu não digo “pensam”, digo “sabem”, que podem vender. Vamos colocar na praça ações da *Palestras Sinceras* e, para que a sua distribuição possa ser a mais ampla possível e também para que possamos proporcionar um exemplo vivo, concreto, do

que é vender, ou do que deveria ser, vamos dar aos senhores uma oportunidade de vender essas ações. Não me interessa se já tentaram vender alguma coisa antes, nem como. Não importa a idade que tenham. Quero apenas saber duas coisas: primeiro, se querem ter êxito, e segundo, se estão dispostos a trabalhar para isso.

“Meu nome é Sammy Carleton, e não ‘Sr.’ Carleton, apenas Sammy. Sou um homem simples, sem ilusões a meu respeito. Quero que me chamem de Sammy.

“O que vou lhes dizer hoje é o seguinte: quero que amanhã todos os que tiverem lido o exemplar das *Palestras sinceras* que lhes será dado à saída voltem a esta mesma sala, a esta mesma hora, e examinaremos mais detalhadamente o assunto; explicarei então o que considero os princípios do êxito. Vou fazer com que o senhor, o senhor e o senhor *sintam* que podem vender.”

A voz do Sr. Carleton ecoou por um momento na sala e desfez-se. Ao ruído de muitos passos, Anthony foi levado com a multidão para fora.

Novas aventuras com as Palestras sinceras

Com um riso irônico, Anthony contou a Gloria a história de sua aventura comercial. Mas ela ouviu sem achar graça.

– Vai desistir novamente? – indagou com frieza.

– Ora, você não quer que eu...

– Nunca quis nada de você.

Anthony hesitou.

– Não vejo vantagem em me ocupar disso.

Foi necessária uma surpreendente energia moral de Gloria para levá-lo a voltar, e quando ele se apresentou no dia seguinte, um pouco deprimido pela

leitura das idiotices das *Palestras sinceras* sobre a ambição, viu que apenas cinquenta dos trezentos candidatos originais esperavam o aparecimento do entusiasmado Sammy Carleton. O entusiasmo e a convicção do Sr. Carleton foram exercidos, dessa vez, a fim de elucidar o que era essa coisa magnífica: vender. O método aprovado parecia ser expor a questão e, em seguida, em vez de perguntar: “O senhor não quer comprar um?”, e sim, após ter reduzido o adversário a um estado de exaustão, levar-se do imperativo categórico: “Veja bem! O senhor tomou o meu tempo para que eu lhe explicasse isso. Concordou comigo, e só me resta perguntar-lhe quantos quer.”

À medida que o Sr. Carleton ia fazendo afirmação após afirmação, Anthony começou a sentir uma espécie de confiança aborrecida nele. O homem parecia saber do que estava falando. Evidentemente próspero, elevava-se à posição de instrutor de outros. Não ocorreu a Anthony que o tipo de homem que consegue êxito comercial raramente sabe como ou por quê, e, como no caso de seu avô, quando procura as razões, elas são geralmente imprecisas e absurdas.

Anthony observou que, dos numerosos velhos presentes no dia anterior, somente dois tinham voltado, e que, entre os trinta homens que se reuniram no terceiro dia para ouvir as instruções práticas de venda pelo Sr. Carleton, havia apenas uma cabeça grisalha. Aqueles trinta eram conversos ansiosos: repetiam com os lábios as palavras do Sr. Carleton, se remexiam na cadeira com entusiasmo, e, nos intervalos, falavam entre si em murmúrios aprovadores. E entre os poucos escolhidos que, segundo as palavras do Sr. Carleton, “estavam destinados a conquistar o que de direito lhes pertencia”, menos de meia dúzia reunia o mínimo de aparência pessoal e o grande dom de convencer. Entretanto, disseram-lhes que eram, todos, “convencedores” naturais – era necessário apenas que acreditassem, com uma espécie de

paixão selvagem, no que vendiam. Chegou a pedir a cada homem que comprasse algumas ações, se possível, para aumentar sua própria sinceridade.

No quinto dia, Anthony saiu à rua com todas as sensações de um homem procurado pela polícia. Agindo de acordo com as instruções, escolheu um edifício de escritórios, até o alto do qual devia subir de elevador e em seguida descer a pé, parando em todas as salas que tivessem nome à porta. Mas no último momento, hesitou. Talvez fosse mais prático aclimatar-se com a atmosfera gelada que, previa, o esperava, tentando alguns escritórios na avenida Madison. Entrou numa galeria que parecia apenas semipróspera e, vendo uma tabuleta que dizia Percy B. Weatherbee, Arquiteto, abriu a porta e heroicamente entrou. Uma jovem o olhou interrogativamente.

– Posso falar com o Sr. Weatherbee? – Ficou imaginando se a voz não estaria trêmula.

Ela colocou a mão no telefone.

– Qual é o seu nome, por favor?

– Ele não me conhece.

– Sobre o que deseja falar com ele? O senhor é corretor de seguro?

– Oh, não, nada disso – negou Anthony, apressado. – É... É um assunto pessoal. – Ficou pensando se devia ter dito isso. Parecia tão simples quando o Sr. Carleton dizia o seu rebanho: “Não permitam que a entrada lhes seja barrada! Mostrem que estão decididos a falar com eles, e eles ouvirão.”

A moça não resistiu ao rosto agradável e melancólico de Anthony, e em poucos minutos a porta da sala interna se abriu, e de dentro veio um homem alto, de pés largos e cabelos ralos. Aproximou-se de Anthony com uma impaciência mal disfarçada.

– Quer falar comigo sobre um assunto pessoal?

Anthony estremeceu.

– Quero conversar com o senhor – disse, num desafio.
– Sobre o quê?
– Leva algum tempo para explicar.
– Bem, do que se trata? – A voz do Sr. Weatherbee evidenciava uma irritação crescente.

Lutando com cada palavra, cada sílaba, Anthony começou:

– Não sei se o senhor já ouviu falar de uma coleção de folhetos intitulada *Palestras sinceras...*

– Meu Deus! – exclamou Percy B. Weatherbee, Arquiteto. – Não vai querer me comover?

– Não, trata-se de um negócio. *Palestras sinceras* foi transformado em sociedade anônima e estamos colocando algumas ações no mercado...

Sua voz foi desaparecendo, embargada pelo olhar fixo e irritado de sua vítima involuntária. Esforçou-se ainda por mais um minuto, cada vez mais constrangido, emaranhando-se nas próprias palavras. Sua confiança desapareceu em emanções que eram como parte de seu próprio corpo. Quase caridosamente, Percy B. Weatherbee, Arquiteto, concluiu a entrevista.

– Meu Deus! – exclamou, aborrecido. – Você chama isso de assunto pessoal! – Desapareceu no escritório, batendo a porta. Sem ousar olhar para a secretária, Anthony conseguiu escapar dali de alguma forma misteriosa e vergonhosa. Suando profundamente, ficou no corredor, imaginando por que não o vinham prender. Em todo olhar apressado via infalivelmente um ar de desprezo.

Depois de uma hora, e com a ajuda de duas doses de uísque, conseguiu fazer outra tentativa. Entrou numa oficina de encanador, mas quando começou sua exposição, o homem agarrou o paletó com um ar apressado, anunciando que ia sair para almoçar. Anthony comentou cortesmente que

era inútil tentar vender alguma coisa a quem estava com fome, e o encanador concordou imediatamente.

O episódio estimulou Anthony – começou a pensar que se o encanador não estivesse saindo para almoçar, pelo menos teria ouvido.

Depois de passar por algumas lojas enormes e brilhantes, entrou numa mercearia. Um proprietário falador lhe disse que antes de comprar ações queria ver como o armistício afetaria o mercado. Para Anthony isso parecia quase injusto. Na utopia dos vendedores descrita pelo Sr. Carleton, a única razão que os compradores em potencial tinham para não comprar era duvidarem da vantagem do investimento. Evidentemente, um homem naquele estado era fácil de ser convencido apenas pela aplicação judiciosa dos argumentos de venda. Mas, na realidade, ninguém tinha desejo nenhum de comprar ações.

Anthony tomou vários outros tragos antes de abordar o quarto homem, um corretor de imóveis, que o recebeu com um golpe tão decisivo quanto um silogismo: disse que tinha três irmãos trabalhando na venda de ações. Considerando-se um perturbador de lares, Anthony desculpou-se e foi embora.

Depois de outro copo, concebeu o plano brilhante de vender ações aos donos de bar na avenida Lexington. Isso exigiu várias horas, pois era necessário tomar alguma coisa em cada bar para que o proprietário concordasse em falar de negócios, mas todos afirmavam que, se tivessem dinheiro, não seriam donos de bar. Era como se tivessem decidido, em reunião, dar aquela resposta. Quando já eram quase cinco horas, Anthony descobriu que estavam desenvolvendo a tendência ainda mais irritante de dispensá-lo com um gesto.

Às cinco horas, com um esforço tremendo de concentração, decidiu que precisava dar mais variedade à sua argumentação. Escolheu uma *delicatessen*

de porte médio e entrou. Achou, numa iluminação, que devia convencer não apenas o dono, mas também os fregueses – e talvez, por meio da psicologia de massas, eles comprassem uma quantidade de ações impressionante.

– Boa tarde – começou, em voz alta. – Tenho uma pequena proposta a fazer.

Se desejava silêncio, isso pelo menos conseguiu. Uma espécie de receio baixou sobre a meia dúzia de mulheres que faziam compras e sobre o velho grisalho que, de avental e gorro, cortava frangos.

Anthony tirou um monte de papel da pasta e acenou com eles, alegremente.

– Compre uma ação – sugeriu. – Excelente ação! Compre essas ações... não pode haver melhor! Melhor do que bônus de guerra!

Fez uma pausa e passou à exposição, com os gestos adequados, um pouco prejudicados pela necessidade de segurar-se, com uma ou ambas as mãos, no balcão.

– Agora, vejam bem! Tomaram o meu tempo. Não quero saber por que *não* vão comprar. Quero apenas que me digam quantas! Quero que me digam quantas!

A essa altura, deviam aproximar-se dele com talões de cheque e canetas na mão. Percebendo que deviam ter entendido mal, Anthony, com o instinto de um ator, repetiu o final.

– Agora, vejam bem! Tomaram o meu tempo. Entenderam o que eu disse. Concordaram. Quero saber quantas ações!

– Olhe aqui! – disse uma nova voz. Um homem enorme, cujo rosto estava adornado por montes simétricos de cabelo louro, saíra de uma caixa de vidro nos fundos da loja e se aproximava de Anthony. – Olhe aqui, seu...

– Quantas? – repetia Anthony, teimoso. – Tomaram o meu tempo e...

– Vou chamar a polícia! – gritou o proprietário.

– É claro que não vai! – respondeu Anthony, num desafio. – Tudo o que quero saber é quantas.

De vários pontos da loja emergiram pequenas nuvens de comentários e críticas.

– Que coisa horrível!

– É um louco!

– Está totalmente bêbado.

O proprietário agarrou brutalmente o braço de Anthony.

– Se não for embora, chamo a polícia.

Um resto de bom senso fez com que Anthony concordasse e recolocasse as ações na pasta.

– Quantas? – insistiu.

– Todas as polícias, se for necessário! – trovejou o adversário, com o bigode amarelo tremendo de raiva.

Com isso, Anthony deu meia-volta, inclinou-se gravemente perante seu público e saiu da loja. Tomou um táxi na esquina e foi para casa, onde adormeceu profundamente no sofá e onde Gloria o encontrou, a respiração enchendo a sala de um odor desagradável, a mão ainda presa à pasta aberta.

Exceto quando Anthony estava bebendo, o alcance de suas sensações se havia tornado inferior ao de um velho sadio, e quando a proibição de bebidas alcoólicas foi imposta em julho, ele verificou que, entre os que tinham recursos, bebia-se mais do que nunca. Os convidados agora traziam uma garrafa ao menor pretexto. A tendência de exhibir bebidas era uma manifestação do mesmo instinto que leva o homem a adornar de joias sua mulher. Ter bebidas era um triunfo, era quase um símbolo de respeitabilidade.

Pelas manhãs Anthony acordava cansado, nervoso e preocupado. Tanto os belos poentes do verão como o púrpura das manhãs o deixavam

insensível. Apenas por um breve momento, a cada dia, com o calor e a vida renovada de uma bebida, seu espírito conseguia voltar-se para os sonhos opalescentes do prazer futuro – a herança mútua dos felizes e dos malditos. Mas isso apenas por pouco tempo. Quando se embriagava mais, os sonhos desapareciam e se tornavam um espectro confuso, movendo-se pelas trilhas de seu espírito complexo, cheio de estranhezas, irritado e desdenhoso na melhor das hipóteses, e atingindo por vezes profundidades de desespero e desânimo. Uma noite, em junho, discutira violentamente com Maury sobre um assunto sem importância. Lembrava-se vagamente, na manhã seguinte, que fora sobre uma garrafa de champanhe quebrada. Maury dissera-lhe para que se contivesse, e Anthony ficara ofendido – num gesto de dignidade, levantara-se da mesa e, agarrando Gloria pelo braço, ao mesmo tempo conduziu-a e arrastou-a para um táxi, deixando Maury com três jantares pedidos e as entradas para a ópera.

Essa espécie de fiasco semitrágico se tornara tão habitual que, ao ocorrer, ele já não se preocupava em tentar repará-lo. Se Gloria protestava – e ultimamente era mais provável que caísse num silêncio irritado –, ele iniciava uma amarga defesa ou saía do apartamento. Jamais voltara a pôr-lhe as mãos desde o incidente da plataforma de Redgate, embora fosse frequentemente impedido apenas por algum instinto que o fazia tremer de raiva. Como ainda gostava mais dela do que de qualquer outra criatura, também a odiava mais intensa e mais frequentemente.

Até aquele momento, os juízes do Tribunal de Apelação não haviam emitido nenhuma sentença, mas depois de novo adiamento finalmente confirmaram a decisão da instância inferior, com dois votos negativos. Houve novo recurso, e o caso foi encaminhado ao Supremo Tribunal, sendo de prever outra espera interminável. Seis meses, talvez um ano. Tudo aquilo

se havia tornado extremamente irreal para eles, distante e incerto como o paraíso.

Durante todo o inverno precedente, uma questão insignificante constituía um motivo de irritação permanente: o casaco de Gloria. As mulheres andavam então envoltas em longos casacos de pele que eram vistos por toda parte na Quinta Avenida. Haviam adquirido a forma de piões, pareciam obscenas na riqueza implícita, na animalidade feminina daquele traje. E, mesmo assim, Gloria queria um casaco de peles cinzento.

Conversando sobre o assunto – ou, antes, discutindo por causa dele, pois, ainda mais do que no primeiro ano de seu casamento, toda conversa tomava a forma de um debate amargo, cheio de frases como “certamente”, “é uma ofensa”, “não obstante” –, concluíram que não podiam comprá-lo. E aos poucos o casaco se transformou no símbolo de suas crescentes preocupações financeiras.

Para Gloria, a redução de sua renda era um fenômeno notável, sem explicação ou precedentes – que tivesse acontecido num espaço de cinco anos parecia-lhe uma crueldade consciente, engendrada e executada por um Deus sardônico. Quando se haviam casado, 7.500 dólares por ano pareciam bastante para um casal jovem, especialmente quando havia a expectativa de muitos milhões. Gloria só percebera que não apenas o total decrescia mas diminuía também o valor aquisitivo quando o pagamento dos honorários de 1.500 dólares ao Sr. Haight tornou a situação evidente. Quando Anthony fora sorteado, haviam calculado sua renda em mais de 400 dólares por mês, com o dólar ainda perdendo valor; mas quando ele voltara a Nova York, verificaram que a situação era ainda pior: estavam recebendo apenas 4.500 por ano dos investimentos feitos. E embora o processo do testamento representasse para eles uma miragem insistente e o perigo de bancarrota

ainda fosse um pouco remoto, verificaram que não podiam viver com a renda que tinham.

Por isso, Gloria continuou sem seu casaco de peles e, diariamente, pela Quinta Avenida, tinha consciência de seu casaco de leopardo já meio gasto e inapelavelmente fora de moda. De quando em vez vendiam uma ação, e o que sobrava depois de pagas as contas era engolido pelas despesas correntes. Os cálculos de Anthony mostravam que seu capital duraria sete anos ainda. E o coração de Gloria se amargurava porque, numa semana, numa prolongada e histérica farra em que Anthony caprichosamente se despira do paletó, do colete e da camisa num teatro e fora conduzido para fora por vários funcionários, gastaram duas vezes o preço de um casaco de pele.

Era novembro, um veranico, uma noite bastante morna – desnecessária, porque a obra do verão já se concluía. Babe Ruth batera um recorde e Jack Dempsey quebrara o queixo de Jess Willard em Ohio. Na Europa, o número habitual de crianças tinha o estômago atrofiado de fome, e os diplomatas davam prosseguimento ao seu trabalho de tornar o mundo seguro para novas guerras. Em Nova York, o proletariado estava sendo “disciplinado”, e nas apostas Harvard era cotada a cinco por três. A paz chegara rapidamente, o começo de novos dias.

No quarto do apartamento da rua 57, Gloria rolava na cama e de vez em quando se erguia para afastar uma coberta desnecessária e para pedir a Anthony, também acordado a seu lado, que pegasse um copo d'água. “Ponha uma pedra de gelo dentro, a água não sai muito gelada da torneira”, insistia.

Olhando pela cortina, podia ver a lua sobre as casas, e além, no céu, o brilho da Times Square – e, observando as duas luzes díspares, seu cérebro se detinha numa emoção ou, antes, num complexo de emoções, que lhe ocupara todo o dia, o dia anterior e assim sucessivamente até a última vez

que se lembrava de ter pensado, com clareza e lógica, sobre alguma coisa, o que devia ter ocorrido quando Anthony estava no Exército.

Completaria 29 anos em fevereiro. O mês adquiria um caráter agourento e inexorável, fazendo com que pensasse, ao longo de todas aquelas horas nebulosas e meio febris, se no final das contas não havia desperdiçado sua beleza, agora levemente cansada, e se haveria qualquer utilidade para os dons sujeitos a uma moralidade inevitável e impiedosa.

Anos antes, quando tinha 21, escrevera em seu diário: “A beleza é apenas para ser admirada, para ser amada, para ser cultivada cuidadosamente e então entregue a um amante escolhido, como um punhado de rosas. Acho, pelo que posso julgar, que a minha beleza deve ser usada dessa forma...”

E agora, naquele dia de novembro, durante todo aquele desolado dia, sob um céu sujo e branco, Gloria pensara que talvez estivesse errada. Para preservar a integridade de seu primeiro amor, não procurara outros. Quando a chama e o êxtase iniciais diminuíram, desapareceram, ela começou a preservar... o quê? Intrigava-lhe não saber mais o que estava preservando, uma lembrança sentimental ou algum conceito de honra, profundo e fundamental. Duvidava agora de que houvesse qualquer princípio moral em jogo no seu modo de vida – percorrer, despreocupada e sem remorso, os caminhos mais alegres e manter o orgulho de ser sempre ela mesma e de fazer o que lhe parecia bom. Desde o primeiro rapaz de Eton, do qual fora namorada, até o último homem que por ela passara ocasionalmente, com os olhos alertas de apreciação ao vê-la, havia sido necessário apenas aquela sinceridade que sabia dar ao olhar ou a uma frase inconsequente – pois falara sempre em frases inconsequentes – para tecer à sua volta ilusões imensuráveis, distâncias imensuráveis, luzes imensuráveis. Para criar almas nos homens, para criar felicidade e desespero, tinha de

permanecer profundamente orgulhosa – orgulho de ser inviolada, orgulho também de sentir, de ser apaixonada e de ser possuída.

Sabia que, no íntimo, jamais desejara filhos. A realidade, a materialidade, a ameaça a sua beleza, o sentimento de ter filhos a haviam atemorizado. Desejava existir apenas como uma flor consciente, prolongando-se e preservando-se. Seu sentimentalismo podia apegar-se às suas ilusões, mas o espírito irônico murmurava-lhe que a maternidade era um privilégio também das macacas. Por isso, sonhava apenas com crianças etéreas – os primeiros e perfeitos símbolos de seu primeiro e perfeito amor por Anthony.

No final, sua beleza foi a única coisa que jamais lhe falhou. Jamais viu outra que se lhe comparasse. O que significava, ética ou esteticamente, não tinha importância diante da realidade de seu róseo pé, da perfeição de seu corpo, da boca infantil que era o símbolo material de um beijo.

Faria 29 anos em fevereiro. À medida que a longa noite se desvanecia, aumentava-lhe a consciência de que iria aproveitar os próximos três meses. A princípio, não sabia como, mas o problema resolveu-se na velha atração pelo cinema. Estava com pressa agora. Nenhuma necessidade material poderia ter-lhe pressionado como aquele medo. De nada importava Anthony, o pobre de espírito, o homem fraco e de olhos injetados que ainda lhe despertava momentos de ternura. Não importava. Ela teria 29 anos em fevereiro – cem dias, muitos dias. Procuraria Bloeckman amanhã.

Com a decisão, veio o alívio. Animou-se com a ideia de que, de certa forma, a ilusão de beleza podia ser mantida, ou preservada talvez, no celuloide depois de desaparecida a realidade. Bem – amanhã.

No dia seguinte, sentiu-se fraca e doente. Tentou sair, mas na rua teve de apoiar-se numa caixa de correio perto da porta. O ascensorista ajudou-a a subir, e ela esperou, na cama, que Anthony voltasse, sem energia nem mesmo para trocar de roupa.

Durante cinco dias ficou prostrada pela gripe que, ao se transformar o mês em inverno, transformou-se também numa pneumonia dupla. Nas divagações febris do delírio, atravessava uma casa desolada, de aposentos às escuras, procurando a mãe. Tudo o que desejava era ser uma menina, de quem tomasse conta eficientemente algum poder superior. Parecia-lhe que o único amante que desejara fora um amante de sonho.

“Odi Profanum Vulgos”

Um dia, em meio à doença de Gloria, houve um incidente curioso que intrigou a Srta. McGovern, a enfermeira. Era meio-dia, mas o quarto da doente estava escuro e silencioso. A enfermeira estava de pé próxima da cama, preparando algum remédio, quando a Sra. Patch, que parecia dormir profundamente, sentou-se e começou a falar com animação:

– Milhões de pessoas arrastando-se como ratos, falando como macacos, cheirando mal... macacos! Ou piolhos, acho. Por um palácio realmente bom... em Long Island, digamos, ou mesmo em Greenwich... por um palácio cheio de quadros do Velho Mundo e de coisas requintadas, com avenidas de árvores e gramados verdes e uma vista do mar azul, e pessoas agradáveis com roupas bonitas... Eu sacrificaria milhares, milhões delas. – Levantou a mão, fraca, e estalou os dedos. – Não me importo com eles, entende?

O olhar que lançou à Srta. McGovern, ao concluir esse discurso, foi curiosamente infantil, fixo. Deu uma pequena risada cheia de desprezo e caiu novamente na cama, dormindo.

A Srta. McGovern ficou espantada. Que milhares de coisas estaria a Sra. Patch disposta a sacrificar pelo seu palácio? Dólares, supôs – e no entanto, não parecia referir-se a dólares exatamente.

O cinema

Era fevereiro, sete dias antes de seu aniversário, a neve que se amontoara nas esquinas como poeira nas fendas do assoalho se havia transformado em lama e era arrastada para os esgotos pelas mangueiras dos garis. O vento, não menos cortante por ser ocasional, penetrava pelas janelas abertas da sala de estar, trazendo consigo os segredos sombrios da área entre os prédios e carregando, com sua circulação triste, o odor de fumo do apartamento dos Patch.

Embrulhada num quimono, Gloria entrou na sala fria e, apanhando o telefone, ligou para Joseph Bloeckman.

– Quer dizer o Sr. Joseph *Black*? – indagou a telefonista da Films Par Excellence.

– Bloeckman, Joseph Bloeckman. B-l-o...

– O Sr. Joseph Bloeckman mudou seu nome para Black. Quer falar com ele?

– Ora... quero. – Lembrou-se de que certa vez o chamara de Blockhead, diretamente.

Ouviu-lhe a voz depois de enfrentar ainda a cortesia de mais duas vozes femininas. A última foi a da secretária, que tomou seu nome. Somente ao ouvir no fone seu tom familiar mas levemente impessoal, compreendeu que se haviam passado três anos desde a última vez que o vira. E ele mudara o nome para Black.

– Pode me atender? É realmente um assunto de negócios – sugeriu ela. – Pretendo fazer cinema, finalmente, se puder.

– Fico muito satisfeito. Sempre achei que isso lhe agradaria.

– Acha que me pode conseguir um teste? – indagou, com a arrogância peculiar a todas as mulheres bonitas, de todas as mulheres que em qualquer

época se consideram bonitas.

Assegurou-lhe que era apenas querer. Quando? Bem, ele telefonaria mais tarde, naquele mesmo dia, e marcariam a hora mais conveniente. A conversa encerrou-se com as frases convencionais de ambos os lados. E de três até as cinco, ela ficou sentada junto do telefone – em vão.

Mas na manhã seguinte recebeu um bilhete que a animou:

Minha querida Gloria:

Por sorte chegou ao meu conhecimento uma oportunidade que, creio, lhe servirá. Gostaria de vê-la começar com alguma coisa que chamasse a atenção para a sua pessoa. Ao mesmo tempo, uma mulher bonita como você, se colocada de imediato junto de uma das estrelas já bem gastas que pesam sobre todas as companhias, provocaria comentários maliciosos. Mas há um papel de melindrosa numa produção de Percy B. Debris que me parece adequado a você e que chamaria a atenção. Wilda Sable contracena com Gaston Mears, e você seria a sua irmã mais nova.

Percy B. Debris, que está dirigindo o filme, disse que, se você vier ao estúdio depois de amanhã (quinta-feira), fará um teste. Se às dez horas estiver bem, eu a esperarei.

Com todos os melhores votos,
JOSEPH BLACK.

Gloria resolvera que Anthony de nada devia saber até que tivesse conseguido uma posição definida, por isso vestiu-se e saiu na manhã seguinte antes que ele despertasse. O espelho mostrara, ao que lhe pareceu, o mesmo aspecto de sempre. Ficou imaginando se a doença deixara algum traço. Estava ainda um pouco magra, e o rosto lhe parecera, dias antes, um pouco mais fino, mas sabia que eram condições simplesmente transitórias e que naquela manhã seu aspecto era o de sempre. Comprara um chapéu novo e, como o dia estivesse quente, deixou o casaco de leopardo em casa.

Nos estúdios da Films Par Excellence foi anunciada pela recepcionista e informaram-lhe que o Sr. Black desceria imediatamente. Ficou observando o lugar. Duas moças passeavam pelos estúdios tendo como cicerone um homem baixo e gordo, e uma delas indicou uma fileira de embrulhos finos, empilhados até a altura do peito junto à parede e estendendo-se por uns 6 metros.

– É a correspondência do estúdio – explicou o homem. – Retratos das estrelas da Films Par Excellence.

– Ah!

– Cada retrato é autografado por Florence Kelly ou Gaston Mears ou Mac Dodge – piscou o olho confidencialmente. – Pelo menos, as pessoas que recebem os retratos pedidos pensam que foram autografados.

– É um carimbo?

– Claro, seria preciso de boa parte de um dia de oito horas para autografar a metade deles. Dizem que a correspondência de Mary Pickford lhe custa 50 mil dólares por ano.

– Não diga!

– É, 50 mil. Mas essa é a melhor propaganda que existe.

Afastaram-se e quase imediatamente Bloeckman apareceu – um cavalheiro moreno, com seus graciosos 40 anos, que a cumprimentou calorosamente e lhe disse que não mudara nada em três anos. Levou-a por um enorme galpão, interrompido, de quando em vez, por cenários movimentados e fileiras de luzes que cegavam. Cada cenário estava marcado com letras brancas e grandes: “Companhia de Gaston Mears”, “Companhia de Mack Dodge” ou simplesmente “Films Par Excellence”.

– Já estive num estúdio?

– Nunca.

Estava gostando. Não havia o abafamento da maquiagem pesada nem o cheiro de roupas usadas e espalhafatosas que, alguns anos antes, lhe haviam provocado náuseas nos bastidores de uma comédia musical. O trabalho se fazia nas manhãs claras, e o equipamento parecia rico, novo e bonito. Num cenário alegre com decorações orientais, um chinês perfeito executava uma cena de acordo com as instruções do megafone, enquanto a grande máquina produzia seu velho conto moral para a edificação do espírito nacional.

Um homem de cabelo vermelho aproximou-se e falou com um tom de deferência a Bloeckman, que respondeu:

– Olá, Debris. Quero que conheça a Sra. Patch... Ela deseja ingressar no cinema, como lhe disse... Bem, e agora, aonde vamos?

O Sr. Debris, o grande Percy B. Debris, pensou Gloria, mostrou-lhe um cenário que representava o interior de um escritório. Algumas cadeiras estavam colocadas em torno da câmara, e os três se sentaram.

– Já estive antes num estúdio? – indagou o Sr. Debris, lançando-lhe um olhar que era sem dúvida a quintessência da agudeza. – Não? Bem. Vou explicar tudo. Vamos fazer um teste para ver se as suas feições são fotogênicas, se tem uma presença natural e como representa. Não precisa ficar nervosa. Vamos filmar apenas algumas dezenas de metros de um episódio que assinalei aqui no cenário. Com isso, poderemos dizer mais ou menos o que desejamos.

Apanhou um texto datilografado e explicou-lhe o episódio de que ela devia participar. Uma tal Barbara Wainwright casara-se secretamente com o sócio mais novo da firma cujo escritório estava ali representado. Entrando certo dia no escritório por acaso, ficou naturalmente interessada em ver o lugar onde o seu marido trabalhava. O telefone tocou e, depois de hesitar, ela atendeu. Foi informada de que seu marido havia sido atropelado por um

automóvel e morrera instantaneamente. A princípio, não compreendeu a verdade, mas tão logo se deu conta, caiu desmaiada no chão.

– É apenas isso – concluiu Debris. – Vou ficar aqui e dizer a você mais ou menos o que fazer, e você vai agir como se eu não estivesse aqui, a seu modo. Não precisa recear que o nosso julgamento seja muito severo. Queremos apenas ter uma ideia geral da sua personalidade cinematográfica.

– Entendi.

– Encontrará maquiagem na sala ao fundo. Vá se aprontar. Pouco vermelho.

– Está bem – disse Gloria, molhando os lábios nervosamente com a ponta da língua.

O teste

Ao entrar no cenário e fechar atrás de si a porta de madeira maciça, sentiu-se descontente com suas roupas. Devia ter comprado um vestido mais juvenil para a ocasião – ainda podia usá-los e seria um bom investimento se lhe acentuasse a juventude.

Sua atenção foi trazida de volta ao presente pela voz de Debris, que vinha do brilho das luzes à sua frente.

– Olhe à volta, procurando o seu marido... agora... você não o vê... está curiosa sobre o escritório...

Ouvia o som regular da câmera e isso a preocupava. Olhou-a involuntariamente e ficou imaginando se teria se maquiado com perfeição. Em seguida, com um esforço procurou representar – e jamais os gestos lhe pareceram tão banais, tão pesados, tão destituídos de graça ou refinamento. Percorreu o escritório apanhando objetos aqui e ali, e olhando-os com ar vazio. Examinou em seguida o teto, o chão e ocupou-se detalhadamente de

um lápis sem importância que estava sobre a mesa. Finalmente, como não lhe ocorresse mais nada a fazer, e mais nada a expressar, forçou um sorriso.

– Está bem. Agora o telefone toca. Trrrimmm. Hesite e em seguida atenda.

Hesitou, e em seguida, depressa demais, pensou, pegou o fone.

– Alô.

A voz era vazia e irreal. As palavras ecoaram no cenário com a irrealidade de um fantasma. O absurdo de tudo aquilo era desesperador – queriam que, sem nenhuma preparação, ela conseguisse se colocar no lugar daquela personagem desconhecida e inexplicada.

– Não... não... ainda não! Ouça: “John Summer acaba de ser atropelado por um automóvel, teve morte instantânea!”

Gloria abriu lentamente a boca de criança. Em seguida:

– Desligue! Com força!

Obedeceu, agarrando-se à mesa com os olhos abertos e perdidos. Finalmente começava a ficar um pouco animada, e sua coragem aumentava.

– Meu Deus! – exclamou, e sua voz pareceu-lhe boa. – Ó meu Deus!

– Agora, desmaie.

Tombou para a frente sobre os joelhos e deixou o corpo cair sem respirar.

– Está bem! – disse Debris. – Isso é suficiente, muito obrigado. Pode se levantar.

Gloria levantou-se, reunindo sua dignidade e limpando a saia.

– Horrível! – observou com um riso frio, embora seu coração batesse apressado. – Horrível, não foi?

– Você achou? – disse Debris, sorrindo levemente. – Pareceu difícil? Nada posso dizer enquanto não vir como ficou no filme.

– É claro – concordou ela, tentando adivinhar alguma opinião em sua frase sem conseguir. Era exatamente o que teria dito se estivesse procurando

não fomentar ilusões.

Poucos minutos depois, deixou o estúdio. Bloeckman prometeu que em poucos dias lhe comunicaria o resultado. Orgulhosa demais para forçar qualquer comentário preciso, sentiu-se insegura, e somente então, depois de feito o teste, percebeu como a possibilidade de uma carreira de êxito no cinema lhe havia pairado, inconscientemente, no espírito durante os últimos três anos. Naquela noite, passou em revista os elementos que poderiam decidir a favor ou contra ela. Preocupava-se com a maquiagem e, como a personagem tinha 20 anos, ficou pensando se não teria representado com demasiada sobriedade. Sentia-se totalmente descontente com a atuação. A entrada fora abominável; na verdade somente ao segurar o telefone evidenciara qualquer naturalidade, e naquele momento acabara o teste. Se eles compreendessem! Quisera poder tentar novamente. Apossou-se dela a ideia louca de telefonar na manhã seguinte e pedir um novo teste, mas no mesmo momento desistiu. Não seria cortês nem prudente pedir outro favor a Bloeckman.

O terceiro dia de espera encontrou-a bastante nervosa. Mordera as partes internas da boca até deixá-las em carne viva, e sentia uma ardência insuportável ao passar o antisséptico. Brigara tão persistentemente com Anthony que ele saíra do apartamento furioso. Mas como estivesse intimidado pela sua excepcional frieza, telefonou uma hora depois, pediu desculpas e disse que estava jantando no Clube Amsterdã, o único do qual ainda era sócio.

Passava de uma hora, e havia tomado café às onze. Decidida a não almoçar, saiu para um passeio pelo parque. Às três, chegava o correio. Voltaria às três.

Era uma tarde de primavera prematura. A água secava nas calçadas, e no parque meninas passeavam com bonecas, seguidas de babás que aos pares

discutiam entre si os tremendos segredos que parecem haver entre todas as babás.

Duas horas, pelo seu relógio de ouro. Precisava de um novo relógio, de platina e incrustado de diamantes, que custava mais do que o casaco de pele e estava naturalmente fora de seu alcance, como todas as outras coisas, a menos, talvez, que recebesse uma carta positiva... dentro de uma hora... de 58 minutos exatamente. Com dez minutos para chegar até lá, seriam 48... 47 minutos agora...

As meninas continuavam passeando com suas bonecas pelas aleias ensolaradas. As babás conversavam aos pares sobre seus segredos. Aqui e ali, homens esfarrapados sentavam-se sobre jornais abertos nos bancos ainda molhados, parte não da tarde radiante e agradável, mas da neve suja que dormia exausta nos cantos obscuros, esperando o extermínio...

Muito tempo depois, ao entrar no saguão, viu o ascensorista da Martinica de pé à luz de uma das vidraças.

– Tem correspondência para nós? – indagou.

– Está lá em cima, madame.

O telefone tocou, e Gloria teve de esperar que ele atendesse. O elevador subiu lentamente, os andares passavam como o transcorrer lento dos séculos, cada qual mais agourento, acusador, significativo. A carta, como uma ferida de leproso, jazia no ladrilho sujo do corredor...

Minha querida Gloria:

Analizamos o seu teste ontem à tarde, e o Sr. Debris é de opinião que para o papel em questão é necessária uma pessoa mais jovem. Disse que a atuação não foi má, e que há o papel de uma viúva altiva e rica que ele acredita possa...

Desolada, Gloria elevou o olhar em direção à área entre os prédios, mas não conseguiu ver a parede fronteira, pois seus olhos estavam cheios de

lágrimas. Foi para o quarto, a carta amassada na mão, e caiu de joelhos diante do comprido espelho da penteadeira. Era o seu vigésimo nono aniversário e o mundo se desmanchava diante de seus olhos. Procurou convencer-se de que havia sido a maquiagem, mas as emoções eram muito profundas, muito avassaladoras para qualquer consolação.

Esforçou-se para ver, até sentir a pele das têmporas repuxar. Sim, o rosto estava magro, os cantos dos olhos estavam pontilhados de pequenas rugas. Os olhos eram diferentes. Sim, eram diferentes! E subitamente compreendeu como seus olhos estavam cansados!

– Ah, o meu rosto... – murmurou apaixonadamente. – Ah, o meu belo rosto! Não quero viver sem a minha beleza! O que aconteceu?

Então deslizou em direção ao espelho e, como no teste, deixou-se cair ao chão e ficou ali, soluçando. Foi o primeiro movimento estranho que fez em toda a sua vida.

Uma questão de indiferença

Um ano depois, Anthony e Gloria eram como atores que tivessem perdido o figurino e a quem faltava o orgulho para manter a nota de tragédia – por isso, quando a Sra. e a Srta. Hulme, de Kansas City, passaram por eles fingindo não ver no Plaza, foi apenas porque a Sra. e a Srta. Hulme, como a maioria das pessoas, abominavam a visão de seus eus atávicos.

O novo apartamento, pelo qual pagavam 85 dólares por mês, ficava na avenida Claremont, a duas quadras do rio Hudson. Moravam ali havia um mês quando Muriel Kane foi visitá-los num fim de tarde.

Era um entardecer impecável, a primavera se aproximando do verão. Anthony estava deitado na sala, que dava para a rua 127, na direção do rio, perto do qual era possível ver apenas as manchas verde-claro das árvores na Riverside Drive. Na margem oposta ficava Palisades, coroado pela feia carcaça de um parque de diversões – mas dentro em pouco seria noite, e aqueles mesmos monstrenhos de ferro se projetariam gloriosos contra os céus, um palácio encantado às margens de um radiante canal tropical.

Anthony descobrira que nas ruas próximas ao apartamento brincavam crianças – ruas apenas um pouco melhores do que as que atravessava a caminho de Marietta, mas com o mesmo aspecto geral, com um realejo ocasional e ao frescor das noites muitos pares de meninas que iam tomar

sorvete na confeitaria da esquina, sonhando sonhos ilimitados sob os céus baixos.

As ruas já estavam escuras, e as crianças brincavam, os gritos incoerentes morrendo junto da janela aberta. Muriel, que fora ver Gloria, conversava com ele, a voz atravessando a penumbra, do outro lado da sala.

– Vamos acender a luz? Está ficando *fantasmagórico*, aqui.

Com um movimento cansado, Anthony levantou-se e obedeceu; as janelas cinzentas desapareceram. Endireitou-se. Estava agora mais gordo, a barriga forçava o cinto, a carne se tornara fofa e aumentara. Estava com 32 anos, e seu cérebro era uma ruína desolada e desordenada.

– Quer tomar alguma coisa, Muriel?

– Não. Parei de beber. O que tem feito, Anthony? – indagou, curiosa.

– Tenho andado ocupado com o processo – respondeu, com indiferença.

– Está no Supremo Tribunal, deve sair alguma decisão no outono. Tem havido objeções quanto à competência do Tribunal na questão.

Muriel deu um estalo com a língua e tombou a cabeça para o lado.

– Ora essa! Nunca soube de processo mais demorado.

– Ah, são sempre demorados os processos relacionados com testamentos – respondeu desatento. – Dizem que é raro se resolverem em menos de quatro ou cinco anos.

– Oh... – Muriel mudou ousadamente de tática. – Por que não vai trabalhar, preguiçoso?

– No quê? – perguntou ele ríspido.

– Ora, em qualquer coisa. Você ainda é jovem.

– Se isso é estímulo, agradeço – respondeu secamente. E com um certo desalento: – Fica incomodada com o fato de eu não querer trabalhar?

– Não me incomoda, mas incomoda muita gente que se diz...

– Deus do Céu! – interrompeu Anthony –, parece que há três anos não ouço senão histórias estranhas a meu próprio respeito e sermões virtuosos. Estou farto disso. Se você não quer nos ver, deixe-nos em paz. Não me importo com os meus antigos “amigos”. Não preciso de visitas de caridade nem de críticas disfarçadas de bons conselhos. – E acrescentou, desculpando-se: – Sinto muito, mas, se quer saber, Muriel, você não deve falar como uma assistente social, mesmo que esteja visitando a classe média inferior.

Voltou para ela os olhos injetados, com uma expressão de censura – olhos que outrora haviam sido profundos, claros e que agora eram fracos, cansados e meio arruinados por ler quando estava bêbado.

– Por que você diz coisas tão desagradáveis? – protestou ela. – Fala como se você e a Gloria fossem da classe média.

– E por que fingir que não somos? Odeio as pessoas que pretendem ser grandes aristocratas quando não podem manter nem mesmo as aparências.

– Você acha que é preciso dinheiro para ser aristocrata?

Muriel... a democrata horrorizada...!

– Mas é claro. A aristocracia é apenas a aceitação de que certas coisas que julgamos valiosas, coragem, honra, beleza, tudo isso, só podem florescer num meio favorável, onde não estejam sujeitas aos golpes da ignorância e da necessidade.

Muriel mordeu o lábio e balançou a cabeça.

– Acho que se a pessoa vem de uma boa família, será sempre nobre. Esse é o problema de você e da Gloria. Vocês acham que, pelo fato de não estar correndo tudo bem agora, seus velhos amigos procuram evitá-los. São hipersensíveis...

– Na verdade – disse Anthony –, você nada sabe sobre isso. Comigo é apenas uma questão de orgulho, e quanto a Gloria, pelo menos foi bastante

razoável para concordar que não devemos ir aonde não somos desejados. E as pessoas não nos querem. Somos um péssimo exemplo.

– Tolice! Você não consegue me impor o seu pessimismo. Acho que devia pôr de lado todas essas especulações mórbidas e ir trabalhar.

– Bem, estou com 32 anos. Suponhamos que começasse em alguma carreira idiota. Talvez dentro de dois anos estivesse ganhando, com sorte, 50 dólares por semana. Isso se eu conseguir um emprego; a taxa de desemprego está altíssima. Suponhamos, porém, que eu ganhasse 50 dólares por semana. Acha que seria mais feliz? Acha que se eu não ficar com o dinheiro do meu avô a vida vai ser suportável?

Muriel sorriu, complacente.

– Bem, isso pode ser inteligente, mas não é sensato.

Pouco depois chegou Gloria, parecendo trazer consigo uma cor sombria, indeterminada e rara. Apesar de taciturna, ficou alegre em ver Muriel. Cumprimentou Anthony com um “alô” ocasional.

– Estava discutindo filosofia com o seu marido – disse a incontrolável Srta. Kane.

– Atacamos alguns conceitos fundamentais – esclareceu Anthony com um leve sorriso no rosto pálido que a barba de dois dias deixava ainda mais pálido.

Indiferente à ironia, Muriel repetiu suas críticas. Quando acabou, Gloria disse tranquilamente:

– O Anthony está certo. Não é agradável procurar os outros quando se tem a sensação de estar sendo olhado de uma determinada maneira.

– Você não acha que quando até Maury Noble, que era meu melhor amigo, não nos visita, já é tempo de parar de procurar os outros? – Havia lágrimas nos olhos de Anthony.

– No caso do Maury, a culpa foi sua – disse Gloria com frieza.

– Não foi.

– É claro que foi.

Muriel interveio, rápida.

– Encontrei há alguns dias uma moça que conhece o Maury, e ela me contou que ele parou de beber. Está ficando muito cauteloso.

– Parou de beber?

– Praticamente. Está ganhando rios de dinheiro. Parece que mudou, desde a guerra. Vai se casar com uma moça da Filadélfia que tem milhões, Ceci Larrabee. Pelo menos, é o que dizem os mexericos.

– Ele está com 33 anos – disse Anthony, pensando alto. – Mas é difícil imaginá-lo casado. Eu costumava achar que ele era tão brilhante.

– De certa forma, era – disse Gloria.

– Mas gente brilhante não ingressa nos negócios ou ingressa? E então o que faz? O que foi feito de todos os que conhecíamos e que tinham tanto em comum conosco?

– Afastaram-se – disse Muriel, com um olhar devidamente sonhador.

– Mudaram – disse Gloria. – Todas as qualidades que não são usadas na vida diária acabam se deteriorando.

– A última coisa que ele me disse – lembrou-se Anthony – foi que ia trabalhar para esquecer que não existe nada digno de tal esforço.

Muriel aproveitou-se.

– É o que você devia fazer! – exclamou triunfante. – É claro que não acho que se devia trabalhar para nada. Mas isso seria uma ocupação. O que vocês fazem, afinal de contas? Ninguém os vê em Montmartre ou em lugar algum. Estão economizando?

Gloria riu desdenhosa, olhando para Anthony com o canto dos olhos.

– Do que está rindo?

– Você sabe do que estou rindo – foi a resposta fria.

– Daquela caixa de uísque?

– É. – Ela se voltou para Muriel: – Ele pagou 75 dólares por uma caixa de uísque ontem.

– E daí? É mais barato do que comprar uma garrafa de cada vez. Você não precisa fingir que não bebeu nada da caixa.

– Pelo menos não bebo durante o dia.

– Grande diferença! – exclamou ele, levantando-se irritado. – E tem mais: não gosto que me critique a cada cinco minutos!

– É verdade.

– Não é! E, principalmente, estou cansado de ser criticado na frente de visitas! Você acha que tudo é culpa minha. Parece até que não me estimulou a gastar e que não gastou bastante você mesma.

Gloria ergueu-se.

– Não admito que fale assim comigo.

– Está bem. Você não precisa admitir.

Saiu apressadamente da sala. As duas mulheres ouviram seus passos no corredor e o bater da porta da frente. Gloria afundou-se de novo na cadeira. Seu rosto estava lindo à luz da lâmpada indireta, composto, indecifrável.

– Oh! – exclamou Muriel, infeliz. – O que há com vocês?

– Nada de especial. Ele só está bêbado.

– Bêbado? Ora, ele está perfeitamente sóbrio. Conversou...

Gloria balançou a cabeça.

– Não se nota mais, a não ser quando ele já não pode ficar de pé. Conversa normalmente, até se exaltar. Conversa muito melhor do que quando sóbrio. Passou o dia aqui, sentado, bebendo, com exceção do tempo que levou para ir à esquina buscar o jornal.

– É terrível! – Muriel estava sinceramente comovida. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. – Isso acontece com frequência?

- O quê, beber?
- Não, isso... de ele sair assim.
- Frequentemente. Vai estar de volta à meia-noite, chorando e pedindo perdão.
- E você?
- Não sei. Continuamos.

As duas mulheres ficaram sentadas, olhando-se, impotentes, embora de formas diferentes. Gloria ainda era bonita, tanto quanto jamais seria novamente. Seu rosto estava corado e usava um vestido novo, imprudentemente comprado por 50 dólares. Esperara convencer Anthony a saírem naquela noite, irem a um restaurante ou a um dos grandes cinemas, onde poderia ver e ser vista. Queria sair porque sabia que seu rosto estava bonito, porque tinha um vestido novo e decente. Agora, só recebiam convites ocasionalmente. Mas não disse essas coisas a Muriel.

- Gloria, querida, gostaria de jantar com você, mas tenho um encontro com um rapaz, e já são sete e meia. Tenho de ir.
- De qualquer modo, eu não poderia. Passei mal o dia inteiro. Não conseguiria comer nada.

Depois de levar Muriel até a porta, Gloria voltou à sala, apagou a lâmpada e, apoiando os cotovelos na janela, contemplou Palisades, cujas luzes tremiam contra o céu. A rua estava tranquila agora; as crianças haviam entrado e, do outro lado, pôde ver uma família jantando. Eram ridículos levantando-se e caminhando em volta da mesa; vistos assim, tudo o que faziam parecia absurdo – era como se estivessem sendo levados de um lado para outro, sem qualquer objetivo, por fios invisíveis.

Olhou o relógio – oito horas. Uma parte do dia, o começo da tarde, fora agradável, caminhando ao longo da Broadway, do Harlem, da rua 125, com as narinas abertas aos múltiplos cheiros, o espírito animado pela

extraordinária beleza de algumas crianças italianas. Aquilo a atingia curiosamente – como a atingira a Quinta Avenida no passado, nos dias em que, com confiança plácida em sua beleza, soubera que era toda sua, com todas as lojas e tudo que encerravam, todos os brinquedos de adultos colocados nas vitrines, tudo ali ao seu dispor. Na rua 125, havia bandas do Exército da Salvação e velhas de xales espectrais nas soleiras, crianças de cabelos sedosos e balas açucaradas nas mãos sujas, e um sol tardio batendo ainda nos últimos andares dos edifícios. Tudo muito rico, saboroso, como um prato feito por um econômico cozinheiro francês, de que não se podia deixar de gostar, embora sabendo que os ingredientes eram, provavelmente, sobras...

Gloria recuou subitamente quando uma sirene veio gemendo do rio por sobre os telhados escuros e, recuando mais até que as cortinas lhe caíssem dos ombros, acendeu a luz. Estava ficando tarde. Sabia que havia algum dinheiro em sua bolsa e ficou indecisa entre ir tomar café com pãezinhos doces na rua Manhattan ou comer o presunto e o pão que havia na cozinha. A bolsa decidiu por ela. Tinha apenas alguns níqueis.

Uma hora depois, o silêncio da sala se tornara insuportável, e seus olhos passavam da revista para o teto, que olhava sem ver. Levantou-se de súbito, hesitou por um momento, mordendo o dedo, foi à copa, apanhou uma garrafa de uísque na prateleira e serviu-se. Voltando à cadeira, terminou o artigo da revista. Tratava-se da última viúva revolucionária que, quando jovem, casara-se com um veterano do Exército Continental e morrera em 1906. Parecia estranho e romântico para Gloria que ela e essa mulher fossem contemporâneas.

Voltou a página e soube que um candidato ao Congresso fora acusado de ateísmo por um adversário. A surpresa de Gloria desapareceu quando verificou que as acusações eram falsas. O acusado havia apenas negado o

milagre dos pães e dos peixes. Admitira, sob pressão, dar crédito absoluto à caminhada sobre as águas.

Quando terminou seu primeiro copo, Gloria serviu-se de um segundo. Depois de vestir um *négligé* e instalar-se confortavelmente no sofá, começou a ter consciência de que estava infeliz e que lágrimas rolavam por seu rosto. Seriam lágrimas de piedade? Não queria chorar, tentou desesperadamente não chorar, mas aquela existência sem esperanças, sem felicidade, a oprimia. Continuou balançando a cabeça para ambos os lados, a boca caída tremulamente nos cantos, como se estivesse negando uma afirmação feita por alguém em algum outro lugar. Não sabia que o gesto era mais velho do que a história, e que em centenas de gerações o sofrimento intolerável e constante provocara o mesmo gesto de negativa, de protesto, de espanto em relação a algo mais profundo e mais poderoso do que o Deus feito à imagem do homem e diante do qual esse Deus, se existisse, seria igualmente impotente. É uma verdade que se encerra no coração da tragédia que essa força nunca explica, nunca responde, é intangível como o ar, mais inescapável do que a morte.

Richard Caramel

No início do verão, Anthony renunciou ao último clube ao qual pertencia, o Amsterdã. Passara a visitá-lo raramente, apenas uma ou duas vezes por ano, e as taxas pesavam cada vez mais. Associara-se ao clube ao voltar da Itália, porque fora o clube de seu avô e de seu pai e porque era realmente bom – mas, na realidade, preferia o Harvard, em grande parte devido a Dick e Maury. Com a decadência, porém, o Amsterdã passou a parecer algo desejável de manter, e finalmente foi abandonado com pesar...

Seus companheiros se resumiam agora a uma dúzia de indivíduos curiosos. Vários ele conhecera num lugar chamado Sammy's, na rua 43, onde depois de bater à porta e ser examinado pela portinhola, podia-se sentar a uma grande mesa redonda e beber um uísque razoável. Foi ali que conheceu um homem chamado Parker Allison, que fora um beerrão da pior espécie em Harvard, e que procurava acabar com sua fortuna da forma mais rápida possível. A noção que Park Allison tinha da superioridade consistia em guiar seu barulhento carro de corrida vermelho e amarelo pela Broadway com duas belas moças ao lado. Era do tipo que preferia jantar com duas moças, em vez de uma – sua imaginação era quase incapaz de manter um diálogo.

Além de Allison, havia Pete Lytell, que usava um chapéu-coco cinza, de um lado da cabeça. Tinha sempre dinheiro e em geral era alegre, por isso Anthony mantivera com ele intermináveis conversas durante as tardes do verão e outono. Descobriu que Lytell não só conversava como também raciocinava em frases feitas. Sua filosofia era uma série delas, assimiladas aqui e ali, numa vida ativa mas sem muita reflexão. Tinha frases sobre o socialismo – as mesmas de sempre; sobre a existência de uma divindade pessoal – algo relacionado com um acidente de trem que sofrera; sobre o problema irlandês; as mulheres que respeitava; e a inutilidade da proibição. A única ocasião em que sua conversa se elevava acima dessas frases, com que interpretava os acontecimentos mais rococós de uma vida mais agitada que o normal, era quando se dedicava à discussão de sua existência mais animal: conhecia em detalhes as comidas, bebidas e mulheres que preferia.

Era, ao mesmo tempo, o produto mais comum e mais notável da civilização. Era igual a nove entre cada dez pessoas que passam na rua, e era um macaco sem pelos que conhecia dezenas de truques. Era o herói de milhares de romances da vida e da arte, e era o homem de nenhuma

inteligência, que realiza, de forma absurda, uma série de feitos épicos num espaço de três anos.

Era com homens assim que Anthony Patch bebia e conversava, bebia e discutia. Gostava deles porque nada sabiam sobre sua vida, porque viviam no presente e não tinham a menor ideia da continuidade inevitável da existência. Sentavam-se não diante de um filme com rolos contínuos, mas como se vissem uma narrativa antiquada de viagem com todos os valores severos e, portanto, todas as implicações confundidas. E, em si, não ficavam confusos, porque nada havia neles para confundir – mudavam de frases de mês em mês, como mudavam de gravatas.

Anthony, o delicado, o sutil, o perspicaz, embebedava-se todos os dias – no Sammy's, com esses companheiros; no apartamento, com um livro que já conhecesse, e, muito raramente, com Gloria que, a seus olhos, começara a evidenciar as tendências inequívocas de mulher brigona e absurda. Não era, certamente, a Gloria de antes que, se estivesse doente, teria preferido tornar todos à sua volta infelizes do que confessar que necessitava de simpatia ou ajuda. Não estava mais acima da queixa; não estava acima de sentir pena de si mesma. Toda noite, ao se deitar, esfregava no rosto algum unguento novo, esperando illogicamente que lhe devolvesse o brilho e o frescor da beleza que fugia. Quando bêbado, Anthony a ironizava por isso. Quando sóbrio, era delicado, por vezes até mesmo terno; parecia mostrar, durante umas poucas horas, a antiga capacidade de compreender que impedia as recriminações – a qualidade que era o que havia de melhor nele e que provocara, rápida e incessante, sua ruína.

Mas odiava estar sóbrio. Dava-lhe consciência das pessoas à sua volta, do ar de luta, de ambição gananciosa, de uma esperança mais sórdida que o desespero, de um incessante elevar-se ou abater-se, que nas grandes cidades é mais evidente na instável classe média. Não podendo viver com os ricos,

julgava que a alternativa era viver com os muito pobres. Qualquer coisa seria melhor do que aquela taça de suores e lágrimas.

A consciência do enorme panorama da vida, que nunca fora aguda em Anthony, quase desaparecera. Em longos intervalos, um incidente, um gesto de Gloria, acendia-lhe a imaginação, mas os véus cinzentos haviam baixado rapidamente sobre ele. À medida que envelhecia, essas coisas tornavam-se mais apagadas – e havia a bebida.

Havia como que uma bondade na embriaguez, aquele brilho e aquele encantamento indescritíveis que ela proporcionava, como a lembrança de noites efêmeras e desaparecidas. Depois de alguns copos, havia mágica no edifício grande e luminoso das mil e uma noites que era a Estação Rodoviária Bush – seu topo era um pico de pura grandeza, dourado e sonhador contra o céu inacessível. E Wall Street, a banal, tornava-se novamente o triunfo de ouro, onde os reis guardavam os recursos para suas guerras...

O fruto da juventude ou do vinho, a magia transitória dessa breve passagem de uma sombra para outra sombra, a velha ilusão de que a verdade e a beleza estavam, de certa forma, ligadas.

Ao parar em frente ao Delmonico's para acender um cigarro certa noite, viu dois cabriolés encostados junto ao meio-fio, esperando algum passageiro bêbado e ocasional. Eram carros antigos, sujos e gastos – os arreios corroídos e enrugados como a cara de um velho, as almofadas desbotadas, os cavalos velhos e cansados, assim como os condutores, de cabelos brancos, sentados no alto, estalando os chicotes numa grotesca afetação de elegância. Relíquia de uma alegria desaparecida!

Anthony Patch afastou-se, tomado de súbita depressão, refletindo sobre a amargura desses remanescentes. Pareceu-lhe que nada se tornava azedo tão

depressa quanto o prazer.

Certa tarde, na rua 42, encontrou Richard Caramel depois de muitos meses sem vê-lo, um Caramel mais gordo e próspero, cujo rosto estava engordando para adquirir o toque dos intelectuais de Boston.

– Cheguei esta semana. Ia visitá-lo, mas não sabia seu novo endereço.

– Mudamos.

Richard Caramel percebeu que Anthony estava usando uma camisa suja, cujos punhos estavam leve mas perceptivelmente puídos, e que seus olhos tinham se transformado em duas meias-luas cor de fumaça de charuto.

– Foi o que me disseram – respondeu, encarando o amigo com o olho amarelo brilhante. – Mas onde e como está a Gloria? Meu Deus, tenho ouvido dizer os maiores absurdos sobre vocês dois, até mesmo na Califórnia, e quando volto para Nova York, vocês desapareceram de vista. Por que não se aprumam?

– Ouça – disse Anthony, sem firmeza –, não vou aguentar um sermão. Perdemos dinheiro de muitos modos, e naturalmente falam de nós, devido ao processo, mas ele vai a julgamento final este inverno, sem dúvida.

– Você está falando tão depressa que não consigo entender – interrompeu Dick, com calma.

– Bem, já disse tudo o que tinha a dizer – retrucou, Anthony. – Venha visitar-nos se quiser, ou, se não quiser, não venha!

Com isso, voltou-se para mergulhar de novo na multidão, mas Dick o alcançou imediatamente e agarrou-lhe o braço.

– Ora, Anthony, não se aborreça com tanta facilidade, a Gloria é minha prima e você é um dos meus amigos mais antigos, é natural que eu me interesse quando ouço dizer que você se está se destruindo e levando-a junto.

– Não quero ouvir sermões.

– Está bem. Vamos então até o meu apartamento beber alguma coisa? Instalei-me há pouco. Comprei três caixas de gim Gordon de um funcionário da alfândega.

Enquanto caminhavam, continuou a interrogar:

– E o dinheiro do seu avô? Vai consegui-lo?

– Bem – respondeu Anthony com algum ressentimento –, o idiota do Haight tem esperanças, especialmente porque estão todos cansados de reformadores. Você sabe, talvez faça alguma diferença se algum juiz lembrar, por exemplo, que Adam Patch tornou mais difícil para ele conseguir o seu uísque.

– Não se pode viver sem dinheiro – disse Dick sentencioso. – Tentou escrever ultimamente?

Anthony balançou a cabeça em silêncio.

– É engraçado – disse Dick. – Sempre pensei que você e o Maury viriam a escrever e agora ele está se transformando numa espécie de aristocrata avarento, e você...

– Eu sou o mau exemplo.

– Posso imaginar por quê.

– Você provavelmente acha que sabe – disse Anthony, com um esforço para se concentrar. – O homem de sucesso e o fracassado acreditam ambos, sinceramente, que pesaram devidamente os pontos de vista: o vencedor, porque venceu; o fracassado, porque fracassou. O homem de sucesso diz a seu filho para aproveitar a boa sorte do pai, e o fracassado diz ao seu filho para aprender com os erros paternos.

– Não concordo – disse o autor de *Um segundo-tenente na França*. – Eu costumava ouvir você e o Maury quando éramos jovens e impressionava-me a coerência do seu cinismo, mas agora, ora, no final das contas, qual de nós

três se manteve na vida intelectual? Não quero parecer pretensioso, mas fui eu, que sempre acreditei, e sempre vou acreditar, que os valores morais existem.

– Bem – disse Anthony, que estava se divertindo bastante –, mesmo concordando com isso, você sabe que na prática a vida não nos apresenta os problemas assim bem delineados, não é?

– Para mim, sim. Não há nada que me faça violar certos princípios.

– Mas como saber quando os estará violando? Você tem de supor, como a maioria das pessoas. Tem de analisar os valores retrospectivamente. Terminar o retrato para então pintar os detalhes e as sombras.

Dick balançou a cabeça, teimosamente.

– O mesmo cético inútil – disse. – É apenas uma forma de ter pena de si mesmo. Você não quer nada, portanto, nada tem importância.

– Oh, sou perfeitamente capaz de ter pena de mim mesmo – admitiu Anthony. – Tampouco pretendo fingir que estou aproveitando a vida tão bem quanto você.

– Você diz, ou pelo menos dizia, que a felicidade é a única coisa que vale a pena na vida. Acha que é mais feliz sendo pessimista?

Anthony resmungou selvagememente. Seu prazer com a conversa estava desaparecendo. Estava nervoso e ansiava por uma bebida.

– Meu Deus! Onde você mora? Não posso andar a vida inteira.

– A sua resistência é só mental, não é? – Dick devolveu prontamente. – Bem, moro aqui.

Entraram num edifício de apartamentos na rua 49, e poucos minutos depois estavam numa sala grande e nova, com uma lareira aberta e quatro paredes forradas de livros. Um mordomo negro serviu-lhes gim, e uma hora transcorreu rápida, com o esvaziar de copos e o brilho do fogo brando de outono.

– As artes estão muito velhas – disse Anthony, depois de certo tempo. Com alguns copos, a tensão de seus nervos relaxou e pôde pensar novamente.

– Que artes?

– Todas. A poesia vai ser a primeira a morrer. Será absorvida pela prosa, mas cedo ou mais tarde. A palavra bonita, colorida e brilhante, o símile belo, por exemplo, pertencem agora à prosa. A poesia, para despertar a atenção, recorreu à palavra excepcional, à palavra dura, vulgar, que nunca foi bonita. A Beleza, como a soma de várias partes belas, atingiu sua apoteose com Swinburne. Não poderá avançar mais, exceto, talvez, no romance.

Dick o interrompeu com impaciência:

– Você sabe que esses romances novos me deixam impaciente. Em toda parte que vou, há sempre uma moça idiota para me perguntar se li *Este lado do paraíso*. As nossas mulheres são realmente assim? Se esses romances são autênticos, o que não acredito, a próxima geração vai mal. Estou cansado desse realismo inferior. Acho que há lugar para o romantismo na literatura.

Anthony procurou lembrar-se do que havia lido recentemente de Richard Caramel. Havia *Um segundo-tenente na França*, um romance chamado *A terra dos homens fortes* e uma dezena de contos que eram ainda piores. Tornara-se hábito entre os jovens e os críticos inteligentes mencionar Richard Caramel com um sorriso de desprezo. O “Sr.” Richard Caramel, diziam. Seu cadáver era imoralmente arrastado em todos os suplementos literários. Era acusado de ganhar muito dinheiro escrevendo porcarias para o cinema. À medida que a moda na literatura se modificava, seu nome ia se tornando quase um sinônimo de coisa desprezível.

Enquanto Anthony refletia sobre isso, Dick levantara-se e parecia hesitar diante de uma confissão.

– Reuni aqui alguns livros – disse de repente.

– Estou vendo.

– Fiz uma coleção exaustiva de coisas americanas, velhas e novas. Não me refiro ao habitual Longfellow-Whittier, na realidade, a maioria dos livros é de autores modernos.

Parou junto de uma das paredes e, vendo que o esperava, Anthony aproximou-se também.

– Veja!

Sob uma placa na qual estava impresso *Americana* enfileiravam-se seis prateleiras compridas de livros, belamente encadernados e evidentemente bem escolhidos.

– E aqui estão os romancistas contemporâneos.

Então Anthony percebeu. Espremidos entre Mark Twain e Dreiser estavam oito volumes estranhos e impróprios, as obras de Richard Caramel – *O demônio amante*, é certo... mas também sete outros que eram execravelmente terríveis, sem graça nem sinceridade.

Involuntariamente, Anthony olhou para Dick e viu-lhe no rosto certa insegurança.

– Incluí também os meus trabalhos, é claro – disse, hesitando –, embora um ou dois sejam um pouco irregulares... Receio que os tenha escrito um pouco depressa, quando fiz aquele contrato com a revista. Mas não acredito em falsa modéstia. Alguns críticos não me têm dado muita atenção, há algum tempo, mas no final das contas, não é a crítica que importa.

Depois de muito tempo, tanto tempo que já nem se lembrava quanto, Anthony voltou a sentir uma ponta do velho e agradável desprezo pelo amigo. Richard Caramel continuou:

– Os meus editores, você sabe, estão me anunciando como o Thackeray da América, devido ao meu romance sobre Nova York.

– Sim – Anthony conseguiu dizer –, suponho que haja certa razão nisso.

Sabia que não era um desprezo razoável. Sabia que trocaria de lugar com Dick sem hesitar. Tentara escrever também ele coisas que não sentia, hipocritamente. Ah, podia um homem deprecia assim a obra de toda a sua vida?

E naquela noite, enquanto Richard Caramel entregava-se a um trabalho árduo, empenhando-se em sua obra sem valor até as horas cansadas em que o fogo da lareira se apaga e a cabeça gira pelo prolongado esforço de concentração, Anthony, abominavelmente bêbado, esparramava-se no assento traseiro de um táxi a caminho de seu apartamento na avenida Claremont.

A surra

À medida que o inverno se aproximava, uma espécie de loucura se apossava de Anthony. Acordava tão nervoso pela manhã que Gloria podia senti-lo tremer na cama antes de reunir forças bastantes para dirigir-se à copa e tomar alguma coisa. Tornara-se insuportável, exceto quando sob a influência do álcool, e, quanto mais decaía e se brutalizava a seus olhos, mais a alma e o corpo de Gloria se afastavam dele. Quando passava noites fora, o que ocorria com frequência, ela não conseguia sentir pena, experimentava até mesmo um pequeno alívio. No dia seguinte, estaria arrependido, dizendo como um cão sarnento que estava bebendo demais.

Ficava horas sentado na grande poltrona que tinha desde o apartamento de solteiro, perdido numa espécie de torpor – parecia desinteressado até mesmo da leitura de seus livros, e embora marido e mulher discutissem frequentemente, o único assunto sobre o qual realmente conversavam era o processo. O que Gloria esperava nas profundidades tenebrosas de sua alma, o que esperava que o dinheiro provocasse, é difícil imaginar. O meio a

tornara uma grotesca imitação de dona de casa. Ela, que três anos antes jamais havia feito um café, preparava por vezes três refeições diárias. Andava muito, de tarde, e à noite lia – livros, revistas, qualquer coisa que estivesse à mão. Se agora desejava um filho, mesmo um filho do Anthony que a procurava inteiramente bêbado, não dizia nem revelava qualquer interesse por crianças. É de duvidar que pudesse deixar claro para alguém o que desejava, ou se realmente desejava alguma coisa – uma mulher solitária, bela, com 30 anos, escondida atrás de uma inibição total que nascera e coexistia com sua beleza.

Uma tarde, quando a neve voltava a ficar suja ao longo da alameda, Gloria, que fora à mercearia, voltou ao apartamento e encontrou Anthony andando de um lado para outro, extremamente agitado. Os olhos febris que se voltaram para ela estavam marcados de finas linhas vermelhas que lembravam os rios de um mapa. Por um momento, teve a impressão de que ele estava definitivamente velho.

– Você tem dinheiro? – indagou, precipitadamente.

– Como assim? O que quer dizer?

– O que disse. Dinheiro! Dinheiro! Não entende?

Não lhe deu atenção e atravessou a copa para colocar o bacon e os ovos na geladeira. Quando bebia demais, ele ficava invariavelmente exaltado. Anthony seguiu-a e ficou de pé na porta, insistindo:

– Não ouviu? Tem dinheiro?

Gloria voltou-se da geladeira e o enfrentou:

– Ora, Anthony, você deve estar louco! Sabe que não tenho nada exceto um dólar em trocados.

Ele deu meia-volta para a sala, onde recomeçou a caminhar. Era evidente que alguma coisa de grande se estava passando, e desejava que Gloria lhe perguntasse. Aproximando-se logo depois, ela sentou-se no sofá e começou

a desmanchar o cabelo, que já não usava cortado e que se havia modificado, no último ano, de um dourado avermelhado para um castanho claro, sem brilho. Comprara xampu e pretendia lavá-lo imediatamente.

– Bem, o que houve?

– Aquele maldito banco! Há dez anos, *dez anos*, sou cliente deles. Parece que têm uma regra férrea de que é necessário manter lá mais de 500 dólares ou não aceitam a conta. Escreveram-me há alguns meses, avisando que o meu saldo estava baixando. Passei cheques sem fundos duas vezes. Lembra-se daquela noite no Reisenweber? Mas fiz o depósito no dia seguinte, cedo. Bem, prometi ao velho Halloran, o gerente, que teria cuidado. E parecia que ia tudo bem. Mantinha as contas no canhoto do talão de cheques regularmente. Fui lá hoje tirar dinheiro e Halloran veio me dizer que tinha de encerrar a minha conta. Muitos cheques a descoberto, disse, e poucas vezes dispunha do saldo de 500 dólares. E sabe o que mais me disse?

– O quê?

– Disse que era uma boa oportunidade, porque eu não tinha nem um centavo lá!

– Não tinha?

– Foi o que me disse. Parece que dei pela última caixa de bebida um cheque de 60, e tinha apenas 45. O pessoal da bebida depositou 15 dólares na minha conta e retirou todo o dinheiro.

Em sua ignorância, Gloria imaginou prisões e desgraças.

– Não, não vai haver nada disso – tranquilizou-a Anthony. – Vender bebida é um negócio arriscado. Vão mandar uma conta de 15 dólares, que eu vou pagar.

– Bem... podemos vender uma ação.

Ele riu com sarcasmo.

– É, isso é sempre fácil. Quando os poucos títulos que temos pagando dividendos são os que dão entre 50 e 80 centavos o dólar. Perdemos a metade cada vez que vendemos.

– O que podemos fazer então?

– Oh, venderemos alguma coisa, como sempre. Temos títulos que valem 80 mil dólares o par. – Riu novamente, de modo desagradável. – Darão 30 mil no mercado livre.

– Eu não tinha confiança naqueles investimentos de dez por cento.

– Ora veja! – respondeu Anthony. – Você fingiu que não tinha, para me criticar se eles fracassassem, mas desejava, tanto quanto eu, arriscar.

Gloria permaneceu em silêncio durante algum tempo, como se pensasse.

– Anthony – disse de repente –, 200 dólares por mês é pior do que nada. Vamos vender todos os títulos e colocar os 30 mil no banco e, se perdermos o processo, poderemos viver três anos na Itália e depois morrer.

Em sua animação, percebeu que, ao falar, uma leve onda de emoção surgira nela, a primeira que sentia nos últimos dias.

– Três anos – disse ele, nervoso –, três anos! Você está louca. O Sr. Haight vai levar mais do que isso, se perdermos. Acha que ele está trabalhando de graça?

– Eu tinha me esquecido.

– E hoje é sábado – continuou Anthony. – Tenho apenas um dólar e algum trocado, e precisamos viver até segunda-feira, quando posso procurar o corretor... E não temos nada de beber em casa – acrescentou depois de pequena reflexão.

– Não pode procurar o Dick?

– Já procurei. O empregado disse que ele foi para Princeton fazer uma conferência. Só volta na segunda-feira.

– Vejamos... Você não tem algum amigo a quem possa recorrer?

– Tentei alguns, mas não encontrei ninguém. Era melhor que eu tivesse vendido aquela carta do Keats, como pretendia, na semana passada.

– E aqueles homens que jogam cartas com você no Sammy's?

– Você acha que eu pediria a *eles*? – A voz de Anthony vibrava de horror. Gloria estremeceu. Ele preferia vê-la em privações do que passar pelo constrangimento de pedir um favor inadequado. – Pensei na Muriel – lembrou Anthony.

– Está na Califórnia.

– Bem, e alguns daqueles homens que você distraiu enquanto eu estava no Exército? É de se esperar que tenham prazer em fazer-lhe um pequeno favor.

Gloria lançou-lhe um olhar de desprezo que ele não percebeu.

– Ou aquela sua amiga, a Rachael... ou Constance Merriam?

– Constance Merriam morreu há um ano, e não vou pedir a Rachael.

– Bem, e aquele cavalheiro que estava tão interessado em ajudá-la que mal conseguia se controlar, o Bloeckman?

– Oh! – conseguira finalmente feri-la, e não estava bastante embotado para não percebê-lo.

– Por que não ele? – insistiu.

– Porque ele não gosta mais de mim – respondeu com dificuldade, e, como ele nada dissesse, olhando-a apenas com cinismo, completou: – Se você quer saber por que, eu digo. Há um ano procurei Bloeckman, que mudou o nome para Black, e lhe pedi que me colocasse no cinema.

– Você procurou o Bloeckman?

– Procurei.

– Por que não me disse? – indagou com incredulidade, o riso desaparecendo do rosto.

– Porque provavelmente você estava bebendo em algum lugar. Arranjou-me um teste, e eles acharam que eu não era bastante jovem, a não ser para papéis típicos.

– Papéis típicos?

– Sim, de “mulher de 30 anos” e coisas semelhantes. Eu não tinha 30 anos e não acho que aparentasse essa idade.

– Ora, o miserável! – exclamou Anthony, defendendo-a violentamente com uma curiosa perversidade emocional. – Ora!

– Bem, é por isso que não posso procurá-lo.

– Que insolente! – insistiu Anthony, nervoso. – Que insolente!

– Anthony, isso agora não importa: o problema é que temos de passar o domingo e não há em casa nada além de um pouco de pão, bacon e dois ovos para o café. – Mostrou-lhe o que tinha na carteira. – Tenho apenas 70... 80... 1,15 dólar. Com o que você tem, dá 2,50 dólares ao todo, não é? Anthony, podemos passar com isso. Podemos comprar muita comida com isso, muito mais do que poderemos comer.

Sacudindo as moedas na mão, ele balançou a cabeça.

– Não, preciso beber alguma coisa. Estou tão nervoso que estou tremendo. – Teve uma ideia: – Talvez o Sammy desconte um cheque. E na segunda-feira corro ao banco com o dinheiro.

– Mas fecharam a sua conta.

– É verdade, me esqueci. Bem, vou até o Sammy's e verei se encontro alguém que me empreste algum dinheiro. É muito desagradável pedir-lhes, mas... – De súbito, estalou os dedos: – Sei o que vou fazer. Vou empenhar o meu relógio. Posso conseguir 20 dólares por ele e retirá-lo na segunda-feira, por mais 60 centavos. Já o empenhei quando estava em Cambridge.

Vestiu o sobretudo e, com um adeus rápido, dirigiu-se para a porta.

Gloria deu um pulo. Ocorrera-lhe, de repente, aonde ele provavelmente iria primeiro.

– Anthony, não seria melhor deixar 2 dólares comigo? Você precisa apenas do dinheiro da passagem.

A porta bateu. Ele fingira não ouvir. Ficou de pé um momento, depois dirigiu-se para o banheiro, entre seus ungentos trágicos, e começou os preparativos para lavar a cabeça.

No Sammy's, Anthony encontrou Parker Allison e Pete Lytell sentados sozinhos a uma mesa, bebendo uísque. Passava das seis horas e Sammy, ou Samuele Bendiri, como fora batizado, estava varrendo uma mistura de pontas de cigarros e copos quebrados num canto.

– Olá, Tony! – gritou Parker. Algumas vezes o chamava de Tony, outras de Dan. Para ele, qualquer Anthony devia atender por um desses diminutivos. – Sente. O que quer?

No ônibus, Anthony contara o dinheiro, verificando que tinha quase 4 dólares. Podia pagar duas rodadas, a 50 centavos cada dose, o que significava seis doses para ele. Depois iria à Sexta Avenida e empenharia o relógio por 20 dólares.

– Bem, seus criminosos – disse alegre. – Como vai a vida do crime?

– Mais ou menos boa – disse Allison. Piscou para Pete Lytell. – Pena que você seja casado. Temos um grande programa para as onze horas, quando os teatros acabam. É realmente uma pena que você seja casado. Não é, Pete?

– É mesmo.

Às sete e meia, quando completaram as seis rodadas, Anthony verificou que suas intenções estavam dando lugar a seus desejos. Sentia-se feliz e reconfortado, agora, e divertia-se muito. Parecia-lhe que a anedota que Pete acabara de contar era interessante e excepcionalmente engraçada – e decidiu, como fazia todos os dias àquela hora, que eram “ótimos

companheiros” e que fariam por ele mais do que qualquer outra pessoa conhecida. As lojas de penhor ficavam abertas até tarde aos sábados, e sentia que, se tomasse mais uma dose, ficaria num estado de completa alegria.

Manhosamente vasculhou os bolsos e tirou as moedas que tinha, olhando-as com surpresa:

– Ora essa! – disse como se protestasse. – Saí sem a minha carteira.

– Precisa de algum dinheiro? – perguntou Lytell imediatamente.

– Deixei o dinheiro em casa e queria tomar outra dose.

– Ora, não importa. Acho que podemos pagar para um bom amigo toda a bebida que ele desejar. O que vai querer, o mesmo?

– E se mandássemos o Sammy ir buscar uns sanduíches e jantássemos aqui? – sugeriu Parker Allison.

Os outros dois concordaram.

– Boa ideia.

– Ei, Sammy, quer nos fazer um favor?

Pouco depois das nove, Anthony conseguiu levantar-se e, com um “boa-noite” engrolado caminhou sem firmeza até a porta, dando a Sammy uma das moedas ao sair. Na rua, hesitou, e em seguida começou a andar na direção da Sexta Avenida, onde se lembrava de passar frequentemente por várias lojas de penhor. Encontrou uma banca de jornais e duas confeitarias, e de súbito percebeu que estava diante de uma das lojas – totalmente fechada. Continuou, sem se perturbar. Outra loja, mais adiante, estava fechada também, e mais duas outras do lado oposto, e uma quinta na praça. Vendo uma leve luz na última, começou a bater na porta de vidro, e só desistiu quando um vigia apareceu ao fundo e com gestos mandou que se afastasse. Desanimado, cada vez mais surpreso, voltou à rua 43. Na esquina, perto do Sammy’s, parou indeciso – se voltasse ao apartamento, como sentia necessidade, estaria sujeito a reprimendas amargas, mas àquela hora, com as

lojas de penhor fechadas, não tinha ideia de onde poderia arranjar o dinheiro. Decidiu, finalmente, pedir a Parker Allison, mas ao se aproximar encontrou a porta fechada e as luzes apagadas. Olhou o relógio: eram nove e meia. Começou a andar.

Dez minutos depois, parou sem destino na esquina da rua 43 com a avenida Madison, diagonalmente à entrada iluminada mas deserta do Hotel Biltmore. Permaneceu ali um momento, e em seguida sentou-se numa tábua úmida, na frente de uma casa em construção. Ficou assim quase meia hora, com várias coisas a lhe passarem pela cabeça, mas principalmente pensando em como arranjar dinheiro antes de perder o controle.

Olhando para o Biltmore, viu um homem de pé sob a luz da entrada ao lado de uma mulher de casaco de pele. Enquanto Anthony os observava, o casal avançou e fez sinal para um táxi. Anthony percebeu, pela identificação inequívoca que há no andar de um amigo, que era Maury Noble. Ergueu-se.

– Maury! – gritou.

Maury olhou em sua direção e voltou-se para a moça enquanto o táxi encostava. Com a ideia caótica de tomar-lhe 10 dólares emprestados, Anthony começou a correr o mais depressa possível, atravessando a avenida Madison e a rua 42.

Quando se aproximou, Maury estava de pé junto da porta aberta do táxi. Sua companheira voltou-se e olhou curiosamente para Anthony.

– Alô, Maury, como vai? – disse, estendendo a mão. – Como vai você?

– Bem, obrigado.

Suas mãos se afastaram, e Anthony hesitou. Maury não fez qualquer menção de apresentá-lo, apenas ficou ali de pé, a examiná-lo em um silêncio felino e indecifrável.

– Eu queria falar com você... – começou Anthony, inseguro. Não podia pedir o empréstimo na frente da moça, a poucos metros, por isso fez um

imperceptível movimento de cabeça, como se convidasse Maury a se afastar.

- Estou com muita pressa, Anthony.
- Eu sei, mas você pode... você pode... – E de novo hesitou.
- Conversamos em outra ocasião – disse Maury.
- É importante.
- Sinto muito, Anthony.

Antes que Anthony pudesse decidir-se a fazer o pedido, Maury voltou-se friamente para a moça, ajudou-a a entrar no carro e, com um “boa-noite” polido, entrou no táxi. E quando acenou com a cabeça de dentro do carro, pareceu a Anthony que sua expressão não se havia modificado absolutamente. O táxi afastou-se e Anthony ficou de pé, sozinho, sob as luzes.

Entrou no Biltmore, por nenhuma razão, a não ser porque havia uma entrada à sua frente, e depois de subir a escada ampla, encontrou uma poltrona no salão. Tinha furiosa consciência de que fora esnobado, e doía-lhe e irritava-o que tivesse chegado a tal situação. Não obstante, continuava preocupado com a necessidade de obter algum dinheiro antes de ir para casa e mais uma vez passou em revista todos os conhecidos a que poderia recorrer naquela emergência. Pensou, finalmente, que poderia procurar o Sr. Howland, o corretor, em casa.

Depois de longa espera descobriu que o Sr. Howland não estava. Voltou ao telefonista e inclinou-se sobre a mesa telefônica, brincando com uma moeda, como se não quisesse sair sem resolver a questão.

– Ligue para o Sr. Bloeckman – disse de súbito. Surpreendeu-se com as próprias palavras. O nome surgira pelo cruzamento de duas sugestões em seu cérebro.

- Qual é o número, por favor?

Quase sem saber o que fazer, Anthony procurou Joseph Bloeckman no catálogo. Não conseguiu encontrar e estava quase desistindo quando lembrou-se de que Gloria mencionara uma alteração no nome. Foi uma questão de minutos até encontrar Joseph Black, e esperou na cabina, enquanto a ligação era feita.

– Alô, o Sr. Bloeckman... quero dizer, o Sr. Black, está?

– Não, saiu. Algum recado? – Havia na voz uma entonação que recordava Bounds.

– Aonde foi?

– Quem está falando, por favor?

– É o Sr. Patch. É um assunto de grande importância.

– Está com um grupo no Boul' Mich', senhor.

– Obrigado.

Anthony recebeu o troco de 5 centavos e partiu para o Boul' Mich', popular clube dançante na rua 45. Eram quase dez horas, mas as ruas estavam escuras e escassamente povoadas enquanto os teatros não despejavam suas enchentes, o que aconteceria uma hora mais tarde. Anthony conhecia o Boul' Mich', pois estivera ali com Gloria no ano anterior, e recordava-se de uma exigência de que os cavalheiros estivessem vestidos a rigor. Bem, não subiria – mandaria chamar Bloeckman e ficaria no saguão de entrada. Por um momento, não teve dúvidas de que o plano era natural e educado. Para sua imaginação deformada, Bloeckman simplesmente se tornara um de seus velhos amigos.

A entrada do Boul' Mich' estava aconchegante. Havia luzes amarelas altas sobre um tapete verde e espesso, de cujo centro partia uma escadaria branca até o andar onde ficava a pista de dança.

Anthony disse a um dos porteiros.

– Preciso falar com o Sr. Bloeckman, ou Black. Ele está lá em cima.
Mande chamá-lo.

O rapaz balançou a cabeça.

– É contra o regulamento mandar chamar. Sabe qual é a mesa dele?

– Não, mas preciso vê-lo.

– Espere que vou chamar um garçom.

Depois de pequeno intervalo, surgiu um maître, trazendo uma folha de papel na qual estavam escritas as reservas. Lançou um olhar cínico para Anthony, que, porém, não atingiu o alvo. Examinaram a folha e encontraram sem dificuldade a mesa, um grupo de oito pessoas.

– Diga a ele que é o Sr. Patch e que é muito importante.

Voltou a esperar, apoiado no balcão e ouvindo os sons confusos do jazz que desciam pelas escadas. Uma chapeleira, perto dele, cantarolava a letra.

Viu então Bloeckman descendo as escadas e aproximou-se dele para apertar-lhe a mão.

– Queria falar comigo? – indagou o outro com frieza.

– Sim – respondeu Anthony, balançando a cabeça. – Uma questão pessoal. Não pode vir até aqui?

Olhando-o fixamente, Bloeckman seguiu Anthony até um recanto formado pela escada, onde ficavam fora da vista de quem estivesse entrando ou saindo do restaurante.

– Bem? – indagou Bloeckman.

– Queria falar-lhe.

– Sobre?

Anthony apenas riu, um riso imbecil, que pretendia ser natural.

– O que quer de mim? – repetiu Bloeckman.

– Para que a pressa, meu velho? – tentou colocar a mão, num gesto cordial, no ombro de Bloeckman, que se afastou ligeiramente. – Como tem

passado?

– Muito bem, obrigado... Sr. Patch, estou com um grupo lá em cima. Serei grosseiro se me ausentar por muito tempo. Sobre o que desejava falar-me?

Pela segunda vez naquela noite Anthony tomou uma decisão súbita, e o que disse não era o que pretendia dizer:

– Fui informado de que impediu a minha mulher de ingressar no cinema.

– O quê? – A expressão de Bloeckman tornou-se sombria.

– Ouviu o que eu disse.

– Ouça, Sr. Patch – disse Bloeckman, calmo e sem modificar a voz. – O senhor está bêbado. Está desagradável e ofensivamente bêbado.

– Não para falar com o senhor – respondeu Anthony com a voz arrastada. – Em primeiro lugar a minha mulher não quer nada com o senhor. Nunca quis. Entendeu?

– Cale-se! – disse o outro, irritado. – Devia respeitar a sua mulher o bastante para não falar dela nestas circunstâncias.

– Não se meta no modo como eu levo a minha vida. Outra coisa: deixe-me em paz. Vá para o inferno!

– Acho que o senhor ficou louco! – exclamou Bloeckman. Deu dois passos à frente, como para deixá-lo, mas Anthony o impediu.

– Não fuja, seu judeu ordinário.

Por um momento se encararam, Anthony oscilando um pouco, Bloeckman quase tremendo de raiva.

– Tenha cuidado! – gritou numa voz tensa.

Anthony poderia ter recordado um certo olhar que Bloeckman lhe lançara no Biltmore anos antes, mas não se lembrava de nada, nada...

– Vou repetir, seu judeu...

Então Bloeckman deu-lhe um murro, com toda a força do braço de um homem de 45 anos, bem conservado, e atingiu-o em cheio na boca. Anthony foi atirado contra a escada, recuperou-se e avançou desordenadamente contra o adversário. Mas Bloeckman, que fazia exercícios diariamente e conhecia um pouco de boxe, aparou facilmente o golpe e esmurrou-o duas vezes no rosto, com dois socos rápidos. Anthony deu um gemido e desabou sobre o tapete verde, verificando, ao cair, que a boca estava cheia de sangue e parecia dormente. Conseguiu levantar-se, às tontas e cuspiando, e ao partir em direção a Bloeckman, a poucos passos dele, com os punhos cerrados, mas abaixados, dois garçons, que haviam surgido não se sabe de onde, o seguraram, dominando-o. Atrás deles, umas dez pessoas se haviam aglomerado.

– Eu mato você – gritava Anthony, cuspiando e lutando para se libertar. – Deixem-me matá-lo!

– Ponham esse homem na rua! – ordenou Bloeckman, exaltado, no momento em que um homem baixo, com o rosto marcado de bexigas, abria caminho apressadamente entre os observadores.

– O que houve, Sr. Black?

– Este vagabundo tentou me chantagear! – E com um leve tom de orgulho na voz: – Dei-lhe o que merecia!

O homenzinho voltou-se para um garçom.

– Chame um guarda!

– Não! – disse Bloeckman depressa. – Não quero ser incomodado. Joguem-no na rua...

Voltou-se com uma dignidade consciente e dirigiu-se para o lavatório, enquanto seis mãos caíam sobre Anthony e o arrastavam para a porta. O “vagabundo” foi lançado violentamente à calçada, onde desabou sobre as mãos e os joelhos, com um som grotesco, e rolou para um lado.

O choque deixou-o tonto. Ficou ali um momento, sentindo muita dor. Uma pressão no estômago o fez recuperar a consciência e descobriu que um pé enorme o empurrava.

– Vá andando, seu vagabundo! Vá andando!

Era o porteiro enorme que falava. Um carro parou junto ao meio-fio, seus ocupantes desembarcaram e duas mulheres esperaram, junto dele, que Anthony fosse afastado do caminho.

– Vá andando! Do contrário, dou-lhe uma surra!

– Espere, eu o levanto.

Era uma voz nova. Anthony imaginou que seria alguém mais tolerante, com melhor disposição. Sentiu que braços o envolviam e, entre suspenso e arrastado, abrigavam-no junto à porta de uma loja.

– Muito obrigado – murmurou fracamente. Alguém lhe colocou o chapéu na cabeça.

– Fique aí sentado um pouco, companheiro, que você melhora. Deram-lhe uma surra, hein?

– Vou voltar e matar aquele imundo... – Tentou levantar-se, mas caiu novamente contra a parede.

– Você agora não pode fazer nada. Pegue-o em outra oportunidade. Eu estou dizendo o que você deve fazer. Estou ajudando você.

Anthony balançou a cabeça.

– É melhor ir para casa. Arrancaram-lhe um dente, companheiro, já viu?

Anthony explorou a boca com a língua, comprovando a afirmação. E com um esforço levantou a mão e localizou a falha.

– Vou levá-lo para casa, amigo. Onde você mora?

– Ah, eu dou uma lição naquela gente! – interrompeu Anthony, fechando os punhos. – Você, me ajude a dar-lhes uma lição, eu pago. O meu avô é Adam Patch, de Tarrytown.

- Quem?
- Adam Patch, ora!
- Você quer ir até Tarrytown?
- Não.
- Diga-me então aonde quer ir, amigo, e eu chamo um táxi.

Anthony descobriu que seu bom samaritano era um homem baixo, de ombros largos, bastante malvestido.

- Onde mora?

Embora estivesse bêbado desnortado, Anthony achou que seu endereço não correspondia à jactância de ser neto de Adam Patch.

- Arranje-me um táxi – pediu, examinando os bolsos.

Surgiu um táxi. Anthony tentou levantar-se novamente, mas o calcanhar falseou, como se tivesse sido partido em dois. O samaritano teve de ajudá-lo e entrar no táxi junto com ele.

– Veja, amigo, você está tão machucado e bêbado que não vai conseguir entrar em casa se alguém não o levar. Vou com você e sei que vai me recompensar. Onde mora?

Anthony deu, com relutância, o endereço. E quando o carro começou a andar, sua cabeça caiu no ombro do desconhecido e ele mergulhou num torpor doloroso. Quando despertou, o homem o estava tirando do carro, na frente de seu edifício na avenida Claremont, e tentava colocá-lo de pé.

- Consegue andar?

– Acho que sim. É melhor você não vir comigo. – Fez, outra vez inutilmente, uma busca pelos bolsos. – Veja – disse em tom de desculpas –, acho que não tenho um centavo.

- Hein?

- Estou liso.

– Ora veja. Não prometeu que me recompensava? Quem vai pagar o táxi? – Voltou-se para o motorista, para confirmar. – Ele não disse que pagava? E tudo aquilo sobre o seu avô?

– Na verdade – resmungou Anthony com imprudência –, foi você quem falou o tempo todo, mas se aparecer amanhã...

A essa altura, o motorista disse de dentro do táxi:

– Ah, dê-lhe um bom murro, esse vagabundo. Se não fosse vagabundo, não o teriam jogado na calçada.

Atendendo à sugestão, o punho do samaritano desceu como uma metralhadora e lançou Anthony novamente por terra, sobre os degraus de pedra da entrada do edifício, onde ficou imóvel, com os prédios balançando de um lado para outro lá em cima...

Depois de um longo tempo despertou e sentiu que esfriara muito. Tentou mover-se mas os músculos se recusaram a obedecer-lhe. Estava curiosamente ansioso para saber as horas, mas, ao procurar o relógio, encontrou o bolso vazio. Involuntariamente, seus lábios formaram uma frase imemorial:

– Que noite!

Era estranho, mas a bebedeira passara quase totalmente. Sem mover a cabeça, olhou para cima, para onde a lua estava ancorada no meio do céu, lançando sua luz sobre a avenida Claremont, como se fosse o fundo de um abismo profundo. Não havia qualquer indício ou som de vida, exceto pelo zumbido em seus ouvidos, mas depois de alguns minutos o próprio Anthony quebrou o silêncio com um murmúrio distinto e peculiar. Era o som que tinha procurado produzir no Boul' Mich', quando ficara cara a cara com Bloeckman – o som inequívoco de um riso irônico. E nos seus lábios feridos e sangrentos foi como vomitar dolorosamente a alma.

Três semanas mais tarde o julgamento chegou ao fim. A teia aparentemente infindável de burocracia, tendo tecido seus padrões durante quatro anos e meio, cessou subitamente. Anthony e Gloria de um lado, do outro Edward Shuttleworth e um batalhão de beneficiários, testemunharam, mentiram e trapacearam, com diferentes graus de ambição e desespero. Anthony acordou certa manhã de março sabendo que a sentença seria proferida às quatro daquela tarde, e com esse pensamento levantou e começou a vestir-se. A seu extremo nervosismo juntava-se um otimismo injustificado quanto ao resultado. Acreditava que a decisão dos tribunais inferiores seria anulada, ainda que fosse como reação à proibição excessiva que ultimamente se fazia sentir contra as reformas e os reformadores. Confiava mais nos ataques pessoais a Shuttleworth do que nos aspectos mais rigorosamente legais do processo.

Vestido, serviu-se de um pouco de uísque e foi em seguida ao quarto de Gloria, que já encontrou acordada. Estava de cama havia uma semana, de mau humor pelo que Anthony julgava, embora o médico dissesse que era melhor não perturbá-la.

– Bom dia – murmurou ela, sem sorrir. Seus olhos pareciam excepcionalmente grandes e escuros.

– Como está se sentindo? – indagou Anthony. – Melhor?

– Sim.

– Bastante?

– Sim.

– Acha que pode ir ao tribunal comigo hoje à tarde?

Ela balançou a cabeça.

– Sim, quero ir. O Dick disse ontem que se o tempo estivesse bom, passaria aqui de carro e me levaria para uma volta no Central Park. E veja, o quarto está cheio de sol.

Anthony olhou mecanicamente para a janela e em seguida sentou-se na cama.

- Meu Deus, estou tão nervoso! – exclamou.
- Por favor, não sente aí – pediu ela.
- Por quê?
- Você cheira a uísque, e eu não suporto.

Levantou-se distraidamente e deixou o quarto. Um pouco mais tarde, ela o chamou, e Anthony foi comprar salada de tomate e frango frio para ela na *delicatéssen*.

Às duas horas, Richard Caramel chegou de carro e telefonou da portaria. Anthony acompanhou Gloria até o elevador e desceu com ela até a rua.

Gloria disse ao primo que era bondade dele levá-la para passear.

– Não seja tola, isso não é nada – respondeu Dick. Mas não pensava assim, e isso era curioso. Richard Caramel perdoara a muita gente muitas ofensas. Mas jamais perdoara a prima, Gloria Gilbert, por uma afirmação feita pouco antes de seu casamento, sete anos antes. Dissera que não pretendia ler o romance de Dick.

Richard Caramel lembrava-se disso, lembrara-se bem por todos aqueles anos.

- A que horas voltam? – indagou Anthony.
- Não voltaremos – disse ela. – Encontramos você no Tribunal às quatro.
- Está bem.

Ao subir, encontrou uma carta a sua espera. Era uma circular mimeografada, pedindo “aos rapazes”, em linguagem coloquial, que pagassem as mensalidades devidas à Legião Americana. Atirou-a, impaciente, na cesta de papéis, e sentou-se com os cotovelos aparados na janela, olhando lá para baixo, para a rua ensolarada.

Itália – se a sentença fosse favorável, significava Itália. A palavra se transformara numa espécie de talismã para ele, uma terra onde as preocupações intoleráveis da vida se desfariam como uma roupa velha. Iriam primeiro aos lugares à beira-mar e, entre grupos animados e coloridos, esqueceriam os cinzentos momentos de desespero. Maravilhosamente remoçado, ele caminharia novamente pela Piazza di Spagna ao anoitecer, acompanhando a multidão de mulheres morenas e mendigos em farrapos, de padres austeros e descalços. A lembrança das mulheres italianas o provocava levemente – quando sua bolsa estivesse novamente pesada, até mesmo o romance poderia voltar, o romance dos canais azuis de Veneza, os morros dourados e verdes de Fiesole depois da chuva, e as mulheres, mulheres que se transformavam, se dissolviam, se fundiam em outras mulheres, desapareciam de sua vida, mas sempre belas e sempre jovens.

Parecia-lhe, porém, que devia haver uma diferença na sua atitude. Toda a desgraça que conhecera, o sofrimento e a dor tinham sido provocados pelas mulheres. Era o sofrimento que, sob aspectos diversos, elas lhe causavam, inconscientemente, quase naturalmente – talvez por vê-lo terno e temeroso, matavam nele as coisas que lhes ameaçavam o domínio absoluto.

Saindo da janela, contemplou seu rosto no espelho, examinando a pele, a cor, os olhos com as linhas cruzadas como se fossem sangue seco, toda a sua aparência cansada e letárgica. Tinha 33 anos, mas parecia ter 40. Bem, tudo seria diferente.

A campainha tocou de repente, assustando-o como se tivesse recebido um golpe. Recobrando-se, foi ao corredor e abriu a porta. Era Dot.

O encontro

Foi recuando até a sala de estar, compreendendo apenas uma ou outra palavra do fluxo de frases que vinha dela, uma depois da outra, persistente, monótono. Estava decentemente mal vestida – um lamentável chapeuzinho enfeitado de flores róseas e azuis cobria e escondia-lhe o cabelo. Percebeu, pelas palavras dela, que dias antes vira uma notícia no jornal sobre o processo e conseguira o endereço dele com um dos funcionários do tribunal. Fora ao apartamento, sendo informada por uma mulher que Anthony não estava, e recusara-se a deixar recado.

Ficou na porta da sala, contemplando-a com uma espécie de horror enquanto ela falava... Sua sensação predominante era de que toda a civilização e todas as convenções em torno dele eram curiosamente irreais... Ela trabalhava numa chapelaria na Sexta Avenida, disse. Era uma vida solitária. Ficara doente durante muito tempo, depois que ele partira para o Camp Mills. A mãe fora buscá-la para levá-la de volta à Carolina... Viera para Nova York pensando em encontrar Anthony.

Estava assustadoramente desesperada, os olhos vermelhos de lágrimas, a voz entrecortada por pequenos soluços.

Era tudo. Não se modificara. Queria-o agora, e se não o pudesse ter, morreria...

– Você tem de ir embora – disse finalmente, falando com terrível intensidade. – Já não tenho preocupações bastantes sem você aqui? Meu Deus! Você tem de ir embora!

Soluçando, ela se sentou numa cadeira.

– Eu o amo, não me importa o que diga. Eu amo você!

– Não me importa! – Anthony estava quase gritando. – Saia, saia! Já não me fez bastante mal? Já não fez bastante?

– Bata-me – implorou ela. – Oh, bata-me e beijarei a mão com que me bater!

A voz dele elevou-se a ponto de tornar-se um grito:

– Eu mato você! Se não sair, eu mato você, eu mato!

Havia loucura em seus olhos, mas, sem se intimidar, Dot levantou-se e deu um passo em sua direção.

– Anthony! Anthony!

Seus dentes bateram e ele recuou. E então, mudando de ideia, procurou selvagememente à sua volta, no chão e na parede.

– Eu mato você! – murmurava, em frases curtas e bruscas. – Mato você!

Parecia morder a palavra, como para provocar a sua materialização. Alarmando-se, por fim, Dot não fez qualquer movimento para a frente e, encontrando seus olhos enlouquecidos, recuou para a porta. Anthony começou a correr de um lado para o outro, dando gritos estranhos. Encontrou então o que procurava: uma pesada cadeira maciça que estava junto à mesa. Com um grito curto, agarrou-a, levantou-a acima da cabeça e lançou-a com toda a força de seu acesso sobre o rosto branco e assustado do outro lado da sala... Uma escuridão impenetrável baixou sobre ele e apagou todos os pensamentos, ódio e loucura ao mesmo tempo – como num estalar de dedos, a face do mundo modificou-se diante de seus olhos.

Gloria e Dick voltaram às cinco horas e gritaram-lhe o nome. Não houve resposta: Entraram na sala e encontraram a cadeira com as costas quebradas, caída no vão da porta, e viram que em toda parte predominava a confusão – tapetes embolados, quadros e enfeites derrubados. O ar estava terrivelmente impregnado de um perfume barato.

Encontraram Anthony sentado num raio de sol, no chão de seu quarto. À frente dele, estavam abertos seus três enormes álbuns de selos e, quando entraram, ele corria a mão por uma grande pilha de selos que havia arrancado de um dos álbuns. Olhou para cima e, vendo Dick e Gloria,

tombou criticamente a cabeça e fez com ela um movimento para que recuassem.

– Anthony! – gritou Gloria, tensa. – Ganhamos! Anularam a decisão!

– Não entre – murmurou ele. – Você vai misturá-los. Estou arrumando, e você vai pisar neles. Eles sempre se misturam.

– O que está fazendo? – indagou Dick, surpreso. – Voltando à infância? Não percebe que vocês ganharam o processo? A decisão dos tribunais inferiores foi anulada. Você vale 30 milhões!

Anthony olhou para ele com ar de censura.

– Fechem a porta quando sair. – Falava como uma criança.

Com o horror crescendo em seus olhos, Gloria o contemplou...

– Anthony! O que aconteceu? Por que não veio? O que houve?

– Vamos – disse Anthony com a voz suave. – Vocês dois, saiam, agora, os dois. Se não, falo com o meu avô.

Tinha na mão um punhado de selos e deixou-os cair como folhas à sua volta, multicoloridas e vivas, dando reviravoltas no ar ensolarado: selos da Inglaterra e do Equador, da Venezuela e da Espanha – da Itália...

Juntos com os pardais

A estranha ironia celestial que fixou o desaparecimento de tantas gerações de pardais registra sem dúvida as mais sutis inflexões verbais dos passageiros de navios como o *Berengaria*. E sem dúvida estava ouvindo quando o jovem de boina xadrez atravessou o convés rapidamente e falou com a moça bonita de amarelo.

– É ele – disse apontando para uma figura toda agasalhada, sentada numa cadeira de rodas perto da amurada. – É Anthony Patch. A primeira vez que vem ao convés.

– Ah, é ele?

– Sim. Esteve um pouco louco, dizem, desde que recebeu o dinheiro, há quatro ou cinco meses. O outro, Shuttleworth, o religioso, o que não ficou com o dinheiro, fechou-se num quarto de hotel e suicidou-se.

– Suicidou-se!

– Mas acho que Anthony Patch não se importa muito. Conseguiu seus 30 milhões. E leva junto com ele o médico particular, para o caso de não se sentir bem. *Ela* esteve no convés? – indagou.

A moça bonita de amarelo olhou à volta, cuidadosamente.

– Esteve, há um minuto. Usava um casaco de marta que deve ter custado uma pequena fortuna. – Franziu a testa e continuou: – Não a tolero, sabia? Parece de alguma forma manchada e suja, se é que me entende. Há quem tenha esse ar, quer seja quer não.

– Claro que entendo – disse o homem de boina. – Não é fera, mesmo assim. – Fez uma pausa. – Imagino o que deve estar pensando... sobre o seu dinheiro acho, ou talvez tenha remorsos quanto ao outro, o Shuttleworth.

– Provavelmente...

Mas o homem da boina de xadrez estava enganado. Anthony Patch, sentado próximo da amurada do navio e olhando o mar, não pensava no dinheiro, pois raras vezes em sua vida realmente se preocupara com a glória vã e material, nem em Edward Shuttleworth, pois é melhor ver essas coisas pelo seu aspecto mais ameno. Não – ocupava-se de uma série de reminiscências, como um general que passasse em revista uma campanha de êxito e analisasse as vitórias. Pensava nas dificuldades, nas tribulações insuportáveis que atravessara. Haviām tentado puni-lo pelos seus erros de juventude. Ficara sujeito à mais impiedosa desgraça, seu anseio de romance fora castigado, seus amigos o haviam abandonado – até Gloria se voltara contra ele. Estivera só, enfrentara todos só.

Poucos meses antes, todos insistiam com ele para que cedesse, sujeitando-se à mediocridade e indo trabalhar, mas sempre soubera que seu modo de vida estava certo e a ele se apegara resolutamente. E os próprios amigos que haviam sido menos generosos passaram a respeitá-lo, souberam que tivera sempre razão. Não haviam os Lacy, os Meredith e os Cartwright-Smith visitado Gloria e ele no Ritz-Carlton uma semana antes de partirem?

Havia grandes lágrimas em seus olhos, e sua voz estava trêmula quando murmurou para si mesmo.

– Mostrei a eles. Foi uma dura luta, mas eu não desisti e acabei vencendo!

fim